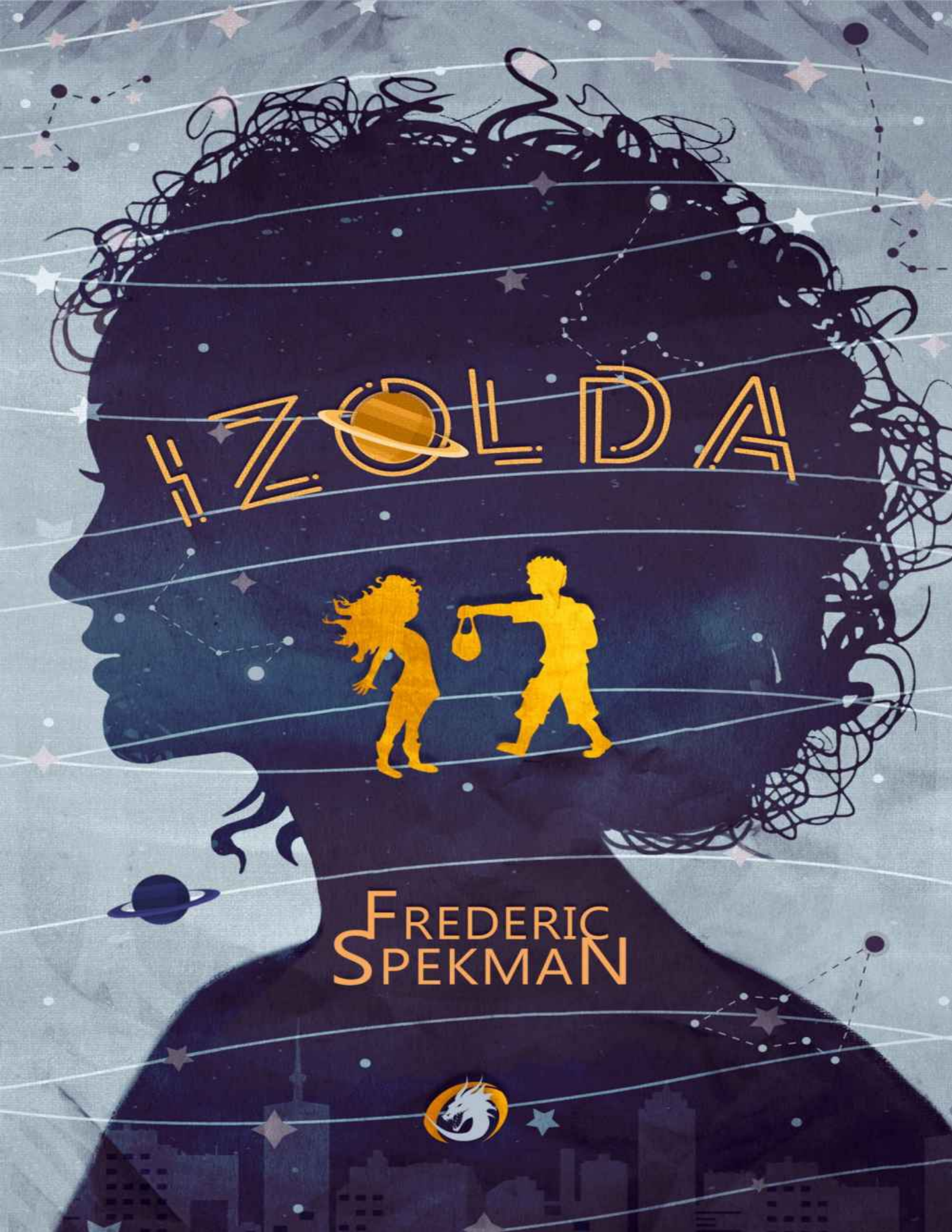




HZOLDA

FREDERIC
SPEKMAN





Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mirella Santana

Revisão
Camilla Villalba
Nadja Moreno

Diagramação
Rafael Sales

Editor Gráfico
Ricardo Gonçalves

Coordenação Editorial
Priscila Gonçalves

**CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773**

869.9 Spekman, Frederic
S741i Izolda / Frederic Spekman_Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.
ISBN: 978-85-9594-078-9
1. Literatura brasileira 2. Ficção Científica 3. Fantasia I. Título
CDD: 869.9

Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.



H Z O L D A



FREDERIC
SPEKMAN

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1 ANTES DA CHUVA

CAPÍTULO 2 DEPOIS DA CHUVA

CAPÍTULO 3 A ESTRANHA

CAPÍTULO 4 LAÇOS

CAPÍTULO 5 CORAÇÕES

CAPÍTULO 6 SEPARAÇÃO

CAPÍTULO 7 DESAPARECIDA

CAPÍTULO 8 O PERSEGUIDOR

CAPÍTULO 9 A PARTIDA

CAPÍTULO 10 O PASSAGEIRO DO FUTURO

CAPÍTULO 11 CAINDO NO INFERNO

CAPÍTULO 12 VOMITANDO SANGUE

CAPÍTULO 13 CAINDO AINDA MAIS NO INFERNO

CAPÍTULO 14 FORTE-PRISÃO NÚMERO QUATRO

CAPÍTULO 15 O CORAÇÃO DAS ESTRELAS

CAPÍTULO 16 FOGO NOS CÉUS

CAPÍTULO 17 O SOLITÁRIO CAMINHANTE PROIBIDO

CAPÍTULO 18 CANTAM OS POVOS DE DEHVA

CAPÍTULO 19 UM RÉQUIEM PARA OS HERÓIS

CAPÍTULO 20 OLHOS AZUIS, LÁBIOS VERMELHOS

CAPÍTULO 21 A PROMETIDA

CAPÍTULO 22 ESTRELA APAGADA

CAPÍTULO 23 UM PULSAR PEQUENO E DISTANTE

CAPÍTULO 24 ENTRE O EU E O EU MESMO

CAPÍTULO 25 OLHOS DE SANGUE, ARMAS DE PRATA

CAPÍTULO 26 TABULEIRO DE BATALHA

CAPÍTULO 27 O SINO DE GUERRA DOBRA

CAPÍTULO 28 UMA PONTE LONGA DEMAIS

CAPÍTULO 29 O FURIOSO CAMINHANTE PROIBIDO

CAPÍTULO 30 A SUPERAÇÃO DA DONZELA PRATEADA

EPÍLOGO

IZOLDA

QUANDO AS LÁGRIMAS ESCORRERAM
PELOS SEUS OLHOS VERDES
DOEU DEMAIS.

VOCÊ PASSOU PELA PORTA
E NUNCA MAIS TE VI.

POR QUE TUDO QUE É VIVO MORRE?
POR QUE TODOS OS QUE AMO SE VÃO?

POR FAVOR, TOME MEU CORAÇÃO
MINHA VIDA, MINHA ALMA
MAS NÃO VÁ EMBORA!

MINHA ALMA GRITA
MEU CORAÇÃO SANGRA
SE QUEBRA
SE MORRE

NÃO QUERO SER MAIS UM
SIMPLES PASSAGEIRO DESTES MUNDOS!

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...
PARA QUE ISSO IMPORTA
SE VOCÊ NÃO ESTÁ AQUI?

VOCÊ NÃO ESTÁ AQUI...

DEI-LHE MEU CORAÇÃO
E NÃO VOU RETOMÁ-LO.
ELE BATE POR TI
ETERNO COMO AS ESTRELAS.

NÃO IMPORTA A DISTÂNCIA DOS MUNDOS
NÃO IMPORTA A VIDA OU A MORTE
EU VOU TE REENCONTRAR

EU VOU ESTAR CONTIGO
ESTEJA ONDE ESTIVER.
SEJA NO SEU MUNDO...

...SEJA NO MEU.

PRÓLOGO

Era fim de tarde quando tudo aconteceu. Estrelas cadentes cortaram o firmamento riscando faixas de luz no crepúsculo. As pessoas olharam para o céu, admiradas. Nunca nenhuma delas havia visto um espetáculo como aquele. Alguns sortudos conseguiram fotografar o fenômeno com seus celulares, outros apenas pararam o que estavam fazendo para observar aquela beleza. Tudo foi rápido, pouco mais de dez minutos, mas o suficiente para que alguns vissem uma estrela tomar uma direção diferente das outras. Ela descreveu uma espécie de “S” no céu e caiu na Terra em direção oposta às demais. Alguns disseram que era um óvni. Outros riram com essa hipótese. Certeza foi apenas a grande chuva que caiu naquela noite.

A tormenta chegou castigando. Fortes ventos arrancaram árvores e destelharam casas. As luzes de diversos bairros da cidade se apagaram, deixando a população no escuro ao som dos trovões e iluminadas por rápidos e assustadores relâmpagos. Os córregos se tornaram rios e em poucos instantes transbordaram, levando esgoto e lixo para as ruas. Os carros não passavam e muitos tiveram que pernoitar dentro dos próprios veículos. A fúria da natureza fez com que todos os homens se escondessem. Até mesmo os ateus aprenderam a rezar naquela noite para que a tempestade passasse logo, mas ela não passou tão rápido assim. Foram nove horas ininterruptas de chuvas torrenciais que castigaram aquela capital.

Na manhã seguinte, o saldo da tempestade: barrancos desceram, famílias inteiras desapareceram na lama. Testemunhas disseram ter visto duas pessoas serem carregadas pelas águas e desaparecerem em um bueiro. Em outro ponto da cidade quatro pessoas morreram eletrocutadas por causa da queda de um poste de luz.

O prefeito decretou ponto facultativo nas repartições públicas e pediu para que as pessoas evitassem deixar suas casas. Nas ruas muita lama, lixo, esgoto e árvores caídas. Um homem, em vão, tentava ligar o seu carro enquanto do outro lado da rua um comerciante desistia de abrir as portas de seu estabelecimento.

Foi mesmo a fúria da natureza. E, olhando para o alto, se notava que as nuvens continuavam carregadas; a chuva poderia voltar a qualquer momento.

Um velho e uma velha olhavam toda aquela cena da janela de seu apartamento. Ela voltou-se para ele e disse:

— O tempo está louco.

— Não — respondeu ele. — O tempo está exatamente como deve estar. Afinal, não é este o preço que nós escolhemos pelo nosso progresso?

A velha olhou para cima e viu o céu carrancudo e lamentou:

— Que Deus tenha piedade de nós! Será que as escolhas que fazemos estão levando este mundo para a direção certa?

CAPÍTULO 1

ANTES DA CHUVA

Universo, a obra prima de Deus. Será que o Universo pode ou deve ser explicado? Será que as raças inteligentes do cosmos, com seus parcos tempos de vida, possuem a capacidade de explicar com exatidão o funcionamento do espaço? Como se deve calcular o infinito se o tempo no cosmos não tem começo e nem fim? Como explicar para um ser que vive em um exoplaneta distante que o mundo que ele descobriu em seu telescópio e que está distante centenas de milhares de anos-luz talvez nem tenha mais vida, ou que naquela nebulosa que ele ignorou por seus cálculos simplórios basearem-se em situações confortáveis para si acabara de nascer um planeta tão belo e cheio de vida que supera, e muito, o mundo em que ele habita?

O que é o Big Bang e a teoria de expansão do cosmos? Não seria o tão famoso Big Bang uma repetição infinita de várias outras explosões que já aconteceram e continuarão a acontecer indefinidamente apenas pelo fato do Universo ter a vocação de ser eterno? Não seria o que chamamos de Universo apenas um plano ligado a outros tantos através de cordas quânticas entrelaçadas, que formam uma tapeçaria majestosa que pode ser dobrada sobre si mesma como um simples pano negro?

O que seria o ser humano para o Universo? Não seria uma parte minúscula como a molécula que compõe a célula de um grande corpo que é o seu mundo, e o seu mundo um simples glóbulo vermelho que navega pela matéria escura do cosmos, que nada mais seria que o sangue que percorre as veias de Deus?

Universo é tudo. Todas as possibilidades. Possibilidades simples e fantásticas. Seres humanos sonham, imaginam, criam... tudo a partir da referência que têm do Universo à sua volta. Assim também foi se expandindo o Universo, como acontece com qualquer pequena célula que evolui e forma novas possibilidades. Aquilo que funcionou o Universo mantém, como uma memória cósmica, como o DNA dos organismos vivos. Aquilo que não funcionou acaba com o tempo se extinguindo, como aconteceu com várias espécies de animais em diversos mundos que não suportaram as mudanças climáticas das eras.

Então chegamos ao humanoide. O humanoide talvez seja o ser mais interessante e mais simples de tornar uma raça desenvolvida no Universo. Bípede, cérebro desenvolvido, mãos com dedos e um polegar opositor. Em alguns mundos podem ser mais altos, outros mais baixos, alguns com vários dedos em cada mão, a outros apenas três dedos bastam. Na teoria de evolução das espécies de cada mundo, cada um se adaptou da forma mais fácil de seu planeta, mas o resultado é sempre parecido: um ser que necessita de oxigênio, dos pulmões e de fontes de

alimento para se desenvolver.

Quando estão maduros estes seres desenvolvem uma capacidade espiritual invejável. Eles entram em contato com o seu mundo e o compreendem, fazem parte dele em sua vida até sua morte e, quando a morte física acontece, sua consciência passa a fazer parte do seu mundo, entrando em conexão com o Universo. Em um futuro não tão distante, como todo o planeta que nasce um dia morre, estas consciências se tornam as sementes contendo o código genético que se espalhará pelo cosmos formando outros mundos, outras culturas e evoluindo de formas diferentes em novos exoplanetas que nascem no berçário do cosmos.

Assim se desenvolve o Universo, em um ciclo contínuo e harmônico de morte e renascimento. Um ciclo de eterna expansão em eterno processo de soma em todas as direções. E, por existir no Universo todas estas consciências que riem, que choram e que sentem é que dói tanto quando planetas morrem doentes pela ação de suas próprias criaturas. É como filhos que matam os próprios pais, um pecado grave que não pode ser ignorado por Deus em sua consciência infinita. O caso se torna ainda mais grave quando os assassinos se espalham pelo Universo como uma doença e infectam outros exoplanetas, os envenenando e os matando.

Quando a situação chega a este ponto é necessário buscar uma vacina. As vacinas mais eficientes são aquelas criadas a partir dos corpos mais resistentes. Funciona da seguinte forma: o corpo resistente é infectado, ele rejeita o veneno e cria uma defesa natural contra a doença. Quando isso acontece, o cientista dá à resistência um aditivo e sua força passa a se multiplicar muitas e muitas vezes, dando forças a ela para combater a doença. É assim que as coisas devem ser. Muita gente acha que quando existe o mal Deus deve simplesmente mandar um meteoro dos céus e explodir com tudo! Seria como um médico que extirpa um órgão de um paciente. Mas e o risco de uma rejeição? Um corpo sem um órgão pode nunca mais funcionar bem, pode precisar de contínuas intervenções médicas até o fim dos dias. Enfim, operações são sempre arriscadas. É por isso que as soluções mais eficientes são aquelas respondidas pelo próprio organismo.

O tempo do Universo não é o tempo de um planeta, que não é o tempo do ser humano. A ordem do Universo é feita de círculos, onde cada círculo é maior que o outro. Apenas quando a humanidade entender a alma de uma estrela ele poderá compreender e conversar com o Universo, esta consciência antiga, mais velha que a ideia de tempo, que os homens chamam de Deus. Como uma velha estrela que compreende o princípio da criação, recebi a incumbência de dar uma solução para este problema. Eu, como médico, prefiro prescrever uma vacina. Mas para fabricar a vacina nós precisamos de um organismo forte. Este organismo os humanos chamariam de heróis. Mas heróis não são construídos por acaso, não surgem do nada. Heróis nascem com raízes fortes, são determinados, não se dobram diante do mal, não desistem diante da dor, tudo superam através do amor incondicional que os faz ter fé para contornar o impossível.

Agir de forma a encontrar um ser humano capaz de dobrar o impossível não é uma tarefa

fácil, mas, quando achamos, não importa quantos milhões de anos tenham passado, é sempre uma satisfação.

E foi assim que tudo começou, com a busca... em uma forte chuva no planeta chamado Terra, em uma região de uma grande cidade qualquer de um país que eles chamam de Brasil. Um lugar onde seres humanos confusos se dividem entre lutar para permanecerem saudáveis e ajudar no equilíbrio de seu mundo ou serem seres doentes e desesperançados, presos em suas próprias ambições pessoais, amaldiçoando seu futuro e seus semelhantes. Um bom lugar para buscar organismos resistentes.

CAPÍTULO 2

DEPOIS DA CHUVA

- Menino, o que está fazendo? Por que este olhar tão sombrio?
- Não está vendo? Veja ali na frente! Aqueles moleques covardes quebraram a coluna do gatinho porque ele não pode se defender sozinho!
- O que vai fazer?
- Simples, vou quebrar todos os dentes da boca deles, assim vão aprender que os animais também sentem dor.
- Eles são três, não tem medo de apanhar deles?
- Quantidade para mim não importa, só a satisfação de fazê-los chorar já me basta.
- Você é um menino violento e cruel, seus pais ficarão bravos com você!
- Hu, hu, hu, hu!
- Isso não tem graça, menino! Você é perigoso! Se não amansar este seu coração, terá muitos problemas no futuro! Você não é um animal, é um ser humano! Precisa agir como tal e parar de resolver as coisas através da violência! Se você for arrumar problemas com eles, eu vou contar aos seus pais! E... e... pare de me olhar assim! Este seu olhar me incomoda!
- Izac... desde quando se tornou um maldito covarde?



Assim acordou Izac Valgas: ofegante e suando. Ninguém o despertou naquela manhã. Pelo barulho da chuva ele já sabia que não haveria aula naquele dia. Isso sempre foi comum em bairros de classes menos privilegiadas em qualquer lugar do Brasil. É só chover um pouco e tudo vira um caos. O jovem Izac já estava acostumado com isso, sempre acontecia em todo o verão; apesar de que, desta vez, não era verão.

— Parece que o professor acertou. Estas mudanças climáticas causadas pela poluição estão mesmo transformando o planeta numa loucura só.

Quando colocou o pé no chão, sentiu o frio da umidade. Era a água da chuva que também tomou parte do seu quarto. Ele olhou em volta e viu que tudo estava no lugar, inclusive sua velha guitarra elétrica que ele não usava há mais de um ano. O jovem levantou-se e foi para a cozinha, onde encontrou sua mãe, Dona Tainá, já na limpeza da casa. A água invadiu a cozinha e a copa, trazendo muitas folhas e lama.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia. Tem biscoitos e chá na mesa.

— Cadê o pai?

— Foi cedo ajudar o pessoal do outro lado do bairro, parece que aconteceu um deslizamento de terra.

— Se o pai tivesse aqui, iria te chamar a atenção. Ele diz que não existe deslizamento de terra, o que existe é queda de talude.

— Que seja! — Dona Tainá sempre se irritava quando era corrigida por um dos filhos. — Vá tomar o seu café e vem ajudar.

— Quero ajudar é o pai, a coisa lá deve estar séria!

— Não! Pode haver gente morta lá! — Como toda mãe, ela parou de varrer e olhou para o filho de forma suplicante para que ele não se envolvesse em lugares perigosos.

— Legal, mais um motivo de ir, ué! — Como parar a juventude? Izac era do tipo que sempre se achava capaz de resolver qualquer problema sozinho. Pior para mãe, já que normalmente ele conseguia mesmo resolver seus problemas.

Como resultado, Dona Tainá apenas balançou a cabeça e continuou a limpeza.

Rapidamente o jovem devorou meia dúzia de biscoitos com margarina e secou o copo de chá. Quando estava prestes a sair, surgiu diante dele uma pequena sombra. Era sua irmã, Ísis, que havia acordado.

— Bom dia, feioso! — disse ela, fazendo careta.

— Bom dia, assombração! — rebateu ele, sorrindo.

— Está indo aonde?

— Vou ajudar o pai, tem gente presa por causa de um desmoronamento.

— Nossa! Queda de talude!

— Isso.

— Oh! — exclamou a menina enquanto a mãe, ao fundo, balançava a cabeça negativamente ouvindo a conversa dos dois. — Posso ir também? — emendou Ísis.

— Não é boa ideia, pode ter gente morta lá.

— Legal! — riu ela.

— De jeito nenhum! — reagiu a mãe como uma leoa; afinal, você não pode segurar os filhos grandes, mas os menores... — Você fica, Ísis. Temos muito trabalho aqui!

— Ah, mãe! — choramingou a menina. — Me deixa ir!

— Seu irmão tem dezesseis anos, você tem treze. Não está na idade de ver essas coisas. Seu pai não vai poder ficar de olho em vocês dois. Você fica!

A menina fechou a cara, emburrada. Izac sorriu e sussurrou no ouvido da irmã:

— Se tiver um morto, eu tiro uma foto para você ver no celular.

— Oba! — riu ela. A juventude e a adoração pelo bizarro sempre andam juntas.

— Mãe, eu estou indo! — disse Izac enquanto pegava a capa de chuva, já prevendo que a tormenta não daria trégua.

— Por favor, tome cuidado! — advertiu a mãe. — Aonde você vai não é lugar para brincadeira.

Izac mandou um beijo para a mãe e tomou a saída da casa. O tênis dito impermeável de nada adiantava contra aquele volume de barro que estava nas ruas. O bairro estava horrível e, quanto mais ele se aproximava do morro, pior a situação ficava. Quando ele chegou próximo ao local do desastre é que foi possível perceber o tamanho do estrago. Izac lembrava-se bem daquele lugar; ali havia cerca de dezesseis casas, agora não havia nada além da terra crua, resultado da erosão que carregou todas as construções.

Ele sentiu o cheiro ruim da terra misturada a toneladas de lixo e entulho que havia no lugar e tapou o nariz. Caminhando com dificuldade, conseguiu se aproximar do lugar onde dezenas de pessoas se aglomeravam junto com os bombeiros. Ele chegou no momento em que um corpo estava sendo retirado do barro e carregado. Quatro homens participavam do resgate, e entre eles estava o Professor George Valgas, pai de Izac. O jovem estava assustado, pois o corpo retirado foi depositado no chão a pouco mais de um metro de distância de onde ele estava. Ele viu claramente o corpo do menino de cabelos crespos e corpo coberto de lama antes de um bombeiro cobri-lo com uma lona. Estava morto. Mulheres em volta começaram a chorar, eram vizinhas e parentes da vítima. Voluntários afastavam as pessoas e tentavam, em vão, consolá-las.

Izac permaneceu estático, olhando fixamente para o corpo no chão. Ele mal sentiu quando uma mão cheia de barro tocou seu ombro.

— “Tragédia no Morro da Piedade” — disse a voz forte em tom irônico. — Esta será a manchete de amanhã, com algumas estatísticas em um requadro de quinze centímetros. Com sorte eles colocam alguma coisa na primeira página ao lado da notícia da estreia de algum programa de reality show, talvez assim alguém se lembre desta região da cidade.

— Eu já o vi antes... — Engoliu em seco Izac, sem voltar os olhos para o pai.

— Era de sua escola, um aluno meu. Um ano mais jovem que você. Poderia ter sido você em outra realidade. — As palavras do pai fizeram percorrer um calafrio pela espinha de Izac, levando-o a imaginar-se naquela situação. — Bem-vindo ao mundo dos homens!

O pai deu dois tapas nas costas do jovem, chamando-o para a realidade.

— Acabou o período de promoção. Veja! — O velho apontou para cima e mostrou que a chuva havia parado um pouco, mas não demoraria voltar a apertar. — Você não veio aqui a passeio, não é? Venha, vamos ajudar! Com a chuva o terreno fica traiçoeiro, temos que aproveitar agora.

E pai e filho se embrenharam no meio dos outros voluntários e bombeiros, perderam a noção do tempo. Algumas pessoas, admiradas, olhavam para a dupla e um perguntava: “Quem

são aqueles dois?”, e outro respondia: “É o Professor George e o filho.” De fato, eram parecidos. O professor era um homem robusto, mesmo com 52 anos tinha boa forma. Calvo, os cabelos grisalhos revelavam que um dia já foram negros como a noite. O filho é o retrato jovem do pai. Moreno, magro, cabelos negros e lisos, estatura mediana, olhos castanho-escuros. Eles só pararam quando a chuva voltou e o Capitão decidiu dar por encerrado os trabalhos até que o tempo ficasse melhor. A dupla voltou para casa e lá dividiram com a família as impressões sobre a tragédia.

Cansado, Izac foi dormir cedo. Quando fechou os olhos viu uma multidão de estrelas cadentes cortando os céus como naquele crepúsculo anterior à chuva. O sono chegou como uma pedrada, ele dormiu tão pesado que não sonhou com absolutamente nada. Quando acordou o tempo estava firme. Novamente seu pai não estava em casa e sua mãe foi logo dizendo:

— Você tem outro trabalho hoje. Seu pai te mandou ir até a escola entregar um envelope na secretaria.

Ele olhou para o envelope ao lado da mesa e já imaginou os exercícios terríveis que seu pai havia preparado para torturar os pobres alunos. Deu graças a Deus por não o ter como professor naquele ano.

Depois do desjejum, ele pegou a encomenda e tomou o caminho da rua. A escola ficava do outro lado do bairro. Para cortar caminho, ele sempre entrava em uma trilha e atravessava um pequeno bosque de mata atlântica que subia em direção ao morro do lado oposto ao local onde a tragédia tinha acontecido. Ainda não havia casas construídas de maneira irregular ali. Apesar de bonito, aquele bosque não era um lugar dos mais amistosos; há dois anos aquele recanto ficou famoso depois da polícia ter encontrado a ossada de três crianças de diferentes idades no lugar. Segundo as investigações, elas foram abusadas e mortas. A polícia prendeu alguns suspeitos do crime bárbaro, mas muitos acreditam que a investigação não foi correta e que o verdadeiro criminoso ainda estava solto. Izac nunca se preocupou com sua segurança quando passava naquele lugar, mas morria de pavor em imaginar sua irmã ou sua mãe passando por ali desacompanhadas.

Foi naquele momento que o jovem olhou para uma árvore e viu uma figura humana que parecia examinar as raízes de uma árvore. Ele parou, olhou e viu que era uma menina. Ela se levantou, permanecendo de perfil por alguns instantes. Parecia muito jovem, com certeza era mais jovem que sua irmã. Tinha os cabelos longos cor de favo de mel. Eram muito encaracolados e revoltosos. Ela era baixinha e o corpo era reto como um bambu. Quando ela virou, ambos trocaram olhares. Izac reparou bem no rosto redondo e liso da menina que parecia um bebê com cara de lua cheia. Os olhos eram grandes e verdes como duas pedras de jade. Ela usava uma roupa estranha, com um tipo de recorte que ele nunca havia visto nas ruas. O tecido era diferente, tinha a cor opaca e parecia bastante pesado e duro.

Ela permaneceu imóvel, como se observasse o que Izac iria fazer; pelo seu olhar, demonstrava que ela estava tão curiosa quanto ele. Como nada acontecia, ela deu dois passos para trás e ocultou-se atrás de uma árvore. Ele, por sua vez, seguiu pela trilha. Conforme foi ordenado, Izac entregou o envelope e retornou para sua casa. Sua curiosidade o fez voltar pelo mesmo caminho que havia feito para ir e, olhando para as árvores da mata, ele pôde ver novamente aquele par de olhos grandes e verdes o observando de uma árvore. Desta vez ele não parou, apenas continuou andando pela rua e foi para casa.

No fim daquela tarde, Izac e seus pais foram para uma igreja participar do velório dos conhecidos vítimas da tragédia. Ele ficou no lugar enquanto aguentou, mas por volta das duas da manhã foi vencido pelo cansaço e retornou para casa. Quando dormiu, sonhou com a imagem daquela menina de olhos verdes e roupas estranhas no meio da mata. De certa forma ele estava preocupado, pois sabia que aquele local não era dos mais seguros. Aquela criança não parecia ser daquela região; aliás, ela não tinha nada a ver com aquele lugar. Quando se lembrava do olhar da menina, ele sentia como se ela estivesse perdida. Algo naquela cena destoava da realidade e ele, no fundo da alma, gostaria de entender o que estava havendo.

Quando amanheceu o jovem acordou e comeu algumas bolachas com chá, mas, à medida que comia, a cena da menina não saía de sua cabeça. Sem conversar muito com ninguém, ele novamente foi em direção ao bosque. Izac olhou para a mata, procurou, procurou com os olhos e nada encontrou. Caminhou um pouco mais para frente e achou novamente a menina com as mesmas roupas, agachada entre os ramos, parecendo recolher raízes. Ver aquela menina tão jovem com as mesmas roupas naquele mesmo lugar deixou Izac muito incomodado. Onde estariam os pais dela? Ela, percebendo que estava sendo observada, levantou-se assustada, mas ao ver que se tratava do mesmo indivíduo do dia anterior apenas ficou quieta, observando.

Como da primeira vez, os dois se olharam por um tempo até que Izac virou-se e seguiu o seu caminho. Ele pôde perceber que a menina permaneceu no mesmo lugar, apenas o observando. Izac engoliu em seco; seria ela uma menina abandonada? Estaria ela com fome? Ele colocou a mão no bolso e contou algumas moedas. Não teve dúvidas; foi até uma mercearia e comprou alguns biscoitos e frutas. Instantes depois ele voltou até a trilha e procurou a menina do bosque. Não demorou muito vê-la entre os ramos. Como de costume, ela se ergueu e passou a fitá-lo com seus grandes olhos verdes.

Sorrindo como se fizesse uma boa ação, ele colocou a sacola de compras no chão e se afastou. Ele caminhou por quase duzentos metros quando resolveu olhar para trás e viu que a sacola permanecia no mesmo lugar. Ele parou e ficou observando se a garota iria descer até a trilha, mas isso não aconteceu.

— Que droga! — rosnou entredentes, coçando a cabeça. — Será que ela é retardada e não sabe que aquilo é de comer?

Depois pensou bem e imaginou que se tratasse de uma menina muito honesta, a ponto de não querer pegar porque não entendeu que lhe foi oferecido. Ele apressou o passo, retornando até o local onde as compras foram deixadas. Chegando lá encontrou a menina no mesmo local atrás dos ramos, o observando.

Ele pegou as compras com as mãos e ergueu em direção à pequena. Ela entendeu o recado e desceu em direção à trilha. Izac, então, entregou a sacola de compras e voltou para casa enquanto a menina o observava partir sem dizer uma palavra. E assim mais uma tarde se passou.

— Faz dois dias que encontro uma menina de olhos verdes que parece estar perdida no bosque — disse o jovem na hora do jantar. — Comprei algumas frutas e deixei para ela comer.

A mãe fechou a cara como se estivesse preocupada, já o pai nem levantou os olhos, se limitando a dizer:

— “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, Antoine de Saint Exupéry.

— Como? — perguntou Izac, sem entender nada.

— Guarda isso na tua cabeça para que você entenda no que se mete para não lamentar depois.

Izac comeu uma colherada de arroz ainda de nariz torcido. Depois voltou à carga, tentando se defender.

— Ela não parecia um mendigo, parecia até uma princesa.

— Isso é tocante! A prova viva de que, se tivéssemos mais princesas nas ruas, teríamos mais gente solidária como você e menos mendigos passando fome — ironizou o velho, comendo tranquilamente sem sequer olhar na direção do filho.

Dona Tainá e a filha deram uma risada e Izac, contrariado, continuou a comer, desta vez quietinho.

Não importava a opinião dos pais; Izac fechou os olhos à noite e só conseguia enxergar o rosto daquela menina com grandes olhos cor de jade e cabelos encaracolados e revoltosos. “Será que ela está com frio?” pensou ele antes do sono o vencer ao final de mais um dia.

O dia seguinte amanheceu barulhento. Alguns caminhões pesados passaram pela rua e foram em direção à saída do bairro, onde aconteceu a tragédia do morro. O caso havia ganhado repercussão nacional e agora as autoridades precisavam se mexer nos próximos dias para evitar que o nome do Prefeito fosse queimado pela imprensa. Era a busca por votos nas próximas eleições que se aproximavam. Nada de novo no país.

A fim de mostrar serviço, o Prefeito ordenou o retorno das aulas, que estavam suspensas desde a tempestade. Izac e o pai acordaram cedo e foram a pé para a escola. Senhor George era professor do ensino médio; para a alegria de Izac, naquele ano seu pai não era seu mestre. Ele sempre dizia que o velho era um tremendo carrasco, especialmente nas provas.

— A garota que você falou está neste bosque? — perguntou o pai quando chegaram à entrada da trilha.

— Sim — respondeu ele, demonstrando surpresa com o súbito interesse do seu velho. — Sempre a vejo brincando entre as árvores. Ela é clara, baixinha, tem cabelos cor de favo de mel e olhos muito verdes.

O pai observou a mata um pouco e continuou pelo caminho natural pela rua de trás. Izac olhou para a mata e sentiu uma forte vontade de cortar novamente caminho pela trilha, mas acabou acompanhando o pai. Senhor George parecia pensativo, mas nada disse depois da pergunta.

As aulas se passaram e Izac resolveu voltar pela trilha. Ele caminhou observando atentamente o bosque para ver se encontrava algum sinal da menina, mas acabou escutando muito mais do que gostaria. Um grupo de quatro rapazes de idades diferentes gritava e ria alto no interior do bosque. Preocupado, o jovem foi em direção ao som para tentar descobrir o que se passava e ficou assustado com o que viu.

Encolhida no alto de uma árvore estava a menina e, embaixo, os rapazes atiravam pedras e tentavam acertá-la com uma longa vara.

— Sua ladra! Vai apanhar, sua mudinha! — xingavam os garotos.

— Ei! — bradou Izac, chegando ao local. — Parem com isso! Não percebem que, se ela cair, pode se machucar?

O mais alto, que parecia chefe do grupo, bradou cheio de marra:

— O que tem com isso, otário? Ela é só uma mudinha; se cair, não vai nem gritar!

— Ela é conhecida minha, tenho certeza que ela não roubou nada!

— Roubou, sim! — retrucou um outro. — O dono da mercearia é meu tio, ele viu ela pegando duas maçãs e, quando ele gritou, ela correu pra cá.

— Isso mesmo! — disse o terceiro. — Isso é justiça! Ladrão tem é que morrer!

Izac colocou a mão no bolso e tirou uma nota de cinco contos.

— Toma, leva para o seu tio. Isso é muito mais do que valem duas maçãs.

Os meninos se olharam e o mais velho começou a rir.

— Não é só isso, não! Você vai ter que pagar uma taxa extra. No tribunal de justiça isso se chamaria fiança. Isso não paga a fiança dela, otário.

Izac baixou a cabeça e cerrou os dentes.

— Ah... então é isso! Vocês ficam posando de justos, mas na verdade não passam de uma cambada de covardes que só quer ganhar dinheiro fácil!

Naquele momento um dos meninos recuou, preocupado.

— Gente, deixa isso pra lá. Já acabou!

— Como “deixa pra lá”? Esse cara me chamou de covarde! — reclamou o maior.

— Acho que eu conheço esse cara — disse o menino preocupado. — Deixa isso pra lá que é melhor!

— Vou deixar, o cacete! — xingou o mais alto.

Quando ele tentou avançar a mão em direção ao pescoço de Izac, acabou surpreendido por um violento pontapé no pulso seguido de uma giratória tão rápida na cabeça que caiu no chão já desacordado.

O segundo tentou avançar, mas nada pôde fazer contra dois chutes diretos na cara. O menino despencou de costas como uma jaca madura quando cai da árvore. A pancada foi tão forte que ele sentiu como se tivesse tomado um porre e sequer conseguia se mover embriagado pela porrada.

Os dois últimos se limitaram a correr, escondendo-se atrás de uma árvore a cerca de quarenta metros dali, deixando os companheiros para trás. Izac apenas olhou para eles de forma tão furiosa que, se ele fosse o demônio, aqueles dois teriam sido queimados.

Ele respirou fundo e deixou a adrenalina baixar. Quando se acalmou, a menina já estava do lado dele, olhando com medo para os outros dois moleques que sobraram e segurando a mão de Izac como se precisasse dele para se proteger.

Izac a conduziu em direção à trilha. Os dois rapazes foram socorrer os amigos caídos. O maior perguntou:

— Quem é aquele cara? É o Bruce Lee?

— Não, ele é o Zac Cachorro-doido! — disse o rapaz que conhecia o atacante. — Ele tem andado quieto ultimamente, mas quando estava no ensino fundamental ele era o maior brigão do colégio. Já foi suspenso duas vezes e só não foi expulso da escola porque o Professor George é o pai dele e um cara importante lá. Parece que ele parou de brigar depois que quebrou a perna de um cara em dois lugares numa briga de rua. Foi uma sorte que ele não detonou vocês ainda mais.

Por medo, o quarteto foi embora pela direção oposta à seguida por Izac e a menina. Não queriam encontrar novamente com ele tão cedo.

Izac caminhou com a menina pela trilha, mas durante a caminhada começou a ficar preocupado. O que faria com ela agora? Ele não podia levá-la para casa... teria que se despedir dela.

— Olha, é melhor você ir para sua casa. Seus pais devem estar preocupados — disse, sorrindo. — Eu tenho que ir. Quando puder vou te procurar, tudo bem?

E ele tentou se desvencilhar da mão da menina, mas não foi fácil. Ela a agarrava com força. Então ele começou a caminhar e ela o seguia. Ele apressou o passo e ela apressou também. Isso começou a incomodá-lo, já que não podia levá-la para sua casa. Ele de repente parou e gritou:

— Menina! Pare de me seguir! Você não é um animal que eu possa levar pra casa! Melhor

você voltar de onde você veio! Vai pra casa!

A menina parou assustada e o fitou com seus olhos grandes e verdes. Ele olhou e viu aquele verde se tornar vermelho de tristeza e um longo fio de lágrimas escorreu pelo rosto da menina que nada dizia. Ela apenas soluçava fraquinho, baixou a cabeça e voltou devagar em direção à trilha. Izac engoliu em seco. Queria chorar também, mas se fez de forte e seguiu em frente sem olhar para trás. Ele tomou o rumo de casa e lá se fechou no quarto. Ele deitou-se na cama e ficou olhando para o teto, angustiado. Sentia-se muito mal com tudo aquilo.

A mãe, preocupada, foi logo perguntando o que havia acontecido. Ele respondeu:

— Queria fazer a coisa certa, mãe... mas hoje fui tão mau que me sinto o pior ser humano da Terra.

— Você não é mau — disse a mãe, tentando consolá-lo.

— Sou, sim. Preciso ficar sozinho!

— Tudo bem, depois nós conversaremos.

Ela fechou a porta do quarto e esperou o filho se levantar, mas isso não aconteceu. No fim da tarde o pai chegou da escola. Dona Tainá foi logo avisando que o filho chegou e estava emburrado no quarto, que se sentia mal com algo, mas não queria dizer. O Professor George coçou o queixo, suspirou e foi ver o filho. Ele sentou-se do lado da cama e perguntou:

— Está pronto para falar sobre o que está sentindo?

Izac respirou fundo e disse de forma seca:

— Eu me sinto um lixo.

— Por quê? — perguntou o pai de forma tranquila.

— Eu me sinto a pior pessoa da Terra.

— Por quê?

— Eu não sou uma boa pessoa, pai. Eu queria fazer a coisa certa, mas... — Ele engasgou ao lembrar-se do olhar triste da mocinha que magoou. — Eu só fiz besteira.

— Por quê?

— Eu tentei ajudar aquela menina, sabe... Eu ontem comprei até comida para ela. Só que hoje parece que ela roubou uma maçã...

— Por quê?

Izac ficou irritado com tantos “porquês” do pai e resolveu cortar.

— Pô, pai! Você só vai ficar nessa?

— Eu é que te pergunto se você só vai ficar nessa! — tornou o professor com ar sério, mas mantendo a serenidade. — Encontre o motivo que você vai entender por que está mal.

— O motivo? Ora, ela é uma ladra!

— Você disse ontem que não era — afirmou o pai, olhando com convicção para o filho.

Izac desviou o olhar; realmente ele havia dito que não era.

— Por que você comprou comida para ela ontem?

— Eu achei que ela estivesse com fome.

— Por quê? — sorriu o pai, tornando a conversa ao ritmo anterior.

— Porque quando eu a vi parecia que ela estava comendo raízes no bosque.

— Então, se ela estava comendo raízes e você deu a ela de comer ontem, por que ela roubaria hoje?

Izac coçou a cabeça e arregalou os olhos.

— Talvez ela estivesse com fome... de novo.

O pai sorriu e levantou-se. Naquele momento uma forte chuva começou a cair naquele fim de tarde. Calmamente, Senhor George foi até a janela do quarto e a fechou.

— De que isso adianta? — reclamou Izac, injuriado com a situação. — Ela sendo ou não sendo uma menina de rua, o fato é que agora ela é uma ladra.

— Por que a preocupação com ela? — retorquiu o pai. — Você mesmo já a condenou como uma ladra. Sabe, filho, uma estatística recente informa que nas ruas desta capital, hoje, há cerca de duas mil pessoas que moram nas ruas. Basta ignorá-la que em uma semana ela se tornará mais um deles.

Izac engoliu em seco e arregalou os olhos assustado enquanto seu pai deixava o quarto tranquilamente. O som da forte chuva ribombava na janela. O garoto olhava as gotas de água explodirem no vidro e cada gota lembrava as lágrimas da menina que ele havia ofendido. Ele levantou-se e foi até o quarto dos pais. Encontrou a mãe assistindo TV e o pai na mesinha do escritório corrigindo exercícios de aula. Os dois estavam em silêncio, ele olhou para o velho George, que estava de cabeça baixa, concentrado na leitura. Izac engoliu em seco, tomou coragem e disse:

— Pai, não estou conseguindo ignorar.

— Por quê?

— Porque eu me importo com ela.

O pai colocou a caneta sobre os papéis, de costas para Izac, mas mesmo assim o garoto percebeu que o velho havia dado um leve sorriso.

— Eu avisei no jantar o que iria acontecer se você se envolvesse, não avisei?

— Avisou, sim — respondeu o filho com voz baixa.

— Seu grande idiota! — suspirou o pai, balançando a cabeça. — Parece que não tem remédio... E então, está esperando o que para ir cuidar da sua rosa?

O rapaz cerrou os punhos e saiu correndo do quarto, pegando as primeiras capas de chuva que vieram à sua mão, e saiu porta afora. A mãe ficou assustada:

— Você enlouqueceu? Sabe o que vai acontecer agora?

— Sei, sim — sorriu ele, voltando a se concentrar em corrigir os exercícios. — Amor, você

conhece nosso filho há quantos anos?

— Que pergunta idiota, desde que ele estava no meu ventre!

— Desde a briga por causa do gato, quantas vezes você viu Izac voltar a se importar com as coisas como naquela época?

— Nunca — disse ela, pensativa.

— Pois é... Eu realmente quero conhecer essa menina de olhos verdes que mora no bosque! — finalizou o professor, voltando a ler a resposta de seus alunos.

E as nuvens cobriram os céus tornando tudo breu. A forte chuva fazia com que as árvores balançassem e os passantes não arriscassem ir para as ruas tomadas pelas enxurradas. Era uma chuva que fazia aquele bairro lembrar a tragédia recente. Trovões e relâmpagos ribombavam e riscavam os céus. O único a ignorar o aviso da natureza era Izac, que já adentrava a trilha do bosque.

— Ei! Sou eu! — gritava ele, engasgado pelas águas. — Me desculpe! Me desculpe! Por favor, apareça!

Ele caminhava no barro e gritava, chamava, mas nada da menina aparecer. “Talvez ela não me reconheça com este capote,” pensou ele, tirando a proteção que tinha. Ele percorreu a trilha até o final e retornou por ela, tentando encontrar a jovem de todas as maneiras, mas não conseguiu achar nada.

Desesperado e sozinho, Izac caiu de joelhos e chorou na chuva. Chorou por ter perdido a oportunidade de fazer o que achava certo. Ficou com medo do julgamento das pessoas e não assumiu a responsabilidade por aquilo que havia começado. Agora o que seria daquela menina sozinha e sem abrigo naquelas árvores? Ele se sentia mal. Talvez ela tivesse ido embora para sempre e jamais ele poderia mudar a última impressão que havia deixado.

Quando parou de chorar, ele levantou cabisbaixo. Não sabia o que fazer e nem mais onde procurar. Foi então que ele sentiu um par de mãos agarrando o seu antebraço. Ele tomou um susto, mas quando olhou para o lado viu aquele rosto redondo encostado em seu corpo como se buscasse calor naquela chuva fria.

O jovem sorriu de forma singela, pegou a capa de chuva e cobriu a menina:

— Venha, vou te levar para casa!

CAPÍTULO 3

A ESTRANHA

Quando a porta da casa se abriu e Dona Tainá viu aquela menina baixinha de cabeça redonda, olhos grandes, verdes e assustados, já poderia ser uma surpresa. Entretanto, o mais surpreendente para ela foi ver o seu filho atrás da pequena como se fosse um adulto protegendo uma criança. Sorrindo, ela convidou a menina para entrar. Em sua cabeça se passavam imagens de Izac desde bebê até aquele momento. Ele era jovem, mas algo assim fez a mãe pensar que seu filhinho havia crescido de verdade.

A menina olhava tudo com curiosidade, parecia que nunca havia visto nada daquilo antes; estava de boca aberta, mas não produzia nenhum som, nenhuma palavra. Ísis foi logo pegando a nova amiguinha pela mão e levando para o quarto. De lá foram para o chuveiro. Ela emprestou roupas para a menina e achou interessante a textura das roupas que ela usava. Era algo que Ísis não conhecia e foi logo mostrar à mãe. Já a menina, ao se olhar no espelho vestida daquela forma, sorriu.

Com aquela família a novata juntou e se sentiu acolhida pela primeira vez. Ísis tentou puxar assunto:

— Como você se chama?

— Ela não fala, não diz uma palavra — afirmou Izac.

— Talvez ela esteja com vergonha! — retrucou a irmã. — Fala! Qual é o seu nome?

A visitante olhou Ísis com curiosidade, abriu a boca, fechou, mas não disse uma palavra. Izac riu. A irmã não se deu por vencida e voltou à carga.

— Não precisa ter vergonha, eu sou Ísis — sorriu ela. — Í-sis — simplificou.

— Í-sis — disse a visitante, baixinho.

Izac arregalou os olhos. A menina não era muda coisa nenhuma como os meninos que a encontraram disseram. A irmã sorriu e tocou o ombro do irmão, que continuava pasmo.

— Este é Izac. I-zac.

— Zac — sussurrou a menina.

— Viu? Ela sabe falar muito bem! — riu Ísis, satisfeita. Em seguida voltou às perguntas. — Como é o seu nome? De onde você veio?

— Não pressione a menina agora, Ísis. Ela acabou de chegar — disse o pai em tom autoritário. — Tenha paciência, com o tempo ela vai responder.

Ísis coçou a cabeça, mas concordou.

— Vou te dar um nome então. Vou chamar você de Jade por causa dos seus olhos. Gosta

do nome?

A visitante apenas piscou os olhos, parecia que o nome não fazia sentido algum para ela.

— Acho que ela gostou! — sorriu Ísis.

— Eu tenho certeza que ela não tá entendendo é nada! — resmungou Izac.

E assim começou a convivência de Jade com a família Valgas. Ísis deu a ela um lápis e um caderno. A visitante começou a desenhar tudo o que tinha na casa e, à medida que Ísis ia falando os nomes, ela desenhava caracteres estranhos ao lado dos desenhos. Professor George nada dizia a respeito disso, apenas balançava a cabeça em sinal de aprovação e continuava sua rotina normalmente.

Dona Tainá, aos poucos, se apaixonou pela menina. Ela sempre a ajudava muito e se esforçava para aprender tudo o que ela fazia. A novata acabou se tornando sua assistente na confecção de materiais para festas infantis, muitas vezes acompanhava Dona Tainá e suas sócias quando elas eram contratadas para trabalhar em alguma recepção.

Diariamente, Izac acompanhava Jade até a escola. Era comum a menina assistir algumas aulas, mas outras vezes ela apenas ficava no pátio desenhando e perguntando “O que é?”, aguardando a chegada de algum amigo que lhe respondia. Os outros professores tinham paciência com a novata, ainda mais porque, na verdade, George não era um simples professor; além de lecionar geografia e estatística, ele era também coordenador pedagógico do ensino médio do colégio e tinha uma boa influência no bairro.

Paralela à rotina de novidades e aprendizado que a jovem Jade levava, o Professor George trabalhava muito seriamente naquele ano. Ele tomou a frente da comunidade local após a tragédia das chuvas. Quando o trabalho de resgate das vítimas terminou, o saldo foi de onze mortos e quase o dobro de feridos apenas no bairro. Ele, juntamente com algumas autoridades civis e religiosas dos bairros atingidos, iniciou um trabalho social com as vítimas da tragédia e auxiliou os desabrigados para a solução rápida das perdas que tiveram.

O tempo passou e, ao final do ano letivo, o trabalho que George desenvolveu foi tão impressionante para o poder público que ele foi nomeado diretor do colégio em que lecionava. Naquele Natal, aquele senhor de cinquenta e dois anos pôde sorrir; o sonho que tinha de tirar as pessoas daquela situação irregular finalmente havia sido concretizado.

Nestes sete meses que se passaram, a jovem Jade adquiriu fluência na língua portuguesa, o que surpreendeu o professor, que sabia que ela não entendia absolutamente nada quando entrou na casa pela primeira vez. Finalmente o velho sentiu que era o momento de conversar com a menina. Ele a chamou até o quarto e tomou a iniciativa:

— Você aprendeu muito, minha filha. Estou impressionado!

— Eu agradeço — sorriu a menina de olhos verdes.

— Acho que chegou o momento de você falar um pouco sobre você, não acha?

Jade arregalou os olhos, engoliu em seco e desviou o olhar. Nitidamente se sentiu acuada com a situação.

— Nós confiamos em você quando entrou nessa casa e acolhemos você como se fosse uma filha. Creio que está na hora de você confiar um pouco na gente também, não acha? Quem é você, de verdade?

— O senhor não entenderia se eu explicasse — disse ela, desviando o olhar.

— Você sempre soube conversar, não soube? Você é estrangeira. Por que você não tentou se comunicar em sua língua? Talvez isso ajudaria para que não tivesse sofrido tanto quando chegou!

— Eu até tentei... mas ninguém entendeu.

— É tão complicado assim?

— Para vocês, sim — disse, com pesar.

— Eu poderia escutar? Tem como você dizer algo como, por exemplo, “esta é uma noite de festa” em sua língua?

A menina respirou fundo e falou:

— *Aô'rá ey itza angaste!*

George arregalou os olhos. O som soava de forma clara, firme, mas possuía uma sonoridade que ele nunca havia escutado antes.

— Menina, de que lugar você veio, afinal?

E ela apontou para o céu. George olhou pela janela e viu uma estrela fraca que brilhava distante. Ele coçou o queixo pensativo, não havia motivos para ela mentir.

— Jade, por que você veio para cá?

— Eu fugi — disse ela, de cabeça baixa.

— Por que você fez isso?

— Tenho medo de crescer.

Ele achou estranha a resposta e fez uma breve pausa, mas logo resolveu continuar.

— Todas as pessoas crescem, pequena. Por que você teria medo de crescer?

— Porque tenho medo da guerra.

— Que guerra?

— Da guerra que os meus pais estão envolvidos. Todos esperam que eu cresça e resolva as coisas, por isso tenho medo.

George acariciou a cabeça da menina e não perguntou mais nada. A situação era estranha demais para ele tornar aquela conversa em um interrogatório. Ele pensou bem e achou melhor deixar as coisas assim no momento.

— Tudo bem, não precisa crescer se não estiver pronta. Você ainda tem tempo, principalmente enquanto estiver aqui. Mas um dia terá que crescer e encarar os seus medos e

para isso deverá contar com as pessoas que você ama! Saiba que amamos você e vamos te apoiar quando este momento chegar, tudo bem?

A menina sorriu aliviada, no fundo ela estava com medo de ser obrigada a ir embora.

— Só mais uma pergunta, aqui estamos te chamando de Jade, mas, de onde você veio, qual era o nome que seus pais lhe deram?

— Izolda — disse baixinho.

— É um nome bonito. Acho que é justo que todos aqui a chamem pelo seu verdadeiro nome, não é?

— Jade é uma pedra bonita — disse ela, tentando desviar o assunto.

George se assustou com o trauma da menina, era tão grande que ela estava se recusando a aceitar o nome que recebeu de seus pais. Com toda a paciência ele tentou dialogar:

— Izolda, você é você. Mudar de nome não vai mudar quem você é. Aquela Izolda que fugiu de casa, como você disse, era você. A Izolda de agora, que está aqui conosco, ainda é você. É você quem está fazendo a sua história, mudar o nome pode ocultar o passado das outras pessoas, mas não de você mesma.

Os olhos da menina se encheram de lágrimas e ela abraçou o Professor George como se estivesse com medo. Ele a abraçou com força e a tranquilizou.

— Sua história ainda será muito bonita. Acredite nisso! Eu acredito em você!

Em seguida ele a conduziu para fora do quarto, onde a família os aguardava. Eles iriam passar o Natal na casa de Tatiana, irmã e sócia de Tainá. Em uma viagem breve no velho carro, eles saíram do bairro para a zona oeste da cidade, onde o encontro aconteceria.

A casa de Tatiana era grande, tinha dois andares, um amplo quintal e varanda. Tatiana tinha dois filhos, Renê e Maura. A idade deles era parecida com as de Izac e Ísis. Também havia a presença de Tarcísio, irmão mais velho, e a avó Romilda, fechando a família naquela noite de festa.

A avó ao conhecer a jovem menina foi logo perguntando:

— Quem é esta menina de olhos verdes tão lindos?

— Nós a chamamos de Jade. É uma filha que encontrei e é muito querida por todos nós — sorriu Dona Tainá.

— Nós a chamamos? Qual é o nome dela.

A menina deu um passo à frente, muito sem jeito e disse:

— Eu... eu me chamo... Izolda!

Dona Tainá arregalou os olhos, assustada com a revelação, mas foi logo abraçada pelo Senhor George, que tomou a palavra.

— Izolda veio do estrangeiro, chegou aqui sem saber dizer uma única palavra na nossa língua, ela se perdeu da família já faz vários meses. Ainda não sabemos onde eles estão, mas

estamos à procura de notícias.

— Oh, pobrezinha! — exclamou a idosa. — Deve estar sendo difícil para você longe dos pais e parentes. Seja muito bem-vinda!

— Obrigada! — agradeceu a jovem.

Os adultos se acomodaram na varanda da casa, que era bastante grande; já os jovens foram para a sala de televisão. Maura, que era pouco mais velha que Izac, liderava o grupo.

— A gente bem que poderia jogar RPG, eu posso mestrar! — disse ela.

— Oba! Eu quero ser uma maga! — disse Ísis.

— Então eu serei um ladrão — completou Renê.

— Por mim, tanto faz — disse Izac, pouco animado.

— O ideal é que tenha alguém para batalha, assim o grupo fica equilibrado.

— Tá, eu fico! — disse Izolda.

Izac coçou a cabeça e decidiu.

— Vou ajudar a Izolda a descer a porrada nos inimigos.

— Certo. História dos personagens? — perguntou a mestra.

— O meu ladrão é jovem, tem minha idade e vai ser chamar... hum... Eagle-Eyes.

— Muito bom! — elogiou a irmã. — E você, Ísis?

— Minha maga é pequena, bonita e será antiga apesar de parecer uma jovem.

— Hum... Ela usa uma magia para parecer jovem.

— Isso! — sorriu ela. — O nome dela será Lady Light.

— Ok! — disse a mestra do jogo, anotando o nome da personagem em um papel. — E o seu personagem, Izac?

— Vai ser jovem, zangado e vai se chamar Paulinho Desce-Sarrafo!

— Cê tá de brincadeira, não é? — protestou Maura.

— Claro que não, é um personagem que existe para descer a porrada! O nome é perfeito!

— Ah não! — irritou-se a mestra. — Eu não vou mestrar um grupo onde tem um Eagle-Eyes, uma Lady Light e um Paulinho Desce-Sarrafo! Vê se arranja um nome decente de verdade!

— Oh! — assombrou-se Izac. — Por que não pode ser? O nome é maneiro! Por que o nome tem que ser em inglês?

— É a globalização — afirmou a mestra. — Nome em inglês neste tipo de jogo é mais sonoro.

— Sonoro? Isso me parece mais colonialismo! Vai ser puxa-saco dos ianques assim lá na casa do cacete! — irritou-se Izac. — Pô, nome maneiro desse que eu arrumei e você fica sacaneando!

— Paulinho Desce-Sarrafo, nome legal? — rebateu Maura. — Vê se não viaja, Izac! Isso vai quebrar o clima do jogo! Vai, arranja um nome de guerreiro de verdade!

— Saco! — resmungou Izac entredentes.

Renê e Ísis não paravam de rir do nome que Izac tinha inventado enquanto Izolda apenas observava preocupada, já que não sabia inglês e era a próxima a ter que escolher um nome. Maura, percebendo o silêncio da novata, foi logo atijando:

— Izolda, já pode ir pensando em um nome também.

— É que... — hesitou a menina. — Eu não conheço este idioma.

— Como não? Isso é impossível! — assombrou-se Maura. — De que planeta você veio afinal?

— Er... *Áurius*? — soltou a menina, com olhar assustado.

Renê e Ísis dispararam a rir da resposta de Izolda, que permanecia sem entender a reação dos dois.

— O nome do personagem é *Black Busterblaze* — sentenciou Izac. — Ele tem uma irmã gêmea chamada *Silver Slashersoul* — afirmou, olhando para Izolda. Ela sorriu, pois ele acabara de salvar a sua pele.

— Está vendo? — sorriu Maura. — É só esforçar um pouquinho e se cria personagens legais! Mas... irmã gêmea? Não tem como melhorar isso, não?

— Eles poderiam ser namorados! — disse Izolda com ar infantil. Naquele momento todos lançaram em sua direção olhares inquiridores. Ela baixou a cabeça, envergonhada, e falou baixinho. — Vi em uma novela da TV.

— Parece divertido — riu Izac. — Por mim pode ser!

— E a minha maga, não vai ter namorado, não? — reclamou Ísis.

— Não olha pra mim, não vou ficar com nenhuma velha! — riu Renê.

A gargalhada foi geral.

E então, como todo o jogo de RPG, foram criadas as fichas dos personagens e em seguida começaram a campanha. Durante três horas ininterruptas o grupo escalou montanhas, cruzou vales, enfrentou zumbis e finalmente voltaram vitoriosos com uma arca cheia de tesouros. De todos, quem mais se divertiu foi Izolda, incorporando mesmo a personagem criada; ela parecia se sentir à vontade em um mundo diferente do atual. Era como se ela fosse uma viajante nata de dimensões paralelas.

O jogo só parou à meia-noite, quando todos se reuniram para a ceia de Natal e a tradicional troca de presentes. Após muitas risadas e alegria, chegou a hora do retorno. E assim foi; depois de uma breve viagem, a família Valgas estava outra vez em sua residência.

CAPÍTULO 4

LAÇOS

Era oito e quarenta da manhã quando Izac se levantou. Os pais ainda dormiam depois da festa da noite anterior e não davam sinais que levantariam tão cedo. Ele foi até a cozinha e começou a preparar o desjejum quando se deparou com Izolda, que também havia acordado cedo.

— Feliz Natal, Izolda! — sorriu ele.

— Feliz Natal! — ela respondeu, animada.

Juntos, terminaram de preparar a refeição matinal e se alimentaram. Em seguida saíram da casa para não acordar os demais. Ao chegarem à calçada, Izac foi logo perguntando:

— O que gostaria de fazer?

— Não sei — respondeu ela.

— Vamos fazer o seguinte, vamos ao zoológico! Desde que você apareceu nunca mais voltei lá!

Ele tomou a mão da menina e juntos foram ao ponto de ônibus; quinze minutos de espera depois, eles já estavam a caminho do zoo.

— Eu nunca fui a um zoológico... — suspirou Izolda.

— Vai gostar! O zoo daqui é bem grande. Creio que não vai ter ninguém, já que é feriado, mas tenho certeza que o Andrezão vai estar lá e vai deixar a gente entrar!

Andrezão era o apelido de Marcos André. Ele foi aluno antigo do Professor George e, segundo ele, se não fosse a influência do mestre ele teria se tornado um marginal. Foi George quem o incentivou a outros caminhos, fazendo com que ele se realizasse como um dos zeladores do zoológico.

De fato, Andrezão estava lá; depois de uma breve conversa e algumas risadas, ele permitiu que a dupla de jovens entrasse, emendando em tom jocoso:

— Gatinha bonita que arranjou, hein, Zac! Não se esqueça de mim no casório!

Izac riu, sem graça, enquanto a menina ficou corada como um tomate. A dupla então começou o passeio: primeiro passaram pelo viveiro dos pássaros, visitaram a lagoa dos jacarés, viram onças, pumas, leões e tigres. Os olhos de Izolda brilhavam e tudo para ela parecia uma descoberta.

— Nunca havia visto animais assim! — disse ela, maravilhada. — São tão pequenos e fofinhos!

Izac desatou a rir quando ela disse aquilo apontando para uma anta.

— Esse é o maior mamífero do Brasil. Com certeza não é pequeno e nem fofinho! De onde você veio tem animais maiores?

— Sim.

— E de que zoológico eles são?

— Não tem zoológicos por lá. Eles ficam soltos.

Izac deu uma risada e olhou para Izolda com cara de deboche, pois não acreditava em nada daquilo, entretanto ela continuava séria. Ele olhou nos olhos da menina e viu que não parecia que ela mentia. Sem graça, ele olhou para um pessegueiro e apontou o dedo, desviando o assunto:

— Olha, pêssegos maduros!

Eles foram até a beira da árvore e ficaram olhando as frutas vermelhinhas.

— Espere aqui!

E Izac subiu na árvore e conseguiu colher três boas frutas. A dupla, rindo, se deliciou com os pêssegos assistindo os macacos brincarem em uma jaula. Quando a fruta acabou, Izolda voltou seus olhos novamente para a árvore e viu um pêssego. Izac viu a fruta e disse:

— Ali não tenho como pegar.

Ela continuou olhando para a fruta com um olhar típico de criança com fome. Izac suspirou e disse:

— Venha, se quiser aquela fruta vai ter que pegar, eu vou te ajudar!

E ele se abaixou no chão enquanto ela olhou assustada.

— Tá esperando o quê? Eu vou te levantar e você pega a fruta!

— Quer que eu suba em cima de você?

— Tem algum problema nisso?

Ela sorriu e subiu no pescoço dele. Na hora de levantar a menina, Izac se assustou: não sabia que ela era tão pesada, era como se ela fosse uma adulta ou coisa assim, mas como era possível se ela era mais de quinze centímetros mais baixa que ele e era magra como um bambu? Com muita dificuldade, ele conseguiu carregar Izolda e levá-la até a fruta. Assim que ela a pegou, foi logo gritando:

— Ali, ali! Tem outras três ali!

E ele a carregou até lá enquanto ela puxava seus cabelos e ria como uma criança no jardim. Assim que ela pegou os pêssegos, ele foi logo abaixando.

— Caramba, como você pesa! — reclamou o rapaz enquanto Izolda apenas ria e comia os pêssegos colhidos.

Naquele momento o telefone celular de Izac tocou, era sua mãe:

— Izac, onde você está? — reclamou ela.

— Mãe, eu te mandei um torpedão, não leu, não?

— Onde você está?

— No zoológico.

— O zoológico está fechado, onde você está? — ralhou ela.

— No zoológico, o Andrezão deixou a gente visitar.

— Vem pra casa. Tá na hora do almoço. Se você ficar aí, vai atrapalhar o emprego do Marcos André e o seu pai não vai gostar.

— Tá bom.

— E vê lá o que vai arrumar com essa menina, hein?

— Como assim, a gente só está passeando! Ela nunca tinha visto um zoológico!

— Sua irmã me contou que vocês andam brincando de namoradinhos por aí, não estou gostando disso, não, ela é muito nova e você é muito sem juízo!

— A Ísis o quê? — protestou Izac no celular. — Mãe, era RPG.

— Ah! RPG, né? Só faltava essa! — exaltou-se a mãe ao telefone. — Então anda brincando de massagem com ela, não é? Vem pra casa agora! Vamos ter uma conversa séria, seu sem-juízo!

Quando a mãe desligou o telefone, Ísis disparou a rir enquanto a mãe olhou para ela e perguntou:

— O que foi?

Obedecendo as ordens da mãe, Izac e Izolda pegaram o ônibus e retornaram para casa. Eles desceram em um ponto a duas quadras de casa. Ao olhar para o outro lado da rua, Izac reparou que a farmácia estava aberta. Ele olhou para Izolda e disse:

— Vem, quero ver uma coisa.

Chegando na farmácia, Izac foi logo levando a menina até uma máquina que media peso, altura e pressão arterial. Quando ele viu os resultados, ficou abismado: Izolda tinha 1,47 de altura, mas estava pesando 68 quilos, ou seja, ela era magra como um bambu, mas de acordo com o aparelho ela era obesa. Eles saíram da farmácia e caminharam pela rua enquanto Izac não deixava de olhar o papel.

— Tem alguma coisa que eu fiz de errado? — perguntou a menina, preocupada.

— Não, claro que não — riu Izac, ainda intrigado.

Eles caminharam mais um pouco e Izac finalmente perguntou:

— Izolda, de onde você é afinal?

Ela parou e baixou a cabeça.

— De longe, muito longe.

— Longe quanto?

— Não sou daqui — respondeu baixinho.

Izac então começou a juntar os fatos; ele lembrou-se da chuva, da roupa estranha que ela usava quando se conheceram, do fato da menina não dizer uma só palavra... Ele então engoliu

em seco e perguntou:

— Você é de outro mundo, não é?

— É — disse ela, de cabeça baixa.

— E você não quer que ninguém saiba disso, não é?

— É — tornou a dizer baixinho.

Izac acariciou os cabelos da menina e, rindo, disse:

— Caraca! Isso é muito maneiro! Como é que eu faço pra aprender a falar a sua língua?

Izolda olhou para Izac com os olhos cheios de assombro. Ele fez uma caretinha e sorriu. Ela, com um olhar cheio de alegria, se pendurou no pescoço do rapaz e estalou-lhe um beijo no rosto.

CAPÍTULO 5

CORAÇÕES

Não demorou até que todos passassem a chamar Jade por seu verdadeiro nome. Dona Tainá a observava com um misto de curiosidade e ternura. Ela não dizia nada, mas estava claro que o esposo contou a ela tudo o que sabia. Izac ficava cada vez mais próximo de Izolda e era evidente em alguns momentos que ele sentia mais do que simples carinho pela menina. A única que não mudou absolutamente nada foi Ísis, que insistia em chama-la de Jade, já que foi o nome que escolheu para ela.

Os dias passaram sem novidades até que o ano novo chegou. Daí a escolha: ir para a fazenda no interior do tio Gregório, irmão de George, ou ficar na cidade e assistir à tradicional queima de fogos? A possibilidade de ir para um lugar tranquilo falou mais alto e a turma foi então para a fazenda que possuía uma bela lagoa, árvores frutíferas e trilhas pela mata. Para Izolda foi uma experiência nova, livre e divertida.

Já passava das dez da noite e Izac, Izolda e Ísis ainda não estavam dormindo naquela chácara.

— Amanhã vamos pescar com toalha de novo? Eu gostei muito! — disse Izolda, animada.

— Não! — resmungou Izac. — Esse negócio cansa muito, estou todo queimado de sol! Vamos fazer alguma coisa mais tranquila amanhã!

— Vamos andar a cavalo! — sorriu Ísis. — Já andou a cavalo antes? — acrescentou, voltando-se para Izolda.

— Já, mas faz muito tempo... muito tempo mesmo! — respondeu a menina em tom nostálgico.

— Ok, vocês duas vão andar a cavalo e eu vou deitar na beira do rio debaixo de um flamboyant e fazer poesias enquanto durmo! — disse Izac em tom sonolento.

— Você, fazendo poesia, Izac? — riu Ísis.

— Eu compunha músicas legais na época que eu tocava mais a guitarra.

— É... isso lá é verdade — concordou a irmã.

— Melhor a gente desligar a luz, senão a mãe vai vir chamar a nossa atenção.

Dizendo isso, Izac ergueu o pé e desligou o interruptor do quarto. Silêncio. Instantes depois, Izolda o chamou:

— Zac, me conta uma história para eu dormir, estou sem sono!

— Puxa vida! Já contei todas as histórias de princesas que conheço! Bela Adormecida, Branca de Neve, Rapunzel...

— Conta alguma onde a princesa salva o príncipe!

— Isso é difícil! — riu Izac. — E o orgulho do príncipe, onde é que fica?

— Ísis, você conhece alguma história? — perguntou Izolda. A resposta foi o silêncio. — É... ela já dormiu!

Izac riu.

— Zac, por que você não quer me contar uma história onde a princesa salva o príncipe?

— Porque, para um homem, o maior desgosto é o sentimento de não ter sido capaz de proteger quem ele ama.

— Sério? Então, se eu fosse uma princesa de contos de fadas, eu iria esperar por você!

— Você é mesmo muito doce, Izolda! Durma bem!

A menina virou-se na cama e dormiu imaginando as histórias infantis que conheceu.

E dias se passaram. Quanto mais os dias passavam, maior ficava a intimidade entre Izolda e Izac; por mais que eles negassem em palavras, o comportamento parecia cada vez mais de dois namorados. Eles ficavam horas sozinhos; ora Izac ensinava mais coisas sobre o idioma português, ora ela ensinava coisas do idioma de seu mundo. Ora Izac não deixava Izolda quieta, a cutucando e fazendo cócegas quando ela estava fazendo alguma atividade distraída, ora era Izolda quem o provocava. A convivência dos dois tão próxima sempre gerava perguntas, mas o discurso de ambos era sempre o mesmo:

— O que é isso, somos apenas ótimos amigos! Somos como irmãos!

Dona Tainá ficava cada vez mais preocupada:

— Olha o juízo! Vocês são muito crianças ainda para pensarem em namoricos!

— Eu sei, Mãe — ria Izac. — Quando eu fizer dezoito anos eu coloco uma aliança no dedo dela.

— Nem brincando você vai casar antes de se formar! — ralhava a senhora enquanto o jovem retrucava em tom jocoso:

— Eu vou me formar pelo IUB, Instituto Universal Brasileiro. Curso por correspondência! Vou poupar aí uns dez anos.

Do outro lado da casa, Ísis soltou uma gargalhada.

— Quando estiverem debaixo de uma marquise com fome não me procurem, ouviram! — sentenciou a mãe.

Izolda e Izac riram e saíram em disparada para o quintal. Eles se sentaram debaixo do pé de abacate e começaram a conversar enquanto Izolda desenhava em seu caderno.

— Mamãe é uma comédia! Somos ótimos amigos, só isso! — disse ele.

— É — concordou ela, retocando o desenho que fazia.

— Casar! Conheço histórias de um monte de gente que era muito feliz enquanto estavam namorando, mas depois que se casaram a vida deles se tornou um inferno. Pouco tempo depois já

não suportavam mais ficar juntos.

— SÉRIO? — Ela parou de desenhar e olhou Izac com espanto.

— SÉRIO. E quando isso acontece, não tem jeito. Acabam indo cada um para o seu canto e nunca mais conseguem ver a cara um do outro. Viram grandes inimigos.

— Puxa!

— De onde você veio também acontecia muito isso?

— Não. Eu ouvi casos a respeito disso, mas não é comum isso lá, não. Acho que... as pessoas do lugar de onde vim não gostam de ficar sozinhas. O que as pessoas aqui fazem quando estão sozinhas?

— Entram na internet e ficam flertando com outras em algum site de relacionamento.

— Isso é esquisito!

— Não é, não. É bem comum até.

— O que é o amor para você?

— Sei lá, eu acho que é quando a gente se importa com a outra pessoa e quer o bem dela acima do nosso próprio bem.

— Você foi me buscar quando nem me conhecia, posso dizer então que você me ama?

Izac ficou corado com a pergunta. Virou-se de lado para que ela não percebesse que ele havia ficado vermelho e disse:

— De certa forma, amo, sim! Mas a minha religião diz que devemos amar outras pessoas, não é?

— Então você vai fazer isso que fez por mim por qualquer pessoa?

— Er, eu deveria, não é? — disse ele, constrangido. — Mas não vou mentir, eu senti que você era alguém especial e isso se confirmou. Você é uma pessoa especial para mim!

— Vai colocar uma aliança no meu dedo? — riu ela.

— Só quando a gente ficar adulto e eu puder ter uma casa e um bom emprego.

— Eu espero — riu ela.

— Neste caso, você vai ganhar uma de ouro. Quando as pessoas se casam, elas trocam alianças de ouro umas com as outras com o nome da pessoa que ama gravado.

— Isso é legal! — sorriu ela. — Eu gosto de anéis.

Ele olhou para o caderno e perguntou:

— Posso ver seus desenhos?

— Claro!

Logo na primeira página havia um guerreiro vestindo uma armadura negra e que possuía uma capa azul que formava uma espécie de cachecol em torno do pescoço.

— Uau! Que barato! Quem é esse?

— É Black Busterblaze! — sorriu ela. — Eu andei tentando entender um pouco do inglês e

acho que esta imagem é o que melhor retrataria para mim um destruidor de brasas negras.

— Eu gostei muito!

Ele virou a página e viu um desenho do mesmo guerreiro cercado de seres ameaçadores pintados de amarelo e com uma criança sentada sobre o seu ombro esquerdo.

— Nossa! Eu vou ter que lutar com todos eles? Quem é a menina, minha filha?

— Na verdade sou eu! — riu ela. — Me sinto segura quando estou com você!

— Mas eu não poderia me casar uma criança! Tá certo que você é uma tampinha, mas não acha que você está pequena demais, não?

— Mas eu tenho medo dos monstros!

— Você é Silver Slashersoul, não deveria estar com medo! Deveria lutar ao meu lado! Como você vai conseguir salvar algum príncipe em seu conto de fadas se ficar com medo?

A menina baixou os olhos, contrariada. Visivelmente ela não gostou do que Izac disse. Percebendo que havia algo mais, ele perguntou:

— Você chegou no dia daquela grande tempestade, não foi?

Izolda ficou muda por uns instantes e baixou a cabeça como se não quisesse se recordar de algo. Por fim respirou fundo e contou:

— Aquela tempestade não foi uma coisa natural do seu planeta. Aquilo foi obra de uma coisa muito grande e muito perigosa.

— O que é? — perguntou o jovem com interesse.

— É sério, você não vai querer saber.

— Você é uma menina que veio de outro mundo e ninguém sabe que está aqui, você está segura, Izolda. Não é hora de você se abrir um pouco e desabafar esta angústia que carrega?

Ela então se levantou, olhou para Izac com olhar determinado e disse:

— Venha comigo!

O jovem não hesitou. A dupla saiu da casa e tomou a rua em direção à escola, eles caminharam até a trilha do bosque e lá adentraram a mata.

— Quando você chegou, foi aqui que encontrei você.

— Sim — respondeu ela, caminhando na frente. — Eu tive muita sorte de achar alguém como você, antes disso acontecer eu era muito infeliz.

— Por quê?

— Porque meus pais se perderam de mim por causa da guerra e aqueles que me pegaram não eram pessoas boas.

Ela engoliu em seco. Visivelmente Izolda se sentia angustiada falando sobre aquilo, mas ao mesmo tempo parecia determinada a falar um pouco mais sobre si.

— O lugar de onde vim é muito diferente daqui. Existem muitos outros humanoides diferentes. Existem árvores, animais, rios e vales muito maiores que os daqui. As noites aqui

chegam muito mais rápido que as de lá e são bem mais curtas também. O seu mundo é legal, talvez os *Ocres* deveriam aprender coisas com vocês. Talvez, se aprendessem alguma coisa com os daqui, existisse a possibilidade de sermos amigos.

— Quem são os *Ocres*?

— São aqueles que me separaram de minha família. Os *Ocres* dizem que estão sempre certos, você é obrigado a fazer tudo do jeito deles. Eles querem que todos abandonem o seu jeito de viver e dizem que só se pode ser feliz se forem como eles.

— Ser como eles como?

— *Ocres* — respondeu Izolda, de forma seca e categórica.

— Eu, hein! — disse ele, coçando a cabeça. — Mas como são esses *Ocres*, afinal?

Izolda respirou fundo e disse:

— Na minha terra, os povos se saúdam assim: “*Loremon rá-jiti-luk asmonon xaiare | riô sol-il xaisur-i rozan'lorê*”. Já os *Ocres* são assim: “*Ich bog Superius. Ich bong Superius. Ich aver Bion Superius*” — disse ela, segurando a garganta para mostrar que a voz dos *Ocres* era ameaçadora.

— Não entendi nada, mas quero aprender essas línguas aí.

— Eu disse “Eu sou Superior. Eu era Superior. Eu sempre serei Superior”. Já minha língua, você não entendeu nada do que eu te ensinei? — perguntou a menina com raiva.

— A primeira eu entendi alguma coisa... é... você disse... — Ele pensou um pouco e disparou: — “Tudo no Universo é feliz e merece viver pelo pai”... é isso?

— Não! — Izolda ficou vermelha. — Eu disse: “Todos nós somos belos e merecemos viver felizes em nome do coração do pai de todos”.

— Isso ia ser minha segunda opção — riu Izac.

— Você é muito distraído, não vai conseguir falar língua alguma deste jeito!

O jovem respondeu fazendo uma careta. Enquanto caminhavam, ele pegou o caderno de Izolda e novamente olhou o desenho. Foi então que ele entendeu que as figuras amarelas ameaçadoras que ela havia desenhado eram os *Ocres*. A dupla continuou a subir a serra até que Izolda parou assustada em uma clareira.

— Estava aqui! Não sobrou mais nada!

— Estava aqui o quê?

— A cápsula!

Izac olhou em volta e viu apenas mato; já haviam se passado meses desde a tempestade, a mata cresceu, mas não havia mais rastro algum.

— Esta cápsula era grande?

— Ela foi destruída, estava em pedaços, mas os pedaços não eram pequenos e não desapareceriam daqui. Alguém esteve aqui!

Neste momento a menina estacou. Ficou branca como cera.

— Izolda, algum problema?

— Eles vão vir! Eles vão vir atrás de mim! Eles não me esqueceram!

Izac abraçou a menina com carinho.

— Você não está sozinha! Ninguém vai fazer mal a você! Eu não vou deixar! Prometo que vou cuidar de você!

— Não é uma boa ideia, os Ocres são perigosos! São fortes! A tempestade foi obra de um deles! Quem destruiu a cápsula foi um deles! Eu tenho que ir embora! Se eles me acharem vou sofrer outra vez! Eu tenho medo! Não quero sofrer tudo aquilo mais uma vez!

— Você está em pânico! — disse Izac, abraçando a menina com mais força. — Eu sempre vou cuidar de você, acredite em mim!

A menina desatou a chorar. Ela puxava os próprios cabelos, desesperada.

— Eles nunca vão me deixar em paz! Eu não quero ir para a guerra! Eu não sou o que eles acham que sou! Eu tenho medo! Eu não quero lutar!

— Izolda, você é uma criança! — gritou Izac. — Não vou deixar nenhum covarde colocar você para lutar. Eu vou cuidar de você!

— Não importa quanto tempo passe... — chorava a menina. — Estou mesmo destinada a morrer nas mãos dos Ocres!

— Não! Isso se você quiser! Mas se não quiser, podemos crescer e ficar juntos!

A menina arregalou os olhos e fitou Izac assustada. Por alguns instantes Izac ficou desconsertado em dizer aquilo, seu rosto ficou pálido e as bochechas enrubescidas. Ele engoliu em seco e balbuciou algumas palavras:

— Eu realmente... realmente gosto de você!

Os olhos da menina brilharam. Ela abraçou o rapaz com força. Ele acariciou os cabelos da menina.

— Quando nós ficarmos mais velhos e a sua mãe não tiver mais motivos para ficar com raiva de nosso namoro, vamos nos casar?

— Sim — respondeu ele de forma categórica. — Seu destino é casar-se comigo!

Ela ergueu a cabeça, fitou Izac e sorriu.

— Obrigada! Eu realmente quero acreditar agora que tenho um outro destino.

— Claro que você tem! De onde você tirou essa ideia de que você vai lutar e morrer em uma guerra?

Izolda empurrou de leve Izac e ele se sentou na raiz de uma árvore. Ela sentou-se no colo dele e o abraçou.

— Antes de nascer, uma pessoa muito importante do lugar onde vim fez uma profecia que dizia:

“Lohu buoh-rá'doums vermires ozanu'rá | Rô'danre tilkrere-ey deminea | Luk-Lohu-nea tilku'rá il pur | Iahu-ey sirana guarine mouse'mo-eiô milez-il | Airuma xaisur meidenu'rá riô-maoh | Luk jermure-il bao jei go'mo eio nifebo”

“Que, traduzindo, seria algo como: ‘Quando dois poderosos seres incompatíveis se unirem nascerá uma prometida, e quando esta ressurgir das cinzas como uma rainha guerreira terá chegado a hora do coração das estrelas tomar a forma da morte e castigar um mal que veio de longe’. — Ela respirou fundo, olhou para Izac e disse: — Eu sou a filha de dois poderosos seres incompatíveis. Todos esperam que eu resolva tudo! Que eu guie um exército contra os Ocres e os expulse de nosso mundo!

— É! Isso é mesmo um problemão! — comentou Izac. — Mas a gente dá um jeito!

— Doido! — riu ela. — Você sabe o que é uma guerra?

— Guerra é uma coisa muito ruim, mas é como eu te disse, você não é obrigada a lutar. Repete a profecia aí, vamos raciocinar em cima do que as palavras dizem.

A menina repetiu tudo, palavra por palavra.

— Tá aí! — bradou Izac como se tivesse descoberto a lâmpada. — A profecia disse: “Quando dois poderosos seres incompatíveis se unirem nascerá uma prometida”. Ora, a profecia não diz que é necessário ser filha destes dois seres, isso pode ser interpretado como: “na época da união de dois seres poderosos incompatíveis, em algum lugar, neste período, irá nascer uma prometida”. Entendeu? E tem mais! Você também disse: “... e quando esta ressurgir das cinzas como uma rainha guerreira terá chegado a hora do coração das estrelas tomar a forma da morte e castigar um mal que veio de longe”. Bom, o final não entendi porcaria nenhuma, mas o meio quer dizer algo como “durante uma batalha, ou seja, das cinzas, uma rainha guerreira vai aparecer”. Está vendo só? Não é você! É alguém que já está no seu mundo e talvez nem saiba que será a guia das pessoas na batalha! Você está se torturando à toa!

Izolda abraçou Izac e sorriu, era a primeira vez que tinha esperanças de que poderia ter um futuro feliz.

Os dois então começaram a descer o morro por entre as árvores e Izac observava tudo à volta para tentar perceber alguma coisa. De repente ele parou e disse:

— Espera, vamos dar uma volta se não se importa.

— Não tem problemas pra mim.

Eles então adentraram a mata e começaram a contornar o morro. Ele não dizia uma palavra, mas, se algo estava assustando Izolda, ele se sentia na obrigação de tentar descobrir o que era. Sua cabeça não parava de funcionar. Ele não viu a cápsula que trouxe a menina, mas se ela fosse grande o suficiente para carregar uma pessoa e havia sido destruída quando caiu deveria haver por ali rastros. Entretanto, conforme Izolda reclamou, não havia sinal algum das partes da tal máquina, então só restava uma alternativa, que era a que assombrava a menina, a de que

alguém carregou os objetos.

Eles fizeram a volta em torno do lugar e acharam uma antiga estrada abandonada. A estrada tinha capim-colonião quase da altura de uma pessoa de tão antiga, mas, observando bem, Izac encontrou antigas marcas de pneus de automóveis. Era um carro grande, talvez uma caminhonete. O mato cresceu de volta porque se passou bastante tempo, mas comprovadamente passou um carro ali em um período posterior ao abandono da estrada.

Izac nada disse para a menina, pois não queria preocupá-la. Em seu íntimo também preferia ignorar aquele fato e imaginar que uma conspiração envolvendo alienígenas era algo muito distante da sua realidade e, seguindo a vida de forma normal, absolutamente nada de mal aconteceria a ninguém.

CAPÍTULO 6

SEPARAÇÃO

Ao descerem do morro, Izolda e Izac não voltaram direto para casa. Eles pegaram o ônibus e foram passear no centro da cidade. Eles entraram em lojas onde ela experimentou roupas, sapatos, joias e irritaram muito os vendedores, pois saíram de lá sem comprar nada. Também, o que esperar de dois adolescentes que juntos não possuíam mais do que duas notas de dez contos? O que fazer com vinte contos em um país com crise política e ameaça constante de alterações nas taxas de juros para conter uma economia instável devido à eterna falta de uma reforma administrativa por parte do governo? Para dois jovens a resposta é simples: sorvete, salgadinhos e gramado da praça. Além de barato, às vezes se acha uma surpresa.

— Olha! É um cupom de prêmio instantâneo! — disse Izac ao rasgar o pacote de salgados e achar dentro o vale-brinde.

— O que é isso?

— São pequenas lembrancinhas que você pode pegar em lojas especializadas. Venha! Tem uma aqui perto! Depois a gente volta para a praça!

A menina acompanhou Izac por duas quadras até que chegaram à uma loja de variedades. Lá ele mostrou o vale-brinde ao atendente, que foi logo perguntando:

— Este cupom vale trinta reais, vai querer comprar alguma coisa ou quer o dinheiro?

Izac olhou para a vitrine e viu uma pulseira de pano com um coração feito com um cristal esverdeado e perguntou:

— Aquele ali custa quanto?

— Trinta e oito — respondeu o vendedor.

— Vou levar então!

Assim que recebeu a compra, Izac foi logo amarrando no pulso de Izolda, que sorria sem parar. Era uma pedra comum, mas para ela era verdadeiramente jade.

Os dois caminharam lentamente até a praça e ela não parava de brincar com o presente que havia recebido, já que a pulseira possuía um pequeno guiso que ela não cansava de cutucar para ouvir o barulhinho.

Ao chegar na praça, Izac escolheu um lugar no gramado próximo de uma árvore e ali se deitou. Já Izolda, com as mãos, arrebentou um tufo de seus cabelos, fez com os fios uma pequena trança, sentou-se ao lado de Izac, tomou sua mão e amarrou no dedo anelar do rapaz a pequena corda dizendo:

— Não tenho um anel para trocar com você, mas quero que você saiba que vou te amar

para sempre! — Então abriu o caderno e começou a desenhar.

Izac olhou para o dedo com o presente e sorriu. Em seguida brincou:

— Para me amar para sempre vai precisar crescer muito, sua nanica!

— Bocó! — respondeu ela. — Eu mudei de ideia, agora quero lutar junto com você!

— Então agora o Black Busterblaze não vai mais precisar te carregar no ombro?

Izolda fez uma careta e sentenciou:

— Não. Agora vou desenhar você esmagado no chão igualzinho a um feijãozinho e a minha personagem em pé em cima dele com pose poderosa! Lugar de homem é como tapete para princesa pisar!

— Você e suas piadas!

Ela não perdeu tempo e mostrou o desenho que havia feito: era mesmo a Silver Slashersoul fazendo pose em cima do personagem de Izac. Izolda desatou a rir ao ver a cara do menino, desconcertado ao ver o desenho e emendou:

— Tenho que fazer desenhos assim mais vezes!

A dupla só pegou o ônibus para casa no final da tarde.



Quando Izac e Izolda chegaram em casa se assustaram com dois carros estacionados na porta. Ele abriu a porta de casa e encontrou um casal estranho, muito pálido, sentado no sofá. Eles vestiam roupas muito finas. Ela um vestido longo e o pescoço e as orelhas estavam adornados com brincos e colares de pérolas. Ele vestia um terno azul-marinheiro. O corte de cabelo era impecável e as sobrancelhas eram bem-feitas, demonstrando que era um homem muito vaidoso. Sem dúvidas era um casal extremamente rico.

Izac olhou para Izolda e viu que ela estava branca como cera. Parecia que estava vendo um fantasma. Estava estampada no rosto da menina a expressão de horror como se aquilo fosse o pior de seus pesadelos.

— Finalmente encontramos você! — disse a mulher, abrindo os braços. — Que bom, estamos muito felizes em revê-la, Izolda!

A menina correu para trás de Izac e ele imediatamente cerrou os punhos e fechou a cara de forma ameaçadora. Naquele momento um homem negro também de terno chegou sorrindo.

— Não precisa ter medo. Eu explico, o meu nome é Marcelo Rodrigues, sou oficial de justiça. Estes são Charles e Catherine. São os pais de Izolda, eles vieram da Romênia apenas para levá-la de volta.

— Não! — disse a menina, horrorizada. — Não são meus pais!

— Claro que somos! — chorou a mãe. — Você fugiu de casa e ainda nos trata assim? Não

sabe o quanto a procuramos por todo este tempo?

— Filha, volte pra casa conosco! Vamos esquecer tudo o que você fez e voltar a ser uma família feliz, tudo bem? — Era o pai abrindo um sorriso.

— Não! — gritou Izolda. — Vocês não são os meus pais! Não são! Eu não vou com vocês nunca!

— Izolda! — bradou o pai com autoridade.

Na porta para a copa estavam George, Dona Tainá e Ísis. Eles olhavam a cena em silêncio, mas em seus rostos estava clara a tensão por aquele momento. Izac não teve dúvidas, foi logo gritando:

— Não sei quem vocês são, só sei que, se ela não quiser ir, ela não vai!

— Garoto, eu já disse que sou um oficial de justiça, vim aqui para garantir que essa menina seja reintegrada à sua família de origem!

— Me mostra sua carteira! — gritou Izac. — Sei lá se você é oficial de justiça mesmo...

— O garoto olhou para o pai e reparou que ele havia dado um leve sorriso.

Furioso, o pai da menina falou em um idioma cuja sonoridade Izac identificou de cara:

— *Krizorda, Degrerig skrerkarenigwa kragogro zren?*

“Maldição, parece o idioma dos Ocres que Izolda falou!” pensou o garoto, hesitando.

Izolda começou a chorar e caiu de joelhos. Dona Tainá foi até ela e a abraçou; irritada, argumentou com o oficial de justiça:

— A menina está assustada, não quer ir com eles! O senhor é oficial de justiça, deveria averiguar a história desta família e entender por que ela está com medo antes de entregá-la assim, pelo amor de Deus!

— A lei está do lado deles, minha senhora — argumentou o oficial. — Se quiser, o que você pode fazer é procurar um advogado e ver o que pode ser feito, o que eu já vou afirmando que é muito pouca coisa. Por ora ela deve ir com eles, para o lugar de onde vieram.

— Ela não quer ir! — gritou Izac. — Se ela não quer, ela não vai!

— Eu vou... — chorou a menina baixinho. — Tudo bem, eu vou!

— Izolda... — Izac olhou para ela, incrédulo.

Ela se levantou vagorosamente e foi para o quarto. Ísis começou a chorar e abraçou a mãe, que também chorava. Izac foi logo atrás de Izolda e a encontrou olhando para a janela e chorando.

— Eles não são os seus pais, eles são Ocres, não são? Por que tem que ir?

— Desculpe, não tenho escolha! Eu queria ficar... mas eles são perigosos!

— Eu posso cuidar de você! — disse o garoto, com os olhos cheios de lágrimas.

— Não, não pode! Zac, eu gosto muito de você, mas não quero que nada aconteça com vocês! Eu amo todos aqui!

— Foi isso que eles falaram em sua língua, não é? — disse o garoto, irritado e com um nó na garganta. — Eles ameaçaram a gente, não foi?

— Zac... Eu gosto muito de você! Por favor, quero que viva e fique bem!

Ela se levantou para partir ao mesmo tempo que ele desatou a chorar como uma criança, caído de joelhos no chão do quarto. Comovida, ela acariciou os cabelos do jovem e sussurrou em seu ouvido:

— De todos, o que eu mais amei foi você! Nunca se esqueça de mim, porque eu nunca me esquecerei de você!

E ela se levantou e saiu.

Na sala, os pais da menina a aguardavam com o oficial de justiça. Ela abraçou e beijou cada um: George, Tainá e Ísis. Todos estavam abatidos e tristes. A mulher que se dizia sua mãe pegou Izolda pela mão e sorriu.

— Vamos embora, Princesa!

Quando entraram no carro, Senhor George olhou para o oficial de justiça e perguntou:

— É um problema internacional, não é?

— Sim — disse o oficial, sorrindo.

— O senhor fez um bom trabalho. Só queria saber de uma coisa, nunca entendi que idioma era esse que eles falavam... Eles são de onde mesmo?

— Romênia.

— Hum... Tá certo! — George pensou um pouco e, sorrindo, acenou. — Então... *Bună ziua!*

O oficial de justiça arregalou os olhos, assustado.

— Não estou te xingando! — riu o velho. — Isso é apenas “boa tarde” em romeno! É uma das coisas que a gente aprende estudando várias culturas, sabe? Sou professor.

O oficial fechou a cara e fez sinal para o motorista dar partida no automóvel. No momento em que o carro partia, Izac surgiu e gritou:

— Eu juro, Izolda, juro que vou buscar você!

E a menina, de dentro do carro, olhou a família que amava ficar distante até finalmente dobrar a esquina. Izac, da rua, viu o carro desaparecer e, de cabeça baixa, voltou para casa.

CAPÍTULO 7

DESAPARECIDA

As horas seguintes foram cheias de várias ligações telefônicas do Senhor George para amigos influentes. Primeiramente ligou para dois vereadores que auxiliaram em seu projeto para o desastre acontecido nas chuvas, um deles o orientou a procurar um conhecido, o Tenente-coronel Artur Frido. Este o orientou a procurar o Comandante-geral Marcelo Reina. O Comandante Reina se interessou pela história do Senhor George e pediu para encontrá-lo no dia seguinte.

— Não adianta chorar agora — disse o professor para a família. — A verdade é que, se realmente forem a família de Izolda, pouco pode ser feito. O que quero saber é a verdade de tudo isso, mais importante que qualquer coisa é saber se, onde ela estiver, ela estará bem e segura.

— Eles não são os pais dela, pode ter certeza disso, pai — falou Izac, demonstrando irritação.

— E não são — afirmou Senhor George. — Não sou idiota. Entretanto, existe alguma coisa realmente grande por trás disso, parece que é algo que nós não temos condições de alcançar.

— O que vai acontecer com a Izolda? — perguntou Ísis, ainda soluçando.

— Não sei — respondeu o pai de forma sincera. — Mas vamos tentar descobrir o máximo que pudermos.

— Quero ir com você, pai — afirmou Izac.

— Vou me encontrar com o Comandante, ele é um homem muito importante, portanto deve tomar cuidado com o que falar. É hora de ter sabedoria, meu filho.

Izac concordou.

No dia seguinte, George e o filho foram para o Quartel Central do Corpo de Bombeiros do município. O velho carro do Senhor George parecia ainda mais vagaroso que o normal naquela manhã para o aflito Izac, que não via a hora de tentar fazer algo de produtivo quanto àquela situação. Foi o pai que sorriu e tentou acalmá-lo.

— Izac, você está novo demais para ter ataques de estresse. Relaxe! Nervoso, não vai conseguir ajudar em nada.

— Me desculpe — riu ele, sem graça. A viagem continuou em silêncio até que ele resolveu quebrar o silêncio. — Pai, o que foi aquilo que disse para o oficial de justiça?

— Foi “*Bună ziua*”.

— Isso é romeno?

— Parece que sim.

— E desde quando você sabe romeno?

— Não sei. Foi a primeira vez que falei na vida — sorriu o professor de forma velhaca. — Quando eles falaram que eram da Romênia, fui logo acessando à internet pelo celular e decorando isso. Não tinha certeza se colava, mas vai que ia ser útil, não é?

— Você é um canalha, velho! — Izac começou a rir. Em instantes a dupla estava dando altas gargalhadas no carro. — Você é muito doido, pai. E se tivesse dado errado?

— Aprenda uma coisa, meu filho. Se quiser ter o controle de uma situação, jamais deixe os outros perceberem que você é um ignorante pois, se isso acontecer, eles farão com você o que eles quiserem. Se não sabe algo, pergunte, mas sempre dê a impressão ao outro de que não é um leigo total no assunto e que as informações que você está pescando são para completar alguma informação que você já possui.

— E se eu não souber realmente porcaria nenhuma?

— Se eu não me engano, um antigo presidente americano chamado Abraham Lincoln disse certa vez: “É melhor ficar quieto e parecer um idiota do que abrir a boca e dar toda a certeza”.

Izac riu. Instantes depois o carro adentrou o pátio da Academia dos Bombeiros. Izac e seu pai foram recebidos e encaminhados para um escritório no térreo. Lá encontraram o Comandante-geral, chefe do destacamento de bombeiros, conversando com o Tenente-coronel Frido e um civil bem trajado, mas que não usava naquele dia um terno. Assim que o Tenente-coronel viu o professor, foi logo o cumprimentando.

— Professor George, seja bem-vindo!

— Tenente-coronel, quando me sugeriu o nome do Comandante-geral não imaginava encontrá-lo também.

— Sempre quis conhecê-lo pessoalmente, professor. — Era o Comandante-geral que o cumprimentava. — O trabalho que o senhor fez foi impressionante.

— Nenhum trabalho deste porte pode ser desenvolvido sem o envolvimento da sociedade. Ainda existe muita esperança para todos quando se trabalha unido em prol de algo maior.

— Disse bem — afirmou o Comandante. — Este jovem é o seu filho?

— Eu me lembro dele. — O Tenente-coronel colocou a mão no ombro de Izac e sorriu. — Este garoto esteve ajudando nas buscas quando o morro desabou.

— Vai seguir os passos do pai? — perguntou o Comandante-geral.

— Acho impossível superar o meu pai no quesito de serviço social, Senhor Comandante — sorriu o garoto.

O Comandante riu. Em seguida convidou George e o filho para entrarem no escritório, onde poderiam conversar mais à vontade. O Tenente-coronel Frido fechou a porta assim que o desconhecido bem trajado entrou. O Comandante sentou-se em sua poltrona e começou a

examinar alguns papéis que estavam em suas mãos.

— Como é a história mesmo? — perguntou. — Você tinha pedido a guarda temporária de uma jovem menor de idade, não é?

— Sim — respondeu George, firme. — Meu filho encontrou a jovem e acabamos ficando muito ligados a ela.

— Me desculpe a intromissão, mas eu tenho medo que as pessoas que estão com ela não sejam realmente os pais dela — disse Izac.

O Comandante olhou para o garoto com olhar grave. Em seguida olhou para o senhor bem trajado que ali estava e ainda não havia dito qualquer palavra.

— Este é o juiz da Vara de Infância e Juventude, Senhor Anselmo Silas.

— É um prazer conhecê-lo pessoalmente, professor — disse o juiz.

— Foi o senhor quem concedeu a guarda temporária para a menina, não foi?

— Exato.

Izac se assustou, não sabia dessas coisas. Mas para ele fazia todo o sentido, afinal, era uma garota desaparecida, isso deveria ser informado às autoridades. O juiz continuou:

— Ela não queria falar o nome, não é? Então vocês passaram a chamá-la de Jade.

— Foi isso mesmo.

— A verdade é que foi realmente difícil descobriremos quem era os pais dela. Ela era estrangeira, sem documentos, surgiu do nada, como se fosse um passe de mágica. Deixamos o processo em aberto e aguardamos a resposta de todas as embaixadas que possuem relações diplomáticas com o Brasil, mas não obtivemos respostas de nenhuma. O fato é que, se os pais dela não tivessem aparecido, vocês teriam ficado com ela talvez para sempre.

— Foi o que eu imaginei também — afirmou George.

— Mas os pais dela apareceram, apresentaram todos os documentos. Comprovaram com fotos... não temos o que discutir. Para o governo brasileiro, o assunto está encerrado.

— Entendo, mas qual é a naturalidade da menina?

— Parece que é romena.

— Parece? — disse o velho com ar desconfiado. — Sinto muito, mas tenho certeza que romena ela não é.

Neste instante o Comandante levantou-se da cadeira e apresentou uma cópia da certidão de nascimento. George olhou e respirou fundo, realmente era romeno.

— Professor, eu sei que está preocupado com a garota, mas realmente não há o que fazer! Está tudo certo, eles são os pais da menina — lamentou o Comandante-geral.

— Entendo... Eles deixaram o endereço pelo menos?

— Isso é um assunto diplomático... — resumiu o juiz.

— Então, assim como ela apareceu, ela vai desaparecer? — perguntou George em tom

sério.

— Senhor juiz! — Era Izac que novamente se metia na conversa. — Creio que o senhor tem filhos ou sobrinhos, sei que gosta muito deles, então deve me entender... Essa menina estava sob minha guarda, preciso muito saber se ela está bem! Não existe como descobrir o endereço ou o telefone dela?

O Comandante-geral e o Tenente-coronel olharam para o juiz de forma inquiridora; ele se mostrava incomodado com a situação, por fim disse:

— Não posso prometer nada, mas entrarei em contato assim que obtiver alguma informação a respeito disso.

A reunião terminou ali. O grupo ainda conversou sobre assuntos diversos, mas logo pai e filho se despediram e foram para casa. Izac sorriu no caminho, ele tinha esperanças de ter notícias pelo juiz, mas seu pai estava sério. Izac o fitou e, à noite, não parava de lembrar-se do semblante grave do pai. Ele o conhecia há tempo suficiente para saber que algo estava errado. E, com o tempo, aquele semblante sério confirmou a verdade: os dias se tornaram semanas, as semanas se tornaram meses e nunca mais tiveram notícias da menina

CAPÍTULO 8

O PERSEGUIDOR

Izac, deprimido, estava sentado no meio-fio da calçada olhando para o asfalto duro. A vida de todos havia continuado; ele estava agora no terceiro ano do ensino médio, sua mãe continuava a trabalhar com as sócias, sua irmã estudava à tarde e o seu pai era o diretor da escola. Ele olhou para o outro lado da rua e viu uma loja com roupas de noiva. Mês de maio, mês das noivas... Ele riu ao imaginar aquela menina de olhos verdes e cabelos cor de favo de mel de noiva. Seria ele o noivo? Ele novamente baixou a cabeça, amargurado. Izolda realmente havia sido a primeira mulher que ele havia gostado.

Vagarosamente ele voltou para casa. À noite, a mãe foi até o quarto e perguntou:

— Como você está, meu filho?

— Indo... — disse, resignado.

— Você precisa se animar, fez tudo o que pôde. A vida continua, meu filho.

— Eu sei, mãe... mas... — Ele fez uma pausa, como se precisasse de tempo para pensar.

— Eu falhei, sabe? Eu prometi a ela que iria procurá-la, mas estou sem saída. Não existe nenhum lugar que me ofereça alguma opção para tentar achar ela!

— Às vezes você precisa dar um tempo nas coisas! Sabe, meu filho, quando se fica pensando demais em algo, os seus olhos ficam presos demais em uma direção. Se você quiser encontrar sua amiga, o melhor é você parar de pensar em uma coisa só e olhar em volta. Algumas vezes, a melhor maneira de se aproximar de algo que busca é se afastando.

Naquela noite Izac dormiu pensando nas palavras da mãe. Ela realmente estava certa, o que ele tinha feito nos últimos meses a não ser pensar em Izolda? Nada. Nenhuma forma de busca que estava fazendo estava surgindo algum efeito. Ele decidiu então começar a tentar fazer contato com mais pessoas; se conhecesse mais gente, com certeza em algum momento conseguiria encontrar alguma informação relevante sobre o que estava buscando.

No dia seguinte, durante as aulas de Física, ele começou a pensar em algo que lhe incomodou no dia que se separou de Izolda: o peso. Ele colocou a altura da menina no papel e dividiu o valor pelo peso, encontrando 1,47 como resultado. Ele foi até o professor no final da aula e perguntou:

— Professor, estou pensando em escrever um conto de ficção científica, o senhor poderia me ajudar?

O professor riu e disse que na idade dele também escrevia contos deste tipo, contou a Izac sobre as reportagens que lia que o fizeram se interessar pela física. Contou sobre os erros de

filmes, sobre a questão de que não existe som no vácuo, o fato de lasers coloridos não poderem ser vistos no espaço, que a lua não tem vento e não se pode ver a face oposta, dentre outras curiosidades.

— Professor, é possível existir extraterrestres com a mesma aparência de seres humanos?

— Não. Isso é impossível — disse de forma categórica. — Partindo do princípio da evolução das espécies, a evolução de uma espécie aqui da Terra não seria jamais igual à evolução de espécies de outros planetas.

— Mas e se acontecesse algo improvável e fossem parecidos os seres humanos daquele local e os daqui da Terra...

O professor começou a rir.

— Tá, vamos supor que o seu livro seja um romance entre um E.T e um terrestre. A única explicação que me vem na cabeça é bíblica. Em Gênesis está escrito no versículo 26: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra”. Se em cada mundo Deus tiver criado um homem a sua imagem e semelhança, seria possível que eles tivessem a mesma aparência. Agora, como você explicaria em seu conto a teoria da evolução das espécies de Darwin, que afirma que o homem evoluiu de um antropeide, que seria semelhante ao macaco, seria um caso à parte.

— Mas o ser humano não poderia ter evoluído através de uma planta? Eu ouvi falar que, na pesquisa do genoma, o ser humano tem menos genes que o milho.

— Vamos dar uma olhada nisso — disse o professor, interessado, tirando da mochila o notebook e acessando à internet. Em poucos instantes acessaram um site do ano de 2009.

Segundo o site, 150 especialistas em genética identificaram os 32 mil genes dos dez cromossomos que formam o genoma do milho, que é o mais conhecido entre as plantas. Como base de comparação, o genoma humano tem 20 mil genes divididos em 23 cromossomos, que são os suportes da informação genética. O código genético do milho é colossal: com 2,3 bilhões de bases de DNA, seu tamanho se aproxima do código humano, que tem 2,9 bilhões.

O professor coçou o queixo e disse:

— Seria uma teoria interessante, os seres humanos teriam vindo através de plantas. Remete até à outra lenda, a de Yggdrasil, a Árvore da Vida. Nunca pensei em algo assim. Realmente daria um bom conto de ficção científica.

Izac sorriu. Apesar de absurda, a sua teoria conseguiria explicar a improvável aparência de Izolda na forma humana, mas ele ainda queria entender a questão do peso.

— Professor, ainda pensando na questão de um ser humano em outro planeta, seria possível ele ser mais pesado que aqui?

— O ser humano ser mais pesado? Não. Se ele for mais pesado, não seria um ser humano.

— Preciso de uma explicação, professor. Mesmo que não seja convencional. Por que um ser humano de 1,50 teria mais peso que um ser humano daqui?

O professor coçou novamente o queixo, pensou um pouco e especulou:

— Bom, para começar, no Universo se tem que esquecer a ideia de peso com quilogramas. O peso de verdade é calculado em Newtons e o que chamamos de peso é a relação força e gravidade. Teoricamente falando, em um planeta menor que o nosso os seres humanos poderiam ser mais altos e, em um planeta maior, seriam mais baixos devido à gravidade. Entretanto, os dinossauros eram animais imensos, eles existiram apesar de terem desaparecido dos ciclos da história.

— Tá, um ser humano de 1,50 de altura com peso 1,47 vezes maior que o normal poderia significar o quê?

— Talvez uma compensação por causa da força da gravidade. Os ossos precisariam ser mais densos e a musculatura mais forte para suportar a força gravitacional. Se você levar em conta na sua história que se trata de um ser humano com constituição física semelhante à nossa, isso significaria que pode se tratar de um planeta maior que a Terra.

Izac se deu por satisfeito. Ele agradeceu o professor e meteu na cabeça que precisaria se preparar fisicamente para um ambiente com gravidade maior que o planeta Terra. Não sabia como chegaria lá, mas sabia que tinha que encontrar um jeito.

Nas semanas seguintes, Izac ia todos os dias na academia do bairro. Ele sempre teve um bom condicionamento físico, mas sabia que precisava estar cem por cento bem se a aventura de ir buscar Izolda fosse um dia concretizada. Foi conversando com alguns amigos da academia que um deles sugeriu:

— Sei lá, cara! Se eu tivesse um amigo que tivesse ido embora e ninguém desse notícias, eu ficaria no pé de quem ajudou ela a fazer a mudança. Pô, o cara tem que ter alguma coisa anotada em relação a isso!

Izac acordou para este detalhe, ele estava pensando muito em pegar informações de órgãos superiores, mas não se preocupou com o óbvio de ir procurar o oficial de justiça que esteve em sua casa naquele dia. Naquela tarde, Izac foi até o fórum e procurou informações sobre o oficial de justiça Marcelo Rodrigues. Insistiu tanto que acabou tendo a oportunidade de conversar com ele pessoalmente. Ele encontrou o oficial sentado em sua mesa de trabalho em frente a um computador. Marcelo olhou para Izac e demonstrou surpresa, o jovem logo percebeu.

— Senhor Marcelo, me desculpe incomodar, mas eu sou Izac Valgas. Deve ser difícil se lembrar de mim, mas você esteve na minha casa cumprindo um mandato uns dez meses atrás.

— Sim, eu me lembro de você. O garoto bravo... Pensei que iria me matar naquele dia.

— Confesso que tive vontade disso, sim — riu o garoto. — Teria sido uma idiotice, você só estava fazendo o seu trabalho.

— Com certeza!

— Eu não tenho mais a quem recorrer. Não tenho nenhuma notícia de Izolda, eu tinha a esperança que o senhor pudesse me ajudar.

— Infelizmente não tenho autorização para ajudar. O que aconteceu foi um caso internacional... Está além de minha alçada.

— Entendo. — Izac baixou a cabeça com pesar. Em seguida pegou um papel e anotou o número do celular e o e-mail. — Sei que é difícil, mas... bom... eu realmente gostava muito da Izolda... Se tiver alguma notícia, por mais irrelevante que seja, gostaria muito que me informasse.

Ele entregou o papel para o oficial e se retirou. O oficial de justiça olhou para o papel, pensou e gritou:

— Jovem!

Izac imediatamente olhou. O oficial de justiça caminhou em direção a Izac e começou a conduzi-lo até a saída.

— Seu pai tinha razão, aquela língua não é romena — disse o oficial, puxando Izac pelo braço sem olhar nos olhos do menino.

— Eu sei. Preciso de alguma informação. Tenho medo que algo tenha acontecido com ela.

O oficial passou o papel de volta para Izac e disse:

— Você vai ter que procurar informação sobre ela, sozinho. Não posso ajudar.

Izac olhou para o papel e viu que, rapidamente, Marcelo havia escrito alguma coisa. Ele sorriu e se despediu:

— Eu entendo. Muito obrigado por tudo!

O oficial voltou para dentro do prédio e Izac foi embora. No ônibus, o garoto leu o que estava escrito: era o endereço eletrônico escrito “pamon-r”. Ao chegar em casa, a primeira coisa que fez ao entrar no computador foi digitar o endereço eletrônico. Em sua frente surgiu um site romeno escrito *pacea mondiala*. O site pertencia a um grupo de investidores aparentemente interessados na paz mundial.

Ele entrou em uma área que parecia ser um formulário de contato. Nele Izac colocou o endereço, o número do celular e foi logo escrevendo uma mensagem:

“Olá, meu nome é Izac Valgas, sei pouco sobre vocês e sua organização. Não me importa o que vocês fazem, mas sei que estão ligados ao desaparecimento de Izolda, uma garota que morou comigo e aprendi a gostar. Preciso saber se ela está bem. Vocês sabem que ela não é daqui, vocês sabem como posso encontrá-la. Preciso da ajuda de vocês.”

Quando enviou a mensagem ele pensou que talvez demorassem a responder, mas estava enganado. O susto foi grande quando o seu celular tocou e era um número confidencial. Com coragem ele atendeu a ligação:

— Senhor Izac Valgas? — uma voz grave perguntou.

— Sim, sou eu.

— Sou da organização Pamon. Estou feliz com seu interesse pela garota que você cuidou. Posso afirmar que ela está feliz junto com os seus pais e...

— Vamos ser francos, não precisa tentar me enrolar — disse Izac com firmeza. — Aqueles que eu conheci não eram os pais da garota.

— Senhor Izac, somos uma organização interessada em promover a paz mundial formada por um grupo de investidores internacionais e...

— Senhor! — retrucou Izac de forma firme. — Eu sei que vocês são muito mais do que aparentam ser, assim como ela. Ela viveu comigo um bom tempo... Acho que não precisamos mentir um para o outro, não é?

Por alguns instantes o telefone ficou mudo, por fim o atendente continuou.

— Senhor Izac Valgas, acho que o senhor está equivocado a nosso respeito. Por este motivo, gostaria que alguém de nossa organização pudesse entrar em contato com você pessoalmente para desfazer qualquer tipo de mal-entendido.

— Perfeito! — sorriu Izac ao telefone. — Onde e quando?

— Poderia ser amanhã, no Edifício Royal, no Centro? Bastaria o senhor se identificar na portaria e iremos recebê-lo.

— Claro. Que horas?

— Dez da manhã, pode ser?

— Está ótimo para mim.

— Nos encontramos então neste horário, Sr. Izac Valgas. Tenha uma boa noite.

— Para você também.

E Izac desligou o computador e suspirou fundo e sorriu. Entretanto, ao se levantar, suas pernas bambearam e começaram a tremer.

“Que coisa é essa, meu Deus? Por que estou me sentindo assim?”

Foi então que raciocinou e percebeu que estava indo para um lugar perigoso, se metendo em um problema grande demais para ele e que poderia até morrer.

CAPÍTULO 9

A PARTIDA

— Menino, o que está fazendo?

— Eu estou triste, ninguém me entende e todos acham que sou uma pessoa ruim!

— E você é mesmo ruim! Só as pessoas ruins não têm limites para aquilo que fazem e você não tem limites, menino! Onde já se viu? Você bateu nos seus coleguinhas, e um deles se feriu. Ele não poderá andar por um bom tempo, é bonito isso?

— Eu não queria machucar ele assim!

— Mas machucou.

— É... machuquei!

— Nunca mais deve brigar com ninguém, menino! Deve esconder isso para sempre!

— Eu vou esconder!

— Bom menino! Isso é se tornar adulto! Deve esconder sua natureza e deixar o senso de justiça para quem é responsável pelas leis. Meninos não podem brigar com outros meninos e nem fazer sozinhos o que acham que é certo!

— Tá bom! Mas... e o gatinho que morreu porque bateram nele? Você vai enterrar ele?

— Esqueça o gatinho, ele já não existe mais!

— Existe, sim! Ele está nas suas mãos!



Izac acordou naquela madrugada ofegante, tamanho o susto do novo pesadelo. Por alguns instantes ele sentiu mesmo a textura do pelo e o sangue do gato nas mãos. Depois daquilo não conseguia mais dormir. Quando fechava os olhos ele via insetos sendo colocados dentro de seu corpo, sendo dissecado por alienígenas ou simplesmente levando um tiro na cabeça. A cada hora ele acordava do cochilo sendo morto de uma maneira diferente. Cansado de tanto morrer em sonhos, ele pegou a Bíblia e começou a rezar. Eram quatro da manhã quando finalmente conseguiu dormir de forma tranquila e acordou só oito e meia.

Sozinho, ele preparou e tomou o desjejum e depois foi para o banheiro se arrumar para ir de encontro ao desconhecido. Ele pensava consigo mesmo: “Vou ter que ser muito frio para conseguir sair bem dessa”. Ele se olhou no espelho e reparou que estava tenso. Isso não era bom, ele precisava tentar relaxar se não quisesse ficar nas mãos de seja lá quem fosse. Ele deixou a água do chuveiro cair em sua cabeça como uma cachoeira que fosse levar embora todos os seus

problemas. Respirando de forma ofegante sob a água, fez uma resolução para si mesmo: “Não vou me deixar morrer até encontrar a Izolda novamente. Não sou nenhum idiota, é como o papai disse, tenho que usar a cabeça”.

Ao sair do banho ele novamente se olhou no espelho, mas desta vez se endireitou e firmou o olhar; quando se viu desta vez, ele percebeu que era aquela a postura que deveria ter naquele dia. “Posso perder a vida hoje, mas não posso perder a postura de homem”. E, resolvido, se foi.

Pontualmente às dez horas ele estava na portaria do Edifício Royal e foi atendido de pronto.

— Senhor Izac Valgas, vigésimo quinto andar, por favor.

Ele entrou no elevador. Nunca vinte e cinco andares pareceram tão curtos. Ele se olhava no espelho do elevador e tentava se lembrar da postura ensaiada em casa. A porta então se abriu e ele deu de cara com outro atendente:

— Senhor Izac Valgas, o Senhor Misumo vai recebê-lo. Por favor, por aqui!

Ele seguiu a atendente, que o levou até um escritório no fim do corredor. Chegando lá encontrou um homem muito loiro e de pele pálida.

— Senhor Izac Valgas, eu presumo. — Os dois se cumprimentaram.

— Senhor Misumo, muito prazer — sorriu Izac.

— Estou admirado, apesar de jovem você tem uma postura firme. Gostei disso!

— Existe grande diferença entre as presas de um coelho e um lobo. Ainda assim agradeço a cortesia — rebateu o rapaz.

Misumo riu.

— Você é esperto, muito esperto!

— Então, se percebeu isso, podemos ir direto ao ponto, não é? Fiquei com Izolda durante meses, ela chegou sem falar absolutamente nada de português. Com o tempo a gente aprende sobre as pessoas. Ela não é daqui.

— Por favor, sente-se.

O rapaz sentou-se suspirando e a única imagem que tinha na cabeça é que ali ele tinha que parecer o James Bond, pois se fizesse asneira as coisas iriam ficar muito ruins para ele. Observando o jeito do rapaz se sentar, Misumo percebeu que ele sabia bem o que estava fazendo ali.

— Senhor Izac, por que está atrás dessa garota?

— Eu me tornei responsável por ela.

— Em outras palavras, você gostou dela.

— É. — Mesmo tentando disfarçar, Izac ficou envergonhado.

— Isso é bonito. A paixão. O amor entre duas pessoas tão diferentes! Diga-me, Senhor Izac, você não vai desistir dessa menina, não é?

— Com certeza não.

— Entendo... — Misumo balançou a cabeça, pensativo. — Quantos mais sabem que ela não é daqui?

— Ela disse isso apenas para mim — respondeu Izac, sem hesitar. — Todos os outros acham que ela é de outro país. Mas eu conversava muito com ela e ela se abria comigo.

Izac havia decorado esta frase a noite toda. Ele sabia que, se falasse que sua família desconfiava de algo, eles poderiam correr algum risco. Resgatar Izolda era algo que ele resolveu que faria sozinho.

— Escute, você gostaria mesmo de ir até onde esta garota está?

— Com certeza — Izac sorriu, interessado.

— Podemos levar você para lá, mas você vai se afastar de sua família... Talvez por muito tempo.

— Isso pode ser resolvido, ainda sou um estudante, estudantes fazem intercâmbios.

Misumo sorriu.

— Você realmente é esperto, muito esperto! Combinaremos assim, então: nós faremos uma visita à sua família esta noite e você deverá se despedir deles e vir conosco.

— Certo, sem problemas.

— Então assim será!

E Misumo se despediu de Izac.

Ao sair do prédio, Izac respirou aliviado; na cabeça dele, ele jamais conseguiria sair com vida dali. Mas, depois de caminhar um pouco, acabou percebendo que o que aconteceu foi exatamente o contrário: era agora que realmente ele começaria a correr riscos, pois, se a organização fosse tão grande quanto parecia, absolutamente todos os passos dele seriam controlados.

— Caramba... no que fui me meter? Se esses caras forem mesmo alienígenas e tiveram tecnologia para chegar aqui na Terra, até com uma bactéria eles conseguiriam me rastrear! Não dá pra voltar atrás agora... Tenho que seguir em frente até o fim!

Izac foi para casa e, como se fizesse um ritual de despedida, percorreu cada cômodo, tocou cada objeto que lhe trazia alguma lembrança, olhou pela janela do quarto e se embriagou com os sentimentos de saudade que já lhe batiam no peito. Deitou-se na cama e se deixou levar pelos sentimentos do passado, os amigos que deixaria, os seus pais, sua irmã, o bairro em que cresceu e se divertiu... Colocou no velho computador o CD que mais gostava e selecionou as músicas como se fosse a última vez que escutava.

“Morte em vida! Escolhi um caminho que vou passar dessa para melhor!” riu de si mesmo. Por alguns instantes pensou se todo aquele risco valeria a pena, se não era mais fácil dar para trás e ficar no conforto da casa e da sua vida, sentiu-se tentado a ligar para a organização e tentar

desfazer tudo. Entretanto, logo desistiu ao se lembrar daquela menina de olhos verdes e grandes, rosto redondo e de temperamento doce que poderia estar sofrendo nas mãos de um complô do qual não queria fazer parte. Rapidamente ele preparou uma pequena mochila com tudo de básico que poderia imaginar em levar; logo de cara meteu nela a toalha — quem sabe ela não daria sorte? — e tomou em mãos um simples, mas excelente relógio de ponteiros que seu pai nunca havia usado. O relógio havia sido presente do Governador pelos serviços prestados durante a grande enchente, mas o Senhor George não se separava do velho relógio que pertenceu ao seu pai. O relógio era de uma marca famosa e, segundo lhe foi informado, a bateria duraria cerca de vinte anos. Também colocou na mochila o caderno de desenhos que Izolda havia deixado para trás e, olhando para o dedo, viu o anel feito do tufo de cabelos da menina.

— Meu Deus... estou com medo! — disse Izac para si mesmo, engolindo em seco. — Estou realmente com medo!

Izac olhou para o lado e viu sua velha guitarra. Ele tomou-a na mão e começou a dedilhar uma música lenta e melancólica. Nem percebeu quanto tempo passou até que seus pais e sua irmã chegaram. O professor e Dona Tainá entraram no quarto de Izac, que parou de tocar assim que os viu.

— E aí, filho? — O pai o olhou com olhar inquisitivo e ele logo percebeu que algo estava errado. — Sua mãe e eu recebemos um telefonema de congratulações, você foi escolhido para participar de um projeto na África Central de ajuda humanitária.

— As organizações romenas são as melhores! — riu Izac.

— Dá para contar o que está havendo? — perguntou a mãe, não tão paciente quanto o pai.

Izac ergueu a cabeça e seus olhos estavam marejados. Ele se levantou e com um único abraço envolveu seus pais.

— Eu... eu estou de partida! — balbuciou o jovem, segurando as lágrimas para tentar mostrar firmeza. — Me desculpem, pai, mãe! Mas não vejo outro jeito de trazer a Izolda de volta!

— E por isso perdeu a cabeça? — esbravejou o pai. — Você tem ideia no que você está se metendo? Olha a sua idade, menino!

— Isso mesmo! — concordou a mãe. — Que pai no mundo vai concordar de você se meter em uma confusão dessas? Acha que a gente criou você para quê, meu filho? Quer sair por aí, dando de cabeça no mundo? Olha, se o que aconteceu for o que parece, você corre o risco de morrer! Nunca vamos deixar você jogar sua vida fora!

Izac ficou quieto por uns instantes, deixou a adrenalina baixar, e, por fim, disse:

— A solução para vocês então é deixar a Izolda morrer para eu viver?

O pai virou-se de costas e coçou o queixo, a mãe continuou reclamando:

— Olha, meu filho, você nem sabe se ela está morta ou não. Ela pode estar bem, mas se

você for lá, aí sim, você pode colocar tudo a perder!

— Mãe! — bradou Izac. — Você acabou de dizer: ninguém sabe se ela está bem ou não, eu só quero saber isso! Só isso!

— Você não vai e ponto final! — gritou a mãe. — Não criei um filho para ele sair por aí dando uma de herói e recebendo um tiro na cara!

— E se eu fosse policial, iria me proibir de trabalhar também? — retrucou Izac.

— Você é um menino! — berrou a mãe.

— Responde, então, o que é ser adulto? É conhecer uma pessoa, aprender a amar ela e depois a deixar correndo risco de morte?

— Você está certo, filho — disse o pai, em tom ameno.

— Como assim, “está certo”? — esbravejou a mãe. — Ah, não, George! Você não vai deixar o nosso filho fazer uma viagem maluca dessas!

— Amor.... — respondeu ele, suspirando. — Nosso filho tem razão! Eu o eduquei assim, foi assim que aprendi com meu pai. Meu pai me colocou em um emprego aos quinze anos para distribuir jornais, ele sempre dizia que um homem está pronto quando é capaz de assumir responsabilidades. — Senhor George tocou o ombro do filho e olhou para os olhos do rapaz. — Você acha que consegue, Izac?

— Eu sou o único que é capaz de tentar, meu pai.

— Ah! Meu filho! — chorou a mãe.

Neste momento, Ísis entrou no quarto, viu todos abraçados e se assustou:

— O que está acontecendo?

— Seu irmão está indo para o estrangeiro! — respondeu o pai, tentando disfarçar a tensão. — Ele foi selecionado para um trabalho muito importante na África Central. — Ele tirou o e-mail do bolso e mostrou para a filha. — Você tem que ter muito orgulho dele, minha filha.

A mãe ficou assustada com a atitude do pai; para ela deveria ser contada toda a verdade também para a menina, mas, ao olhar para os olhos de Izac, ela percebeu que George fez isso para preservar a garota. Ela enxugou as lágrimas e acariciou os cabelos do filho, sorrindo. Ela chegou ao ouvido de Izac e sussurrou:

— Como mãe, queria que você jamais se envolvesse com essas coisas, mas no meu coração Izolda também é minha filha. Por isso... se você acha que dá conta, então não me resta alternativa a não ser rezar por você e pedir que volte logo para casa. Você tem minha bênção, filho, traga a minha menina de volta!

Izac abraçou a mãe com toda a força e disse entre soluços:

— Obrigado, mãe!

Ísis, sem saber de tudo, foi logo abraçando o irmão com força.

— Tá indo hoje embora, irmãozinho?

— Sim, eu estou!

— Volta logo!

— Pode ter certeza que vou voltar correndo assim que puder!

A mãe olhou para o pai e em seguida foi tirando Ísis do quarto, dizendo:

— Venha, filha, vamos preparar um jantar bem gostoso para o seu irmão que está indo viajar de última hora!

— Puxa vida! Tudo tão de repente, não é?

O pai sentou-se ao lado do filho e olhou para a guitarra.

— E aí, filho, não vai tocar para o seu velho?

Izac sorriu e começou a dedilhar aquela melodia suave e melancólica. O velho balançou a cabeça.

— Não. Eu perguntei se você ia tocar para mim!

— Mas eu estou tocando! — reclamou Izac.

— Eu falei você! — sorriu o velho.

Izac o olhou com assombro, sem entender. Por alguns instantes ele olhou para sua guitarra e em seguida para o pai, sem saber como proceder.

— Sabe, filho, a beleza de um artista está no coração. Ele não está preso a uma convenção. Sua voz quando canta, sua poesia quando escreve, ou seu desenho quando pinta é belo exatamente por ele colocar o seu coração naquilo que está fazendo, por ele ser autêntico, por ser ele mesmo. Há quase dois anos você amava esta guitarra, eu me incomodava com o seu som na época, mas aquele era o som do seu coração. Era um som de uma época em que você se sentia livre, não é verdade?

— Eu era muito arrogante naquela época, pai — disse Izac, com pesar. — Eu me achava muito, era violento, cheio de ironias... Paguei um preço muito alto por aquilo.

— Eu sei, você sentiu muito depois que quebrou a perna daquele menino naquela briga, não foi? Ainda tem pesadelos por causa do gato?

Izac arregalou os olhos. Ele contou aquilo para o velho apenas uma vez há muito tempo e não pensava que ele ainda se lembrava.

— Sim, eu tenho!

— Escute, filho, a diferença do adulto e de uma criança é a consciência de saber quando parar. Depois desta pancada que a vida lhe deu, você agora sabe bem disso. Se olhar por este lado, você amadureceu, não? — Izac olhou para o pai e sorriu.

O velho continuou:

— O bom artista sabe que um traço a mais estraga o desenho, um verso a mais perde o sentido, mas principalmente sabe que, se não colocar o coração naquilo que está fazendo, então sua música não é verdadeira e não será inesquecível.

Izac sorriu como se estivesse revigorado e tivesse tirado um grande peso das costas, então ele tomou a guitarra nas mãos e tocou. Tocou a balada mais forte que vinha em seu coração, só que desta vez não era um som apenas furioso e cheio de variações sem sentido, mas um som vigoroso e forte como o de um artista que desejava que aquele fosse um som para jamais ser esquecido. E, assim como o pai havia ensinado, no momento em que sentiu que não havia nada mais de especial a ser tocado, parou.

Ele suspirou aliviado e olhou para o pai, que balançou a cabeça de forma positiva e para a porta onde, sem perceber, estava sendo assistido por sua mãe e sua irmã, que foi logo gritando como uma tiete:

— Mano, você toca demais! Juro que nunca havia visto alguém tocar guitarra como você!

— Este é meu presente para vocês — riu Izac.

— Vamos jantar? — convidou a mãe.

Izac olhou para o pai, que colocou a mão no ombro do filho e disse:

— Conseguiu compreender o sentido da música?

— Acho que sim.

— Eu não tenho mais nada o que ensinar a você. Queria te acompanhar um pouco mais, mas muitas vezes o nosso tempo é definido pela vida e não por nós mesmo! Conselhos? Vou lhe dar apenas um: você não tem obrigação nenhuma de vencer na vida porque você não é o dono dos resultados do que vai enfrentar, mas você tem a obrigação, como homem, de lutar com dignidade e com o máximo de força que puder. Se fizer isso, jamais sairá envergonhado de uma batalha contra qualquer inimigo ou problema, seja ele qual for.

— Meu pai, meu mestre! — riu Izac, abraçando o pai com carinho.

— Venha, vamos jantar, sua mãe vai ficar brava com a gente!

O jantar passou rápido, cheio de perguntas e respostas vazias por parte da mãe e da irmã, que estavam cheias de preocupações com Izac, que se esforçava em dizer que estava tudo bem e que iria dar tudo certo. Às oito em ponto a campainha tocou. Eram dois agentes da organização.

— Boa noite! — sorriu um homem amarelo de cabelos vermelhos que falava com um sotaque carregado. — É aqui que mora o jovem Izac Valgas?

— Sim — atendeu o pai. — Ele já está chegando, por favor, entrem!

— Desculpe, senhor, mas temos pressa.

Izac surgiu na sala com a mochila, mas foi logo parado pela mãe, que lhe deu um último abraço.

— Filho! — chamou a mãe, que lhe entregou um crucifixo de prata. — Lembre-se que sempre estarei orando por você!

Izac mais uma vez abraçou cada membro da família e saiu pela porta da frente acompanhado pelos dois homens.

— Escute, eu terei notícias de meu filho?

— Claro! — sorriu o estrangeiro amarelo. — Nossa companhia é uma organização séria e que preza muito pela família. Ele escreverá a vocês pelo menos uma vez por mês.

O velho abraçou uma última vez o filho e sussurrou um último conselho:

— Filho, pelo que vejo você vai ter que passar algum tempo com eles, mas não confie demais. Mantenha o foco para que possa voltar logo pra casa.

— Pode deixar, eu entendi!

Ele abraçou o velho com toda a força e partiu.

Acompanhado pelos dois homens, Izac entrou em um ônibus de viagem muito luxuoso e seguiram pela avenida principal da cidade. Aos poucos outras pessoas também eram recolhidas no ônibus e, até a saída para a rodovia, o transporte já estava quase lotado. O último passageiro a ser pego não era outro senão o Senhor Misumo.

— Senhor Misumo! — sorriu Izac. — Que bom ver um rosto conhecido.

O homem o olhou com olhar grave e pouco amistoso, mas depois sorriu amarelo.

— Ora, se não é o coelho, o pequeno e esperto Izac Valgas!

— Vamos seguir a estrada dos tijolos amarelos ou vamos entrar em um buraco? — perguntou o garoto, com olhar matreiro.

— Você é diferente, pequeno Senhor Izac, muito diferente! Vai gostar dessa estrada de tijolos amarelos.

CAPÍTULO 10

O PASSAGEIRO DO FUTURO

O ônibus tomou a rodovia com grande velocidade e seguiu em direção ao interior do estado. Era por volta de dez da noite quando, durante a subida em uma serra, o ônibus tomou uma pequena estrada vicinal e seguiu velozmente pelas curvas sinuosas. Izac não conseguia ver nada pois estava muito escuro, mas sentia que o ônibus estava sempre subindo.

Repentinamente o ônibus entrou em uma espécie de galpão iluminado. Era possível ver das janelas algo semelhante a uma usina de aço, porém tudo era limpo. O lugar era cheio de andaimes e cabos de grande espessura, dando a impressão de que necessitava de muita energia elétrica. Izac não conseguiu identificar o que ao certo era feito ou fabricado ali. O ônibus parou e todos desceram. Izac olhou a volta e disparou:

— Me deixa adivinhar, aqui é a casa que caiu em cima da Bruxa Malvada do Leste!

Misumo gargalhou:

— Você é uma figura, rapaz! Só que na verdade ainda estamos no Kansas. Venha, a estrada de tijolos amarelos está logo à frente!

— Onde estamos?

— Na entrada da toca do Coelho Branco, se preferir dizer — riu Misumo.

A comitiva avançou até chegar a uma estranha construção de aço que Izac nunca tinha visto antes. Ele olhou a construção e viu que na verdade ela não tinha arestas, era completamente circular.

— A pílula vermelha?

— Exato. Rápida dedução! Entretanto, neste caso, já não existem mais pílulas azuis — sorriu Misumo.

— Eu já esperava por isso.

O homem fez sinal para que todos entrassem na construção de aço, onde havia poltronas para cerca de cinquenta pessoas. Todos os que estavam no ônibus se acomodaram e começaram a surgir muitas outras pessoas que iam ocupando os locais vagos até não sobrar poltrona vazia.

Um grande telão surgiu e nele apareceu um homem amarelo com porte atlético, usando uma espécie de armadura cor de vinho e um elmo metálico. Izac sussurrou:

— Então estes são os Ocres?

A voz do homem amarelo ribombou:

— Saudações, sou o Comodoro Beyhigh da frota vinte e três da Galáxia Ono, chamada por vocês, do planeta Terra, de Via Láctea. Sou o responsável por este setor do Universo. Eu devo

dizer que vocês estão aqui porque foram os escolhidos. Sintam-se orgulhosos porque os testes que faremos com vocês influenciarão no futuro de todo o mundo que vocês conhecem.

Naquele instante surgiu dos bancos uma pequena cápsula metálica. Izac olhou à volta e reparou que apenas ele não sabia bem o que era.

— Coloquem os receptores de tradução nos ouvidos. A partir deste instante todos só conversarão no idioma de Supéria. Eu aconselho a todos a aprenderem logo a nova língua; ela não é difícil, mas necessita de atenção a princípio.

Izac colocou a cápsula no ouvido direito e pôde escutar de forma clara o idioma dos inimigos de Izolda.

— Sejam bem-vindos ao Universo Superior!

A voz do Comodoro soava como uma espada rasgando a garganta, bem diferente da sonoridade do idioma que aprendeu com Izolda. Izac logo entendeu a situação: com o aparelho ele podia entender o que eles queriam dizer, mas não sabia como falar. Realmente iria precisar se adaptar rápido se quisesse ter sucesso em sua busca.

Repentinamente o solo começou a tremer e ele sentiu como se estivesse subindo verticalmente. O telão ficou negro, mas em seguida começou a mostrar o interior da montanha onde estavam. Ele não sabia definir como nem quando, mas aparentemente a nau saiu da montanha e os passageiros passaram a ver a noite e o escuro do solo do planeta. A nau continuou subindo, passando pela estratosfera e, por fim, todos ali viram o planeta Terra de uma forma que poucos foram privilegiados o suficiente para enxergar. Para o jovem, a Terra parecia uma grande joia azulada e brilhante.

“Até breve, minha casa!” pensou Izac ao ver seu planeta natal se tornar uma pequena esfera do tamanho de uma lua cheia.

Mal terminou de pensar e o interior daquela nave circular começou a se iluminar com uma grande luz branca. No painel principal o jovem pôde ver que a nave em que se encontravam estava entrando em algo muito maior. Era a nave-mãe. A pequena nave para pouco mais de meia centena de pessoas nada mais era que uma cápsula de transporte, uma nave auxiliar.

Ao acoplarem-se na nave-mãe, Izac sentiu um solavanco e, em seguida, viu o teto da pequena nave auxiliar se abrir. Para sua surpresa, havia oito naves auxiliares acopladas à nave principal ali. No total eram quatrocentos seres humanos como ele, que haviam sido selecionados de diversas partes do globo terrestre para o empreendimento intergaláctico. Ele pôde identificar pessoas de origem latina, como francos, espanhóis e italianos, pessoas de origem africana, asiáticos, mouros, judeus e pessoas de origem anglo-saxã.

— Atenção todos os passageiros, apertem o cinto de segurança, estaremos entrando na velocidade da luz em dois nanociclons — disse uma voz que parecia ser do piloto da nau espacial.

— Como é? — disse Izac, assustado. — Que tranqueira é essa?

— Um nanocícloon corresponde a cerca de um minuto e meio terrestre. Vamos voar na velocidade da luz em três minutos — respondeu um homem barbudo e gordo, com voz irritada, demonstrando que não entendia como alguém como Izac poderia estar ali.

— Muito prazer, meu nome é Izac Valgas! — disse o jovem, estendendo a mão de forma cortês.

— Isso não me importa nem um pouco — respondeu o gordo, babando e cuspidando enquanto conversava.

Izac colocou o cinto de segurança que mais parecia uma rede de faixas e ficou quieto a partir dali.

Logo se iniciou a contagem regressiva em nanociclons e, quando a contagem zerou, Izac e os outros sentiram como se estivessem no cockpit de um carro de corridas a mais de trezentos quilômetros por hora. A pressão, mesmo dentro da nau, era assombrosa. A cabeça dos tripulantes colou nas cadeiras de tal forma que era difícil até virá-la para a esquerda ou direita. Apesar da viagem ter demorado apenas alguns minutos, a impressão para quem passou pela experiência era de que estavam ali por quase uma hora. Quando a nau espacial reduziu a velocidade, eles estavam próximos a Saturno.

— Atenção, tripulação! Vamos iniciar os procedimentos para atravessarmos a ponte espacial em direção a Galáxia Arcrux, conhecida pelos terrestres como Objeto de Hoag. Podem ficar à vontade por um kahecícloon.

Izac se desvencilhou do cinto de segurança e foi logo explorar a nau. Ele olhou à volta e reparou que não haviam extraterrestres ali, apenas terrestres. Ele caminhou até o canto e viu um homem uniformizado que ele logo imaginou ser um comissário de bordo. Era um oriental de cabelo curto e expressão simpática.

— Boa noite! — disse ele.

— Esqueça a noção de dia e de noite aqui, meu rapaz, estamos no espaço — riu o homem.

— Parece que finalmente encontrei alguém capaz de me ensinar alguma coisa aqui. Muito prazer, meu nome é Izac Valgas.

— Sou Tatsumi Watanabe.

— O senhor é o comissário de bordo?

— Pode-se dizer que sim — riu Tatsumi.

— Pensei que o Senhor Misumo estaria aqui.

— O Senhor Misumo trabalha como uma espécie de embaixador no planeta Terra, certamente ele não viria conosco sem ser necessário.

— Ele é um extraterrestre? — perguntou Izac, curioso. — De que planeta ele é?

— Alberan.

— Fica muito longe?

— Fica, sim, no Setor Io, Sistema Grendel.

— Não entendi porra nenhuma! — reclamou Izac.

Tasumi riu.

— Como é nosso hóspede, eu vou explicar. O Setor Io, o Setor Arcrux e o Setor Ono fazem parte do Universo Superior, a maior rede de planetas e galáxias do Universo. Ao todo, no momento são 15 planetas oficiais com atmosfera semelhante à da Terra, além de outros cinco, incluindo a Terra, em diferentes fases de negociação para fazer parte da Área de Livre Comércio do Universo Superior.

— E como está a Terra nas negociações?

— Mal. — Balançou a cabeça Tasumi, com pesar. — Existe esperança para o planeta Terra, mas da forma como as coisas andam ficará muito difícil. Os Superiores são investidores universais e, cá entre nós, devido ao grau avançado de degradação ambiental, acho difícil eles enxergarem a Terra diferente de uma fruta bonita, mas bichada.

— Que história de ciclons é essa?

— É bom você decorar, vai ouvir muito isso quando chegarmos em Artatran III. Um ciclón é cerca de quatro anos terrestres, um hectronciclón equivale a cerca de 2 meses, um bariciclón seriam 5 dias, um kaheciclón seriam quarenta minutos e um nanociclón corresponde a cerca de um minuto e meio.

Izac olhou para a tela e reparou um feixe de luz sendo disparado em direção ao vazio e perguntou:

— O que está havendo? O que são estes fachos de luz?

— Estamos em um procedimento que podemos comparar ao teletransporte de partículas. Você não pode ver porque nosso alvo é a ponte espacial e ela está a trezentos mil quilômetros daqui. O que vamos fazer é atingir a velocidade da luz no vácuo do espaço e assim atravessar a ponte. Ela criará um buraco de minhoca que nos enviará para a outra extremidade da ponte, que fica em outra galáxia.

— O tal Objeto de Hoag? Isso é impossível, a distância entre uma galáxia e outra é tão grande que a luz que vemos dela na Terra talvez nem exista mais!

— Correto! É por isso que os Superiores usam pontes espaciais para cruzar o Universo, é a única maneira de chegarmos a um lugar e o que conhecemos como tempo ser semelhante em outro. O que vai ver agora é o funcionamento prático de um buraco de minhoca. Através da ponte espacial, nós simplesmente apagaremos o tempo gasto na distância entre os dois pontos e chegaremos na outra galáxia. Muitas histórias de ficção falam sobre viagens no tempo; você é um privilegiado, Izac, vai ver o que é verdadeiramente uma viagem no tempo na prática.

O jovem arregalou os olhos e olhou para a matéria escura que formava o espaço enquanto

pequenos fachos de luz eram enviados e devolvidos em forma de pequenos relâmpagos silenciosos.

Izac olhava pela tela o procedimento de emissão de raios no vácuo e ficou ainda mais curioso. Ele voltou-se para Tatsumi e perguntou:

— Isso é surreal, não tem como! Deve haver uma explicação lógica para isso!

— Existe — respondeu o oriental. — Eu trabalho para os Superiores há quatro anos, quando cheguei também fiz as mesmas indagações. Para compreender como funciona a ponte espacial é necessário compreender como romper a velocidade da luz. É correto dizer que nenhum corpo é capaz de romper a velocidade da luz porque os corpos possuem massa e, de acordo com as leis da física, quanto maior a aceleração maior a massa de um corpo. Chegar ao limite da velocidade da luz significaria, para um corpo, ter peso infinito, resultando em uma explosão de pura energia.

— Foi isso que aprendi na escola.

— Sim, Izac. Mas não se esqueça de que estamos lidando com uma civilização muito mais avançada que a terrestre. Pelo que aprendi deles, os cientistas e engenheiros Superiores chegaram à conclusão que uma nave, para chegar à velocidade da luz, deveria se comportar como a própria energia. A forma perfeita para se navegar em grandes velocidades pelo espaço é a forma de um fóton. E é exatamente assim que as naus dos Superiores se comportam, como fótons. A nave é formada por vários conjuntos circulares que, somados, criam as condições ideais para uma viagem cósmica em alta velocidade; os anéis internos girando em alta velocidade criam um campo repulsor de energia que evita que seus passageiros sejam instantaneamente mortos pela radiação, além de criar um campo gravitacional interno suportável que evita que os tripulantes explodam com a viagem. Os discos externos de energia antimatéria criam o efeito fóton, gerando em torno da nau uma poderosa película de energia, transformando as toneladas de peso desta nave em massa negativa até chegar ao valor insignificante de um fóton. E, finalmente, os discos externos também têm a capacidade de, no giro, gerar mais e mais energia necessária para que a nau saia do estágio de inércia para a velocidade da luz, utilizando-se de um efeito de impulso que usa a própria energia para dobrar a força da energia já gerada.

— Impulso para dobrar a força... Seria algo como a dobra espacial?

— Não neste caso. O sistema de dobra só é interessante em viagens sem ponte espacial.

— Entendi. Mas isso não explica o lance do buraco de minhoca.

— Isso tudo é questão de lógica e tecnologia, se conhecer a história dos Superiores verá que eles são colonizadores universais há milhares de anos. Não é absurdo compreender que, após eles conseguirem uma maneira de atingir a velocidade da luz, tornou possível para eles encontrar uma maneira de tornar realidade a teoria da ponte espacial. Venha comigo, vou lhe mostrar pelo simulador.

Izac acompanhou Tatsumi até uma das paredes da nave. Tatsumi tocou o metal e uma janela virtual se abriu, surgindo ali várias pequenas telas. Tocando a tela no ar, ele selecionou uma opção onde uma nova tela virtual se abriu, mostrando uma galáxia em várias cores e, ao fundo, uma espécie de redemoinho negro que puxava pequenos pontos de luz que simulavam as estrelas.

— Os buracos negros nada mais são do que grandes ralos cósmicos que arrastam tudo ao seu redor para o seu interior. Ele é o resultado de uma estrela morta, normalmente estrelas de núcleo de nêutrons. Durante sua morte uma estrela não somente explode, mas também implode em uma reação de fusão que simplesmente deixa um buraco no espaço-tempo. Existem dois tipos de buracos negros relativamente comuns, o que funciona como uma vala espacial, onde tudo o que entra nele despenca, é esvaquiado e expelido como um gigantesco gêiser. E outro, que nos interessa mais, que é este aqui!

Com um toque, a tela virtual fez um zoom e Izac viu em detalhes a simulação de uma estrela sendo atraída pelo campo gravitacional mortal e girando até ser engolida pelo buraco negro.

— Este não é um buraco qualquer, é uma espécie de redemoinho que, como nos rios, chupa tudo o que tem ao redor e engole. Os terrestres não têm tecnologia e nem ideia de onde estes ralos cósmicos vão dar, mas os Superiores, que já navegavam pelo espaço antes dos humanos deixarem as cavernas, sabem o que acontece. A pressão no interior de um buraco negro é absurda e capaz de destruir sistemas solares inteiros, mas há uma coisa que o buraco negro com toda a sua força não é capaz de dividir: partículas de fótons.

Em um novo toque apareceu uma nau dos Superiores e, ao fundo, um buraco negro.

— Há centenas de anos terrestres, os Superiores já faziam experiências com buracos negros. Com estas experiências, os cientistas deles descobriram que, como em um rio, aquilo que é chupado e destruído precisa ser expelido e devolvido em algum lugar. Esta espécie de buraco negro fazia com que partículas fossem transportadas para até mesmo o ponto oposto de uma galáxia. Os buracos negros deram a chave para a compreensão de como funciona na prática o teletransporte através de um buraco de minhoca. Através deste princípio foi possível criar as pontes espaciais, pois uma nave simulando o efeito fóton pode atravessar sem problemas uma ponte que simula o efeito de um buraco no espaço-tempo e enviar o transporte com segurança para a outra extremidade da ponte, da mesma forma como a água que desce de uma caixa d'água e sai por uma mangueira.

— Entendi a analogia, mas uma mangueira, ou tubulação de água, precisa ser construída.

— Por incrível que pareça, essa é a parte mais fácil. As teorias com os buracos negros provaram que a partícula de fóton enviada poderia voltar a surgir em qualquer lugar, é como a teoria do chamado buraco de minhoca, onde o plano do espaço-tempo pode ser dobrado sobre ele

mesmo, cobrindo distâncias inimagináveis em instantes. Portanto, bastaria apontar o deslocamento dela para um ponto de atração em qualquer lugar que lá ela reapareceria.

— Isso é impressionante! — disse Izac, maravilhado.

Naquele instante o comandante da nave avisou:

— Por favor, senhores passageiros, dirijam-se aos seus lugares. Em dois nanociclons estaremos atravessando a ponte espacial.

Izac agradeceu a Tatsumi pela palestra e ele advertiu:

— Tente aprender o mais rápido possível o idioma dos Superiores, do outro lado da ponte as pessoas não são tão comunicativas.

— E quanto a você, não vai ficar por lá?

Tatsumi sorriu, mas seus olhos não escondiam a tristeza:

— Não, meu jovem. Meu grau na hierarquia não permite.

Izac achou aquelas palavras estranhas, mas ainda assim sentou-se novamente ao lado do homem barbudo, gordo e mal-humorado e aguardou o início da contagem regressiva. Quando a contagem zerou a nave sofreu um grande solavanco. Para Izac foi uma visão impressionante, durou menos de cinco segundos. A nave avançou em direção a uma espécie de espelho de luz que estava no espaço e, ao atravessar o véu, por alguns instantes a nave chacoalhou em todas as direções como se estivessem dentro de uma máquina de lavar. Tudo era muito escuro e cheio de relâmpagos de várias cores. Repentinamente surgiu outra vez um véu de luz e tudo se acalmou. A nave estava novamente no espaço calmo e vazio.

— Senhores passageiros, bem-vindos ao setor Arcrux. Podem relaxar novamente, dentro de dez nanociclons seguiremos viagem para o planeta Artatran III.

Izac olhou para o lado e arriscou novamente conversar com o homem gordo e mal-humorado:

— O que está havendo?

— Eles estão apresentando o relatório de viagem e pedindo autorização para seguir. Nem vale a pena levantar daqui.

— Obrigado pela informação — agradeceu o jovem, tentando ser cortês.

— Disponha — respondeu o gordo, puxando uma espécie de plug no assento e colocando no outro ouvido.

Izac viu a cena e copiou a ação do homem. Ao colocar o plug no ouvido reparou que se tratava de uma melodia musical com uma voz metálica nunca ouvida antes. Ele sorriu. Era a primeira vez que ouvia uma música alienígena. Ele se distraiu tanto que, quando percebeu, já estavam na contagem regressiva para o início da parte final da viagem.

O garoto se apressou em colocar os cintos de segurança e, quando a contagem zerou, uma nova e frenética corrida na velocidade da luz se iniciou. Os passageiros novamente foram

pregados em suas cadeiras durante aproximadamente sete minutos. Quando a nau parou, todos estavam esgotados. Izac massageou o próprio pescoço e, quando olhou pelo telão, viu a cena mais impressionante que já havia visto em toda a sua vida.

Artatran III era na verdade uma lua pouco menor que o planeta Terra, tinha uma cor que mesclava o branco e azul-acinzentado, indicando que era uma lua rochosa e que possuía uma atmosfera capaz de abrigar gelo e água. Ver de perto outro planeta já deveria emocionar qualquer pessoa, mas não foi aquilo que fez com que todos da nau se levantassem e olhassem para a tela embasbacados. Tratava-se do planeta gigante ao redor do qual a lua orbitava. Era algo surreal.

— O que é isso? — perguntou o homem gordo, demonstrando pela primeira vez que não sabia de tudo.

O planeta parecia ser um gigante gasoso como Júpiter e Saturno, entretanto o que se via era uma enorme bolha parecida com vidro que tinha as cores branco-brilhante de um lado e algo semelhante a vidro colorido fumê de outro, ocupando cerca de trinta e sete por cento da superfície do planeta. Este planeta de cristal também possuía gigantescos anéis dourados e várias luas. O mais incrível é que dentro desta bolha havia um planeta azul pouco menor que Netuno. O que estavam vendo era uma cena impossível, um planeta dentro de outro.

— Isso não deveria existir! — sentenciou o homem gordo, embasbacado com a visão. — É fisicamente impossível! Um planeta envolvido por outro!

— Parece aquelas lembrancinhas que se compra em cidades do interior — sorriu um desconhecido. — Aquelas fazendinhas que ficam dentro de bolhas de vidro!

— Isso é muito mais fantástico que uma lembrancinha! — disse um outro. — É a visão mais linda que eu já vi no Universo!

A nau espacial, aos poucos, foi se aproximando da lua. Os tripulantes puderam começar a ver as primeiras imagens do novo mundo: muitas luzes avermelhadas e construções de aço e ferro-fundido. Parecia uma gigantesca siderúrgica cheia de chaminés e construções pontiagudas nas cores cinza-chumbo e marrom-avermelhado. Ao ver o lugar Izac ficou decepcionado, a imagem que criou durante a viagem era de um lugar futurista e esbanjando novidades arquitetônicas. E então a nau finalmente pousou.

Os terrestres saíram da nave e foram colocados em grupos de doze e perfilados como em uma coluna militar e um homem vestindo roupas semelhantes às de Tatsumi se aproximou, trazendo pequenas caixas do tamanho de um telefone celular.

— Quantos aqui não sabem absolutamente nada do idioma de Supéria?

Izac levantou a mão e foi entregue a ele uma das caixas.

— Aprenda logo, porque isso aqui é temporário! Escreva o que deseja falar e a caixa irá traduzir e dizer o que você quer comunicar.

Após entregar caixas a todos os que pediram, o homem se retirou. No lugar dele surgiu um

gigante com cerca de dois metros e meio de altura. Ele tinha a pele amarelo-âmbar e cabelos dourados, além de usar um uniforme com abotoaduras brilhantes. Seus olhos tinham pupilas pequenas e vermelhas que brilhavam como rubis. Suas feições eram anguladas como se fossem talhadas em mármore, dando ao seu rosto uma combinação perfeita, mas não natural para os padrões humanos. Na cabeça havia uma tiara vermelha com cristais. Ele andava de forma imponente, demonstrando que era uma autoridade ali. Atrás deles havia dois pares de soldados magros e altos. Seus dedos eram finos e longos e não era possível ver os rostos pois estavam cobertos por uma máscara.

— Meu Deus, eu estou em choque! Eu vou ter um ataque! — gritou, emocionado, o homem gordo, barbudo e mal-humorado, não conseguindo disfarçar a alegria. — É um Superior! Estou vendo um Superior pela primeira vez!

E o gordo, arranhando a garganta, falou no idioma dos donos do lugar:

— Este humilde ser da Terra saúda a grandiosidade dos Superiores do cosmos! — E, como uma fã embasbacada de um cantor juvenil, ele tomou a mão do alienígena e a beijou.

O gigante parou, olhou o homem gordo de cima abaixo com nojo e desdém, voltou-se para um dos soldados e disse:

— Leve este para o Edifício de Karus.

Um dos guardas chegou perto do gordo e este, sorridente, saiu seguindo a criatura sem a menor preocupação sobre o que poderia acontecer enquanto o gigante, enojado, limpava a mão com um lenço.

O Superior foi até o fim das fileiras de terrestres perfilados, deu meia volta, e voltou distribuindo os grupos.

— Estes, Edifício Jaks. Estes, Edifício Owl. Estes, Edifício Pawn. — E continuou até que chegou à fileira onde Izac estava. — E estes, Edifício Meoh.

Então, o gigante seguiu o seu caminho sem olhar para trás.

— Quem é aquele? — perguntou um dos novatos.

— Ele é o Intendente-mor, Baal Reavylord. Ele é um dos oficiais militares deste lugar. Ele se reporta apenas ao Comandante Straxus Reder — respondeu o piloto da nave, se retirando em seguida.

Izac não entendeu nada. Ele tentou argumentar com os guardas que ficaram e entender o que estava acontecendo, mas nenhum deles estava interessado em tentar conversar com ele em idioma terrestre. Temendo fazer alguma coisa idiota, o jovem seguiu o grupo até a saída da base. A pé, seguiram por uma estrada de calçamento escuro semelhante a pedras. Eles adentraram pela porta da frente de um edifício de aço e foram recebidos no saguão por um alienígena de olhos vermelhos, pele alaranjada e cabelos espetados, que disse no idioma de Supéria:

— Vocês vão entender na prática como funciona a Área Livre de Comércio Universal.

Começarão no degrau mais baixo da hierarquia, e, aos poucos, conforme atribuirmos pontos, vocês poderão subir um nível. Venham, é hora de conhecerem a história de glória dos Superiores.

O grupo de terrestres foi levado para uma sala apertada e comum, bem diferente da nau espacial confortável e moderna que os trouxe para Artatran III. Um projetor em 3D de aparência antiga iniciou a videoconferência.

“Como reconhecer o sucesso?” dizia a voz no idioma de Supéria no projetor. “O sucesso pode ser reconhecido apenas olhando para o Superior! Os Superiores não são uma raça, são a essência do poder! O poder criado através da ciência e da manipulação genética que forjou seres perfeitos. Os Superiores são as únicas criaturas no Universo que podem habitar qualquer planeta, suportar qualquer gravidade, viver como imortais e comandar o destino de todos. Ser Superior é ser o sucesso, ser o líder, ser o centro. Não é para isso que todos vocês estão vieram até aqui? Não foi para chegar ao maior de todos os topos? Sim. Todos vocês desejam, almejam e querem ser Superior!”

No painel tridimensional, imagens de homens gigantes dourados e mulheres cor de âmbar eram mostrados. Eles eram capazes de voar pelos céus sem nenhum aparelho extra. Atravessavam a nado o magma de um vulcão. Explodiam rochas com apenas um toque das mãos. Eles vestiam armaduras militares na cor do ferro fundido e sorriam. Sempre estavam sorrindo nas imagens.

“Como ter o sucesso?” dizia a voz de Supéria. “O sucesso é medido pela quantidade de créditos que você tem. Quanto maior a sua riqueza em créditos, mais rápido você se tornará o Superior. Nossa caminhada rumo ao topo começa no degrau mais baixo da hierarquia, que é onde vocês começarão a trabalhar agora. Sigam todas as instruções do monitor; sigam estas instruções e assim cada um de vocês será Superior!”

A projeção acabou. Izac olhou para os lados e viu os outros terrestres animados com a palestra; em seus olhos eles se viam voando e fazendo coisas maravilhosas com corpos perfeitos reconstruídos através da tecnologia alienígena. Ele, porém, não se entusiasmou. Não era este o motivo dele estar ali. O monitor tomou a frente de todos e disse:

— Vocês têm direito a duas tulipas de polivitamínicos a cada seis kahecíclons. Vão ganhar doze créditos por kahecíclon, que será pago a cada quatro baricíclons. Quando o sino soar, poderão ir para suas casas, mas deverão estar de volta dez kahecíclons depois.

— O que está havendo? — perguntou um terrestre que conhecia o idioma de Supéria.

— Vão entender quando passarem por aquela porta.

O grupo de terrestres atravessou o lugar e se viu diante de um galpão que funcionava como uma espécie de armazém.

— Voltem daqui a dois kahecíclons para iniciarem o trabalho. Lá fora, na rua, encontrarão

no comércio negociantes para alugarem um lugar para pouso.

CAPÍTULO 11

CAINDO NO INFERNO

Izac saiu do edifício e começou a caminhar pelas ruas da cidade. Era um lugar estranho; as ruas com transportes longos e de linhas arrojadas ocupavam todo o espaço, as pessoas que caminhavam a pé eram obrigadas a descer para o subsolo e caminhar em túneis semelhantes à rede de esgotos, pois naquele mundo não existiam calçadas. A única diferença é que as estradas eram feitas de uma espécie de tela de aço. Ao se olhar para cima se via o fundo dos automóveis. O cheiro de gás emitido pelo cano de descarga era horrível, além do óleo quente que pingava do alto que caía dos motores.

Izac se sentiu mal, entendeu ali o que era estar no degrau mais baixo da hierarquia do lugar. Sua irritação foi ainda maior quando chegou a um grande arranha-céus e foi barrado na porta.

— Você não pode entrar — disse o guarda em idioma de Supéria. — Você é de classe inferior, seu grau na hierarquia não permite.

— Quando eu ficar rico, eu vou entrar aí dentro! — disse um terrestre se retirando sorrindo, como se tivesse aceitado um desafio.

— Cambada de raça ruim! — protestou Izac em voz baixa. — Estou me sentindo um animal de rua, Izolda estava certa a respeito desses caras.

O grupo chegou a uma região velha e lá havia vários guichês. Logo o grupo de terrestres entendeu como as coisas ali funcionavam. Tudo era alugado e havia taxas a pagar a cada tempo em ciclons. Era taxa para água, para eletricidade, para o aluguel, para lixo, para esgoto... taxas que ele tinha que pagar que nem fazia ideia do que eram. Nada que fosse muito diferente da Terra. A única coisa que Izac se assustou e que poucos ali se importaram foi com as traiçoeiras datas de pagamentos das mesmas. Os juros eram altos para quem atrasava e chegavam à casa dos vinte por cento. Izac protestou usando o aparelho tradutor que recebeu:

— Mas isso é uma loucura, se nós recebemos a cada quatro bariciclons, por que a data de vencimento de vocês é a cada 3.75? Nem dá para calcular quando é que será a data disso!

— Conforme a legislação universal, você tem o direito de escolher entre três ciclons de tempo para facilitar o seu trabalho como cliente.

— E quais são os ciclons que vocês me oferecem?

— 3.75, 3.76 ou 3.77 bariciclons.

Izac espumou de raiva. As opções não ajudavam de nada. Acabou optando mesmo por 3.75 por ser mais fácil o cálculo.

Ele optou pelas opções mais baratas que ofereciam e, mesmo assim, pelos seus cálculos, não ganharia praticamente crédito algum. O que eles chamavam de apartamento tratava-se apenas de um cômodo de quatro metros quadrados com uma esteira de pedras arredondadas e direito a uma basculante como janela. O banheiro era coletivo e as torneiras eram a única fonte de uma água amarronzada e com gosto de lama.

A partir daquele dia o trabalho começou. Os terrestres eram usados como burros de carga na limpeza e no carregamento e descarregamento de cruzadores e naus espaciais dos Superiores, que levavam caixas e mais caixas de artigos manufaturados que vinham do planeta dos anéis e eram levados para outros cantos do Universo. Todos os que pertenciam àquele grau de hierarquia eram obrigados a limpar as latrinas e transportar todo o tipo de material corrosivo e tóxico sem a menor proteção. O tempo passou e nada desanimava os terrestres, que se achavam escolhidos até o momento em que receberam a primeira remuneração; daí perceberam que aquilo que achavam que era ouro, na verdade era uma simples bijuteria sem valor. Eles mal conseguiram pagar suas contas básicas e muitos ficaram devendo dinheiro, entrando logo de cara na armadilha dos juros altos.

O tempo continuou passando. Izac controlava o tempo com o relógio de ponteiros que pegou de seu pai. Na contagem terrestre, já haviam se passado três meses e nada mudava naquela situação. A única coisa que melhorava era o vocabulário de Izac na língua dos alienígenas. Ele já conseguia conversar um pouco. Com o passar do tempo, ele passou a não confiar no tradutor que recebeu e o devolveu. Durante a convivência ele percebeu que o tradutor censurava muita coisa que os alienígenas falavam a respeito dos terrestres. Os terrestres eram ofendidos o tempo todo, e muitas palavras eram de humilhação e deboche. Para os alienígenas, qualquer um que estivesse no grau mais baixo da hierarquia era lixo.

Não demorou muito até que os inadimplentes começaram a sofrer pressão física e moral pela falta de pagamento. Os devedores entraram em depressão, paravam de se alimentar e faltavam ao trabalho. Em um determinado momento, dois terrestres desapareceram. Preocupado com a ausência de colegas, Izac perguntou ao monitor se tinha notícias deles.

— Eles foram srauZZerg irkrins Edifício Karus.

— Eles foram levados ao Edifício Karus?

— Foi o que eu disse, terrestre xcrebrirs!

— Eu me lembro deste edifício, o que acontece lá? Um terrestre que conheci na nave foi para lá logo que chegamos!

— Xcrebrirs! — riu o alienígena. — Quando se vai a Karus, não se volta mais!

Durante todo o expediente, Izac trabalhou desolado. Muitos chegaram ali com a esperança de decolar na vida e acabaram tendo um fim lamentável. Mas nada se podia fazer no momento, ele ali era tão vítima quanto qualquer outro e, se não se virasse, poderia também acabar morto.

Aquela vida revelou-se um inferno; não havia noite naquele lugar, a lua não girava e a face onde estavam era sempre iluminada pelo sol e pelo reflexo do planeta de vidro com grandes anéis dourados. O que tinham para descansar era o intervalo entre o fim e o reinício do trabalho. Não havia espaço para qualquer alegria naquele lugar. O que Izac já sabia, aos poucos, todos os outros terrestres aprenderam da pior maneira: eles vieram ali para ficar ricos e se tornarem Superiores, mas não passavam de escravos remunerados de forma falsa. O próprio Izac, por mais que tentasse poupar, acabava sendo pego pelas armadilhas das datas das contas e suas multas.

— O que posso fazer quanto a essas contas? — perguntou Izac em idioma de Supéria em um dos guichês que atendiam os trabalhadores daquela classe.

— Pague sua conta antes que ela vença — disse o atendente de pele roxa e cabelos vermelhos.

— Mas como posso fazer isso se vocês sempre ficam com todo o meu dinheiro?

— Isso não é problema nosso! O sistema é justo, qualquer um que atrasar paga multa de vinte por cento!

No horário que, em teoria, deveria ser noite, Izac deitou-se em uma esteira de pedras porosas que ali era o que tinham como cama e ficou olhando para o firmamento, olhando o belo planeta de vidro e seus anéis. Ele colocou a mão na testa, demonstrando todo o desgaste daqueles dias e disse para si mesmo:

— O que estou fazendo? Vim aqui para encontrar a Izolda, mas não consigo sequer sair uma vírgula do lugar! Maldição, eu me tornei um refém deste sistema que eu não queria participar! Não está correndo nada do jeito que eu preciso!

Izac fechou os olhos e o calor abafado do lugar o sufocou. Ele tentava dormir, mas só conseguia virar de um lado para outro e suar. Em meio aos devaneios, ele começou a se lembrar de fragmentos de sua vida na Terra. Sua mãe servindo o almoço, sua irmã o provocando. Seu pai corrigindo exercícios e metido entre os livros. Livros... Ele se lembrou de seu pai que, certa vez, foi com ele em uma livraria.

— Ler, ler e ler. Ler é a coisa mais importante para o ser humano, meu filho — disse o Senhor George, entregando alguns livros ao rapaz.

— *Madame Bovary* de Flaubert, *Cem Anos de Solidão* de Gabriel García Márquez, *Capitão Fracasso* de Théophile Gautier... Pô, pai! Você só me arranjou coisa velha e grande! — reclamou Izac.

— Pediu para que eu te ajudasse na língua portuguesa, não é? Não vai conseguir melhorar sua escrita se não melhorar sua leitura. Além disso, literatura é conhecimento! Vai te fazer ficar mais esperto!

— Coisa esperta seria só ler o resumo disso... — continuou reclamando o jovem. — Eu não sei se vou ter tempo de ler isso tudo antes da prova! Acho que é melhor tentar decorar só as

regras igual todo mundo faz, que é mais fácil!

— Sêrio? Responde-me uma coisa, filho esperto, por que você estuda?

— Para poder ter um bom emprego e ganhar muito dinheiro, ora.

— Você não é de uma família rica e não vejo ninguém que votaria em você em uma eleição. Qual é a chance que você tem de ficar rico sem estudar de verdade?

— Pô, pai! Você, hein? Eu não acho que ler vai me dar atalho algum para chegar onde eu preciso!

— Você é quem sabe, filho! Mas, se você ler, poderá encontrar ensinamentos como o de Roberto Shinyashiki: “quem quer fazer alguma coisa encontra um meio, quem não quer fazer nada encontra uma desculpa.”

Naquele instante Izac abriu os olhos. Ele estava furioso:

— Cansei de ficar fazendo papel de palhaço!

Em lugar de descansar, Izac foi direto para a fábrica e começou a fazer horas extras enquanto aguentou. Descansava a metade do tempo que tinha direito, juntou todo o dinheiro que tinha e pagou adiantado todas as contas. Entretanto, para seu desespero, Izac fez os cálculos errados e acabou pagando a mais do que deveria. Novamente ele foi até o guichê reclamar com o alienígena de pele roxa e cabelos vermelhos.

— Eles precisam me devolver a diferença, isso vai ser feito na próxima fatura?

— Na teoria, sim, mas isso nunca acontece. Eles devolvem quando querem!

— Isso é um absurdo, ninguém faz nada? Cadê o sistema justo que você me falou? — esbravejou Izac.

— O sistema é justo! — retrucou o fiel alienígena — A lei diz que se deve devolver a diferença na fatura seguinte ou a empresa pagará juros diários de três e meio por cento ao dia sobre o valor da conta. É só você ir até o Edifício do Governo Galáctico, entregar os documentos que comprovam a sua causa e aguardar a intimação judicial.

— E por que ninguém faz?

— Perder um dia de trabalho por causa de uma merreca de três e meio por cento ao dia?

Em lugar de se irritar, Izac apenas balançou a cabeça de forma positiva e sorriu. Voltou para o trabalho com a intenção de manter a meta de continuar fazendo horas extras para pagar as contas antecipadamente, mas, para seu azar, o corpo humano não estava mais resistindo a uma jornada de trabalho tão desumana e, durante o descarregamento de uma nave, ele acabou sentindo tonturas.

— Hehehehe! — riu o monitor. — Você é determinado, moleque! Está determinado mesmo a sair desta situação de grau zero, não é?

— Senhor monitor, vou ter que fazer melhor que isso, mas o corpo precisa aguentar, não é?

— Pode me chamar de Ollok. Venho te observando há algum tempo, você é um moleque

interessante. Resolvi fazer uma pesquisa para saber o motivo de alguém que não tem a mesma motivação dos demais e acabei esbarrando com sua busca. Vai ser uma pena se alguém valente como você morrer tão cedo! Quero ver até onde você pode ir.

— Você sabe sobre a Izolda?

— Sei. A princesinha de Orbus Cariballion II... Você está vidrado nela, não é? Heheehh!
— debochou o monitor.

— Por favor, tem alguma informação sobre ela?

— Ela foi julgada um baricícilon antes de você chegar aqui. Antes ela estava presa, parece que este julgamento foi de última instância. É tudo o que sei.

— Será que ela foi levada para algum lugar?

— Você vai ter que descobrir sozinho. Meu grau de hierarquia não me permite saber mais, só vai conseguir respostas através de alguém de hierarquia mais alta.

Dizendo isso, o monitor lhe ofereceu um comprimido.

— Posso te vender baratinho. Vai te deixar ligado por um tempo duas vezes maior. Com boa disciplina você, com apenas dois kaheciclons de sono, vai estar completamente recuperado para trabalhar. Vai poder faturar uma boa grana, hehehehehehe!

Izac olhou para o monitor horrorizado, ele era um traficante de drogas. Ele tentou levantar, mas a tonteira o venceu e ele caiu no solo aos pés do contraventor.

— Idiota! Do que tem medo?

Izac colocou a mão na testa e fechou os olhos.

“O que posso fazer?” pensava ele. “Meu pai e minha mãe me matariam se soubessem que eu virei um viciado! Não foi isso que aprendi com minha religião e minha escola! Daqui a pouco posso estar roubando e matando também! Deus do céu! Não quero fazer isso!”

— Se você não se levantar e trabalhar, vai ser removido! Não se esqueça que sou o chefe aqui! Eu posso te mandar para o Edifício Karus ou mandar prendê-lo em um lugar onde ficará sem qualquer possibilidade de obter as respostas que busca!

Izac percebeu então que, muitas vezes, para se manter vivo é necessário perder o orgulho e descumprir algumas regras. É como um velho ditado alemão: “*Erst kommt das Fressen, dann die Moral.*” Ou “primeiro vem a comida, depois a moral”. Ele tomou o comprimido e o efeito foi devastador. Ele se sentia eufórico e todas as dores do corpo haviam sumido.

— Essa droga que me deu, ela vai me matar, não é?

— He, He! — riu o monitor. — Aprenda uma coisa, moleque. Aqui não tem ninguém idiota. Se cumprir todas as regras que te mandarem, não vai sair de onde está. O sistema é feito para te manter amarrado no nível mais baixo da hierarquia. Se você quer ter sucesso, vai ter que tomar caminhos diferentes, fazer escolhas diferentes, trabalhar quando todos os outros estiverem dormindo e estudar todas as brechas para pular para um degrau maior. Sim, eu estou te vendendo

uma droga que vai te destruir, e vou ganhar dinheiro em cima de você. Se for esperto, vai aprender agora, trabalhando mais, a ganhar dinheiro nas costas de outro otário. É assim que o sistema funciona. Quem está em cima fará de tudo para te enganar, te ludibriar e se manter em cima de você. Você só se torna Superior quando compreender uma verdade: o poder só existe com a finalidade de perpetuar o próprio poder.

Se o fato tivesse ocorrido no planeta Terra, vivendo uma vida comum, segura e tranquila, certamente Izac faria um discurso político contra o monitor e encerraria a conversa dizendo que a honestidade é a chave do sucesso, mas ali, diante daquela realidade selvagem em que estava inserido, ele sorriu e disse:

— Obrigado por esta lição.

— Eu realmente acertei, você é mesmo um moleque interessante! Heheheheheh!

Izac passou a trabalhar em dobro com o auxílio das drogas, só que, desta vez, pagava quase o dobro do valor da conta. Ele continuou a contar os dias em seu relógio de ponteiros até que inteirou três meses terrestres daquela data.

Naquele ciclo de tempo, no lugar de ir trabalhar, Izac reuniu todas as contas adiantadas que pagou nas últimas três vezes e levou para o Edifício do Governo Galáctico. Ele aguardou tranquilamente o tempo para ser atendido, até que foi recebido por um homem amarelo de cabelos azulados.

— Então, você veio fazer uma contestação de contas? — riu o homem ao olhar para o garoto de hierarquia inferior. — Qual é o seu nome?

— Sobrenome é Valgas. O nome é Izac.

— Valgas — disse com desdém. — Sou o Senhor Xyline para você.

— Prazer, então — respondeu Izac sem se alterar.

— Valgas. Você tem certeza que existe algo errado nas contas? Quero dizer, você sabe fazer contas?

— Sei fazer contas, sim. E vocês, Superiores, sabem cumprir leis? — rebateu o jovem.

— Por acaso está insinuando que o Governo Galáctico é tolerante com infratores? Sabe que este tipo de acusação pode levar você a prestar esclarecimentos diante da justiça?

— Eu sei, mas estas empresas aqui, não! — respondeu Izac, colocando na mesa os comprovantes das diferenças pagas das contas durante três meses. — Três e meio por cento ao dia após a data que deveriam me ressarcir, não é? Juros sobre juros, não é? Creio que a matemática do meu planeta deve funcionar nessas contas aí também! Acho que em três meses as empresas de aluguel, energia, água, gás, coleta de lixo, coleta de esgoto, serviço do cacete que tenho que pagar que são esses aqui que nem sei do que se trata... deve dar algum dinheiro que eles devem me devolver, não acha?

O atendente ficou mudo. Por alguns instantes ele pegou as anotações, inseriu no painel

digital todos os dados com os ciclos corretos em uma planilha e surgiu o resultado.

— Er.... — riu sem graça o atendente. — Parece que o senhor deve ganhar uma quantidade interessante de créditos. Ouso dizer que você, agora, não deve mais ser tratado como um ser de hierarquia mais baixa.

— Que bom! — riu Izac com ironia. — Agora que sou um pouco mais “Superior”, como posso administrar meus novos rendimentos?

— Eu aconselharia o Galáxia Econômico — sorriu o atendente. — Ele é o meu banco e tem boas opções para um investidor que está começando, como o senhor, Senhor Valgas.

Izac riu. Era impressionante como o tratamento naquele lugar mudava apenas quando se mostrava que tinha um pouco mais de dinheiro.

— Obrigado pelo conselho, Senhor Xylene.

O atendente desta vez sorriu.

Ao sair do edifício, o garoto praguejou:

— Malditos sanguessugas filhos de uma ratazana! Isso é só o começo! Vou berrar tão alto aqui que eles vão ter que começar a responder as minhas perguntas!

CAPÍTULO 12

VOMITANDO SANGUE

Um bariciclón depois, Izac recebeu um cartão branco que permitia sacar os créditos que havia conseguido. Ollok viu o momento em que o mensageiro do banco entregou o cartão ao jovem e começou a rir.

— Hahahah! Então o menino começou a crescer na vida, não é? Bom, muito bom! Acho que já entendeu como funcionam as coisas por aqui. Vou te colocar na minha jogada se quiser!

— Está querendo que eu seja um traficante de drogas?

— Na verdade o que estou fazendo é aumentando as apostas. O que você realmente aprendeu sobre os Superiores até aqui, moleque?

Izac pensou um pouco e respondeu com o semblante sombrio.

— Aprendi que são gananciosos ao extremo, são capazes de passar por cima de tudo para subirem na vida.

— Isso é verdade, mas há algo que você está esquecendo. O que temos aqui é um jogo de poder onde a meta é chegar ao topo da pirâmide e se manter por lá. Para crescer como um Superior você deve abandonar tudo o que aprendeu em sua vida. Sua moral não existe, seu estudo não existe, nem o seu corpo existe, compreende?

— Como assim, “nem o meu corpo existe”?

— Garoto, não percebeu ainda? Ande por esta cidade nos locais mais abastados, o que você vê?

Izac então entendeu o óbvio. Todas as pessoas das classes mais altas possuíam corpos amarelos; os homens eram altos e fortes e as mulheres, esguias e magras. Era um padrão de beleza. Isso só era obtido através de algum tipo de cirurgia corporal, já que as pessoas dos diversos planetas que estavam naquele lugar eram todas inicialmente diferentes.

— As pessoas... todas elas são modificadas!

— Exato! Por isso o mercado negro das drogas é punido pelos Superiores, não porque faz mal à saúde e mata o indivíduo que consome, mas porque as pessoas trabalham mais rápido e podem ascender socialmente mais depressa. Isso é ruim para quem comanda os negócios, pois manter-se no topo custa caro e por isso os empresários querem manter seus empregados como escravos bem debaixo dos seus pés. O Sistema Superior é justo, desde que você tenha dinheiro suficiente para pagar. Por isso eu vendo drogas, é o meu negócio, é minha forma de ascender socialmente.

— Entendi! — riu Izac. — Você me contou o que as drogas eram. Isso quer dizer que você

faz uso delas também; resumindo, aos poucos você também está se matando.

— É verdade — lamentou o monitor. — Eu preciso trocar de corpo em breve, por isso estou juntando dinheiro. Olhe!

Ollok tirou a camisa e mostrou várias chagas espalhadas pelo corpo. Sua carne estava podre e fedia nas áreas mais escuras.

— Quando me tornar um Superior de verdade este meu corpo atual será jogado fora e eu terei um melhor, em uma classe social mais elevada. Estou quase conseguindo, mas preciso de mais tempo. Preciso de um sócio confiável!

— Quantos por cento recebo por venda?

— Posso fazer por vinte por cento.

— Por este valor, eu não faço. Não sou um mentiroso e vou negociar usando a verdade. Vou ter menos clientes, mas os que me procurarem vão confiar no que ofereço.

— Vinte e cinco por cento, então. Não posso te oferecer muito mais do que isso porque tenho que pagar os meus fornecedores.

— Tudo bem. Até porque minha meta não é me tornar um Superior, meu negócio é fazer barulho e conseguir as respostas que eu busco.

— Não se engane, garoto. O seu corpo já está envenenado, é uma questão de tempo até ele começar a entrar em colapso. Você precisa pensar em ser operado e evoluir se quiser sobreviver.

— Então será a corrida mais louca que vou fazer até o meu fim! — riu Izac.

— Você é mesmo maluco, moleque! É mesmo um carinha interessante! Sabe, você não é um xcrebrirs, é um *orzon*!

Xcrebrirs: um tipo de verme semelhante a uma sanguessuga muito comum nas redes de esgoto dos Superiores, eram criaturas criadas pela tecnologia deles para comer todo o tipo de porcaria e assim reduzir o mau cheiro das latrinas. Era desta “coisa” que os de baixa hierarquia e novatos eram chamados pelos mais abastados que faziam parte do sistema dos Superiores, mas *orzon*...

— Eu, um orzon? Você é uma piada, monitor!

— Você é, sim, huhuhu! Por isso me divirto tanto com você!

Orzon: não existe uma tradução correta para esta palavra no idioma português, seria algo como “perda total”, mas não uma perda total qualquer; o orzon é o terror de todos os Superiores, pois funciona da seguinte maneira: o Superior é um investidor, ele aposta tudo em algo, faz todos os cálculos para aquilo dar lucro... mas algo imponderável acontece, o maldito orzon, algo que não foi esperado e simplesmente derruba tudo, levando o investidor à falência como uma praga de gafanhotos em uma plantação, ou um meteoro que cai do céu exatamente em cima do bem mais caro que você acabou de adquirir. Talvez a grande diferença de um orzon para a falência é que o falido, se tiver forças, consegue se reerguer, no orzon não. No Sistema Superior, a vítima

de um orzon retorna à estaca zero, humilhado e esquecido. Quem é vítima de um orzon morre apodrecendo nas ruas sozinho e desamparado. Não existe segunda chance para perdedores no mundo dos Superiores. Izac riu muito com aquela comparação, mas no fundo realmente gostou da ideia de ser um orzon para os Superiores.

Depois daquela conversa, Izac foi direto para o centro de negócios onde os guichês das companhias de luz, gás, esgoto funcionavam. Não demorou muito até que uma leva de alienígenas com aparelhos nas mãos semelhantes aos que os Superiores haviam lhe emprestado aparecessem. Era a nova ralé de imigrantes que acabava de chegar.

Izac, calmamente, aguardou e observou a negociação dos novatos nos guichês. Percebeu que alguns, mais espertos, compreenderam o golpe dado pelas empresas fornecedoras e demonstraram o mesmo desespero que ele para pagar as contas. Quando um alienígena destes saía, ele logo se aproximava dele.

— Golpe baixo destes caras, não é? — disse Izac.

— É, sim! — choramingou um extraterrestre azul e gordo como um ovo. — Não tem como! O pessoal não entende, mas vamos morrer aqui para pagar essas contas e nunca vamos subir de hierarquia!

— Se quiser, compro as tuas dívidas deste mês e você me devolve o valor quando receber, assim não vai se afogar nos juros e nem precisará se matar em horas extras.

— E isso vai me custar quanto? — perguntou o extraterrestre, desconfiado.

— Cinco por cento sobre o valor da sua conta na data do vencimento. É um bom negócio, não é? — sorriu Izac. — Não estou fazendo isso de graça, já estive na mesma situação que a sua e vou cobrar isso das companhias que fazem este abuso conosco. Avisa a todos os seus colegas que não querem se endividar que me procurem, que faço um trato com eles.

Não demorou até que Izac gastasse quase todos os seus créditos comprando as contas dos aspirantes a Superiores e investindo na antecipação. Ele deixou o tempo passar enquanto trabalhava normalmente como qualquer outro de hierarquia baixa até que a data do pagamento dos ressarcimentos venceu e, novamente, ele passou a ganhar outros três e meio por cento ao dia em cada uma das novas cotas de boletos que havia conseguido. Para comprar mais contas de iniciantes, ele se tornou um hábil vendedor de drogas. Explicou a cada um dos clientes como o sistema dos Superiores funcionava e que, ao usarem as drogas, estariam apostando uma corrida contra a morte. Os apostadores logo aceitavam o desafio e encaravam a jogada de turnos extras; aos comedidos que estavam em dúvidas, Izac ia logo dizendo:

— Se está pensando, não faça. Essa coisa que estou vendendo mata! Isso aqui é um tudo ou nada. Se não acha seguro um vale-tudo eu, como vendedor, te aconselho a esquecer isso aqui.

E os extraterrestres desistiam. Uns poucos pensavam melhor e resolviam voltar e apostar tudo. Como Izac previu, os extraterrestres ficaram mais desconfiados de tudo à sua volta e, como

poucas pessoas eram confiáveis, eles acabaram se tornando clientes fiéis. Ollok ficou satisfeito; em pouco tempo estava com dinheiro suficiente para conseguir um novo corpo.

— Garoto! — ele chamou. — Meu tempo está acabando, mas sou um cara de sorte, com sua ajuda eu consegui juntar todo o dinheiro que precisava. Agora vou para o Centro de Transmutação e voltarei como um ser evoluído.

— Boa sorte, Senhor Ollok. Também aprendi muito com o senhor!

— Eu também sou ganancioso, não nego. Não sou muito diferente dos outros aqui. Por isso vou pagar tudo em espécie e à vista, só para evitar as taxas bancárias.

— Só tome cuidado para não te matarem no processo. Tráfico de drogas é crime aqui e como todo mundo é ganancioso, sem um banco para confirmar que seu dinheiro existe ele pode simplesmente desaparecer!

Ollok arregalou os olhos enquanto Izac acenou sorrindo e caminhou para o albergue onde pernoitava. O velho matreiro não havia previsto esta possibilidade real; muitos sabiam que ele estava juntando dinheiro e assassinato e morte eram coisas comuns nas classes de hierarquia mais baixa. Ele caminhou assustado com a possibilidade de ser traído. O que ele poderia fazer? Só havia uma maneira, blefar. Mas precisava de ajuda, sozinho não conseguiria sair dessa. Pouco tempo depois bateu na porta de Izac.

— Ué, o que faz aqui? — reclamou o garoto, sonolento, já que eram poucas as suas horas de sono.

— Preciso de ajuda, o que você me disse me fez perceber que realmente posso ser traído e morto. Posso confiar em você?

— Sou um traficante igual a você. Se você se ferrar, eu vou me ferrar também!

— Heheheh! Você é mesmo um cara muito interessante! — gargalhou Ollok, entregando a Izac um envelope. — Quero que guarde isso com você até eu voltar. Pode fazer isso sem abrir?

— Posso, sim.

— Ótimo! Não entregue este envelope a ninguém! Melhor ainda, não diga que eu entreguei a você de maneira nenhuma!

— Sem problemas! Posso dormir agora?

Ollok começou a rir.

— Obrigado, garoto! Você é o meu curinga! Quando estiver no topo vou puxar você comigo!

— Eu agradeço, Ollok. Boa sorte com sua transmutação!

— Obrigado!

Izac observou o extraterrestre indo embora sorridente. Ele entendeu que havia tirado um grande peso das costas do monitor e o quanto era difícil progredir em um lugar onde ninguém confiava em ninguém.

No dia seguinte Izac trabalhou o dia todo e o monitor não apareceu. Isso ocorreu durante cerca de três dias terrestres. O jovem começou a ficar preocupado, pois a informação que tinha sobre a primeira transmutação era que esta era a mais rápida, já que era tida como a mais barata dentre as das hierarquias que compunham a Ordem dos Superiores. Era a operação que chamavam de Primeiro Renascimento. Os Oficiais de Elite, Governantes e Presidentes correspondiam às operações de Décimo Segundo ou Décimo Terceiro Renascimento.

Preocupado com o tempo que havia transcorrido, resolveu passar no apartamento de baixo valor onde Ollok morava. Ele caminhou pelo beco, onde encontrou extraterrestres viciados estirados no chão, esperando a morte. Seus corpos estavam podres e secos como os de um zumbi, e fediam como se já estivessem em decomposição. Famintos, não tinham forças sequer para levantar e tentar roubar algo para comer. Eram o lixo social daquela sociedade paradisíaca. A comprovação da situação de miséria absoluta veio quando um automóvel de luxo entrou no beco à toda velocidade. Izac saltou e se pendurou em uma espécie de jardineira de um dos prédios para não ser atropelado. Os pobres zumbis não tiveram nenhuma chance: foram dilacerados por um grupo de jovens Ocres que riam ao volante escutando som alto e destruindo tudo pela frente.

Quando saltou no chão, o que Izac viu foram corpos esmagados e as lágrimas que restaram de um último infeliz que parou de respirar instantes depois.

— A morte é a única liberdade para estes pobres coitados e sua vida de rato — filosofou o jovem.

Ele caminhou um pouco mais à frente e achou um corpo conhecido caído a poucos metros do apartamento do monitor. Seus ossos estavam esmagados e a cabeça, achatada pelas rodas do carro de luxo.

— Ollok! Ollok! — gritou Izac, indo em direção ao companheiro destroçado.

Ollok reconheceu o rosto do jovem e pareceu sorrir.

— Ainda está vivo! Calma! Vou dar um jeito, vou arranjar um médico para você!

Ele agarrou a mão de Izac e usou todas as forças para proferir suas últimas palavras.

— O envelope... é seu!

E expirou.

Apenas quatro kahecíclons depois a polícia daquele Universo paradisíaco chegou ao local. Um caminhão semelhante a um compactador de lixo chegou e os lixeiros recolheram os corpos dos mortos e jogaram dentro da caçamba do veículo; dentre os corpos recolhidos estava o de Ollok, o monitor. Izac percebeu então como era o funeral daquele lugar. Aquilo que não serve mais é simplesmente descartado pelo Sistema.

Ouvindo a conversa de curiosos à volta, que riam da desgraça alheia e comemoravam o fato de terem “menos concorrentes rumo ao topo agora e que finalmente o beco estava limpo da ralé”, Izac acabou entendendo tudo o que aconteceu. Ollok desconfiou que iriam roubar o seu

dinheiro e por isso levou uma mala falsa ao Centro de Transmutação; no meio do caminho ele foi abordado pelos ladrões que tentaram matá-lo e roubaram a mala. Espancado, sangrando e sozinho, ele tentou então voltar para casa, provavelmente tentar entrar em contato com o próprio Izac para ser socorrido, mas devido aos ferimentos graves e o corpo já corrompido pela ação destrutiva das drogas ele acabou, ironicamente, não conseguindo chegar ao prédio em que morava. Lamentavelmente morreu ali, a poucos metros do que poderia ser a sua tábua de salvação.

Izac não chorou, estava simplesmente indignado, pois tinha a certeza que alguns dos elementos que estavam rindo já conheciam Ollok antes, mas ninguém quis ajudá-lo. Naquela sociedade competitiva, onde correr atrás de dinheiro era o mais importante, ninguém quis perder o seu tempo para ajudar outro ser vivo.

O jovem voltou para sua casa. Deitou-se na cama desconfortável e ficou algum tempo encarando o teto, olhou para o envelope e o pegou. De certa forma ele já sabia o que havia dentro. Era uma chave com instruções que levavam a um armário no próprio prédio onde trabalhavam. Izac foi até o local, abriu o armário e tirou de lá a mala verdadeira.

— Entendi. É hora de ser um pouco mais agressivo! Obrigado, Ollok, com isso vou fazer muito, mas muito barulho!

E ele retornou novamente ao Edifício do Governo Galáctico. Sr. Xyline se assombrou a ver Izac novamente com as contas nas mãos.

— Como foi que você conseguiu isso? — assombrou-se o atendente.

— Melhor pegar a calculadora, desta vez os valores serão muito altos! Hueheheheh! — riu o garoto.

Sr. Xyline coçou a cabeça ao ver o resultado dos créditos.

— Er... Parece que o senhor avançou mais um degrau na escada de nossa hierarquia, Senhor Valgas.

— Obrigado! — riu Izac.

Instantes depois ele já estava no banco Galáxia Econômico. Ele chegou na mesa do gerente e jogou ali a maleta cheia de créditos. O gerente ficou sem palavras e, com um sinal, chamou logo duas assistentes que trataram logo de contar todo aquele dinheiro.

Ele também pegou um cartão de créditos que havia recebido com a transação do Sr. Xyline e entregou ao gerente, dizendo:

— Mas não é só isso, quero que deposite na minha conta isso aqui também!

De uma única vez o jovem havia subido quatro estágios na pirâmide social dos Superiores. Desta vez, ao sair do edifício, o jovem já notou vários olhares em sua direção. Seu objetivo havia sido alcançado, ele começou a incomodar o Sistema.

CAPÍTULO 13

CAINDO AINDA MAIS NO INFERNO

Pelas contas de Izac, já fazia um ano e meio terrestre que ele havia deixado a casa de seus pais; pelos seus cálculos, ele deveria estar com 19 anos agora e sem ninguém para comemorar. Era a primeira vez que andava solto pelas ruas da cidade metálica dos Superiores na lua de Artatran III. Ele sentou-se em um parapeito e começou a reparar naquele estranho mundo onde estava. Animais, ele não havia visto nenhum. Insetos, também não. Rios? Nada. Eles conseguiam água através do gelo que era muito comum naquela lua apesar da temperatura não ser das mais baixas. Era um lugar muito poluído. A única coisa bela que havia era a visão do planeta dentro da redoma de vidro brilhante e seus anéis dourados.

“Será que Izolda está lá?” pensou. Para ele era bem provável que ela estivesse no outro planeta, pois tinha certeza que a menina havia vindo de um lugar onde a gravidade era maior que a Terra e a lua de Artatran III era pouco maior que o tamanho de Marte.

Izac finalmente pôde entrar sem ser barrado em um lugar semelhante a um gigantesco shopping center. Lá havia muitas lojas, música alienígena e bugigangas eletrônicas que ele não fazia a menor ideia para que serviam. Repentinamente algo lhe chamou a atenção: era um projetor que os alienígenas ficavam olhando. Todos assistiam à cena que lembrava, de forma vaga, os telejornais da Terra. Ali era possível ver outros planetas, provavelmente outros mundos que faziam parte do chamado Universo Superior. Em um momento apareceu o planeta dos anéis dourados da redoma de vidro brilhante.

“Em Orbus Cariballion II, a guerra continua. A C.A.S. — Central Absoluta de Supéria — afirmou que enviará novos Comandos de Elite ao planeta a fim de garantir a segurança dos investidores que pagaram muito e são alvo dos covardes ataques terroristas do local. A situação no planeta é tensa.”

— Então, quando estes caras invadem uma casa, o dono da casa passa a ser terrorista... Essa é muito boa! — riu Izac de forma irônica.

Enquanto a âncora falava, um Comando de Elite do sexo feminino apareceu na tela. Ela era magra, comprida, seus lábios eram finos e as sobrancelhas pareciam pintadas de vermelho. Na cena ela segurava pelo pescoço o que parecia ser um centauro. Repentinamente o ser parecia ter sofrido uma espécie de convulsão e caiu no solo. Izac ficou horrorizado, parecia que o corpo daquele grande ser havia murchado em um fenômeno que ele jamais havia visto na vida.

“O cronograma de pacificação está atrasado e o Presidente do Universo, Luks Hell Raggen, que se encontra no planeta Kriptória, comentou o assunto.”

Naquele instante um gigante amarelo de largo sorriso e cabelos lisos e bem cortados surgiu com uma armadura azul brilhante, cercado de alienígenas que queriam tocá-lo como a um deus, mas eram repreendidos por soldados que faziam a segurança.

“— O Universo Superior é um Universo de paz! As guerras que já travamos são guerras para trazer a nossa paz, a nossa verdade, a nossa justiça, a nossa perfeição a todos os pontos do Universo. Eu garanto, eu levarei a paz até Orbus Cariballion II e estes animais que trazem o atraso e o terror serão todos extintos.”

Na tela tridimensional surgiu então outro gigante. Ele era muito musculoso, barbudo, tinha cabelos amarelos, pele dourada e usava óculos escuros. Naquele momento todos os que estavam no shopping começaram a gritar como loucos:

— É ele! É o Marechal! O Marechal do Exército em pessoa!

“Para garantir o sucesso na operação de guerra, desta vez o Presidente convocou o maior herói da história dos Superiores para coordenar pessoalmente as tropas na limpeza do planeta, o Marechal San Hell Hogan.”

“— Meus queridos de Artatran III, tenho uma mensagem para vocês — disse o Marechal, ajeitando os óculos escuros. — Eu estou chegando! Não temam, pois eu sou o mestre!”

Gritos histéricos foram ouvidos naquele shopping. Os alienígenas ficaram loucos. Um a um, gritavam o nome do Marechal até que as vozes se tornaram um coro:

— Hell Hogan! Hell Hogan! Hell Hogan!

— Bando de malucos! — protestou Izac.

Enquanto os aspirantes a Superiores gritavam como loucos o nome do Marechal, Izac saiu do shopping e seguiu pela rua. Ele seguiu para fora da cidade e começou a correr. Aquela lua era formada por pequenas colinas e o céu era próximo, coisa natural em um planeta pequeno. Ele corria e estava preocupado de estar perdendo a forma; se ele fosse mesmo para o planeta maior, se não se preparasse poderia ter sérios problemas por conta da gravidade. Quando ele sentiu que estava distante, parou e virou-se para iniciar a corrida de volta.

Naquele momento ele reparou que havia algo entre as pedras. Ele andou em direção ao lugar e viu que havia uma fenda, como se fosse uma erosão dividindo a colina ao meio. Ao atravessar, Izac viu um campo verde com pequenas rosas de três pétalas brancas e um gramado de folhas muito finas, da grossura de linhas de costura. Eram relativamente duras, pois conseguiam ficar em pé, mas não atingiam uma altura maior que um punho fechado. Ao se aproximar, Izac reparou que havia insetos do tamanho de pequenas formigas caminhando entre as folhas. Eram insetos que não possuíam asas, eram coloridos e tinham doze patas.

— Então são estes os verdadeiros nativos desta lua!

Os insetos começaram a se agitar fazendo grande barulho, um assobio fino, que fez Izac se lembrar das cigarras da Terra. Ele sentou-se em uma pedra e ficou observando o que poderia

acontecer. Não demorou muito até que uma grande nuvem cobrisse o céu e caísse uma névoa úmida e leve. Izac jamais havia visto qualquer rastro de chuva desde que chegou àquele planeta, ele então entendeu que a atmosfera daquela lua era bastante frágil e o efeito estufa causado pela atividade das fábricas onde trabalhavam afastava de lá a possibilidade de chuvas.

— Que triste! Se continuar assim os verdadeiros nativos deste lugar vão realmente desaparecer!

Ele levou a mão até uma folha e um inseto vermelho, parecendo que entendeu o que estava havendo, subiu no dedo de Izac e ficou quieto. Izac aproximou o inseto dos olhos e disse:

— Me desculpe, queria ter forças para ajudar vocês! De onde venho, o único refúgio que nós, terrestres, conhecemos nos momentos de desespero é Deus. Tenham fé e sobrevivam!

Izac, então, devolveu o inseto à folha. O pequeno ser começou a se agitar em assobio e, em pouco tempo, todos os insetos começaram a assobiar e a brilhar. O jovem ficou admirado com a cena. Parecia uma sucessão de vagalumes piscando enquanto a chuva caía fina como véu. Em seu coração, de alguma forma, ele sentiu que aqueles pequenos seres entenderam a sua angústia e desejavam que ele obtivesse a força necessária para ajudá-los. Izac estremeceu-se com esta sensação, se sentia pequeno demais para resolver algo tão gigantesco. Ainda assim, retornou feliz para a cidade; era a primeira vez que teve a sensação de vida desde que chegou ali.

Ao se aproximar do dormitório, Izac foi parado por dois alienígenas que vestiam trajes que pareciam ser de seguranças. Um tinha a pele esverdeada e a cabeça grande como um repolho e o outro tinha a pele alaranjada e os cabelos pareciam folhas de alho-poró.

— Com licença, Senhor Izac. Poderia nos acompanhar até o Edifício do Governo Galáctico? O senhor está convidado a participar de uma reunião.

Izac fez que sim com a cabeça. Ele entrou em uma espécie de carro de linhas arrojadas e foi levado dali para o Edifício do Governo Galáctico. Ele já esteve por lá, mas nunca havia saído do térreo; desta vez ele foi levado para a cobertura, que ficava no octogésimo andar.

Ao sair do elevador, o jovem sentiu uma tonteira; com uma atmosfera tão baixa, a sensação é que estava a três mil metros de altitude. Ele respirou fundo e seguiu em frente acompanhado pelos homens. O trio caminhou por um corredor com paredes cobertas por algo semelhante a camurça e, por fim, chegaram em uma enorme sala.

— Comandante Straxus, o jovem que queria conhecer acabou de chegar!

Izac caminhou para o interior da sala e viu uma grande mesa e, sentado em um sofá que parecia ser de vidro, estava um Superior de olhos vermelhos, pele dourada e cabelos cor de ocre. O rosto era liso e de aparência jovem, mas os ombros largos e braços grossos mostravam que ele também deveria ter cerca de dois metros e meio de altura.

— Então, aqui está o aspirante a Superior que anda burlando as regras para subir rapidamente na hierarquia, não é? — riu o Comandante.

— Isso é uma questão de ponto de vista, Senhor Comandante! — respondeu o jovem de forma polida. — Na minha concepção eu apenas exigi da justiça o ressarcimento de algo que deveriam ter me devolvido, que são meus créditos.

— Confesso que você foi muito esperto! Passou a pagar muito mais do que o valor das faturas para as empresas de distribuição aguardando que elas devolvessem de alguma forma o dinheiro no boleto seguinte. Uma vez que eles não devolviam, você acionava a justiça e ganhava um capital muito grande com os juros. Mas como sabia que as companhias não devolveriam o dinheiro no mês seguinte? Se isso acontecesse seus planos teriam ido por água abaixo!

— Isso é fácil! — riu Izac. — O corrupto nunca acredita que qualquer forma de justiça vai prendê-lo.

— Acontece que todas essas companhias que você lesou eram minhas! Seu moleque maldito! — irritou-se o Comandante Straxus, fazendo Izac engolir em seco e recuar um passo. — Quando vi que você conseguiu me passar para trás, minha primeira ideia foi de pegar esta carcaça de carne inútil que você chama de corpo e arrancar suas vísceras! Mas você estava certo, usou o expediente da lei para me tirar créditos e isso foi notável.

— Obrigado! — respondeu Izac, tentando não demonstrar que ficou apavorado.

— Então, depois disso, eu quis entender o óbvio. Por que você fez aquilo? Quem é você? — O Comandante tocou a mesa e um moderno projetor em 3D fez uma cópia exata de Izac com as mesmas roupas que embarcou na nau dos Superiores há um ano e meio terrestre. — Fiz um breve levantamento sobre sua pessoa, Izac Valgas. Assim como os outros terrestres, você soube sobre nós e aceitou embarcar para este mundo. Entretanto, ao contrário dos outros, você veio aqui por um motivo, não foi?

— Sim, senhor. Eu estou à procura de informações sobre uma pessoa.

— E como você a chama?

— Izolda.

— Você faz ideia de quem é Izolda?

— Não — mentiu ele.

— Então eu vou lhe explicar. Eu sou o Comandante Straxus Reder, responsável pelo Setor Quatro dos nove em que foi dividido o planeta Orbus Cariballion II. Os Superiores chegaram a Orbus há cerca de três cíclons. No início éramos amigos, mas depois os seres inferiores daquele planeta passaram a se recusar a fazer parte de nosso Sistema e suas ações terroristas contra o povo livre que faz parte do Universo Superior nos obrigou a tomar ações militares contra eles. Desde então estamos em guerra. Aquela que chamamos de Izolda é, na verdade, filha dos líderes terroristas daquele mundo.

— E como a filha de um terrorista foi parar no meu planeta?

— Foi uma traição da parte dela. Durante a batalha contra os cães renegados de Orbus, a

filha destes terroristas foi capturada e levada sob custódia. Ela era apenas uma menina e, como nosso Sistema é justo, tentamos reeducá-la aqui, em Artatran III. Ela parecia aceitar bem nossos ensinamentos, mas quando estava prestes a completar oito hectronciclons conosco ela fugiu na nave para a Terra. Antes que a nau pousasse, ela arrumou uma grande confusão e desapareceu usando um módulo de sobrevivência.

— Mas ela foi encontrada e trazida para cá há bastante tempo. Meu único motivo de estar neste mundo é saber como ela está!

— O que acha que aconteceu, Izac? — perguntou o Comandante Straxus entredentes. — O que ela fez foi imperdoável!

— Ela era uma criança! — rebateu Izac.

— Uma criança que teve a chance de ser preparada como uma embaixatriz pela paz e levar o mundo dela a um estágio único de desenvolvimento através dos Superiores, mas recusou! — respondeu o Comandante em tom áspero. — Mais do que isso, traiu nossos investidores e frustrou todo o investimento que fizemos nela! Isso é imperdoável!

— Se ela é um problema para vocês, deixe que eu a leve para a Terra comigo e vocês nunca mais terão notícias dela, eu prometo!

Straxus parou, olhou para os olhos firmes do jovem e fechou a boca incisivamente, demonstrando admiração.

— Então você aprontou mesmo tudo isso apenas para ter notícias dessa menina?

Sem se levantar de onde estava, Straxus tocou a mesa transparente e uma luz azul se acendeu, ele então disse:

— Ordenança, eu quero na minha mesa agora a cápsula de Karus prefixo KYOW114520.

Ao ouvir aquele nome Izac sofreu um arrepio na espinha, sentiu como algo horrível estivesse para ser revelado e ele não queria aceitar. Instantes depois chegou um ser que aparentemente era do sexo feminino da raça deles, pois era delgada, tinha lábios finos e pele lisa. Ela trouxe uma cápsula de pouco mais de trinta centímetros e colocou sobre a mesa. Em seguida se retirou sem dizer uma palavra.

— Isso é... — A voz do jovem quase não saía. Seu corpo tremia e em sua mente imagem alguma se formava, era como se ele fosse desmaiar a qualquer instante.

— Está em choque? — riu o Comandante. — Sim. Vejo que não consegue sequer seguir o instinto natural de cair de joelhos diante de mim e chorar, não é? Huhuhuhu! — Ele então se inclinou em direção ao jovem e sussurrou: — Verme, você jamais vai voltar à Terra enquanto eu viver! Você é o tipo de indivíduo que não se adapta ao estilo que estamos oferecendo e não estou disposto a permitir que você suba na hierarquia. Como Comandante do Setor Quatro de Orbus Cariballion II, eu o condeno a passar o resto de seus dias no Forte-Prisão de lá.

— Como é? — assustou-se Izac. — E quanto à lei de vocês? Eu não infringi nada!

— Você não conhece nada de nossas leis! Quem faz e executa as leis no Universo são os Superiores, e eu sou um Superior! Você partirá imediatamente! Viverá até o fim de seus dias junto com os cães renegados daquele mundo, lamentando a má sorte de ter se metido em algo muito maior que você! Agora saia e espere os guardas lá fora!

Izac estava em choque, não conseguia pensar em nada. Ele virou-se para caminhar quando foi surpreendido mais uma vez.

— Leve isso na mesa como um presente pela sua genialidade em conseguir uma maneira de falar comigo! Estava pensando no que fazer com essas cinzas, já que a ingrata nunca foi uma de nós. Como você queria tanto encontrar Izolda, vou deixá-la ir com você. Ainda vou te conceder um último favor e permitir que leve para a prisão seus pertences. Espero que você e sua Princesinha Izolda sejam felizes a partir de hoje!

Em silêncio, Izac saiu pela porta. Lá estavam os dois guardas que pediram para o jovem acompanhá-los. Sem demonstrar resistência, ele foi levado de carro até sua pousada. Lá ele reuniu seus pertences e então foi levado para o hangar, onde foi embarcado em uma nau militar para Orbus Cariballion II. Na nave, cerca de outros duzentos seres de vários planetas estavam lá como condenados. O jovem se amarrou com os cintos de segurança, debruçou-se sobre a cápsula que recebeu e finalmente chorou.

Chorou como nunca havia chorado na vida. Ele havia perdido tudo e todos, não veria mais a família, a Terra e nem ninguém de lá. Chorou por ter perdido Izolda para sempre e pelo destino triste que ela teve. Os seus olhos estavam fechados, mas em sua mente ele ainda conseguir ver claramente o sorriso daquela menina pequena, magra, de rosto redondo e com olhos grandes e verdes. Agora a criança estava ali, dentro de uma pequena cápsula de pouco mais de trinta centímetros e em pó.

Que torturas terríveis aquela menina teve que passar até morrer? A angústia de imaginar os gritos da jovem que amava até ela se transformar em pó encheram Izac de desespero e dor. Ele fez tudo o que podia, mas não teve forças para evitar sua morte. A única lembrança viva que ele possuía da menina agora era o anel feito com um tufo de seus cabelos que ele carregava amarrado em seu dedo anelar e o caderno de desenhos da menina. Sua dor era tanta que nem percebeu a extrema dificuldade que os Superiores passavam para vencer as defesas naturais e pousar no planeta dos anéis dourados.

A primeira parte da viagem já tornava difícil a aproximação do planeta externo, que parecia ser feito de vidro e diamantes. O que parecia ao longe ser vidro era na verdade uma espécie de bolha formada por gigantescos cristais de gelo, diamantes, gases, matéria escura e água. O gigantesco corpo celestial de cristal possuía um tamanho de setenta e oito mil quilômetros e sua rápida rotação durava apenas quarenta e oito horas terrestres. Era tarefa suicida adentrar aquele mundo que girava na região do seu meridiano central com a espantosa

velocidade superior a dez mil quilômetros por hora. A crosta que formava a superfície da bolha era muito grossa, chegando a mil e duzentos quilômetros de espessura. A única maneira segura para uma nau dos Superiores adentrar o planeta externo sem ser arrasado pela pressão e pelo choque dos gigantescos cristais de diamantes (que, ao se tocarem, davam o efeito dos brilhos que eram vistos de Artatran III) era entrar pelos polos. Ainda assim a viagem era perigosa. O piloto tinha que ser hábil para percorrer o corredor da zona de convergência sem ser pego pelo ciclone natural ou algum enorme cristal de gelo ou diamante.

Uma vez dentro do planeta externo, a nave chegou a uma espécie de espaço morto. Era como se fosse um Universo totalmente diferente dentro da bolha de vidro que era o planeta externo. Havia uma forte pressão na matéria escura que separava os dois planetas. Os gases que formavam aquele espaço eram ainda desconhecidos até para os Superiores, que supunham que pertenciam a um Universo anterior ao que existe atualmente. A influência de um universo desconhecido justificava a estranha rotação do planeta interno que, obedecendo o sentido imposto pela gravidade de uma pequena estrela anã negra em seu núcleo, girava miraculosamente em seu eixo na direção oposta ao planeta externo.

Então, finalmente os Superiores puderam adentrar a atmosfera do planeta interno, seguindo os procedimentos de segurança adotados em planetas grandes e rochosos como Orbus Cariballion II. A viagem era tão difícil que durou quatro vezes mais que a viagem da Terra a Artatran III.

Depois de tanto chorar, Izac dormiu um sono pesado e sem sonhos.

— Acordem, seus preguiçosos!

Um homem com mais de dois metros de altura, pele e olhos estranhamente amarelos usando uma armadura vermelha e azul-escuro começou a obrigar a todos da nau a descerem rapidamente. Os prisioneiros que não obedeciam instantaneamente levavam na cabeça; eles desceram xingando e se colocaram perfilados para a revista.

O primeiro que saltou da nau, no pulo quebrou o pé e foi logo arrastado por outros guardas de pele amarelada, que reclamaram do zelador por não ter avisado aos prisioneiros sobre a gravidade do planeta. Os outros que saíam da nau sentiam o corpo pesado e mal conseguiam andar. Izac desceu com cuidado, sentiu uma forte tonteira e começou a vomitar. Não foi o único, muitos também passavam mal.

— Acostumem-se logo ou não viverão neste lugar nem por uma semana! Isso aqui é o inferno, vocês todos são condenados! Não adianta clamarem por justiça, pois aqui não tem justiça. Não adianta querer telefonar para a família ou querer mandar cartas, aqui vocês estão isolados do mundo que conhecem. Aliás, aqui nem é o mundo que conhecem!

E apontou para cima.

Todos se assustaram com o que viram e num sonoro “Oh!” enxergaram no céu três grandes

luas — de cor branca, azul e laranja — e outras menores. Além disso, eles podiam ver claramente gigantescos arcos dourados no céu, muito maiores que qualquer arco-íris que haviam visto na vida, que cortava o horizonte de uma extremidade a outra. Quando olharam em volta estavam em uma construção de ferro avermelhado com torres pontiagudas e longas. O local era cercado por um muro de quarenta metros totalmente liso; no meio do lugar havia um tanque de água e, à esquerda, uma grande rocha com túneis onde as pessoas trabalhavam como escravos.

— Este é o Forte-Prisão Número Quatro. Sejam mal-vindos ao mundo de Orbus Cariballion II! — Os soldados que os acompanharam riram. — Vamos, ao trabalho! Levem suas coisas para o alojamento e apresentem-se para conhecerem suas ferramentas. Vocês terão muito tempo aqui!

CAPÍTULO 14

FORTE-PRISÃO NÚMERO QUATRO

Izac acompanhou os guardas até as cadeias. Tratava-se de celas com grades largas, com espaço que dava apenas para uma pessoa deitada. No meio dela havia um buraco onde se fazia as necessidades fisiológicas. Era um inferno ainda pior que Artatran III. Entretanto, antes dele entrar, o Capitão o parou.

— Não, para este o Comandante Straxus concedeu um presente. Deve ser levado onde ele possa colocar as coisas dele. Vou acompanhá-lo pessoalmente.

Izac foi então encaminhado para o subsolo da prisão, um lugar úmido, mas com celas maiores e mais antigas.

— Posso perguntar o seu nome, chefe? — murmurou Izac.

— Não sou chefe, sou o Capitão. Capitão Set Rayzor. Não sei que tipo de crime você cometeu, garoto da Terra... Não sei se você é um afortunado ou um desgraçado, mas o fato é que o Comandante Straxus quer que você fique aqui conosco até o fim da vida.

— Como assim, afortunado ou desgraçado? Não vejo opções aqui.

— Mas tem. Pelo que li a seu respeito, você é do tipo esperto. Vai entender tudo logo!

A cela de Izac tinha uma espécie de pedra que servia de cama e um buraco na rocha que servia para colocar as coisas.

— Onde farei minhas necessidades, caso seja necessário?

O Capitão apontou para o final do corredor, onde havia uma caverna mal iluminada.

— A cela fica aberta neste nível?

— Você está no subsolo e a única saída é passando pela sala dos guardas. Acha que tem alguma chance de fugir? E se fugir, vai para onde? Além disso... — O Capitão tomou o braço de Izac e mostrou ao garoto: as veias do corpo do jovem estavam azuis e a pele antes morena estava completamente branca. — Aqui não tem os remédios que estava usando em Artatran III.

Izac baixou a cabeça, concordando que o Capitão tinha razão: suas opções agora eram nulas. Ele colocou seus pertences no buraco que servia de armário, cobriu a cápsula com suas roupas e vestiu o uniforme de trabalho, que era feito de um tecido duro na cor marrom. Era uma roupa muito desconfortável e de pouca mobilidade.

Ele foi para a mina, onde encontrou-se com outros seres humanoides como ele, a diferença estava principalmente nos olhos muito brilhantes e muito parecidos com os de Izolda. Quando eles estavam trabalhando e conversando no idioma local, Izac chegou e os saudou:

— *Jei-eiô bakuani-il rozan'lorê estei'rá si'dó.*

Imediatamente o grupo de escravos parou. Um deles olhou para Izac e disse:

— Quem ensinou a você o idioma dos povos de Dehva?

— Uma amiga que muito amava, mas que agora não está junto de nós — disse Izac com pesar, acariciando o dedo anelar onde os fios de cabelo da menina ainda estavam amarrados firmemente.

O escravo foi até o jovem, tomou o seu braço e viu o mau estado em que se encontrava.

— Olá, meu nome Edocross. Sua saúde não está boa. Fique conosco, ao menos terá um fim de vida menos solitário.

E ali começou o martírio daquelas vítimas de um complô desconhecido. Durante todos os dias, eles trabalhavam como escravos nas minas do Forte-Prisão Número Quatro, comendo apenas um mingau sem gosto e bebendo água suja tirada das goteiras da infiltração das rochas. Havia muita gente ali; gente de todos os lugares, inclusive terrestres. Os guardas eram altos, mas não eram Superiores legítimos como Straxus. A maioria dos guardas usava uma espécie de elmo que fechava todo o rosto, a única coisa que podiam ver eram suas pupilas.

A cada instante prisioneiros eram feridos, adoeciam e eram levados... estes nunca mais voltavam. Não era uma boa ideia adoecer naquele lugar; era comum a ocorrência de fraturas por qualquer tombo maior que oitenta centímetros, uma queda de apenas dois metros poderia ser fatal. Para piorar, os guardas espancavam as pessoas sem qualquer motivo; Izac mesmo foi vítima de surras várias vezes. Os guardas apenas diziam: “este lugar é tedioso” e baixavam a porrada. Era um milagre ele não se machucar com gravidade, o que ocasionaria sua morte; outros tantos que ali chegaram não tiveram a mesma sorte.

Izac percebeu que sempre quando muitas pessoas morriam uma nova nau cheia de prisioneiros chegava. Era sempre assim, o número de seres ali não variava. Com o tempo ele passou a conseguir estimar o número de humanoides que havia naquela prisão. Sempre era cerca de quatro mil. Os dias passavam de forma igual com trabalho nas minas, comer mingau e dormir.

O trabalho deles era cavar cada vez mais fundo tirando minério. Ele não fazia nem ideia do que eles faziam com todo aquele material, pois havia cientistas ali que ficavam sempre analisando as amostras de terra. Obviamente tinha algo novo naquele lugar e não apenas matéria-prima para a construção da tecnologia dos Superiores.

— Estes caras estão procurando alguma coisa aqui — disse Izac a Edocross, um amigo que fez junto aos escravos.

— Sim, os outros já sabem disso, mas ainda não conseguimos entender com certeza o que é.

— Vamos continuar de olho, uma hora ou outra a gente vai descobrir o que está havendo.

Nesta época, a saúde de Izac piorou. Inicialmente começou com crises de dor de cabeça e estômago à noite devido ao tempo sem as drogas que lhe davam resistência. Depois o jovem

contraiu uma espécie de micróbio que começou a crescer, ferindo sua pele de dentro para fora. Sem muitos cuidados, ele só podia contar com a solidariedade dos outros escravos:

— Izac, meu amigo. Se quiser durar mais algumas semanas, nós teremos que amputar este braço imediatamente. Aos poucos sua carne está apodrecendo e gangrenando. Se a contaminação se espalhar, você vai morrer.

— Não sei se vale a pena continuar a viver, Edocross.

— Izac — Era um velho chamado Fazollo que falava. —, eu conheço muito sobre a vida e a morte e posso te afirmar que se suicidar é uma escolha muito ruim. Pense no que vai fazer, mas lembre-se destas minhas palavras.

Sentindo a morte se aproximando, Izac saiu para caminhar pela prisão e a reparar nas coisas belas que havia naquele planeta; ele achava o céu daquele mundo lindo! Ao contrário do que aconteceu em Artatran III, aquele planeta tinha noites, mesmo que de forma estranha. Para os nativos dali, Orbus Cariballion II não existe; o planeta, para os nativos, chamava-se simplesmente Áurius. E Áurius era um planeta que os Superiores classificavam como Gigante Rochoso Leve. Um planeta formado por camadas durante sua criação, criando um núcleo menos denso e desta forma o planeta, mesmo sendo gigante, possuía uma gravidade não tão agressiva.

Áurius era pouco menor que o planeta Urano, com cerca de quarenta e seis mil e oitocentos quilômetros. Sua rotação completa demorava cerca de setenta e duas horas terrestres. A cada treze horas após o alvorecer, a penumbra surgia no horizonte e um véu negro cobria o planeta como se fosse uma película de insulfilme, resultando em uma falsa noite que durava cerca de nove horas terrestres; era esta a “noite de dormir” para os habitantes locais, que chamavam este fenômeno de *Angaste*. As noites verdadeiras eram muito claras devido às várias luas existentes e à ampliação de sua luminosidade devido ao reflexo dos cristais do planeta externo, mas ficava tudo praticamente escuro durante a passagem do véu pelo céu durante a noite. As únicas coisas que conseguiam brilhar durante a passagem da penumbra eram as três principais luas do planeta, exatamente por este motivo estas três luas — a branca, a azul e a laranja — eram celebradas pelos povos daquele planeta. Brincando, Izac provocou um de seus novos amigos:

— Vi este planeta por fora e posso assegurar que ele não é dourado — riu Izac, olhando para Gwim, um anão que se dizia lenhador antes de ser preso naquele inferno.

— Aurius Anelus — respondeu o anão, apontando para o céu e mostrando os anéis dourados e distantes que ali eram vistos como um segundo céu.

Izac sorriu maravilhado e concordou:

— Sim, vocês vivem mesmo em Áurius.

Mesmo com todas as dificuldades, às vezes eles podiam rir e fazer piadas. Naquele lugar Izac viu a Estação das Luas, onde as noites, claras como o dia, eram iluminadas por uma das principais luas de cada vez. Na Terra, a lua cheia pinta o mundo com uma luz azulada; em

Áurius, ora era como se um filtro azul iluminasse o mundo, ora um filtro branco, ora um filtro alaranjado. Ele também testemunhou a força das águas através de chuvas pesadas que os nativos diziam que era apenas uma garoa e fortes tempestades com relâmpagos tão furiosos que chegavam a cortar o aço das estruturas do Forte-Prisão.

— É! — riu o anão Gwim. — Hoje temos uma chuva forte!

— Chuva forte? Isso é chuva forte de vocês? — gritou Izac, apavorado. — Deus do céu! Eu é que não quero ver um tornado daqui!

Os outros companheiros riram a valer do desespero do rapaz.

Izac teve outros amigos, mas estes se foram, vítimas da dor e da doença e acabaram mortos, seus corpos sendo carregados pelos guardas. A doença que começou pelas mãos já havia se espalhado por todo o seu braço e começava a ferir parte do rosto do rapaz. Entretanto, ele não tinha forças para fazer nada, estava ainda ferido demais pela perda de Izolda e a desesperança com a situação em que estava vivendo. Ainda assim, Gwim tentava animá-lo.

— Izac, não se desespere. A Aliança deste planeta é forte! Quando eles colocarem abaixo este lugar, todos nós seremos salvos! — disse o anão no idioma do planeta.

— Queria ter sua fé, mas eu não vejo chances de seus amigos trazerem a guerra deles para cá para nos salvar.

— O Deus do Infinito não traria você para um lugar tão longe a passeio — complementou Ravenos em tom enigmático. — Existe algo misterioso e grande que vai acontecer, eu sinto isso!

— Queria acreditar no que disse, mas a verdade é que foram apenas meus atos que me trouxeram para cá, não existe milagre algum nisso!

Mesmo desacreditando no futuro até em palavras, Izac em seu coração desejava encontrar um meio de reverter a situação em que se encontrava. Este sentimento se tornou certeza quando, durante os trabalhos na mina, repentinamente Izac parou de sentir os movimentos do braço ferido. Ele olhou para a mão e ela estava segurando firmemente a marreta, mas não soltava a ferramenta. Ele deu um puxão e ouviu um estalo. A última coisa que viu antes de tontear foi sua pele rasgando como um retalho velho e a marreta — ainda com o braço agarrado a ela — cair na terra crua.

Gwim começou a gritar:

— Izac! Izac! Acorde, garoto, não apague!

Imediatamente Edocross e Fazollo começaram a gritar o nome de Izac, mas era tarde; sentindo uma queimação no braço, tudo ficou turvo para o rapaz e ele caiu.

Ao acordar ele estava ao lado de uma fornalha, deitado ao lado de outros cadáveres de escravos. Ele levantou-se com dificuldade e viu um dos guardas tirar a parte de cima da armadura e o capacete que cobria o rosto. O guarda era como um monstro amarelo com a pele deformada pelos músculos que saltavam, dando a aparência de recorte na pele. Os olhos eram

vermelhos, assim como os cabelos. O outro guarda também tirou a parte de cima da armadura e o rosto era o mesmo. Seriam clones? Não. Tantos do Universo queriam ser Superiores que isso não era necessário. Izac só chegou a uma conclusão: produção em série. Um mesmo padrão para todos aqueles que queriam se tornar Soldados Superiores. Não ter rostos, não ter passado, não ter distinção. Ser como uma abelha operária em uma colmeia. Isso era assustador!

Do outro lado da fornalha, os soldados responsáveis pela cozinha estavam dilacerando os mortos e colocando seus pedaços em uma panela. Era esta a refeição dos oficiais: a carne dos escravos mortos no trabalho das minas. Izac estava certo agora de que estavam no inferno. Assombrado, o jovem berrou:

— Ninguém vai sair vivo daqui! Estamos todos condenados!

Um dos guardas pegou o garoto pelo pescoço e o ergueu como se fosse um brinquedo. Ele olhou para Izac com fúria e abriu a fornalha. O jovem não conseguia falar e nem se mover, e com um braço a menos não conseguia se defender. Quando o gigante estava pronto para arremessá-lo no fogo, uma voz o deteve:

— Este não. Deixe-o.

Imediatamente o gigante soltou o garoto, que despencou no solo. Com dificuldade, Izac olhou para cima e viu o Capitão Set Rayzor.

— Saia daqui, Izac. Seu tempo está acabando!

— Por quê? Por que você não me deixa morrer? — O jovem estava indignado. — Por que todo esse sadismo?

— São ordens do Comandante Straxus, você deve ficar preso aqui até morrer. Eu lhe disse que você tinha ganhado uma bênção ou uma maldição, aqui você é uma ave que jamais voltará a voar e agora já sabe disso.

Izac com o braço esquerdo buscou o punho direito, mas ele não estava lá. Ele baixou a cabeça e disse:

— Não tenho condições de continuar o turno agora...

O Capitão soltou uma gargalhada:

— Você não entendeu mesmo o que o Comandante Straxus lhe concedeu, não é? Tolo! Você está preso aqui, apenas isso! Não precisamos do seu trabalho.

— Mas eu fui relacionado... — assombrou-se o rapaz.

— Pobre verme! — gargalhou o Capitão. — Foi você quem se relacionou. Você entrou na fila por vontade própria! Acha mesmo que se você fosse tratado como um escravo daqui você ainda estaria vivo? Olhe para suas condições quando chegou neste lugar! Você nunca teve chance alguma! Pense bem, quantos terrestres você viu passando por aqui e que ainda estão vivos? Faça o que quiser com o tempo de vida que lhe resta, mas não aborreça a nenhum de nossos soldados! Agora suma da minha vista, seu inseto!

Rapidamente Izac deixou o galpão. Sua mente vacilou, pensou então em se entregar, permitir que a dor e a doença consumissem o seu corpo e a sua alma para finalmente encontrar o descanso. Ele correu pela terra suja até cair de cara em uma poça de barro. Queria chorar. Foi então que se lembrou da promessa que fez a seus pais e de todas as pessoas inocentes que viu morrer até aquele dia. Ele prometeu que voltaria para casa. Seus pais confiaram nele ao deixar fazer aquela viagem suicida e ele prometeu sobreviver.

“Não, não vou me entregar! Eu não quero morrer! Se eu morrer, vou acabar mostrando aos meus pais que não estava pronto para a aventura que me propus a fazer! Izolda vai ser levada para casa e enterrada no planeta Terra, ela vai ter um funeral digno porque foi o que prometi,” pensou. Ele olhou para o braço que lhe restava e viu os fios de cabelos ainda amarrados com força formando um anel em seu dedo. “Ainda tenho em que me apegar”.

Naquela noite, Izac reuniu os outros escravos e contou tudo o que havia descoberto a respeito do fim dos companheiros.

— Que desgraçados! — protestou Fazollo. — Isso é imperdoável, não somos animais de abate! Jamais vou perdoar isso!

— Temos que saber o que os Ocres procuram tanto! Tem algum motivo para estarem aqui e por escavarem com tanta disciplina, não estão atrás apenas de metais preciosos — declarou Edocross. — Se não descobrirmos o que eles querem, mesmo que o exército da Resistência os ataque e vença, eles vão voltar a atacar esta área.

— Eu estou com o pé na cova — riu Izac de sua situação. — Isso é uma vantagem, porque posso me movimentar mais por aí e descobrir alguma coisa.

— Tome cuidado, garoto — disse Fazollo em tom grave. — Se eles desconfiarem de algo, você não terá a menor chance.

Para não levantar suspeitas, Izac continuava sendo um escravo que não desobedecia nenhuma ordem e trabalhava com afinco durante os seus turnos, entretanto não deixava de observar nada que fosse diferente e que pudesse de alguma forma ajudar a coleta de informações. Izac olhou para o relógio e reparou que um ano terrestre inteiro havia se passado. Izac passou a mão no rosto e sentiu os pelos ásperos na face; ele já era um homem.

O jovem aprendeu a explorar os corredores do Forte-Prisão sem levantar suspeitas, mapeou o subsolo onde ficava sua cela e conseguiu descobrir a localização da sala de entrada dos Oficiais Superiores e ali, escondido no forro do teto, conseguia ouvir o que os Superiores conversavam. Tudo o que descobria ele dividia com os amigos.

— Tenho grandes novidades, acho que descobri o que estão procurando. O Comandante Straxus vem visitar o forte amanhã — disse o jovem doente.

— Você tem certeza disso? — perguntou Ian, um humano nativo daquele planeta que havia sido preso ali há pouco tempo. Ele tinha 1,90 de altura, barba rala, cabelos castanhos e olhos

verde-água.

— Tenho, sim. E desta vez o Capitão Set Rayzor falou em alto e bom tom o que estão procurando. Ele estava furioso porque ainda estão sem uma pista convincente da localização de um tal de *Blisar*.

— *Blisar*? Ele disse mesmo “*Blisar*”? — O velho Fazollo arregalou os olhos.

— Sim, tenho certeza absoluta! Isso quer dizer alguma coisa?

— O *Blisar* é a verdade, meu amigo — respondeu o velho, olhando para os outros companheiros à volta. — É uma lenda antiga, é antes do tempo da guerra. Muitos aqui eram novos demais e não tiveram a oportunidade de aprender sobre as histórias do passado. Agora tudo faz sentido!

“Logo no princípio da guerra, eu e alguns companheiros servimos como espiões na coleta de informações sobre os Ocres. Descobrimos que eles são uma raça de conquistadores. Eles viajam pelo cosmos atrás da chave para construir universos. Através da ciência deles, eles dizem que as estrelas nascem a partir de colunas de gases estelares que se tornam tão densos em seu interior que entram em colapso e se fundem, crescendo ao absorver a massa em sua volta. A ciência deles diz também que, quando uma estrela morre, estes gases estelares se formam também através de colapsos, se desfazendo e liberando energia... Ou seja, a estrela morta torna-se pó e gases, então estes gases por algum motivo se aglutinam e formam uma ou várias estrelas outra vez, repetindo este ciclo eternamente.

“Entretanto, a equação deles tem uma falha. Existem algumas poucas estrelas no cosmos que são mais velhas que o próprio Universo conhecido. Isso significa que antes do ajuntamento dos gases que eles dizem já havia estrelas e, por consequência, galáxias que funcionavam de forma diferente das que são conhecidas na atualidade. A resposta que eles buscam passou a ser: o que forçou o ajuntamento destes gases estelares pela primeira vez quando não havia estrelas? De onde vem ou vieram esta ou estas primeiras estrelas que, ao morrerem, geraram as outras?

“Os Ocres descobriram que a resposta estava numa simples estrela morta, uma anã negra. Dentro do corpo de uma estrela extinta existe uma poderosa chama energética que possui o poder da criação ou, como eles dizem, possui todo o código genético para a criação das galáxias. *Blisar*, a alma das estrelas! Ele é o estopim para a vida, o princípio do nascimento de um sistema solar. Algo que veio de uma estrela morta para trazer ressurreição... um verdadeiro presente do Deus do Infinito.

“Porém, os Ocres não acreditam em Deus, apenas na ciência deles. Achem que podem controlar tudo através da tecnologia. Seu estilo de vida abusivo e dispendioso devora os mundos e os consome até que os planetas por eles ocupados acabem se tornando desertos. Com a velocidade que eles devoram a natureza fica cada vez mais difícil para eles encontrarem planetas habitáveis, portanto agora eles estão com um novo projeto, que é construir novos sistemas

solares aprendendo e controlando o poder da criação do Universo através do Blisar.

“Você deve ter notado que Áurius é diferente dos demais planetas que você visitou; ao conversarmos com outros alienígenas, nós percebemos isso. Nenhum outro planeta rochoso no Universo é tão grande, nenhum outro planeta possui uma quantidade tão grande de raças sapientes e nenhum outro planeta é semelhante em forma e variedade a este aqui. Apenas Áurius é um planeta rochoso formado em camadas. Isso porque, na verdade, Aurius é um planeta que começou a surgir antes deste sistema solar.

“O núcleo de nosso planeta possui um pulsar negro, uma estrela morta de nêutrons que expele matéria escura em altas temperaturas no centro deste mundo. Debaixo desta crosta onde pisamos existe uma espécie de gelatina e bolhas de gases que se movimentam entre as camadas deste mundo e que mantêm os restos desta estrela morta ainda acesa. Este pulsar negro que é o núcleo do nosso planeta é mais velho que o próprio Universo conhecido. Áurius só é o que é porque o novo Universo que surgia envolveu o Universo que morria no momento da criação. A mina onde estamos escavando agora só pode ser um dos vulcões extintos onde a atividade energética daquela época aconteceu. Estamos escavando em busca do Blisar, a chave expelida pelo núcleo deste mundo e é capaz de liberar um poder tão grande que pode criar estrelas e planetas. É imperativo que este tipo de poder não caia nas mãos dos Ocres.

— O Blisar é uma busca antiga dos Ocres. Eu já ouvi falar da lenda do Blisar, mas nunca desconfiei que pudesse estar nesta região! — completou Gwim.

— Eu também não esperava por isso, mas foram os próprios Ocres que sempre perguntavam sobre o Blisar quando ainda éramos amigos, antes da guerra começar. Isso quer dizer que eles já suspeitavam que o Blisar estava aqui no nosso mundo há muito tempo e é por isso que não querem ir embora — respondeu Fazollo.

— Se acharem, como vão saber que é ele? — perguntou Edocross.

— Não faço ideia, mas deve ser algo visível — respondeu Fazollo. — Ninguém na história jamais viu o Blisar.

— Ajudou muito, Izac! — agradeceu Ian.

— Por quanto tempo será que este maldito Straxus ficará aqui? — reclamou Gwim. — Sempre que ele aparece tudo piora.

— Vamos ter fé, talvez isso seja a chave para as coisas melhorarem. O importante agora é levar essas informações para o outro lado do muro.

— Vocês estão trabalhando como espiões infiltrados? — assombrou-se Izac, que jamais desconfiou disso durante todo aquele tempo.

— Mantenha-se vivo, garoto. Você já é uma lenda entre nós — disse Edocross, tocando o ombro de Izac.

O jovem sorriu. Era a primeira vez desde que chegou àquele mundo que sentia que algo

que fez realmente estava mudando aquela situação infernal.

CAPÍTULO 15

O CORAÇÃO DAS ESTRELAS

Na manhã seguinte, Straxus chegou em um transporte aéreo semelhante a um helicóptero com várias hélices. Ele era o administrador da Região Quatro, mas os Superiores já possuíam cidades instaladas no planeta e ele costumava passar mais tempo lá do que fiscalizando os trabalhos da mina.

Izac odiava aquele Superior; por outro lado, o Comandante com certeza achava que o garoto já estava morto depois de tanto tempo ali. Naquele dia choveu da manhã até o fim da tarde; as chuvas em Áurius eram muito diferentes da neblina que viu em Artatran III.

À noite, a sirene foi tocada no Forte-Prisão e todos os escravos foram ordenados a se retirarem da entrada principal; apenas os soldados ficaram lá. Todos foram levados para o refeitório e foi permitido comer uma nova cota do mingau. Izac achou aquilo estranho e correu para se posicionar próximo à sala dos oficiais Superiores, pois sabia que, seja como fosse, o Comandante teria que passar por ali. A chuva havia passado e as três luas iluminavam o lugar, deixando tudo muito claro e bonito. De longe, o jovem ouviu a ordem de um dos soldados:

— Guardas, Comandante Straxus ordena que todos estejam em prontidão, pois a Sacerdotisa de Dehva pediu uma audiência!

Os grandes portões se abriram. Então, um ser feminino de outro mundo surgiu. Ela era jovem, alta, alva como a neve, os cabelos eram verde-água e os olhos cor de anil eram tão chamativos que chegavam a brilhar. Ela caminhava de forma ereta e imponente, mas não levava nenhuma arma. A nativa daquele mundo parecia ser uma elfa por causa das orelhas pontudas, mas o mais diferente é que a cartilagem era dobrada, dando a impressão que ela possuía dois pares de orelhas. Ao lado dela caminhava uma elfa de cabelos curtos, negros e olhos cor de âmbar. Ainda havia uma escolta de dois seres armados, identificados por Izac como centauros, que caminhavam atrás delas. Os centauros eram fortes, de queixo largo, pele quase negra e cabelo moicano longo; as patas pareciam de onça com a diferença dos dedos serem mais alongados. Ao ver Straxus, ela tirou a capa e revelou um par de asas de cisne.

— Caramba! Ela é linda, parece um anjo!

A auriana aparentemente escutou o que o jovem falou em sua língua. Ela o fitou enquanto andava, sorriu e disse algo em voz baixa para a elfa de cabelos negros que estava ao seu lado. Em instantes, Straxus atravessou o terreno e foi até ela.

— Sacerdotisa Vehda de Dehva, que visita interessante! — saudou o Comandante Straxus de longe.

— Comandante Straxus, finalmente! — respondeu a auriana, falando no idioma de Supéria de forma fluente.

— Você e sua tola Resistência não são nada para os Superiores, portanto não sei o que está fazendo aqui...

— Ora, Comandante, pensei que estivesse disposto a procurar a paz! Não foi isso que disseram aos meus amigos quando suas naus aladas desceram dos céus?

Straxus sorriu.

— Veio oferecer rendição?

— Não, vim apenas propor uma troca de prisioneiros. Tem muitos aliados seus enchendo nossas masmorras e muitos familiares nossos sendo escravos de vocês aqui.

— Já entendi. Vocês tentaram fazer isso pouco mais de um quarto de ciclón atrás.

— Um ano auriano, você quer dizer — retrucou a Sacerdotisa, já que um ciclón corresponde a quatro anos terrestres enquanto o ano no planeta Áurius dura cerca de 435 dias no planeta Terra.

— Ainda insistindo com isso! Não vão conseguir manter sua cultura retrógrada por muito tempo — disse Straxus entredentes. — Como eu disse naquela época, nossos soldados são treinados para morrer, não precisamos de homens que foram capturados em batalha.

— Ainda assim gostaria de fazer algum acordo, os amigos de Áurius que aqui estão não merecem viver sob as botas de vocês. Estou oferecendo a possibilidade de conseguirem um bom acordo sem lutar, do contrário teremos que usar a força.

— Vocês foram derrotados naquela época, fatalmente serão derrotados novamente — riu Straxus. — Uma turma de bruxos inúteis baseada em uma cultura atrasada não é adversário digno de enfrentar os Superiores.

— Sêrio? — riu a Sacerdotisa. — Então por que tanta preocupação conosco, Straxus? Por que está escavando justamente aqui? Esta mina não tem apenas minério e você sabe disso!

Straxus olhou a Sacerdotisa com raiva. Ela estava bem ali, bastava uma única ordem e todos eles seriam mortos. Entretanto, obviamente a Sacerdotisa tinha informações. Informações que precisavam ser retiradas antes de assassinar a todos. O quanto será que ela sabia? O quanto os povos daquele planeta sabiam?

— Você conseguiu chamar minha atenção, Vehda de Dehva. Não tenho interesse em soldados que perderam a batalha, mas tenho interesse em você! Você é uma importante líder da Resistência, se ficar no lugar dos nativos de seu mundo, farei a troca com prazer.

— Parece então que temos um trato — disse ela num sorriso.

— Espere, Lady Vehda, não foi isso o que combinamos quando você falou para virmos aqui! — protestou um dos centauros.

— Não há outro jeito para solucionar este problema, confie em mim — afirmou categórica

a elfa de asas de cisne.

Um dos oficiais advertiu Straxus quanto às implicações de permitir que tantos escravos ganhassem a liberdade, mas ele rechaçou a ideia.

— Nosso cronograma está atrasado e isso dá margem para os inimigos recolherem cada vez mais informações sobre este forte. Além disso, garanto que, se eu torturar esta fêmea, antes de um bariciclón nós teremos todas as informações que precisamos para acabar com os cães revoltosos deste mundo. Assim que tivermos as informações, atacaremos e pegaremos o dobro de escravos desta vez.

O oficial sorriu. Vehda conversou em voz baixa com os centauros e a elfa, eles pareceram estar irritados a princípio e relutavam em entender, mas aparentemente eles chegaram a alguma solução e aceitaram se retirar. Ao ver o grupo saindo pela porta, Straxus gargalhou e chamou o Capitão.

— Capitão Rayzor, avise ao Presidente sobre quem capturamos desta vez. Tenho certeza que ele ficará muito satisfeito!

Izac, que observou toda a cena, baixou a cabeça com pesar. “Que mulher notável, é mesmo uma religiosa local. Ela perdeu a própria liberdade para salvar os outros.” Ele tocou o peito e sentiu vontade de chorar. Aquela mulher fazia ele se lembrar de Izolda que, por preocupação com sua família, foi levada para o matadouro. “Queria ser mais forte!” lamentou ele. Ao perceber que Vehda se aproximava, Izac tentou chegar até ela, mas foi golpeado por um dos guardas, que o derrubou.

— Onde vai, escravo? Vá recolher suas tralhas e se apresentar na saída do forte!

A Sacerdotisa se exaltou falando em idioma Supério em alto e bom som:

— Deixe este aí, o meu acordo com Straxus era para libertar todos os escravos de Áurius. Este humano doente e mutilado não pertence a este mundo!

Izac continuou no chão e baixou a cabeça. Ficou decepcionado, mas compreendeu o ponto de vista da Sacerdotisa. Ele então tentou se levantar, mas foi surpreendido por Vehda, que simplesmente se deixou cair em cima dele. Izac se assustou com aquele corpo macio, grande e quente sobre ele. O cheiro dela trazia paz. Vehda o abraçou e sussurrou em seus ouvidos de forma melodiosa.

— Perdoe-me, é que apenas posso confiar em você! Sei que está confuso, mas acredite, vamos nos encontrar novamente!

Ela se levantou e continuou acompanhando os guardas. Izac abraçou a si mesmo e ficou no chão pensativo. Eles nunca haviam se visto antes, então como ela poderia confiar nele? E como ela poderia ter tanta certeza que se veriam novamente? Enquanto pensava, Straxus desceu até Vehda e a levou sorrindo para as prisões no subsolo.

Naquela madrugada, cerca de mil e quatrocentos nativos de Áurius foram libertados. Mais

de dois mil seres de outras raças permaneciam ali para continuar o trabalho dos turnos, inclusive Izac. Ele se despediu dos amigos na saída dos portões.

— Garoto, pode ter certeza, vamos voltar para buscar vocês! — emocionou-se o anão Gwim.

— Não se preocupe, vocês estão lutando pela liberdade de vocês e terão muitas coisas a fazer, vocês precisam continuar lutando. Se voltarmos a nos ver ou não, só quero que me prometam que sempre vão lutar, está bem?

O anão abraçou Izac e chorou.

— Droga! Sobreviva até a gente voltar!

Izac não respondeu, apenas sorriu. Quando os portões se fecharam ele caminhou para as minas, era hora do seu turno no trabalho. Foi um turno difícil para Izac, ele olhava em volta e não via mais nenhum conhecido. Os outros alienígenas que estavam lá viviam muito mais deprimidos que ele e evitavam chegar perto do jovem por causa de sua doença. Izac coçou o olho e percebeu um caroço. Ele encheu um pires de água e o fez de espelho. Ele reparou que em torno do seu olho esquerdo já estava cheio de feridas e pus.

— É, meu tempo está mesmo acabando! — lamentou Izac num sorriso.

Ele continuou o trabalho até o fim do turno. Depois desceu até os níveis inferiores da prisão, onde ficava sua cela. Ele entrou e deitou-se no pedregulho que chamavam de cama. Seu corpo doía, mas não tinha escolha a não ser tentar recuperar suas forças para o seu próximo turno de trabalho. Mas trabalhar agora para quê?

De certa forma ele sentiu que seu trabalho estava completo e que sua vida havia chegado ao fim. Ele buscou o seu braço e ele não estava lá, o seu rosto estava deformado e cheio de feridas por causa da doença e Izolda estava morta... Seus pais estavam distantes demais para serem alcançados. Era realmente o fim. Entre risos e lágrimas, ele gritou como um louco na caverna. Caiu no solo e chorou o quanto aguentou, consumido agora pelo sentimento da solidão de estar sozinho naquela prisão e sem nenhum amigo.

Ele pegou o velho caderno de desenhos de Izolda, passou algumas páginas, mas não conseguia se animar. O infeliz apenas se lembrava das palavras do capitão Set Rayzor. Em um determinado momento resolveu se entregar à tristeza e escuridão. Ele ria e chorava de forma histérica e, tomado de ódio, ele quebrou um pedaço de carvão na mão e começou a rabiscar furiosamente rostos nas paredes e a conversar com eles. Um rosto dizia: “o que há com você, vai desistir?”, o outro respondia: “não há mais nada o que fazer, olhe para ele, já está quase morto”. “Seria melhor que morresse mesmo!” dizia o terceiro rosto desenhado. “A culpa é daquela garota que conheceu, se não tivesse se metido com ela isso não teria acontecido”. Este quarto rosto tinha a expressão mais severa de todas e parecia dizer: “amaldiçoe a sua sorte e as escolhas que fez, morra no rancor que é o que você merece”. Naquele instante Izac pegou o carvão e rabiscou

repetidamente o rosto que havia desenhado.

Então ele começou a desenhar um par de olhos calmos, um nariz delicado e lábios bem marcados e felizes... o rosto da Sacerdotisa que havia conhecido. Ela havia perdido a própria liberdade para dar uma chance aos demais. Ele tocou a face do desenho como se desejasse novamente tocar o corpo daquela elfa com asas de cisne que havia conhecido. Então ele pensou: “ela também deve estar sofrendo agora!” e recostou a cabeça na parede.

Ao encostar a cabeça na pedra, ele pensou ter ouvido algo. Curioso, ele colocou o ouvido na pedra e tentou identificar o que era. Era uma espécie de canto leve e distante, parecia que vinha de algum lugar abaixo.

— Será a Sacerdotisa?

Imediatamente ele se levantou e saiu da cela. De alguma maneira tinha que tentar descobrir onde a elfa alada estava presa. Ele foi para a caverna que funcionava como banheiro. Chegando lá ele olhou para as rochas e viu o duto de ventilação. Com muita dificuldade por poder contar apenas com um braço, ele retirou uma grade de ferro e adentrou o buraco.

Izac passou pelo duto e desceu no banheiro que ficava ainda mais abaixo daquele lugar. Passou pelo corredor de celas inferiores e viu que estavam todas vazias. Com cuidado ele seguiu em frente, sempre observando se havia guardas, até que chegou a uma porta lacrada que estava muito bem vigiada. Como entrar? Já acostumado com o estilo daquele Forte-Prisão, Izac viu que o duto de arrefecimento passava por cima da porta em um espaço de pouco mais de quarenta centímetros. Ele olhou para cima e viu tapumes que serviam de escore para as rochas da prisão e os dutos. Ele subiu neles e cuidadosamente passou por onde estavam os guardas e entrou na sala protegida usando o vão do duto de arrefecimento.

Ao chegar do outro lado, ele encontrou uma sala mal iluminada com uma luz esverdeada e a Sacerdotisa seminua amarrada com arames à parede. Com o próprio peso, os arames feriam sua carne e o sangue rubro jorrava por todo o corpo branco daquela fêmea. Izac também viu sujas de sangue algumas tesouras, pinças e agulhas longas. Não havia dúvidas: ela desde que chegou estava sendo torturada.

Izac desceu do teto com muita dificuldade e foi até a mesa, onde havia algo semelhante a algodões usados para limpeza. Embebendo-os em água, começou a cuidar da moça. Assim que sentiu a ardência no corpo ferido, ela abriu os olhos.

— É você? — sorriu ela, demonstrando cansaço. — Eu sabia que poderia confiar em você! Qual é o seu nome?

— Izac Valgas. Você está muito machucada — lamentou ele.

— Você também. O seu rosto está consumido pela doença e sua alma ferida pelos anos de sofrimento. Quanto tempo está nessa prisão?

— Eu... não sei ao certo! Creio que dois anos... do meu mundo.

— Perto de você eu estou muito bem.

— Uma mulher não deveria passar por um sofrimento como o seu, não se preocupe comigo, eu aguento.

— Você é orgulhoso! — riu ela. — Agora entendo porque está conseguindo sobreviver! — Ela olhou para os punhos e fez uma expressão de dor. — Ficar pendurada assim dói muito, mas você há muito tempo passa por coisas piores, não é?

Izac examinou a situação. A auriana estava pendurada pelos punhos em arames que estavam enrolados nos seus pulsos e cada arame tinha uma espécie de gancho que estava cravado na carne dela. O arame passava por duas roldanas no alto e descia para uma manivela ligada a um aparelho gerador. Aparentemente, quando o gerador era ligado Vehda ainda recebia uma carga elétrica como castigo. As asas de cisne da dama estavam com grampos de ferro as unindo; era uma imagem bizarra para se imaginar, mas aparentemente havia sido usada uma espécie de grampeador para uni-las. As pernas dela não estavam amarradas e ficavam suspensas no ar a uma altura de cinquenta centímetros. O fato das pernas não estarem amarradas juntas era sinal que, além das torturas “comuns”, ela podia estar sofrendo outro tipo de abuso. Só imaginar o que fizeram com a Sacerdotisa fez a boca de Izac amargar de ódio.

— Vou te tirar daí. Se eu te levantar, você consegue soltar o cabo da roldana que está te apertado?

— Consigo, sim, mas você não deve fazer isso, o nosso tempo é curto e o que tenho para falar é importante — respondeu ela.

— Não é justo você sofrer assim!

— Você também tem sofrido, e sejamos sinceros, se você me tirar daqui o que faremos? Na verdade, não há nada a ser feito, nossas estradas são estreitas e as encruzilhadas, limitadas. Não temos opções de escolha, meu querido. No momento temos apenas duas: ou sim, ou não. Uma nos levará a uma morte rápida e improdutiva, a outra a uma morte lenta, sofrida, mas com uma compensação para os outros que ficarão.

— Eu não sei o que posso fazer, mas ainda assim prometo tentar ajudar, pois esta é a única coisa que posso oferecer para aliviar seu sofrimento — disse ele.

— Você é um doce. Mesmo doente e ferido é um cavalheiro. É exatamente o tipo de pessoa que vi que era nas visões que tive.

— Eu conheci uma outra pessoa do seu mundo — disse Izac com pesar. — Ela ficou em minha casa e tenho a certeza que, para salvar minha família, ela se sacrificou. Ajudar você é talvez minha maneira de mostrar minha gratidão por ela.

— Quem era esta pessoa? — perguntou a Sacerdotisa.

— O nome dela era Izolda.

— Você conheceu a Princesa Izolda? — assombrou-se ela. — Estamos há muito tempo

procurando por ela! Sabe onde ela está?

Izac ficou em silêncio. Ela não podia ver o seu rosto, mas sentia o quanto estava abalado. A Sacerdotisa compreendeu.

— Eu já esperava, nós já não sentíamos a presença espiritual dela há bastante tempo... mas ainda assim esperávamos por um milagre. — Uma lágrima desceu dos olhos de Vehda, mas ela manteve-se firme e continuou. — O que vou contar agora é importante e você vai entender o que é que está havendo aqui e porque estão nesta mina. Na verdade, o que eles estão procurando aqui é o Blisar.

— Eu sei, o Senhor Fazollo me explicou. Como posso achar isso antes deles?

— Você possui uma vantagem que os outros não têm. Abra sua mente por um instante e me deixe mostrar algo! — E por um segundo a mente de Izac nublou-se. Ele viu túneis e uma pedra marrom, do outro lado da pedra havia uma caverna com um pequeno globo azulado de luz. — Creio que você já passou por estes túneis na mina, não?

Izac viu claramente a pedra que deveria encontrar. Ficou assustado.

— Não se apavore, sou uma Sacerdotisa de uma ordem tão antiga que você nem imaginaria. Eu converso com os espíritos anciões e com a Potência de Dehva, que é a Deusa-mãe dos elfos deste mundo. Em meus sonhos, sou capaz de caminhar com eles em espírito durante minhas peregrinações astrais. A imagem que você acabou de ver é a que eles mostraram para mim.

— Então você é um tipo de profeta? Porque juro que realmente reconheço aqueles túneis.

— Pode-se dizer que sim, a única coisa que peço pelo bem de todos os seres livres no mundo é que jamais entregue esta joia a eles. Ao trazerem pessoas do seu planeta para serem escravos aqui, os Superiores revelam a intenção de atacar o seu mundo num futuro próximo. Aqui existem seres com grande força dispostos a lutar contra os invasores.

— Eu tenho uma pergunta: eu ainda vou ver minha família?

Vehda baixou a cabeça e não conseguiu conter o choro.

— Izac, não vejo futuro para você. Perdão, mas nas visões que tive você não saiu deste Forte-Prisão com vida. Perdoe-me, o que estou oferecendo a você é apenas um dos caminhos que vai te levar à morte aqui.

Izac ficou triste, mas compreendeu. Por alguns instantes ele parou para pensar nas implicações de suas decisões. Se por muita sorte conseguisse voltar para o seu mundo, sabendo tanto sua família viveria sitiada, vigiada pela inteligência dos Superiores, correndo risco constante e sem liberdade. Se ele ficasse parado na mina, ele seria consumido pela doença e morreria em breve. No entanto, se seguisse as instruções de Vehda ele morreria, mas arruinaria o futuro dos Superiores. Por toda a humilhação que havia passado até aquele dia, sua morte em uma situação assim parecia uma coisa boa.

— No fundo eu sempre soube que esta seria uma viagem sem volta — respondeu o jovem por fim.

Vehda começou a chorar.

— Desesperançado, ferido, sozinho... Vejo em seu coração que você amava muito Izolda. Você e ela são parecidos, se sacrificam pelos outros. Eu amo você, Izac! Você é o tipo de homem que vale a pena amar. Sua coragem vai salvar a vida de planetas inteiros.

— E quanto a você, também não me parece que você tenha alguma esperança.

— Eu escolhi fazer isso pelos meus amigos! Agora deve ir, senão você correrá risco de não conseguir realizar nosso desejo.

— Queria ser mais forte do que sou — lamentou Izac.

— Você é mais forte do que imagina! Lembre-se, Izac, no Universo a morte é apenas mais uma transformação, não tenha medo de morrer, o Deus Infinito está com você! Adeus, Izac!

E a Sacerdotisa de Dehva novamente ficou sozinha em seu martírio enquanto Izac teve que se desdobrar para encontrar uma maneira de subir a parede, chegar ao tapume e desaparecer.

Quando chegou ao seu aposento, o jovem mordeu o dedo anelar e ouviu um estalo. O osso se partiu.

“Como eu esperava, este braço também não vai durar muito tempo. Está na hora de colocar um fim nisso tudo,” pensou.

Ele pegou o dedo arrancado e viu que os fios de cabelos estavam bem presos. Ele então colocou o dedo junto ao rosário, presente de sua mãe, do relógio do pai e outros objetos pessoais. Então levantou-se e pegou a picareta e o capacete de mineiro. Era hora de fazer o último trabalho.

Sem perder tempo, Izac correu para os túneis da mina e começou a trabalhar junto com os demais; entretanto, em determinado momento, tomou uma direção diferente. Ele caminhou por um corredor de pedras de cores variadas até que viu o rochedo cinza idêntico ao da visão. Ele meteu a picareta na pedra várias vezes até que ela começou a trincar. Alguns outros escravos questionaram o motivo dele estar ali, mas ele, fingindo não entender, continuava a lascar a rocha até que, em um som surdo, ele pôde ver um pequeno buraco. Os escravos se assustaram e alguns deles foram logo procurar por algum soldado. Izac, ignorando tudo, continuou a rachar a pedra com a picareta até conseguir passar se arrastando. A rocha era grande e ele continuou fazendo isso até que repentinamente caiu. Com a ajuda da lanterna de mineração ele olhou em volta e identificou a direção que deveria seguir.

A caverna era estreita e úmida e havia um pequeno lago subterrâneo. No centro do lago ele viu uma luz e, ao se aproximar, encontrou um pequeno sol muito azul do tamanho de um amendoim e pequenos vagalumes em torno dele, girando como se ali estivesse um pequeno sistema solar. Era o Blisar.

Naquele instante ouviu-se um estrondo e a caverna inteira estremeceu. Ao fundo ele escutou a voz de um dos soldados:

— Tem mesmo um espaço aqui não explorado! Venham, seus escravos inúteis, venham! Abram isso! Quebrem tudo! Nós queremos passar!

Izac olhou para o pequeno globo no meio do lago e caminhou em direção a ele. A água estava de gelar os ossos, mas ele não se importou. Nada mais importava. Na mente de Izac só havia a ideia de encontrar uma maneira de destruir aquela pedra. Ele terminou de atravessar o lago no exato momento em que os soldados adentraram a caverna.

— Comando, aqui é o Tenente 209, encontramos uma caverna subterrânea.

— Prossiga com o relatório, Tenente 209.

— Estamos caminhando em torno de um lago subterrâneo à nossa frente e podemos ver um dos escravos. Ei, espere, ele está na frente de algo. Chame o Comandante Straxus, parece que localizamos o Blisar!

— O Comandante Straxus já está na escuta, envie imagens da caverna, soldado.

No centro de comando, em uma das torres pontiagudas do Forte-Prisão, o Capitão Set Rayzor e o Comandante Straxus Reder tinham as imagens geradas pelo capacete do soldado.

— Mude a paleta de cores, a imagem não está nítida — reclamou o Comandante.

O soldado operador obedeceu e o rosto do escravo surgiu cristalino na tela do Comandante.

— Mas... este aí não é aquele escravo que você mandou para cá? — disse entredentes o Capitão, olhando para o Comandante.

O Comandante arregalou os olhos, não acreditando no que via. Sua ação em seguida foi apenas de olhar o monitor de forma furiosa sem dizer uma palavra.

Na caverna, Izac olhou para trás e viu a pequena chama de sol. O que fazer? Ele não tinha a menor ideia de como protegeria aquela luz de inimigos tão poderosos.

— Saia daí, escravo! Isso que está com você pertence aos Superiores.

— Vão se ferrar! — gritou Izac. — Muita gente morreu pra vocês tomarem posse esse treco aqui! Vocês não vão colocar a mão nessa joia nunca nessa vida!

— E o que vai fazer? Acha que pode com algum de nós aqui?

Izac esfriou. Ele era fraco demais para lutar com qualquer soldado. O que fazer? Então, numa atitude desesperada, ele tomou para si o pequeno globo na mão e o seu braço começou a queimar com tamanha energia. O berro do rapaz foi tão apavorante que todos os escravos que ali estavam saíram correndo da mina.

— Seu idiota! — disse o Tenente — Como quer tomar na mão o poder capaz de criar sistemas solares inteiros? Você é só um mísero escravo, menos que um rato!

Izac sorriu entre as chamas que o consumiam, reuniu suas últimas forças e engoliu o globo de fogo.

“Que porcaria, parece que vou mesmo morrer! Se Deus existe e eu pudesse fazer um último pedido, seria que este globo fosse consumido junto comigo para que não seja usado de forma errada por ninguém”.

E o corpo do rapaz se tornou azul como as chamas do Blisar.

“Pai, Mãe... perdão!” sussurrou fechando os olhos. E, numa explosão de luz azul, a mina inteira começou a se desfazer e Izac desapareceu consumido pelas chamas.

No interior da caverna, na prisão, uma elfa de asas de cisne chorava.

— Pobre garoto! — dizia em lágrimas o ser angelical. — Ele estava só, doente, ferido e sozinho. E, no entanto... — Ela engasgou. — Eu o mandei para a morte certa! — E finalmente baixou a cabeça. — Se eu pudesse fazer um desejo, minha Deusa, seria que este jovem tivesse o direito de uma nova vida! Lutar tanto e morrer de forma tão infeliz é triste, muito triste! — continuava sua prece aos prantos. — Sua vida neste mundo até agora foi apenas de injustiças sofridas!

E um raio de luz e partículas subiu rumo aos céus. O solo começou a tremer.

— Comandante! — gritou um dos soldados. — Uma explosão do centro deste mundo aconteceu. Este vulcão extinto vai entrar em erupção!

— Todos para os módulos de emergência agora! — bradou Straxus. — Vamos para a cidade de Monte Negro.

— Vamos deixar o forte para trás? — reclamou o Capitão Set, que era o responsável pelo Forte-Prisão.

— Dane-se. A operação foi um fiasco. Vamos esperar a atividade vulcânica terminar e reiniciar a busca pelo Blisar.

— Temos quanto tempo? — perguntou o Capitão.

— Cerca de dois kahecíclons.

O Capitão esmurrou a mesa e olhou para o Comandante com ódio. Ele sabia que, como este era de hierarquia superior, a culpa pelo fracasso de anos de trabalho iria recair sobre si, que era o imediato. Já o Comandante, nem olhou para trás. Foi logo para sua nave e ordenou que ele e seus batedores decolassem.

— Capitão, o que faremos? — perguntou o Tenente.

— Soe o alarme e tire todos os nossos soldados daqui. Mantenha os portões fechados, vamos deixar que todos os escravos morram para que não haja testemunhas quando o exército da Resistência deste planeta passar por aqui!

— Sim, senhor.

O alarme foi tocado. Todos os soldados dos Superiores deveriam decolar em até um kahecíclon.

Já nos céus, a nave de Straxus e outras doze pequenas naves de escolta voavam em direção

ao sudoeste, onde estava localizada sua principal cidade. Repentinamente, uma de suas naves batedoras explodiu.

— Ataque! Estamos sob ataque! — A mensagem do rádio era clara.

— Mas que droga é essa? — praguejou o Comandante Straxus quando uma sombra negra cobriu o seu transporte.

— Comandante, é o Rei Kimsley!

— Como é?

— É o Rei Kimsley em pessoa!

A grande sombra superou a nave dos Superiores em velocidade e fez uma parábola nos céus. O Comandante claramente pôde ver o seu adversário: tratava-se de um gigantesco dragão que media cerca de quarenta metros desde a ponta da cabeça ao fim de suas sete caudas. Ele possuía uma juba de leão e sua couraça era malhada nas cores dourado e preto.

— É o dragão lendário das sete caudas! — afirmou o piloto. — É o Rei Kimsley com certeza! E ele não está só.

Ao lado das naves dos Superiores, cavaleiros montados em grifos, águias vorazes e cavalos-alados acompanhavam o Rei.

— Que merda! — mordeu os lábios o Comandante Straxus.

CAPÍTULO 16

FOGO NOS CÉUS

Ísis acabava de chegar da escola quando parou diante da caixa de correios e viu uma carta. Ao retirar a carta leu o remetente e sorriu, era a primeira carta que recebia do irmão. Ela foi correndo contar aos pais.

— Pai, Mãe! Olha só, é uma carta do maninho!

Ela imediatamente entregou a carta ao pai, que rasgou o envelope e viu que havia algumas fotos e uma carta impressa. No rodapé, a assinatura do filho. Senhor George franziu a testa. A esposa e a filha ficaram rindo ao ver as fotos de Izac, ele estava bem e vestia um uniforme branco com abotoaduras douradas, ele parecia feliz na foto. Senhor George foi para o quarto e nada disse. Sentou-se diante da janela e começou a olhar as nuvens, preocupado.

O tempo passou. A cada dois meses ele recebia o mesmo estilo de carta com algumas fotos e escrita à máquina, apenas a assinatura era do filho. Isso se repetiu por mais três vezes. Na quarta vez Ísis chegou correndo e dizendo:

— Veja, papai, uma nova carta do maninho.

Ele não disse nada, apenas foi para o quarto, sentou-se diante da janela e começou a olhar as nuvens. Dona Tainá achou aquilo estranho, mas preferiu comemorar com a filha e ver as fotos, não queria que ela se envolvesse nos problemas dos adultos. Naquela noite ela foi ter com o esposo:

— Querido, não entendi. Por que não quis ver a carta de nosso filho desta vez?

— Desculpe, amor! Não consigo disfarçar mais. Pegue as cartas de nosso filho e dê uma olhada nelas.

Dona Tainá foi até a gaveta e pegou as cartas. O velho espalhou as quatro cartas que recebeu até então sobre a mesa e disse:

— Esta foi a primeira carta que ele nos mandou. Bem, Izac é esperto, ele não iria dar bandeira e escreveria uma carta semelhante a que está aí, mas me deixaria pistas na carta sobre sua real situação. Eu conheço o meu garoto e sei que ele iria passar uma outra mensagem dentro da carta em código. Isso não aconteceu, então não foi ele quem escreveu esta primeira carta.

— Ele poderia ter tido medo e escrito em outra.

— Verdade, mas isso não aconteceu. E olhe bem as quatro cartas que temos aqui.

— Não vejo nada de diferente, querido. Foram escritas iguais, todas foram escritas à máquina.

— Exato. Foi tudo escrito à máquina, inclusive a assinatura.

Dona Tainá se assombrou. Ela olhou as quatro assinaturas do filho e estavam realmente idênticas.

— Um ser humano dificilmente consegue replicar duas assinaturas idênticas, quanto mais quatro. Quem escreveu essas cartas não foi o nosso filho. Isso é muito ruim. Não vai demorar muito até eles mandarem uma carta lamentando que algo aconteceu com nosso menino e vão nos oferecer uma indenização.

Dona Tainá caiu na cama e começou a chorar. Senhor George olhou para a janela e seus olhos estavam cheios de lágrimas. Em seu íntimo ele dizia:

“Você é muito valente, meu filho. Não sei o que vai acontecer ou o que aconteceu contigo, mas tenho muito orgulho de você!”

E, de fato, dois meses depois eles receberam a temida carta timbrada da Organização Pamôn-r. A mãe tremia de nervosismo enquanto rasgava o envelope que continha a seguinte mensagem:

“Senhor e Senhora Valgas. É com grande pesar que comunicamos que o seu filho, Izac Valgas, faleceu em decorrência de um acidente de carro durante o deslocamento entre nossas unidades de ensino e trabalho. Seu filho era um garoto exemplar e amado por todos nós. Por este motivo, gostaríamos que visitassem nossa sede no Brasil, a fim de que nossos psicólogos e especialistas trabalhem com vocês para que superem este momento de perda. Nossa organização dará todo o suporte à sua família.”

Dona Tainá caiu em prantos. No quarto, o Senhor George continuava sentado em sua cadeira olhando as nuvens. Ele escutava o choro da mulher na sala, mas a sua dor era tanta que ele mesmo não conseguia levantar, nem mesmo chorar. Seu peito doía e sua alma, ainda mais.



Nos céus do planeta dos anéis, a cavalaria-alada da Resistência perseguia impiedosamente as naves dos Superiores. Uma rajada-relâmpago cruzou o céu e uma nave explodiu, obra do gigantesco dragão que liderava o ataque.

Pouco atrás dele, duas dezenas de cavaleiros-alados se deslocavam nos céus. Dentre eles estava Edocross montado em um cavalo-alado, o anão Gwim montado em uma águia feroz e Ian montado em um grifo. Armados com uma besta de longo alcance que disparava flechas de fogo, eles se atiraram contra as naves aéreas dos Superiores, obrigando-os a se dispersarem para não serem alvejados.

Percebendo seus batedores perdidos diante do ataque, Straxus berrou:

— Estes bruxos malditos querem aproveitar nossa desorganização por causa da explosão vulcânica! Isso é imperdoável! Vamos mostrar a eles novamente que nada é mais forte que nossa tecnologia! Fogo neles!

— Não é fácil, Comandante — gritou o piloto. — Eles estão em maior número, e a presença do Rei Kimsley é um problema para todos nós.

— Será que eu, como Superior, serei obrigado a me levantar de minha cadeira para fazer o trabalho de vocês? — perguntou Straxus, possesso de raiva.

— Mas é o Rei Kimsley! — rezingou o piloto. — Os estudos indicam que esta criatura é tão poderosa quanto um membro do Comando de Elite dos Superiores! Somos soldados comuns, não temos recursos para lutar de igual para igual contra uma monstruosidade deste nível!

— Cale-se! Eu conheço estes relatórios — clamou Straxus, mas com olhar hesitante.

O Comandante tinha motivos para não sair do lugar; quando o Rei Kimsley liderou um ataque contra os Ouvidores do Presidente, ele foi capaz de tirar a vida de vários Comandos de Elite. Os Superiores costumavam definir seus inimigos por nível de ameaça. Um inimigo ou transgressor das normas dos Superiores ganha imediatamente o Status I. Se ele for perigoso, recebe o Status P. Se for extremamente perigoso, recebe o Status M. Mas se algum deles é capaz de realmente tirar a vida de um Superior, ele recebe a classificação de ameaça grave, ou Status G. O dragão em questão ganhou status de ameaça grave para os Superiores. Ele queria manter a pose, mas não conseguia esconder o incômodo que sentia sendo ele o único ali que poderia lutar contra tal adversário. Para sua sorte, o comunicador chamou:

— Comandante Straxus Reder, aqui é o Comando de Elite Intendente Baal Reavylord. Localizamos em Monte Negro o deslocamento do Rei Kimsley em sua direção e identificamos o ataque do inimigo. Peço permissão para interceptar a ameaça de Status G pessoalmente.

— Permissão concedida, Intendente Baal.

— Hell Straxus! — saudou o Intendente.

Nos céus de Áurius, estrelas cadentes se cruzaram. De um lado o Comandante e seus batedores perseguidos pela cavalaria-alada da Resistência e, de outro, o Intendente Baal Reavylord e seus subordinados. Entre os cavaleiros-alados estava Edocross que, assim que viu os inimigos passarem por ele, gritou:

— Atenção! Os reforços dos Ogres chegaram! Cuidado com a retaguarda!

Os inimigos chegaram atirando; sem surpresa, sua arma preferida eram os projéteis inteligentes que detonavam assim que se chocavam contra qualquer objeto e travavam o alvo através de identificação visual, perseguindo o inimigo até o atingir. Não era a primeira vez que a cavalaria-alada daquele planeta enfrentava este tipo de inimigo; os grifos e os cavalos-alados faziam verdadeiras acrobacias aéreas para se livrar dos projéteis e contavam com a ajuda dos cavaleiros que, com suas armas, destruíam os artefatos.

Os grifos ainda possuíam a habilidade natural de cuspir bolas de fogo, mas os cavalos-alados não tinham essa sorte e eram os que mais sofriam contra este tipo de inimigo. Mesmo com toda a habilidade, muitos não conseguiam escapar das armas. Quando o artefato atingia um cavaleiro-alado, uma grande explosão acontecia. Sangue e carne queimada caíam fumegando dos céus. A morte era certa.

Rápido como um pesadelo, Baal Reavylord voava pelos céus usando como forma de propulsão apenas a sua armadura vermelha. Suas armas eram um par de lançadores em forma de discos que possuíam sensores inteligentes ligados ao sistema nervoso do Soldado de Elite. Esta arma obedecia a todos os movimentos que ele desejava, como se fosse uma extensão de seu corpo. Os discos eram da espessura de um fio de cabelo e eram armas criadas com o objetivo de bater e cortar. Os discos giravam com uma velocidade próxima à da luz e os lançadores tinham o efeito semelhante ao de um ioiô, contraindo e esticando em distâncias aleatórias. Esta arma foi batizada por Baal com o nome de “bate-corta”.

A quatro quilômetros de distância, o bate-corta atingiu um cavaleiro-alado que montava um grifo; o animal tentou segurar o dono, mas só conseguiu pegar a metade do guerreiro. Sua cabeça e o restante do corpo precipitaram-se no abismo, desaparecendo da vista de todos.

— Maldito Comando de Elite! — bradou Edocross, sacando a espada.

— Espere! — urrou o dragão. — Lidere os homens, Edocross. Este aí é meu!

Edocross fez a volta com sua montaria alada e partiu para cima das naves inimigas enquanto o grande dragão revidou o ataque de Reavylord com uma poderosa rajada de fogo. O Soldado de Elite girou rapidamente o disco para formar uma barreira de ar e minimizar o impacto do ataque. Ele conseguiu neutralizar as chamas, mas por alguns instantes perdeu a noção de distância, recebendo como castigo um violento golpe de uma das caudas do dragão.

O Superior despencou dos céus e se chocou contra uma floresta que estava logo abaixo. Várias árvores não suportaram o impacto e se partiram. O dragão não perdeu tempo e incendiou a floresta com o seu hálito flamejante, transformando em carvão toda a região do impacto. Em seguida passou a voar em círculos, olhando atentamente o local; ele sabia que a possibilidade de um inimigo daquele nível sobreviver era bem grande.

Ele estava certo. Emergindo das cinzas, o bate-corta surgiu assobiando e atravessou as asas do dragão. Instantes depois o outro disco também atravessou a pata de trás da criatura gigante. Como se agisse por vontade própria, os discos circularam em torno do corpo do dragão, o amarrando com os fios finos de aço. O Rei Kimsley subiu ainda mais em altitude e arrancou do solo o inimigo enquanto o bate-corta atingia violentamente suas costas, perfurando suas escamas e rasgando sua carne.

O dragão reagiu cuspidando uma violenta descarga-relâmpago contra o Superior. Ele berrou de dor, o bate-corta parou de funcionar e as cordas afrouxaram. O Rei Kimsley então disparou

uma rajada de ar frio, congelando o Supercomando, que novamente despencou dos ares levando sua arma consigo. O dragão circulou nos céus e caiu dentro de um rio caudaloso que cortava aquela floresta.

No solo, o Intendente Baal Reavylord levantou-se com dificuldades. Sua armadura vermelha trincou com os seguidos ataques do dragão e se partiu.

— Que maldito! Não acredito que exista uma criatura no Universo capaz de fazer frente à força de um Superior! Ele vai me pagar!

O Intendente olhou para o rio e viu um homem sair de lá. Ele era alto, tinha cerca de dois metros de altura, cabelos longos cor de vinho, barba grande, queixo largo, orelhas de elfo e olhos cansados que demonstravam que tinha idade avançada. Ele usava uma armadura de escamas de dragão nas cores preto e dourado. Sua perna sangrava, mas ele caminhava sem dificuldades.

— Ora, o líder dos cães deste planeta! — riu o Intendente.

— Rei Morvan Kimsley para você, Ocre!

E em torno do Rei um poderoso dragão dourado feito de luz se formou e de seu punho direito um relâmpago cortou o ar, atingindo em cheio o Intendente que voou, caindo a vários metros de distância.

O Superior executou um rolamento e se pôs de pé rapidamente, contra-atacando com os dois bate-corta que tinha à disposição. O soberano reagiu rápido, esquivou-se habilmente das armas do adversário e saltou para o meio das árvores. Reavylord iniciou uma desenfreada perseguição a Rei Kimley pela floresta, onde o Superior tentava a todo o custo não perder o inimigo do seu campo de visão, planejando poder atingi-lo com sua melhor arma. Já o Rei tinha a intenção de atrapalhar os movimentos do adversário, e desta forma poder contra-atacar.

A luta apresentava este cenário, até que, em uma manobra rápida, o Rei desapareceu da vista do Superior. Imediatamente este recolheu o bate-corta e assumiu uma postura defensiva.

— Mas que merda! — praguejou o Superior. — Isso não é nada bom!

Os ataques mais perigosos dos nativos daquele planeta eram aqueles que os Superiores chamavam de bruxaria, já que os nativos usavam uma espécie de mantra para usar a energia do próprio corpo como arma. Para os nativos de Áurius, aquilo nada mais era do que o alinhamento do poder do espírito com a natureza à sua volta, capaz de distorcer momentaneamente o ambiente e fazendo o que outros chamariam de “mágica”.

Um dragão é uma das três raças mais poderosas daquele planeta, e o Rei Morvan Kimsley era o filho de uma Potência, o que equivaleria dizer que é o mais nobre de todos os dragões daquele mundo. Em Áurius, existem sete raças de dragões. Os dragões vermelhos do elemento fogo, os dragões brancos do elemento ar, os dragões azuis das águas, os dragões verdes da terra, os dragões amarelos da luz, os dragões negros da escuridão e, finalmente, a sétima raça é justamente a raça daquele Rei, a única que tem nas mãos o poder de todos os elementos das

demaís, os dragões-santos, um tipo de dragão tão raro que não existiam mais de três vivos naquela época.

O que Reavylord viu em seguida foi o Rei dos dragões emergir da terra como alguém que sai de um mergulho nas águas. Por um momento ele hesitou. Este momento foi mais do que suficiente para o que viria depois. Uma onda de fogo circulou o corpo do soberano, tomando a forma de um dragão em chamas; agora era Reavylord que estava acuado diante do poder de seu atacante.

— *Mitio Fleuer Rorgon!* — bradou o Rei em idioma local.

O Intendente foi atingido em cheio pelas incontáveis bolas de fogo do ataque do Rei. Sua armadura explodiu em pedaços e o soldado que pertencia à elite dos Superiores perdeu o seu orgulho e sua vida, caindo carbonizado no solo.

Imediatamente o Rei Kimsley assumiu sua forma de dragão dourado de sete caudas e voou rumo a seus subordinados.

Nos céus, Edocross perseguia uma nave dos Superiores que subia e descia, fazendo movimentos em “S” para evitar o raio de ação dos disparos do cavaleiro. Mas Edocross era frio como gelo quando estava em combate; concentrado, ele só enxergava o momento certo para fazer um único disparo que derrubaria de vez a nave inimiga. A chance veio quando ela fez uma segunda volta. Prevendo o itinerário do adversário, Edocross efetuou o disparo perfeito e a nave inimiga rodopiou ao ser atingida no leme. Um segundo disparo pôs fim ao funcionamento dos motores do inimigo, que despencou dos céus em meio à grande fumaça.

Ian e Gwim perseguiram a nave do próprio Comandante Straxus. O grifo de Ian atacava a nave com suas rajadas de fogo enquanto a nau, em zigue-zague, tentava escapar. Por meio de um aparelho preso ao cinto semelhante a um headphone, os membros da Resistência se comunicavam.

— Ian, não se afaste demais! — preveniu o anão. — É um Comando de Elite que está naquela nave, seus poderes são estranhos e perigosos, precisamos ser prudentes!

— Se perdermos esta chance agora, Straxus escapará. Temos que derrubar a nave dele agora mesmo! — respondeu de forma firme o cavaleiro-alado.

Neste exato momento, duas naves batedoras cercaram Gwim.

— Ian! Chegou a cobertura do Comandante, temos que nos afastar ou ficaremos na mira deles!

E o anão foi obrigado a fazer manobras nos céus para escapar da mira das duas naves atacantes.

— Só um instante, eu sei que vou conseguir! — retrucou Ian, concentrado. — Firme aí, Cian, eu só vou precisar de um instante! — disse ele de forma mansa ao seu parceiro grifo.

O cavaleiro ergueu-se no ar sobre o seu grifo e fez pontaria com sua besta longa. Mas,

neste exato momento, um ser de armadura vermelha surgiu do nada e arrancou Ian de sua montaria. O cavaleiro olhou para o ser e identificou o inimigo: era um Comando de Elite dos Superiores. Ele era muito magro, comprido, cabelos amarelo-claros, olhos brancos como leite, lábios negros. Os seios eram salientes, mas pequenos. Tratava-se de uma fêmea dos Superiores.

— Você é um inimigo de elite, mulher? — perguntou Ian com dificuldades, sendo erguido dos céus pelo pescoço.

Ela riu. Um pulso elétrico passou pelo corpo do Comando de Elite e chegou ao corpo de Ian. O que Gwim viu de longe foi o corpo de seu amigo fazendo uma série de movimentos não naturais de forma aleatória. O anão gritou de ódio. Ele percebeu que todos os ossos de seu companheiro haviam sido quebrados. Quando parou de se mexer, o sangue jorrava por todos os poros da armadura do cavaleiro-alado. Ele estava morto.

O corpo de Ian despencou dos céus como uma boneca de pano, seguido pelo seu fiel grifo, que se apressava em tentar salvar o seu parceiro. Em meio a esta confusão, Straxus e dois de seus batedores escaparam, deixando as oito naves restantes em combate cerrado contra a cavalaria-alada da Resistência. A guerreira Superior sorria satisfeita ao ver o seu Comandante escapar ileso.

Naquele instante, uma flecha de fogo cortou os céus em direção à cabeça da guerreira, que simplesmente virou-se de lado e agarrou o artefato bélico com uma das mãos.

— Maldita! — gritou Edocross, que chegava montado em seu cavalo-alado. — Sei que um membro do Comando de Elite dos Superiores é praticamente imortal, mas nem sua imortalidade escapará da minha ira nesta guerra!

— Não estou nem aí para a sua ira — riu a fêmea. — Você simplesmente não tem recursos para me tocar. Sua vida está em minhas mãos.

Edocross armou a besta e fez pontaria novamente para a cabeça da inimiga enquanto ela, de braços cruzados, sequer dava mostras de que iria se mover.

— Diga o nome de quem eu serei o algoz! — bradou Edocross, furioso.

— Algoz? — riu ela. — De onde tirou esta ilusão? Direi o meu nome para que lembre bem de quem te humilha! Sou a Major Germinim Vermitrax, Comando de Elite do Batalhão Superior.

E dizendo isso, ela desapareceu repentinamente do campo de visão de Edocross, surgindo como um raio atrás dele, tão próxima que ele podia escutar a voz dela em seu ouvido.

— Vou te fazer entender por que tenho este nome, verme.

Ela tocou o cavalo-alado de Edocross e o animal se contorceu, quebrando todos os ossos desde a ponta dos cascos à ponta das asas. O cavaleiro e o animal morto despencaram dos céus em meio às gargalhadas da guerreira de elite dos Superiores.

Edocross tentou acionar a mochila que tinha um paraquedas, mas quando o mesmo foi-se abrir acabou prendendo na pata do animal morto que caía e se embolou. Nada mais poderia ser

feito por ele, a não ser esperar a morte. Mas a morte não era o destino daquele cavaleiro naquele dia; o grifo pertencente a Ian surgiu nos céus rápido como uma miragem e, em uma primeira passagem, ele cortou o paraquedas que estava preso. Na segunda, agarrou com suas presas o guerreiro antes que ele atingisse o solo.

O grifo carregou Edocross até onde estava o corpo de Ian, seu companheiro de batalha. O animal pousou suavemente e começou a urrar e a cheirar o corpo de seu parceiro. Ele não tinha lágrimas, mas sua tristeza era visível para qualquer um.

— Sei o que está sentindo, Cian — disse Edocross, abraçando o grifo e baixando a cabeça deixando escapar as lágrimas. — Mas isso não pode ficar assim! Aquela desgraçada matou seu parceiro Ian e o meu amigo Snoke. Não sei quando a você, mas eu quero dar o troco!

O grifo urrou e se posicionou ao lado do cavaleiro-alado. Este subiu no dorso do animal que decolou como um raio. Furiosos, eles estavam prontos para mais um round de batalha.



— Tenente, quanto tempo nós temos? — perguntou o Capitão Set Rayzor, ainda presente na maior torre do Forte-Prisão de Número Quatro.

— Er! Eu não sei, senhor!

— Como não sabe, imbecil! Não é você o responsável pelas leituras do sistema? Como não sabe ler quanto tempo nos resta até a explosão do vulcão?

— Capitão, não há como saber! — disse o Tenente. — As leituras mudaram totalmente!

— Como assim?

— Veja por si mesmo!

O Capitão foi até o visor e viu algo extraordinário. A reação em cadeia iniciada tempos atrás assumiu uma nova característica; era como se a explosão do pulsar estivesse agora emitindo apenas uma absurda quantidade ondas de energia, como se aquela erupção fosse de raios, e não de lava.

O Capitão foi até a porta da torre e viu um canhão de luz subindo para os céus, onde ocorria um fenômeno semelhante à aurora boreal. Naquele instante o Tenente também chegou à porta.

— Capitão, as equações que acabo de receber... este fenômeno é exatamente o que nossos cientistas afirmaram que seria em uma ativação do Blisar.

— Como é? Então o Blisar realmente estava aqui e foi ativado?

— É o que parece. O que estamos vendo é o poder da criação. Um poder tão grande, capaz de criar e destruir estrelas. Estou transmitindo estas imagens ao vivo para Monte Negro. Mesmo que não possamos tocar o coração das estrelas desta vez, as leituras que estamos fazendo aqui

serão de uma utilidade ímpar para todos nós no futuro.

— Então tudo não foi um fiasco total — sorriu o Capitão.

Em seu íntimo, ele enxergou ali a possibilidade de subir de patente e desta forma deixar de obedecer às ordens de Straxus. Set era um Superior, mas não foi promovido a Comando de Elite. Este era o seu sonho, receber um upgrade em seu corpo e ficar no mesmo patamar de poder dos principais Superiores daquele planeta.

— Hahahahaha! Tenente, muito bom trabalho! — gargalhou, tocando o ombro do subordinado. — Você será promovido a Capitão, e eu a Major depois desta. Todos nós vamos nos dar muito bem por termos ficado aqui e apostado nossas vidas contra o vulcão.

— Fico muito feliz, Capitão — agradeceu o Tenente.

— Aquele covarde do Straxus... Queria ferrar comigo, mas agora ele vai ver só! — O sorriso de revanche de Set brilhava naquela sala de aço escuro.

Repentinamente os raios que apontavam em direção aos céus se fixaram em um ponto trezentos metros acima do Forte-Prisão. Nuvens negras se formaram e relâmpagos atingiam aquele estranho ponto onde se formou uma espécie de bolha que emitia uma estranha luz negra. A bolha era atingida por descargas de várias direções, tanto dos céus quanto do centro daquele mundo. O estranho fenômeno podia ser visto a olho nu por todos os prisioneiros do forte e os soldados Superiores que ainda estavam em suas posições.

Set olhou da torre o fenômeno intrigado; ele sempre olhava para o Tenente de forma inquiridora esperando alguma resposta. Mas esta não veio. O Tenente estava tão surpreso quanto ele. O Tenente voltou a olhar os instrumentos e avisou:

— Capitão, a radiação do centro do planeta cessou. Não sei o que é aquela bolha, se é o Blisar, mas seja como for ela parou de entrar em colapso e se estabilizou.

— Se for o Blisar, talvez seja uma boa chance de o capturarmos.

— Não sei se é mesmo o Blisar... — disse o Tenente de forma reticente. — Nunca na história ninguém viu um Blisar antes, então não sabemos ao certo a sua aparência. A aparência mais provável era aquele pequeno globo de brilho azul incandescente que vimos quando aquele prisioneiro o encontrou... mas esta bolha é muito maior e o seu brilho é negro, não sei se é uma forma expandida do Blisar ou outra coisa.

A bolha negra começou a se desfazer, assumindo a forma de uma sombra humanoide. A sombra desceu vagarosamente e pousou no centro do Forte-Prisão.

— Isso não é o Blisar, é outra coisa — afirmou o Capitão Set, pressentindo algo muito errado.

Ele engoliu em seco e um arrepio passou por toda a sua espinha quando, em um último estrondo partido daquela sombra, ele pôde ouvir claramente um grito... um grito que pronunciou a palavra “*Orzon*.”

CAPÍTULO 17

O SOLITÁRIO CAMINHANTE PROIBIDO

No começo não havia nada. Era como se tudo fosse escuro. Não havia som, não havia imagem, não havia calor e nem frio. Repentinamente a consciência despertou e reparou que estava escuro. A princípio, ela se assustou e não aceitou que tudo fosse apenas escuro. Então, como uma explosão, tudo surgiu. Faixas de luz cortaram a escuridão como cometas e imagens começaram a se formar. Era o reinício. Lembranças de uma infância esquecida. O rosto do pai e da mãe. O sorriso da irmã. Risos. Brincadeiras. Lembranças boas e outras nem tanto. Pecados? Muitos. Mas nem só de pecados vive o homem. Vive também do trabalho, das alegrias, do amor... o primeiro beijo. Lembranças daquela que foi especial em sua vida.

Ele reparou, então, que estava morto. Naquele espaço vazio e cheio de estrelas, percebeu que não possuía braços, pernas, olhos, nariz, boca... ainda assim enxergava uma imensidão de poeira branca espalhada nas trevas. Ninguém dizia nada, mas ele sabia que cada fragmento daquele pó era um fragmento dele mesmo. O que ele tinha de especial era apenas a sua consciência, o resto era apenas como leite em pó soprado na escuridão.

E aquela consciência escutou uma voz que não poderia ser ouvida por aqueles que têm ouvidos, e ela deslocou-se pelo espaço entre as estrelas até onde a voz o chamava. Ao longe havia uma velha estrela. Ela estava apagada e apenas suas crateras emitiam um brilho azulado muito forte. A consciência voou até a velha estrela e entrou por uma de suas crateras. Dentro da estrela havia um imenso salão de pura luz azul. Ao fundo havia uma sombra negra que lhe era familiar, mas ele não sabia quem era. A sombra possuía um lenço azul brilhante em torno do pescoço que formava uma espécie de capa e cabelos muito brancos. Era uma sombra muito velha, que caminhava devagar e curvada.

— É você aquele que conversava com a Sacerdotisa? — perguntou a consciência.

A sombra mantinha a cabeça baixa e seus cabelos brancos tampavam seu rosto, mas a consciência sabia que o velho sorriu.

— Por que está aqui? — perguntou o velho.

— Não sei para onde vou — respondeu a consciência.

— E por que não sabe?

— Estou morto, não sei onde fica o paraíso e nem o inferno.

— Claro que sabe, todos os mortos sabem. — E o velho virou-se e começou a caminhar lentamente. — Se você não vai é porque está esperando um caminho.

— Caminho? Está tirando onda com a minha cara? Isso não é justo! — protestou a

consciência. — Fiz tudo o possível para fazer aquilo o que é certo em vida, então o caminho agora que morri deveria ser mais fácil!

— Você fez em sua vida aquilo que você escolheu, portanto não deve reclamar se o que passou foi justo ou não.

O velho caminhou até uma rocha de quartzo branco e ali se sentou.

— O que vem agora então? — perguntou a consciência.

— Um círculo maior que o círculo anterior.

— Que bênção! — riu a consciência de forma irônica — Mais problemas para mim!

— Se quiser... — disse o velho de forma tranquila.

— Se eu não quiser é só ir embora?

— Isso mesmo.

Por alguns instantes a consciência e o velho ficaram em silêncio, mas a consciência era curiosa e queria saber mais.

— Eu não entendo! Quem é você afinal? Por que passei por tudo isso na vida? Pelo que morri afinal?

O velho sorriu.

— Criança, eu sou a estrela anciã que é o núcleo deste planeta. Você passou por tudo o que passou na vida e morreu apenas porque eu precisava que alguém como você viesse até aqui.

— Você é Deus? — perguntou a consciência.

— Talvez para alguém como você, sim. Mas para o infinito, que é o verdadeiro Deus de tudo, não. No Universo tudo é formado por esferas. Para o átomo, a coisa mais importante é a molécula. Para a molécula, a coisa mais importante é a célula. Para a célula, a coisa mais importante é o organismo; para o organismo, a coisa mais importante é o corpo; para o corpo, a coisa mais importante é a Terra; para a Terra, a coisa mais importante é o Sol; para o Sol, a coisa mais importante são as outras estrelas; para as estrelas, a coisa mais importante é a galáxia... e para a galáxia a coisa mais importante é o infinito.

“Eu lhe digo, em um corpo humano milhares de células nascem e morrem todos os dias; para a célula, o corpo humano é tudo. O ser humano ama suas células e o seu corpo, por isso faz de tudo para protegê-lo, porque precisa delas bem e saudáveis. Mas, quando as células se rebelam e passam a agir como bem entendem, elas se tornam uma doença, um câncer, e se o humano não agir, a doença matará todas as células saudáveis, o levando à morte.

“Esta analogia pode ser levada em escala cósmica. Um planeta que tem milhares de seres vivos é uma bênção, mas quando estes seres vivos se rebelam e passam a destruir o planeta, o ser vivo que faz isso passa a ser encarado como uma doença e receberá uma dura lição da natureza.

A consciência lembrou-se de seu mundo, onde os efeitos climáticos causam muitos problemas e as pessoas sofrem por culpa da destruição ambiental desenfreada criada pela ação do

homem.

— Não pertenço a um grupo que seja o melhor exemplo de equilíbrio com o planeta — refletiu a consciência.

— Eu sei. Mas você é de um grupo que está vendo na prática as duas partes. Enquanto vários de vocês lutam para restabelecer o equilíbrio, outros agem como uma doença e apenas pensam em destruir tudo. Exatamente por isso você é um espécime tão interessante e julgo que seja uma vacina eficaz contra o problema que estamos enfrentando.

“Quando um câncer consome um corpo e este não consegue ser tratado, o corpo morre. Mas o câncer é uma doença individual, assim como o ser humano é um problema individual para o seu mundo. Entretanto, quando esta doença é capaz de saltar de um corpo para outro, ela se torna uma moléstia contagiosa, uma peste. Estes seres ditos Superiores saltam de um mundo para outro, contaminando-o e destruindo-o rapidamente e sem piedade. Quando os planetas choram, é hora das estrelas tomarem uma atitude.

“Eu pertencia a um Universo anterior a este. Quando o meu Universo se extinguiu, outro estava nascendo e me acolheu e me envolveu. Aqui, eu e o planeta que os nativos chamam de Áurius criamos um mundo único, cujas propriedades não se verão jamais neste Universo. Amo as estrelas e este planeta. E eu aceitei o trabalho de ser o intermediário entre as estrelas e os planetas, cabendo a mim a tarefa enviada de meus amigos ancestrais de aplicar o castigo que esta raça dita Superior merece.

— Então, eu sou um escolhido? — perguntou a consciência.

— Escolhido? — O velho ancião gargalhou tão alto que os cristais do salão estremeceram. — Por que acha que o Universo sussurraria no ouvido de tua mãe que um dia ela teria um filho que atravessaria o Universo para bramir uma espada? O Deus do Infinito é o deus do silêncio do cosmos, da paciência de ver estrelas surgirem e morrerem. O ser humano, cuja vida é tão breve quanto o piscar de um vagalume, não deveria ser tão arrogante e se achar tão especial diante do Universo. Respeite o círculo ao qual você pertence, criança, pois não é o homem maior que o mundo! Encare a verdade, você não é um escolhido, você se escolheu!

— Como? — assustou-se a consciência. — Eu escolhi morrer da forma que morri e estar aqui?

O velho soltou uma nova gargalhada.

— Raciocine, criança. Tudo começou com Izolda. Ela surgiu em seu planeta após uma furiosa tempestade. Durante dias ela vagou sozinha em seu mundo. Acha que você foi a primeira pessoa a vê-la?

Naquele momento a consciência entendeu tudo, foi como se uma imagem surgisse em sua mente desde o momento da tempestade. Ele imaginou a nave da criança caindo; ela, de roupas estranhas, andando pelas ruas e tentando se comunicar. Algumas pessoas sorriam para ela, outras

a ignoravam, umas poucas davam a ela alguma moeda, outras a empurravam com força. Deitada no chão, a criança passava o tempo sozinha. Suas roupas se tornaram sujas, as pessoas se incomodavam cada vez mais com ela. Em pouco tempo a criança não tinha mais outra escolha senão viver na mata e procurar se nutrir de folhas e raízes. Passou a ter medo e desconfiança das outras pessoas, medo de ser agredida novamente enquanto centenas de pessoas passavam pelas ruas, sempre virando o rosto quando a viam.

— Eu sou como tinta que perguntou a um conjunto de pincéis: “ei, qual de vocês gostaria de escrever uma história?”. Dentre todos os pincéis disponíveis, você se prontificou e começou a escrever. Você a chamou para sua casa. Cuidou dela. Prometeu salvá-la. Desafiou os conselhos de sua família e rompeu as fronteiras do Universo rumo a uma morte certa apenas por amor àquela menina e o orgulho de cumprir a promessa que fez. Qualquer pessoa determinada o bastante poderia ter feito o caminho que você percorreu, a diferença é que você foi o único bravo o suficiente para escrever a história até o seu ponto final.

A consciência estava em choque; em sua mente todos os dias que passou até o instante de sua morte surgiram como um filme de recortes: as humilhações, a dor, a doença, a morte... A consciência voltou-se para o velho como se quisesse perguntar algo, mas nada se formava em sua mente.

— Criança, você pode sair daqui e ir para a morada dos mortos e passar para o próximo círculo... Ou eu posso dar a você a chave do Blisar que os Superiores tanto querem. Com o poder nas mãos de criar e destruir estrelas, você está autorizado a mostrar a eles a verdade que, mesmo com toda a tecnologia que possuem, nada é mais terrível do que a cólera do Universo. A escolha é sua.

A consciência ficou em silêncio, mas não demorou para um sorriso surgir em sua face.

— Desde que tudo aconteceu, o meu único sonho era ser forte o suficiente para dar uma lição naqueles canalhas. Não vou desperdiçar esta oportunidade. Mas como posso fazer isto?

— O poder do seu coração é o seu limite. Quando quiser usar o poder das estrelas, chame por aquilo que eles têm mais medo!

O velho estendeu a mão para a consciência. Neste instante a consciência reparou que tinha um corpo.

— Sempre soube que você iria aceitar, eu conheço você muito bem!

Quando os dois seres apertaram as mãos, a consciência olhou para a face do velho e se assombrou: o velho era *ele mesmo*.



A câmera do Forte-Prisão focalizava diretamente a sombra humanoide que estava de pé no

centro da fortaleza. As imagens eram transmitidas para Monte Negro. Os técnicos que serviam aos Superiores especulavam sobre a origem do ser enquanto o Marechal San Hell Hogan, em pessoa, observava tudo sentado em uma cadeira rodeada por monitores. Altamaran, o responsável técnico do setor científico em Orbus Cariballion II, iniciou sua explicação.

— Realmente os dados transmitidos do Forte-Prisão Número Quatro estão corretos. O que acabamos de assistir foi mesmo a ativação do Blisar. O artefato que procurávamos durante centenas de ciclons, por algum motivo ainda desconhecido pelos nossos cientistas, reagiu com o núcleo do planeta e iniciou um processo de criação em proporção de um microverso. O que vimos foi a criação de um pequeno Universo que tomou a forma da esfera negra que foi vista instantes atrás.

O Marechal apoiou-se na cadeira e encostou a cabeça no braço, insatisfeito com a explicação de seu cientista:

— Doutor Altamaran, este tipo de explicação eu mesmo poderia ter dado. O que me interessa é saber o motivo do Blisar ter aparecido na forma de um círculo de eventos. É possível responder a esta pergunta?

— Ainda não, Senhor Marechal.

O Marechal ajeitou os seus óculos escuros e sibilou:

— Doutor Altamaran, vocês têm muita experiência na área científica e tecnológica, mas nunca estiveram em uma frente de batalha contra inimigos cujos recursos você não conhece. Eu sou um veterano de guerra e posso lhe dizer que já vi muita coisa estranha neste Universo. Exatamente por isso eu posso assegurar que é de fundamental importância entender o que é esta sombra.

— Bom, Senhor Marechal, eu posso assegurar que este evento é um fato aleatório e que não tem qualquer relação com a guerra e...

— “Quando dois poderosos seres incompatíveis se unirem nascerá uma prometida, e quando esta ressurgir das cinzas como uma Rainha guerreira terá chegado a hora do coração das estrelas tomar a forma da morte e castigar um mal que veio de longe”. — disse o Marechal de forma severa. — Não acredito em contos de fadas dos bruxos deste planeta, mas ignorar o efeito psicológico que uma coisa destas tem para o moral de nossos inimigos é superestimar nossa competência. De todos os inimigos de outros planetas com quem já lutei, Orbus Cariballion é, de longe, aquele que possui os adversários mais formidáveis. Nunca tivemos tantas dificuldades em nenhum outro mundo para nos fixarmos quanto aqui. Tem ciência disso, Doutor Altamaran?

— Óbvio que sim, Senhor Marechal.

— Ótimo! Eu necessito de respostas convincentes. É a informação correta que faz nossa tecnologia superar os outros povos em nossas guerras. Não me decepcione.

— Hell Hogan — saudou o cientista, se retirando rapidamente em seguida.

Naquele instante, a leste do palácio de aço, a nave do Comandante Straxus pousou. Ele caminhou até a grande construção de ferro fundido que parecia um enorme polvo de aço e vidro. Chegando em seu interior, ele subiu em uma espécie de prancha redonda que deslizou pelo chão, conduzindo-o até a sala do Marechal. Chegando lá ele saudou seu superior.

— Hell Hogan! — sorriu Straxus. — Tenho notícias a relatar.

— O que está fazendo aqui? — perguntou o Marechal em tom seco.

— Ora, vim relatar pessoalmente os fatos ocorridos no Forte-Prisão. Fomos atacados no caminho pelos terroristas do Rei Kimsley e...

— ... e o Intendente Reavylord foi morto — completou o Marechal, olhando fixamente para o rosto do Comandante.

Straxus ficou de olhos arregalados e sua garganta secou de tal maneira que não conseguiu dizer nada.

— Poderia me explicar o motivo de você, como Comando de Elite, não ter deixado a segurança de sua nave e enfrentado pessoalmente o líder da Resistência que é nosso principal inimigo? — disse o Marechal de forma ríspida, mas sem elevar o tom de voz em demasia. — Por acaso não avaliou que, se você e seu Intendente tivessem lutado em conjunto, as chances de derrotarem aquele dragão teria no mínimo dobrado? Que espécie de Comandante é você, Straxus, que é capaz de fazer o orgulho dos Superiores cair por terra desta maneira?

Straxus ficou pálido.

— Minha vontade neste instante é de transformar esta sua carcaça inútil em poeira e enterrar seu pó com a liga de concreto das nossas construções. Pelo menos assim você teria alguma utilidade nas nossas operações neste planeta.

— Mil perdões, Marechal — disse em voz baixa o Comandante, constrangido. — Vou voltar agora mesmo ao Forte-Prisão e ajudar nas batalhas.

— Onde está a Major Vermitrax?

— Ela está no campo de batalha? — assustou-se o Comandante. Neste instante o Marechal retirou os óculos escuros e fuzilou o Comandante com seu olhar. — Er! Vou ordenar que ela venha para cá agora mesmo!

Straxus saiu rapidamente do campo de visão do Marechal e iniciou as tentativas de contato com a Major. Naquele instante, o doutor gritou:

— Senhor Marechal! A sombra... ela está mudando de forma novamente!

San Hell e Straxus foram para diante do monitor e observaram a sombra negra tomar a forma de um ser humano. Era um ser jovem aparentando cerca de vinte anos. Tinha estatura mediana, cerca de 1,75. Era magro. Sua pele era de um tom moreno tão escuro que quase chegava a ser negro. Os cabelos eram lisos, pretos, longos e estavam amarrados em um rabo de cavalo. Os olhos tinham a íris branca e brilhavam como estrelas. Ele vestia um traje negro com

luvas e botas que pareciam ser de um material desconhecido e no pescoço havia um lenço na cor azul muito claro e brilhante. Aparentemente o ser sabia que estava sendo filmado e olhou diretamente para a câmera. Straxus se assombrou:

— Mas isso é um absurdo! Esse sujeito era para estar morto!

— Quem é este sujeito? — perguntou o Marechal, visivelmente irritado.

Straxus engoliu em seco.



No Forte-Prisão, o Capitão também reconheceu a face do inimigo.

— Isso é impossível! Isso rompe todas as teorias físicas que conhecemos! Não tem como algo assim estar acontecendo! — exclamava ele, descendo as escadarias da torre.

Ao chegar no primeiro andar, Capitão Set entrou em uma sala e saiu de dentro dela com uma grande arma lançadora de foguetes. O equipamento era usado para destruir armamentos pesados como muralhas, tanques e blindagens. Sem medo da morte, Set foi para o centro do forte e ficou cara a cara com o seu inimigo:

— Ei, você aí, onde está o Blisar?

O novo inimigo olhou para o Capitão Set e tocou duas vezes o próprio peito com o dedo indicador. Straxus entendeu tudo:

— Vou arrancar o Blisar de seu coração, seu cretino!

E o Superior disparou o lança-foguetes; o míssil teleguiado partiu rompendo o som com o objetivo de atingir em cheio o adversário, entretanto o cavaleiro vestido de negro, com apenas um tapa, desviou a trajetória o foguete e o mesmo explodiu contra o muro do forte, abrindo um rombo na primeira camada de blocos de concreto.

Não satisfeito, o Capitão descarregou todos os seus foguetes contra o inimigo. O solo explodiu em chamas e a fumaça negra subiu aos céus. Quando as chamas diminuíram, o cavaleiro negro estava no mesmo local. Não havia se movido um único centímetro.

— Você não é o escravo que conheci. Quem é você, o que é você afinal?

— Quem sou eu? — disse o jovem de brilho negro. — Essa é uma boa pergunta...

Ele pensou um pouco, sorriu e respondeu:

— Eu sou um ser que não deveria existir, um Caminhante Proibido, sou *Black Busterblaze*.

— Caminhante Proibido? *Black Busterblaze*? — repetiu ofegante o Capitão. — Você é poderoso. Mas saiba que nós, Superiores, também somos! Portanto quero que saiba que seja de onde for que você tira o seu poder, nossa tecnologia sempre vai te superar!

— Não tenho motivos para esconder de vocês de onde tiro o meu poder.

— E de onde é?

O guerreiro negro gargalhou:

— Do orzon!

Set Rayzor caiu sentado no chão como um idiota, tamanho foi o susto. O orzon era como se fosse mil pragas caindo sobre o Superior que foi sua vítima. Aquela raça de conquistadores não temia Deus ou tinha qualquer superstição, mas se existia algo que realmente temia era ser vítima de um orzon.

— Ouça, talvez possamos chegar a um acordo! O que você deseja?

— Eu desejo que vocês todos morram!

E o Caminhante Proibido apontou a mão em direção ao muro que havia sido atingido pelo foguete e com apenas a pressão do ar fez o mesmo desmoronar. O Capitão ficou em choque:

— Forte! Eu só vi algo assim no nível de nossos Comandos de Elite... Não há recursos aqui para deter este cara!

Black Busterblaze caminhou em direção ao Capitão, olhou para ele e abriu o sorriso:

— Isso é engraçado. Durante anos eu tive a vontade de surrar vocês, mas essa sua cara de pavor está tão ridícula pra mim que eu perdi até a vontade de lutar. Quantos homens você tem aqui, Capitão?

— Para que a pergunta? — perguntou o Superior suando frio, mas tentando manter a pose.

— Acho que você não tem muitas opções, tem?

— Me sobraram cento e dez soldados — respondeu em voz baixa.

Blaze deu uma risada.

— Capitão, você uma vez você me deixou vivo porque a vida para mim seria uma maldição. Pois bem, estou retribuindo o favor. Reúna seus cento e dez homens e suma deste forte. Saia agora e deixe todos os prisioneiros exatamente onde estão; se um deles estiver fora do lugar, a nossa trégua será rompida e juro que vou despejar sobre você toda a cólera que tenho guardado da sua raça!

— Você está me expulsando de meu forte? — gritou o Capitão. — O que você ganha com isso?

— Você tem cento e dez homens, Capitão. Eu sou apenas um. Ainda assim não seria uma luta justa — ironizou Blaze. — Suma da minha vista e volte em condições de me enfrentar ou não volte a ficar na minha vista nunca mais. Corra com o rabo entre as pernas, chorando e humilhado. No dia de hoje, eu me contento com isso.

Black Busterblaze, então, entrou no prédio onde os condenados ficavam presos enquanto Straxus, de cabeça baixa, entrava em contato com seu Tenente:

— Tenente, vamos embora do Forte-Prisão agora!

— O que aconteceu, Capitão?

— Apenas obedeça. Dê o alarme de retirada e vamos tirar todos daqui enquanto podemos.

— Sim, senhor!

O Capitão Set olhou para o prédio onde os condenados ficavam, cerrou os punhos e berrou:

— Desgraçado! Desgraçado! Eu sou Superior! Sou Superior! Eu vou me retirar agora, mas não tardará para você me pagar caro por essa humilhação, Black Busterblaze! Eu não esquecerei!

CAPÍTULO 18

CANTAM OS POVOS DE DEHVA

Os portões do gigantesco forte foram abertos e, um a um, os transportes dos Superiores partiram rumo à cidade de Monte Negro. Em menos de meia hora o forte inteiro estava vazio. Blaze abriu os portões das celas dos níveis mais altos, libertando os cativos, e em seguida desceu para os níveis inferiores até que parou diante do grande portão onde a Sacerdotisa estava presa. Com apenas um toque o portão de aço quebrou como vidro, caindo aos pedaços no chão.

Black Busterblaze olhou para a elfa de asas de cisne, que estava desacordada e pendurada pelas correntes. Com todo o cuidado, ele a retirou de lá e a carregou para uma espécie de mesa onde os prisioneiros eram amarrados durante as sessões de tortura. Naquele local de morte, Blaze tocou os ferimentos da elfa e, como mágica, acelerou a regeneração celular. Ele tocou as asas cortadas da elfa e as curou, mas infelizmente não conseguiu fazê-las regenerar. Mesmo não tendo o sucesso desejado, em poucos minutos todos os cortes no corpo de Vehda estavam fechados.

Blaze suspirou e uma fumaça negra começou a sair de seu traje de batalha. Seus olhos brancos ficaram negros e agora ele vestia apenas as mesmas roupas de um prisioneiro qualquer do Forte-Prisão.

— Caramba! — reclamou ele. — Usar o poder do Blisar é esquisito, parece que vou pegar fogo!

Vehda abriu os olhos como se tivesse sido despertada pela voz do jovem. Ela olhou para o rosto de Blaze, o acariciou e sorriu:

— Eu conheço o seu rosto, mas vejo que seu espírito não é mais o mesmo. Minha mãe estava certa, aquele jovem está mesmo morto, não é?

— Está, sim — disse Blaze, olhando para os olhos da Sacerdotisa.

— Eu lhe disse que a morte não era tão ruim.

Ele sorriu e, com dificuldade, pegou a donzela no colo e caminhou rumo à saída da prisão.

— Você está bem forte — riu ela.

— Não estou achando, não, você estava muito mais leve quando te tirei das algemas instantes atrás.

— Isso é natural, o Blisar que se esconde em seu peito não está mais bombeando seu poder para a corrente sanguínea de seu corpo. Você é um ser humano comum agora.

— Como sabe de tudo isso?

— Vou contar tudo a você no tempo certo. Mas agora é hora de você sair deste ambiente que só lhe traz más recordações e receber a alegria e a hospitalidade das pessoas deste mundo. É

mais do que justo que você viva agora alguns momentos de paz e descanso.

Quando saíram do prédio da prisão, o Rei Kimsley na forma humana e seus guerreiros já estavam lá. Os cavaleiros-alados da Resistência colocaram os inimigos sob fogo cerrado e eles foram obrigados a se retirar para Monte Negro. Como a missão ali era outra, a cavalaria-alada preferiu partir para o Forte-Prisão e, para sua surpresa, não encontraram resistência alguma. Alguns escravos contaram aos soldados o que aconteceu. Estavam todos impressionados com o rumo que aquela batalha tomou.

Edocross e Gwim examinavam os prisioneiros e prestavam os primeiros socorros, pois muitos estavam desidratados e doentes. Um dos escravos que espiou o confronto contra Set viu o jovem Blaze com Vehda nos braços e gritou:

— Vejam, eu reconheço o homem que expulsou os Superiores, aquele é o Black Busterblaze!

Os prisioneiros começaram a gritar sem parar de alegria. O Rei caminhou até o jovem e tomou a filha nos braços:

— Filha! Minha filha! Você está viva!

O Rei a ninava como uma criança ao mesmo tempo que, irritado, a repreendia:

— Sua tola! Sua ingênua! Sua idiota! Que besteira foi esta que fez? Por que fez aquilo? Por que se entregou àqueles monstros?

— Não fique nervoso, papai. Sou uma Sacerdotisa, lembra-se? É o meu dever sagrado fazer as coisas tomarem o seu curso. Vi a mamãe em um sonho, ela me disse que, se eu apostasse a minha vida, nossas chances na guerra seriam muito maiores.

— Idiota! Tive que reunir rapidamente um grupo de voluntários para vir até aqui! Já perdi uma filha, como acha que vou me sentir se eu perder outra?

Naquele instante, Blaze baixou a cabeça. Ele voltou para dentro da prisão e lá reuniu todos os seus pertences. Colocou o anel feito por Izolda com seus próprios fios de cabelos no dedo anelar, colocou em volta do pescoço o rosário que ganhou da sua mãe, colocou na bolsa o relógio do pai e o caderno de desenhos. Quando saiu outra vez do prédio da prisão, ele caminhava abraçado à cápsula onde estavam os restos mortais da menina.

— Senhor Rei... — balbuciou o jovem de cabeça baixa. — Perdão.

O Rei Kimsley olhou admirado para o jovem quando este estendeu a cápsula para ele.

— Ela estava sob minha responsabilidade, eu prometi que cuidaria dela... — Ele não resistiu e começou a chorar. — Não fui capaz de salvar sua filha.

O Rei colocou a mão na cabeça do jovem e, com os olhos cheios de lágrimas, disse:

— Você salvou a vida de Vehda e, pelo caráter que demonstra, estou certo que lutou bravamente para cuidar também de Izolda. Hoje estou levando minhas duas filhas para casa e uma delas só está viva graças à sua intervenção. A partir de hoje você será meu hóspede, pois

mesmo sem nos conhecer você já demonstrou que faz parte de minha família.

Gwim e Edocross cumprimentaram Blaze sorridentes e o último completou:

— Majestade, este garoto é mesmo um dos nossos. Foi ele o nosso principal aliado na busca de informações dentro destes muros. Não sei como ele sobreviveu à doença que ele tinha, mas sem dúvida é um amigo que tenho como irmão.

— Edocross, seu antigo amigo está morto — sorriu Vehda. — Quem está aí agora é Black Busterblaze, o responsável para guardar o Blisar que nossos inimigos tanto desejavam.

O Rei tornou-se um gigantesco dragão e disse:

— Tenho certeza que o Blisar está em muito boas mãos! Vamos, amigos, vamos retornar ao reino de Flanória. Nossos conterrâneos nos esperam!

Assim se iniciou a marcha para a cidade do Rei enquanto ao fundo o grande dragão lançava suas chamas e derrubava definitivamente o Forte-Prisão dos Superiores. Vehda comemorava:

— Antes aqui nada crescia. Tudo foi destruído para a construção daquela fortaleza de ferro e pedras, agora estas ruínas voltarão a ser cobertas pela vegetação nativa e a natureza vai voltar a ter o seu espaço por aqui. Nossa casa é bela demais para ser profanada por estes invasores, hoje foi um bom dia para todos nós.



Uma cidade inteira construída à base de ferro fundido e vidro fumê. Assim é Monte Negro, a principal cidade-colônia dos Superiores naquele planeta. As edificações são cheias de ângulos e pontas, as ruas possuem um piso grosso e cascudo. Os veículos movidos a petróleo artificial expõem uma fumaça preta e bruta. O ar é pesado. Os invasores possuem relógios a cada esquina. Tudo precisa ser dentro do tempo. A própria invasão possui um cronograma claro e que precisa ser cumprido a qualquer custo. Existem chaminés por todos os lados para a queima das árvores nativas que são transformadas em carvão e misturadas a vários tipos de elementos químicos responsáveis para a fabricação de um combustível barato e altamente poluente. O visual de constante neblina preta é belo para eles, é a assinatura do estilo de vida Superior, que ama veículos de formas arrojadas e de cores opacas. A cidade é cheia de pontos comerciais e sua burguesia é feliz. No centro da cidade existe um palácio com tentáculos de aço que se assemelhava a um polvo: o centro nervoso das operações dos Superiores naquele mundo, o Palácio Monte Negro.

Capitão Set Rayzor chegou cansado e seu semblante demonstrava preocupação, pois não havia conseguido o Blisar e ainda foi obrigado a se retirar com os seus homens da posição que lhe foi confiada. Ele subiu em uma prancha redonda que flutuou pelo salão até uma espécie de

catedral onde a burguesia de Supéria se reunia. Era o momento da gravação de um programa de televisão que seria transmitido para todo o Universo Superior. Os Superiores não acreditam em Deus, mas veneram o seu Marechal como um. Ele é o ser que leva o nome dos Superiores para todas as partes do cosmos, é o herói daquela raça expansionista e consumista. O conquistador de planetas, San Hell Hogan.

— Hell Hogan! Hell Hogan! Hell Hogan! — grita a multidão de aristocratas, erguendo seus punhos como torcedores fanáticos. Eles estão ali por um motivo, são todos burgueses repletos de dinheiro e prontos para investir na extração de qualquer coisa de valor que encontrarem naquele planeta.

— Quem é o mestre que vocês querem? — grita o animador.

— Hell Hogan! — grita a multidão.

— Quem vocês vieram assistir?

— Hell Hogan!

— Qual é o nome do ser mais famoso e poderoso de todo este Universo?

— Hell Hogan!

— Como é?

— Hell Hogan!

— Eu não estou ouvindo!

— Hell Hogan! Hell Hogan! Hell Hogan!

Então, eis que surge o Marechal. Um imponente Comando de Elite de 2,50 de estatura, cabelos longos e caídos até os ombros na cor amarelo-fogo, pele pálida, barba bem-feita, vestindo uma pesada armadura escamada. Ele estava usando óculos escuros da marca *Grausley*, um de seus patrocinadores oficiais. Hogan era um Superior diferente, ele realmente apenas usava aquilo que gostava, era do tipo autêntico. Ganhar dinheiro usando aqueles óculos era apenas uma formalidade para ele.

— Meus amigos, cheguei recentemente a este mundo para assumir pessoalmente a missão de colonizar e trazer paz a Orbus Cariballion II — iniciou o seu discurso o Marechal. — Temos uma boa notícia: o Blisar, a chave que nossos cientistas afirmaram que é capaz de resolver a equação da criação de novos mundos a partir do nada, foi encontrado. Dentro de pouco tempo, acreditamos ter condições de entregar o Blisar ao nosso Presidente Raggen.

A multidão foi ao delírio, aplaudindo e gritando como loucos. Mas quando uma luz amarela se acendeu, todos se calaram instantaneamente. Era a disciplina de quem aparece em programas de televisão.

— Infelizmente não tenho ainda uma data programada, pois os terroristas deste mundo estão influenciando de forma negativa em nossas atividades de obter o Blisar de forma definitiva. Os progressos que obtivemos foram invejáveis e são estes dados que me dão confiança em nossa

vitória final.

A multidão foi ao delírio novamente. Depois de gritos e aplausos, a luz amarela se acendeu e todos ficaram quietos. Naquele instante o Marechal viu ao fundo o Capitão Set e sorriu:

— O local de onde extraímos as informações atuais sobre o Blisar estava sob a responsabilidade do Capitão Set Rayzor, que por coincidência acaba de chegar até aqui. Por favor, adiante-se, Capitão!

Como o mar vermelho diante de Moisés, os disciplinados Superiores formaram duas colunas de pessoas para permitirem a aproximação do Capitão Set. O salão inteiro o aplaudiu. Surpreso, ele caminhou de forma ereta até chegar diante do seu líder.

— O Forte Avançado de Número Quatro acabou destruído, mas cumpriu sua tarefa — sorriu o Marechal, tocando o ombro de seu Capitão. — O Capitão Rayzor, pessoalmente, vai dar a versão oficial sobre este assunto.

O Capitão não se fez de rogado, respirou fundo e com firmeza deu sua versão para os acontecimentos:

— Sangue da minha raça, é de conhecimento de todos que nossos Fortes Avançados são instalações importantes para o desenvolvimento científico da raça Superior. Durante anos, todos os criminosos que eram levados para lá lutavam para sua reeducação e também trabalhavam muito para descobrir o Blisar, que é a chave para resolver todos os nossos problemas. Tínhamos certeza que encontraríamos o Blisar e realmente o encontramos. Tivemos a oportunidade única de trabalhar com um fragmento deste poder. O que não esperávamos é que este fragmento fosse tão poderoso e que resultasse na explosão de nosso principal laboratório. Sim, sangue da minha raça, eu peço a solidariedade de vocês, pois muitos valorosos monitores e soldados que amavam o que faziam perderam suas vidas naquele acidente. Eu, como líder daquele valoroso grupo, sugiro ao meu querido Marechal que aqui está que aquela estação de trabalho seja desativada e que todos os que puderem comprem os painéis daquela magnífica instalação de nossos patrocinadores. É uma forma adequada para que a lembrança daqueles que se foram nesta missão seja preservada e entre para a história.

Um sonoro e longo “Oh!” se ouviu na catedral. O Marechal San Hell Hogan tomou o microfone e disse:

— O relato apaixonado deste nobre Capitão tocou profundamente o meu coração. Muitos que ali estavam eram meus amigos. Eles cumpriram o seu papel com dignidade e por isso merecem esta honra.

O povo levantou-se das cadeiras e aplaudiu o discurso fervorosamente. Instantes depois a luz amarela acendeu e todos ficaram quietos, o Capitão continuou:

— Sangue da minha raça, eu afirmo que as vidas que lá se perderam não foram em vão! Não, senhores! Obtivemos dados maravilhosos e ainda mais espetaculares sobre o Blisar que

nossa ciência esperava. A partir de hoje, vocês podem ter a certeza que o Blisar, com todo o poder que demonstrou, quando for definitivamente conquistado por nós, dará aos Superiores a chave final da criação e nós seremos os pais de Deuses!

E pela última vez o povo aplaudiu e gritou. O programa foi encerrado com o Capitão Set erguendo o punho em sinal de vitória e esta imagem seria estampada em todos os jornais e demais meios de comunicação espalhados pelo Universo com a manchete “Encontramos o Blisar”; era a notícia que os especuladores esperavam para o mercado de ações subir.

— Você se saiu bem, Capitão Set. — Era o Marechal San Hell Hogan quem dizia, caminhando lado a lado com seu comandado pelo corredor do palácio do governo.

— Não me sinto assim. O Blisar me escapou pelos dedos, perdi o Forte-Prisão Número Quatro e ganhamos um novo inimigo chamado Black Busterblaze.

— Ainda assim você se saiu bem. Agiu como o tipo de soldado que eu espero e confio. Você foi até o inimigo e cumpriu o seu dever. Se hoje você está vivo ou morto, isso é apenas um detalhe para mim. O que conta é o orgulho de ser Superior e este orgulho você demonstrou no campo de batalha.

— Eu juro que não esperava tal reação do senhor, Marechal — balbuciou Set, se mostrando emocionado. — Eu sempre me espelhei no senhor e fiz aquilo que eu achava que o senhor faria numa situação como aquela: lutar até a morte e, se por infelicidade do destino acontecer algo improvável como a derrota, preservar a integridade dos seus soldados para devolver na próxima batalha com um ódio duas vezes maior.

O Marechal parou, tirou os óculos escuros e olhou diretamente para os olhos do Capitão Set. Este estremeceu, achando que havia dito algo que não fosse boa ideia, afinal, como supor uma possível derrota daquele que é o maior herói da história dos Superiores? Entretanto, o Marechal deu um leve sorriso e disse:

— Se eu estivesse lá, o Blisar estaria em nossas mãos agora. Entretanto, se você estivesse lá na forma de um Comando de Elite, que é o que você merece ser pelo seu trabalho, o Blisar também estaria agora em nossas mãos. Como soldado Superior você não poderia ter tido sucesso contra um inimigo daquele nível, você fez o máximo que poderia ser feito pelo nível de hierarquia que lhe foi conferido. Este erro de não ter você na hierarquia mais alta eu não cometerei novamente. Apresente-se agora mesmo ao Doutor Altamaran, você está autorizado neste instante a ser transformado em um Comando de Elite, Tenente-coronel Set Rayzor.

Dizendo isso, San Hell colocou novamente seus óculos escuros e retirou-se enquanto o Capitão Set ficou estático, embriagado pela realização de seu maior sonho.

CAPÍTULO 19

UM RÉQUIEM PARA OS HERÓIS

Era noite quando o exército do Rei Kimsley chegou à cidade Dehva, capital do reino de Flanória. O véu negro ainda não havia chegado e o céu estava iluminado pelas doze luas do planeta, em especial a Lua Azul, que naquela época do ano estava maior e brilhava mais do que as outras. Isso fazia com que a noite fosse tão clara que se podia ver um alfinete dentro de uma casa. O brilho transformava aquele cenário em uma fotografia com filtro azul, deixando o ambiente ainda mais mágico que o de costume.

Os ex-prisioneiros e o exército de cavaleiros chegaram até a cidade pelo alto de uma serra. Dehva ficava localizada no que parecia ser uma descomunal cratera em forma de ferradura. No seu entorno havia a serra pela qual passaram, que formava uma bela muralha natural. O cenário era lindo, vários rios desciam pelas encostas da muralha formando onze gigantescas cachoeiras. No fundo do vale se formou um grande lago de águas cristalinas com várias ilhas de rochas. Era sobre estas ilhas que a cidade se formou, onde cada ilhota era ligada com a outra através de pontes em forma de arco de pedra. Ao final da ferradura, as águas do lago corriam rumo ao oceano na forma do grandioso Rio Mozar.

O palácio real, conhecido pelos habitantes como Castelo de Kimsley, ficava na maior de todas as ilhas; era uma imponente construção de formas arredondadas feita de cristal dourado com detalhes de cerâmica. Para chegar ao castelo havia uma grande praça de cerâmica que, do alto da serra, podia-se ver os fantásticos mosaicos que formavam desenhos de plantas e animais típicos daquele mundo. Blaze também notou a presença de várias piscinas naturais fumegantes tanto no castelo quanto nas praças da cidade e algumas ilhas com poucas casas. Havia também muitos chafarizes espalhados pelo local.

— A cidade de Dehva está localizada em uma área com ligação ao subterrâneo de nosso mundo. As piscinas fumegantes que você está vendo são fontes termais típicas daqui. Os chafarizes da cidade são gêiseres e são regulados pela lua; sempre na mudança das estações eles reagem e ficam vários dias funcionando, quando a estação está para mudar eles param — explicou o anão Gwim.

— Caramba! Que lugar lindo!

Vehda sorriu ao ouvir Blaze dizer aquilo. Ela o abraçou por trás e beijou seu rosto:

— Todas as impressões ruins que teve de meu planeta eu vou fazer você esquecer!

A face de Busterblaze ficou corada. Eles desceram a estrada sinuosa e cheia de túneis que passava atrás das cachoeiras até chegarem a uma grande ponte de acesso à cidade. Pequenos

postes redondos e com luzes coloridas marcavam o caminho. A imagem era nostálgica e trazia um clima de felicidade e tranquilidade ao lugar. Velhos, mulheres e crianças de diversas raças passeavam pelas ruas. Alguns conversavam, outros jogavam *tizzuo*, um tipo de xadrez típico da região, e as crianças jogavam bola. Os quintais não tinham muros e havia muitos pomares em torno das casas. Blaze observou que a divisão dos lotes era feita pelas próprias ruas, que eram calçadas com cerâmica. A limpeza e o brilho do local eram impressionantes.

Os recém-chegados olhavam tudo à sua volta com espanto e alegria. Tudo era diferente do que haviam passado até ali. Eles faziam muitas perguntas a todos os que encontravam pelas ruas e as pessoas que moravam por lá não tinham a menor pressa em responder, explicavam tudo com calma e paciência. Não demorou muito até chegarem à grande praça dos mosaicos que viram da serra. O Rei ordenou aos seus homens que levassem todos aos hospitais, onde seriam tratados e depois levados para os centros universitários, onde poderiam começar a reconstruir suas vidas.

Busterblaze não pôde ir. Vehda estava agarrada no braço do jovem herói como se o obrigasse a tomar apenas o caminho que ela desejava. O Rei-dragão, a elfa alada e o jovem humano entraram no Castelo de Kimsley, onde foram recebidos na porta por uma mulher de cabelos avermelhados, olhos verdes e vestindo um longo vestido vermelho com uma fenda. As joias e a coroa dourada que usava mostravam que se tratava da Rainha do lugar. Ela olhou para Vehda arregalando os olhos e, gritando, pulou em cima da elfa, enlaçando-a com as pernas.

— Nháaaaah! Minha filha! Minha filhinha linda! Por que fez isso com a mamãe? Eu pensei que você ia morrer! — disse aos soluços, chorando.

— Minha *matrina*, tenha calma! — riu a elfa alada. — Está tudo bem! Eu estou bem, eu juro!

— Mentira! — chorava ela, passando a mão nos cabelos verdes como água da Sacerdotisa. — Eu sei que machucaram você! Não finja! Eu sei que você foi torturada e devem ter te violentado! Bárbaros malditos!

— Eu estou viva e bem, minha *matrina*! — riu ela. — Eu fui salva de corpo e de alma pelo nosso novo amigo aqui!

A Rainha saltou de cima de Vehda e começou a caminhar em círculos em torno do novato, o observando.

— Esse aí? Não pode ser... Ele é só um humano! Não vejo nada de especial nele! — Ela, então, olhou para os olhos de Blaze, olhou para Vehda e disparou. — Já entendi, está apaixonada!

O Rei Morvan Kimsley desatou a rir. Envergonhada, Vehda tentava contornar a situação:

— Não é nada disso, *matrina*! Eu sonhei com minha mãe e ela me orientou a fazer o que fiz para encontrar o Blisar. Este jovem que está aí conseguiu tomar o Blisar de nossos inimigos e salvar a todos nós!

— Está mesmo apaixonada! — dizia a Rainha em tom de constatação. — Isso é bom, esse negócio de sacerdócio como a Dehva deve ser um saco! Beijar na boca de vez em quando ajuda a acalmar o fogo que toda a mulher de verdade tem!

O Rei continuava rindo e Vehda olhava para Blaze cada vez mais vermelha. Ao olhar o rosto da Sacerdotisa constrangida, ele mesmo não conseguiu resistir e começou a rir também.

— Até que ele é bonitinho — continuou a Rainha. — Meu conselho é que se case com ele logo, você tem a minha bênção. Precisa aproveitar rápido porque os humanos têm a desvantagem de não viverem muito tempo, ainda mais nestes tempos de guerra. Vai te servir de experiência porque quando você enterrar este aí vai conseguir arranjar alguém melhor, mais forte e que vai durar mais tempo. Podemos marcar o casamento para a próxima lua branca, o que acha?

— *Ma-matrina*, você está me colocando em uma situação ruim! — irritou-se a elfa.

— Então, qual é o nome do noivinho lindo da mamãe? — perguntou a Rainha, abraçando o jovem e apertando-o de encontro aos seios.

— Pode me chamar de Black Busterblaze, Senhora Rainha. — Era Blaze quem respondia com a voz abafada.

— Eu sou a Rainha Bhatra Vam-Epieta. Pode me chamar de Rainha, imperatriz, mestra, musa, linda... mas não volte a me chamar de Senhora, senão vai viver ainda menos tempo! — exclamou a Rainha com voz brincalhona como o de uma menina.

— Sem problemas, Rainha Vam-Epieta — concordou Blaze, ainda com voz sufocada pelo abraço.

— Não, não, não! — protestou a Rainha, apertando as bochechas de Blaze. — Que “Epieta” mais sem graça! Olhe para mim! Eu sou uma Rainha e sou linda, não sou? Você precisa encher a boca e dizer: É-pi-é-tá!

— Formosa, esplendorosa, majestosa majestade É-pi-é-tá! — brincou Blaze, de forma bem exagerada no falar.

— Ai! Que menininho fofo! — A Rainha logo estalou um selinho no rapaz e voltou-se para a filha. — Case logo com ele, Vehda! Eu vou fazer até o vestido!

A moça balançava a cabeça com ar de reprovação. Ainda aos risos, o Rei tomou a palavra:

— Perdoe a minha tresloucada esposa, meu jovem convidado. Este temperamento quente dela é natural da raça das Fênix e do clã Epieta, aos quais ela pertence.

— Não tem o que perdoar, eu adorei a sua esposa! Ela é igualzinha à Izolda nos dias que ela tirava para implicar! Os olhos verdes, o rosto redondo e os cabelos encaracolados são iguaizinhos aos dela — sorriu o jovem, com olhar de profunda saudade.

— Você conheceu minha filha? — gritou a Rainha, agarrando o rosto de Blaze com as mãos para olhar diretamente nos olhos dele. — Onde você a viu?

O Rei tocou o ombro da esposa, e ela virou-se. Com os olhos úmidos, ele retirou da capa a

cápsula que continha os restos mortais da criança e a entregou. Ela abriu a cápsula e tirou um pouco do pó com a mão.

— Está estéril — disse a Rainha, não conseguindo segurar as lágrimas. — Eles destruíram qualquer possibilidade de haver alguma força vital da minha menina! Destruíram o seu corpo e sua alma... Eles devem ter judiado muito dela para que isso acontecesse!

E a Rainha gritou naquele salão como uma leoa que perdeu sua cria. Blaze, extremamente triste, se afastou e sentou-se do lado de uma pilastra do castelo e baixou a cabeça. No centro do castelo, o Rei e a filha abraçavam a Rainha, que chorava como uma criança agarrada à cápsula de pó.

O véu negro cobriu a noite estrelada, dando lugar ao que chamavam de “manto de Angaste” naquele mundo; doze horas depois o véu se foi, deixando a noite estrelada e clara novamente aparecer. Da janela de uma torre, Busterblaze observava o reino. Ali era o seu quarto a partir daquele dia. Dali ele via a vida seguir normalmente naquela paisagem azulada devido aos raios lunares daquela época do ano. Pouco acima de sua cabeça estavam os anéis dourados do planeta. A paisagem era ainda mais linda com a liberdade que tinha naquele momento, entretanto ele não estava feliz. Em seu íntimo ele sentia como se não fosse justo o fato dele estar vivo e a menina que ele tanto amou estar morta.

— Não era isso que eu tinha planejado! — dizia sozinho, em voz baixa. — Eu daria o Blisar para ser o seu coração, Izolda. Era você quem deveria estar viva, e não eu.

Naquele momento alguém bateu na porta do quarto. Quando ele abriu era a própria Vehda que o aguardava:

— O dia hoje será longo, venha!

Como sempre, antes que ele pudesse responder ela tomou o seu braço e o expulsou do quarto. Eles desceram para o andar térreo do castelo, onde uma grande mesa de frutas, pães e sucos o aguardava. Depois de se alimentarem, a dupla foi para a parte de trás do castelo, onde as piscinas naturais fumegavam. Ali encontraram o Rei e a Rainha conversando e caminhando pelo jardim.

— *Daimo* Black Busterblaze, bom dia! — saudou o Rei.

— Virei “mestre” agora? Não sabia disso!

— Este título não te agrada? — riu o Rei.

— Sei lá, poderia ser o genro Busterblaze, já que, de acordo com a Rainha, vou me casar com uma Sacerdotisa, não é?

O Rei riu e Vehda escondeu o rosto, mas naquele dia a Rainha estava de cara fechada e parecia aborrecida.

— Hoje será um dia atípico. Daqui a pouco teremos o funeral de nossos heróis que morreram nas batalhas dos últimos dias.

— E quanto à Izolda? — perguntou Blaze ao Rei.

— Os funerais dela deverão esperar um pouco. Duas importantes Potências estão se dirigindo para cá para acompanhar pessoalmente a despedida de nossa filha.

— Potências? Já ouvi falar disso, mas não entendo muito bem. Potência é a raça de Dehva, não é?

— Na verdade, Potência é o nome que se dá ao ser primordial de uma determinada raça. É o patriarca de uma raça ou força da natureza deste mundo. As Potências são agraciadas de grande poder e são, portanto, os deuses avatares de uma determinada raça consciente deste mundo — explicou o Rei. — No mito primordial de nossos povos, há milhares de anos todos viviam como simples animais, sem ter a noção de sociedade nem de consciência. Era uma época de canibalismo, assassinatos e mortes sem sentido. Mães devoravam os filhos e os pais estupravam as crianças.

Blaze arregalou os olhos, Vehda deu uma risadinha e continuou a história:

— Segundo as histórias antigas, um ser humano, assim como você, desceu a esta terra caminhando por uma estrada construída pelo sol e colocou ordem no caos daquela época. Ele perguntou a cada uma das raças de animais qual delas gostaria de mudar o rumo desta terra. O primeiro animal de cada espécie que aceitou a missão recebeu o dom da clarividência, da linguagem e o poder mágico necessário para guiar os outros de sua espécie. Dehva, minha mãe, era a representante dos símios alados Eldors, estes símios são parentes distantes de nossa raça, a raça dos Elfos Alados.

— E o que aconteceu com o cara que veio do sol? — perguntou Blaze.

— Ele criou os primeiros seres humanos deste mundo através das sementes de árvores. Ele deu a eles o dom da agricultura. Só que aqueles animais que foram escolhidos tiveram inveja dos humanos e mataram aquele que veio do sol. Eles o retalharam e o comeram. Quando isso aconteceu, o espírito daquele ser morto surgiu diante de todos e os perdoou. Foi então que eles tiveram a noção do que é ser um assassino, um canibal, um estuprador... mas também aprenderam a importância da justiça e do perdão.

— Entendi, aprenderam da pior maneira o que é o pecado.

— Exato — confirmou o Rei. — Este humano é chamado por nós deste mundo de Santo do Martírio, o mestre de todas as Potências. Segundo nossa cultura, é ele quem está sentado no trono principal do grande círculo do mundo externo, um mundo aonde todos nós iremos quando deixarmos o nosso corpo físico.

— Agora entendo por que Izolda gostava tanto de acompanhar minha mãe quando ela ia à igreja — riu Blaze. — No meu planeta, na religião cristã que pratico, também tivemos um homem que ressurgiu da morte e mudou a história da humanidade. Parece que o Deus do Infinito tem maneiras bem chocantes para fazer as pessoas despertarem para a importância do amor à

vida.

— De tempos em tempos uma Potência toma uma forma física e vem a este mundo — tomou a palavra Vehda. — Esta forma-avatar é vista como uma bênção por todos, pois normalmente traz as orientações do Conselho do Mundo Externo, onde as Potências estão reunidas. Nestes tempos difíceis de guerra, a presença de uma Potência dá muita força psicológica a todos nós. Quando os Ocres conseguiram matá-la, eles fizeram contra nós a pior de todas as ofensas. Mesmo como Sacerdotisa que prega a paz e o perdão, eu não sou capaz de perdoar o que fizeram.

— Você não os perdoa porque se sente injustiçada — afirmou Blaze. — Não é a violência que gera a violência, é a impunidade que gera a violência. Quando alguém só pratica o mal sem ser punido, você não tem a capacidade de sentir compaixão por ela. Quando eles forem derrotados e receberem uma punição justa, você, pelo coração que tem, vai ser capaz de perdá-los.

O Rei sorriu.

— Os seres humanos são mesmo magníficos. Eu sempre que ia lutar me sentia de certa forma culpado porque a arte da guerra é a arte de matar e isso é contra nosso costume e nossa índole. Quando você coloca desta maneira, eu entendo que devo continuar a erguer a espada e lutar, mas com a doçura necessária para guardar a espada assim que a justiça for feita. Só assim a justiça não será confundida com vingança. Derramar mais sangue que o necessário é despertar no inimigo a mesma sensação de injustiça que nós sentimos. Quando isso acontece, não há paz. Eu tenho certeza que você é o Santo do Martírio que retornou a este mundo para colocar fim a esta guerra, *Daimo Black Busterblaze*.

— Hahahahah! — gargalhou Blaze. — Pode ter certeza que não sou nenhuma reencarnação, mas não nego, pelo que me contaram, que tenho grande simpatia pelo Santo do Martírio que vocês veneram. Não sou nenhum santo e não acho que farei nenhum belo milagre, mas pelos poderes que recebi eu prometo que vou fazer muito barulho para solucionar o problema dos invasores!

— Você é muito humilde — sorriu o Rei. — Você vai fazer grandes obras neste mundo, *Daimo Black Busterblaze*. Está destinado a isso. Se não estivesse, o Blisar não teria escolhido você.

— O Blisar poderia ter escolhido qualquer um — riu Blaze. — Pode acreditar no que estou dizendo, eu só estou nessa porque me meti onde não fui chamado!

Blaze olhou para a Rainha e percebeu que ela estava de cabeça baixa e calada, muito diferente daquela que os havia recebido no dia anterior. Ele nada disse, sabia que a presença dos restos mortais da filha despertou nela todas as lembranças que tinha da jovem em vida, aguçando ainda mais o sentimento da perda e da morte. Ele sorriu de forma tímida e tentou animá-la:

— Acho que, pelo que entendo da fé de vocês, Izolda com certeza deve estar no grande salão do mundo externo neste momento. Creio que ela está feliz ao lado das outras Potências.

— Ela não está lá — disse a Rainha em voz baixa. — Não há rastro espiritual dela. Eu sou uma fênix, de almas eu entendo muito bem.

Todos ficaram calados e tristes.

No final daquele dia azul, uma procissão deixou a cidade. Mais de sessenta mil pessoas de diversas raças partiram em comitiva e subiram a serra. Eles levavam os parentes e amigos mortos em batalha para um dos vários casarões de pedras que formavam um complexo de mausoléus onde os restos mortais das pessoas da cidade ficavam.

A cerimônia era simples, cada família recitava poemas em homenagem aos mortos com orações às Potências para que recebessem bem aquele que partiu. Cítaras e harpas eram tocadas durante os poemas, compondo um cenário emocionante e saudoso. Quando o véu negro do Manto de Angaste surgiu no horizonte, todos iniciaram a descida da serra e foram para suas casas. Tudo em silêncio. A hora Angaste daquele dia foi melancólica, pois todos respeitavam o luto. Mais do que isso, todos respeitavam os seus conhecidos, pois apesar da cidade de Dehva ser grande, com mais de trezentos mil habitantes, todos ali ouviram falar da família do outro.

CAPÍTULO 20

OLHOS AZUIS, LÁBIOS VERMELHOS

A praça estava cheia de pessoas naquela noite azul, a terceira e última daquele ciclo que correspondia à noite no planeta, já que após a passagem do próximo véu o sol voltaria a brilhar. A vida havia voltado ao normal e a feira livre, cheia de carroças e barracas alinhadas, mostrava o lado capitalista daquele mundo. Não era comum se vender carne, verduras e frutas, já que o alimento era visto pelas pessoas dali como um bem comum; o que era realmente vendido eram os produtos manufaturados: os “doces da Mestre Elmora”, a “cerveja do Velho Kabedeu”, o “vinho de Dom Bramel”... O povo daquele planeta era amante da arte e de tudo o que era feito à mão e bem trabalhado; não combinavam de maneira alguma com os Superiores e sua mania de industrializar tudo e colocar em embalagens iguais.

O povo de Áurius possuía gosto por tudo o que era autêntico e único. Mesmo em apresentações de música e dança, eles exigiam que cada grupo tivesse sua própria identidade; era um desafio constante para aqueles que trabalham com criação, pois tinham que desdobrar-se para surpreender as pessoas com novidades. Blaze achava aquilo interessante, pois viveu muito tempo observando os Superiores e o comportamento deles era o oposto. Para os Ogres o que importava era ganhar dinheiro rápido, então o que eles achavam que funcionava simplesmente era sempre repetido. Algumas vezes mudavam o tamanho e a cor do objeto à venda apenas para dizer que “a moda agora é outra”. Ele ficava enlouquecido, uma vez que o vício dos Superiores em estar na moda era tanto que jogavam o antigo objeto fora e compravam outro apenas por mudar a marca de lugar ou a cor, sem qualquer preocupação com melhorias.

Era uma feira com muita música, muitas apresentações de teatro, jogos, e objetos manufaturados para comprar. Nenhum jogo de cadeiras, de taças, talheres e panelas eram iguais. Quem comprava adquiria um objeto único e para eles ali residia o valor de um objeto. Black Busterblaze viu muitas músicas diferentes, artistas que pintavam retratos das pessoas e até foi convidado a participar de uma peça de teatro onde os artistas interagiam com o público e iam improvisando a ação na medida em que ela acontecia. O mais impressionante de tudo é que os artistas sabiam exatamente a hora de encerrar uma peça improvisada. Era impossível não se divertir naquele lugar.

Sempre ao lado dele, a Princesa-Sacerdotisa Vehda também se divertia. Era ela quem indicava as barracas que visitariam e fazia o roteiro do passeio.

— Venha, vamos ver os baús do carpinteiro Nestor!

E ela puxava o jovem pelo braço e o arrastava até o lugar que ela queria mostrar.

— Veja, é a tenda dos mascates, ali é muito bom! Temos que ir até lá!

E lá ia ela, puxando o jovem pelo braço novamente.

A tenda era muito grande, parecia um circo antigo. Havia muitas mesas e música. Era como se fosse um grande bar. A diferença dali para outras barracas que visitou é que todas as bebidas e comidas que ali eram servidas eram de outros reinos. Tratava-se de uma área para comerciantes nômades que iam de cidade em cidade mostrando a cultura de vários lugares diferentes.

Vehda e Blaze riam e bebiam muito. Comiam de tudo o que era oferecido. Algumas vezes as mãos deles se tocavam. Ela o olhava com carinho e ele, como se tivesse envergonhado, baixava o rosto. Em um determinado momento, ele olhou para o dedo anelar onde o presente de Izolda estava e acariciou o anel. A elfa não escondeu a decepção, levantou-se da cadeira onde estava e saiu da tenda.

Entretido com a música e as bebidas, Blaze demorou a perceber que Vehda não havia voltado. Ele pagou a conta com algumas moedas que lhe foram dadas pelo próprio Rei e saiu à procura da Sacerdotisa. Ele perguntava a todos se haviam visto a donzela élfica, mas ninguém sabia responder. Ele continuou caminhando sozinho pela feira até que um grande coelho negro com asas de morcego usando uma túnica branca o encontrou:

— O senhor é o *Daimo* Black Busterblaze?

— Eu não sou mestre de ninguém! — riu ele. — Mas sim, eu sou Black Busterblaze.

— Se está procurando a Princesa Vehda, ela está naquela barraca ali — disse o coelho, apontando a pata para o local.

— Obrigado, Senhor...

— Nice — disse ele. — *Rafiuna* Nice.

— Que nome esquisito esse seu, hein? — riu Blaze.

— Falou o *Daimo* Black Busterblaze — retrucou o coelho na mesma moeda.

— Não fui nada inteligente nessa, não é? — gargalhou de si mesmo o jovem.

— Neste caso é melhor eu acompanhá-lo até lá, do contrário você vai acabar se perdendo.

— Também não precisa me subestimar, não é?

Desta vez quem gargalhou foi o coelho. Eles chegaram a uma barraca marrom-escura armada em uma carroça grande, cheia de detalhes e feita de um material que parecia areia colada. Blaze tocou aquilo e achou estranho, nunca havia visto nada parecido antes. Ele entrou sozinho na barraca e o coelho ficou do lado de fora. Quando Blaze começou a olhar a decoração do lugar, Vehda passou por ele rapidamente e sem dizer uma única palavra. O jovem ficou assustado.

— Acalme-se, rapaz, a Sacerdotisa tem uma missão a cumprir e precisa refletir sobre ela. Você vai encontrá-la quando sair daqui.

No interior daquela barraca era tudo escuro, o que iluminava o local eram luminárias em

forma de esferas com uma chama dentro. As luminárias pareciam estar suspensas por si próprias, sem nada as prendendo. Naquele ambiente de luz fraca, ele pôde ver que quem conversava com ele era um ser que parecia não ter corpo; o que substituíra seu corpo era uma máscara com olhos sem pupilas e um sorriso leve. O material da máscara parecia ser louça, pois brilhava com a luz fraca. A máscara pertencia a uma manta negra que refletia a noite e as estrelas. Quando se olhava para a manta se via o próprio céu naquele momento, e cobria algo invisível como um corpo que não estava lá.

Sentada em uma cadeira de aço estava uma mulher de corpo transparente. Ela parecia uma estátua de cristal; era como se sua musculatura fosse talhada por um artesão no mármore, mas, mesmo com toda a impressão de rigidez, ela se mexia na cadeira com desenvoltura e delicadeza.

— Queríamos conhecer você pessoalmente aquele que teve a coragem de assumir a responsabilidade de proteger o Blisar — disse a mulher de vidro. — Você é um indivíduo raro, Mestre Black Busterblaze.

— Vocês são...

— Eu sou o *Milezra* e esta é a minha esposa, *Meiden* — disse a máscara.

Milez é como os habitantes de Áurius chamam as horas ou o próprio tempo. *Meiden* é o verbo “transformar”. Blaze compreendeu, então, que estava diante dos próprios seres que se intitulavam como Tempo e Transformação.

— Vocês são as Potências deste mundo que o Rei Kimsley estava aguardando para assistir aos funerais da Izolda, não são?

— Sim, amanhã existe uma grande possibilidade de mudança, uma mudança que desejamos há muito tempo. Estamos aqui, não esperando ver o enterro de nossos desejos, mas sim para assistir ao possível nascimento de uma nova esperança para este mundo — disse Milezra.

— *Daimo* Busterblaze, espero que entenda nossa emoção neste momento — falou a dama de vidro com voz animada. — Amanhã, se nossas previsões estiverem certas, aquilo que foi escrito há muito tempo poderá se confirmar e isso mudará radicalmente o ciclo sangrento da guerra que estamos vivendo.

— Eu não consigo entender... — disse Blaze. — Amanhã, para mim, será um dia muito triste. Eu amava a Izolda. Sei que as coisas vão mudar, mas não consigo ver beleza alguma em um velório.

— Você não precisa entender nada, apenas seguir o seu coração. Você é o dono do Blisar agora. Todas as respostas que precisa estão no seu peito. Só precisa se lembrar de sua própria história para perceber que a morte é apenas uma transformação — respondeu a máscara. — Você escolheu ser o *Daimo* Black Busterblaze. Assuma esta condição.

A dama de vidro levantou-se da cadeira de aço, o abraçou e deu um beijo gelado na testa

de Blaze.

— Agora vá — disse ela. — A Princesa Vehda vai necessitar muito de sua companhia para que ela tenha forças para fazer a parte dela neste jogo universal no qual nenhum de nós tem todas as respostas. Por favor, faça ela feliz neste breve momento.

Blaze sorriu, fez um aceno cordial e deixou a barraca. Ele caminhou pela feira e acabou encontrando a Sacerdotisa deitada na beira de um chafariz brincando com a água quente. Ele pegou uma pequena flor rosada que enfeitava uma cerca e ofereceu à elfa, em seguida sentou-se do lado dela e começou a brincar com a água também.

— Essa água é uma delícia! — disse ele.

Ela acariciou a flor e a guardou no decote, então olhou para o rosto do jovem, risonha.

— Venha, se eu não me divertir com você hoje, não vou me divertir nunca mais.

Ele começou a rir e os dois saíram correndo da feira. Eles saíram da praça principal, caminharam por uma rua de cerâmica até um castelo que ficava do outro lado da cidade. Sobre uma ponte de pedra, ela apontou para a ferradura onde o rio se formava e disse:

— Naquela direção fica a vila dos pecuaristas e a Universidade Cristal. Tenho boas recordações de lá.

— Vamos visitar sua universidade?

— Não, não! — negou ela com veemência. — Estamos indo pra lá!

Ela apontou para um rochedo e na metade dele havia um mirante que, na verdade, era uma casa construída em uma gruta. O lugar estava bem no alto, mas se via que era bonito. Tinha uma sacada e um belo portão feito com madeira trançada.

— Ali é o meu retiro, é para onde eu ia quando queria meditar e ficar sozinha. É o meu ninho — disse ela com orgulho.

— Me parece bem alto — assustou-se o jovem com a subida.

— É. Vou ter que me acostumar a fazer a caminhada a pé — riu ela.

Blaze pegou Vehda nos braços e disse:

— Não consegui fazer com que suas asas se recuperassem, mas não vou deixar você ferir os seus pés.

— Você é mesmo um cavaleiro, mas vai conseguir me carregar até lá?

— Isso é um desafio?

Ela respondeu dando-lhe um beijo no rosto.

— Te prometo que o prêmio vai compensar!

— Eu vou cobrar — riu ele.

E, lentamente, ele começou a caminhar por uma trilha sinuosa de pedras morro acima.

— Você é mesmo um Caminhante Proibido! — sorriu a elfa, acariciando o rosto do jovem.

Ele sorriu e continuou sua caminhada de forma concentrada, pois era uma trilha difícil e

perigosa.

— Não está com medo? — perguntou Blaze.

— Nunca tenho medo quando você está comigo — respondeu ela, apoiando a cabeça no ombro do jovem e fechando os olhos.

Em poucos instantes ela estava se sentindo tão relaxada que acabou cochilando. Quando a donzela acordou já estavam na sacada da casa na gruta. Blaze estava ofegante, mas estava bem. Com cuidado, ele a colocou no chão. Ela abriu a porta da construção e o puxou pelo braço para dentro.

— Estou pesada para você, não é?

— Que nada! Eu é que estou fora de forma mesmo!

— Seu mentiroso! — riu ela.

Blaze encontrou uma almofada felpuda e perguntou o que era. Ela respondeu que aquilo era a semente de uma árvore do norte, quando esta secava completamente ficava daquela maneira.

— Parece uma almofada de pelúcia — constatou Blaze, caindo sobre ela.

— Não faço ideia do que seja pelúcia — riu ela. — É coisa da sua terra?

— É, sim. Acho que você iria gostar.

A elfa ofereceu ao jovem um refresco de frutas espumante.

— Como é que você faz essas coisas? — perguntou ele.

— Vai ter muito tempo para aprender — riu ela. — Venha, nós viemos até aqui para que possamos nos divertir sozinhos um pouco e ficarmos longe dos demais.

— Longe, é? — Blaze engoliu em seco.

— Não percebeu que eu queria ficar sozinha com você? Está com medo?

— Não, não! É que nunca fiquei sozinho com uma garota assim... Aliás, eu fiquei com a Izolda, mas naquela época era diferente... Nós éramos muito jovens.

Vehda olhou para Blaze com um sorriso apaixonado, pegou-o pelo braço e caminhou com ele para o interior da gruta. Ali havia uma pequena fonte termal rodeada de pedras redondas. Ela sentou-se em uma das pedras e ficou observando o rapaz.

— Desculpe — disse ele. — Pode parecer idiota, mas não sei bem o que fazer, porque estou aqui com você, mas não consigo parar de pensar na Izolda, que será enterrada amanhã.

— Também sinto o mesmo, me pergunto se fazer o que quero é algo errado, se é o momento para isso... se você vai me entender mal.

— Não, não vou entender você mal! — disse Blaze com firmeza. — Você está certa... Izolda morreu e eu preciso pensar em caminhar para frente. Eu fico feliz por ter você comigo, que é uma mulher maravilhosa em todos os sentidos!

Vehda sorriu ao ouvir aquilo, ganhou coragem e se declarou:

— Quando eu vi você doente, mutilado e humilhado naquela prisão, eu não sabia explicar, mas senti que você era o mais forte dos homens que conheci. Ali eu soube que era você. E quando você acreditou em minhas palavras e foi ao meu encontro, sem nem me conhecer, eu ainda tive mais certeza que amava você.

— Também te achei linda na primeira vez que te vi. Aliás, você é maravilhosa! Quando te vejo é como se estivesse iluminado por uma estrela, tamanho o seu brilho. Quando eu me recuperar da perda de sua irmã, nós...

Ela tapou a boca de Blaze com uma das mãos e disse:

— Não fale. Eu tenho o desejo de esquecer tudo o que está acontecendo à nossa volta neste momento. Por alguns instantes, quero que seja apenas nós dois. Blaze, me dói muito dizer isso, mas apesar de ser uma Sacerdotisa, no fundo sou uma garota muito má. Eu amo minha irmã que se foi, mas também amo você. Estar aqui agora significa muito pra mim, porque a única relação que tive com outros homens foi a forma covarde como fui tocada quando estava nas mãos dos Ocres. Eu queria ao menos uma vez sentir o que é um amor carnal verdadeiro, algo que fosse para mim belo e que eu pudesse guardar para toda a vida.

Blaze sentou-se ao lado de Vehda, olhou para os seus olhos e disse:

— Acho que agora eu entendi o que aquelas Potências queriam dizer. Você é muito linda, Vehda!

O jovem puxou a elfa para o seu encontro e a beijou. Os dois rolaram da pedra e caíram nas águas quentes da fonte.

O Universo inteiro desapareceu para a dupla de amantes. Eles se tocaram, se agarraram, se arranharam, se morderam, se amaram...

Quando o jovem acordou, ele se viu na cama de Vehda, despertado pelos raios do sol em seu rosto. Ele sentou-se e viu a elfa se banhando nas águas termais da gruta. Ao vê-lo acordado, ela se levantou passando a mão pelo corpo nu e pelos longos cabelos verdes como a água.

— Caramba, você é mesmo muito linda! — disse o jovem, boquiaberto.

Ela caminhou até o jovem e disse:

— Temos que nos apressar ou vamos nos atrasar para o velório de Izolda.

— Tudo bem.

A partir daí ela não disse mais nada. Eles comeram frutas e beberam refresco. Desceram a montanha e cruzaram a ponte de pedra. Tudo sem conversarem. Preocupado em ter feito algo de errado, Blaze disse:

— Princesa Vehda, eu...

— Eu amei o tempo que passamos juntos — disse ela, antecipando o assunto. — Vou guardar isso para sempre comigo.

— Bem... — hesitou ele, buscando uma maneira de animar o clima. — Sua mãe disse que

abençoava nosso casamento... Se for ver por este lado, existe a possibilidade de passarmos muito mais tempo juntos, não é?

— Não, não tem! — sorriu ela, ainda caminhando. — A Rainha Bhatra é minha madrastra, minha querida *matrina*, mas não é a minha mãe. Minha mãe sabe que não estamos destinados a ficar juntos, *você* sabe que não estamos destinados a ficar juntos!

— Eu não entendo... — balbuciou o jovem. — Eu acho que você gosta de mim e eu te acho linda...

— Preste atenção no que você disse, Blaze. Você falou “existe a possibilidade de passarmos muito mais tempo juntos”, não disse “eu vou ficar com você”. Você ama outra pessoa, e não a esqueceu.

Blaze baixou a cabeça e tocou o dedo anelar, onde ainda estavam amarrados os fios de cabelos de Izolda formando uma aliança. Vehda continuou:

— Eu amo você, Blaze. Entretanto, também amo minha irmã. Você não deve esquecer-se dela e, se eu deixar você esquecer, seria como se eu a tivesse assassinado.

— Quem matou sua irmã foram os Superiores — afirmou Blaze categoricamente.

— Mas quem a mantém viva é você — cortou Vehda. — O que passamos juntos foi um capricho meu, eu sempre vou amar você, Blaze. Como eu disse antes, apesar de ser uma Sacerdotisa, eu sou uma garota caprichosa e má. — Vehda sorriu, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Você me chama de “princesa”, e minha irmã você chama apenas de Izolda. Você me deu uma rosa, e para minha irmã você deu sua vida. Como o amor que sente por mim pode competir com o amor que você sente pela Izolda? Por mais que eu não goste, a verdade é que eu sou a derrotada nesta competição.

Blaze baixou a cabeça e disse:

— Você é maravilhosa, Vehda. É uma mulher e tanto! Eu não sei o que dizer... Eu me sinto um idiota. Eu não queria que você se sentisse assim!

— Não diga nada, apenas lembre-se que sua primeira vez foi com alguém que te ama de verdade, assim como eu também jamais vou esquecer os momentos que ficamos juntos e o quanto você é especial para mim.

Ela sorriu e continuou a caminhar.

Quando chegaram ao Castelo Kimsley, Vehda e Blaze foram levados de carruagem até a saída da cidade, onde havia uma construção que poderia se dizer que era o aeroporto dali. Havia um grande dirigível estacionado no local. Naquele mundo os zepelins movidos a hidrogênio eram o principal meio de transporte aéreo civil de alta capacidade, cada um deles era capaz de transportar cerca de quinhentas pessoas bem acomodadas. Era como um cruzeiro de luxo no céu, já que a nau voadora possuía um grande restaurante e gabinetes para repouso. Os zepelins decolavam verticalmente e eram bastante silenciosos.

Como filha de uma fênix, Izolda seria sepultada no vulcão ao norte de Flanória. Blaze e Vehda viajaram em compartimentos diferentes. O jovem passou o tempo olhando a paisagem do alto e ainda tentando digerir todas as informações daqueles últimos momentos com a elfa alada. Já Vehda ficou ao lado de Milezra e Meidenu, as duas Potências convidadas. A dama de vidro olhou para o rosto da jovem, que não conseguia disfarçar a tristeza.

— Você está bem, Sacerdotisa Vehda? — perguntou ela.

— Sim, estou.

— Como foi com o seu pretendente?

— Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. — Ela sorriu e depois baixou a cabeça de forma triste.

— Não é uma escolha fácil — disse a máscara. — Mas cada escolha tem o seu preço.

— Sim, é verdade — disse a jovem. — Foi uma noite maravilhosa. Quando eu estava prestes a dormir, eu fiz uma prece para minha mãe, para que me mostrasse mais uma vez o meu futuro. Eu queria saber qual seria o futuro se fosse ao lado da pessoa que eu amo. Ela me mostrou. Eu me vi casada com o Blaze, nós a princípio moraríamos no mesmo lugar onde nos amamos pela primeira vez, depois nós teríamos nosso próprio lugar. Era um castelo fora da cidade de Dehva.

Ela começou a apertar as próprias mãos como se, à medida que estava falando, estivesse visualizando novamente o seu sonho:

— Eu tinha uma filha, ela era linda. Na visão eu vi que eu ficava muito triste às vezes e passava horas e horas no templo orando para que os nossos soldados que estavam na guerra voltassem bem. Blaze nos meus sonhos ficava muito tempo fora de casa. Ele voltava muito ferido e doente, mas voltava para a luta mesmo assim. Lembro-me que ficava agoniada, eu me culpava por ter interferido no futuro, pois a guerra não acabava. Porém...

— Porém... — sorriu a dama de vidro.

— Quando ele voltava, me pegava no colo e era tão carinhoso comigo que logo me esquecia da culpa que sentia. Então eu me sentia egoísta... — E Vehda começou a chorar. — Eu o queria para mim, não importava como... ferido, doente ou quase morto... eu só o queria para mim! E o pior, mesmo eu sabendo que minha escolha iria levar à morte de muita gente, naquela realidade eu estava feliz!

A dama de vidro abraçou a jovem Sacerdotisa élfica. O Tempo disse:

— Você é uma excelente menina, Vehda. A prova que você passou foi muito difícil. Tenho orgulho de você!

A jovem continuou chorando amparada pela donzela de vidro enquanto a nau alada seguia deslizando pelos céus rumo ao vulcão.

CAPÍTULO 21

A PROMETIDA

O dirigível cruzou os céus do planeta. Black Busterblaze fazia companhia à Alcaidessa Rosário e seu esposo Henrique Mariachi que vieram das savanas do planeta, mais exatamente do reino de Overin. Henrique era um Alcaide muito animado, gostava de festas e de cantar, mas naquele dia estava acabrunhado e triste assim como todos que participavam da comitiva. Certamente Black Busterblaze e ele conversariam muito e se divertiriam muito se a situação não fosse aquela. O jovem preferia o silêncio e olhar a paisagem daquele mundo pela janela da nau a expressar qualquer coisa. O silêncio entre eles era grande.

Tenso com a situação do velório e também com a atitude de Vehda, a quem tinha se afeiçoado, a cabeça do jovem chegava a doer devido ao estresse. Em um determinado momento, seu sentimento de sufocamento era tanto que acabou adormecendo. Quando abriu os olhos estava no espaço, entre as estrelas. Ele voou pelo firmamento escuro até que viu um asteroide branco perdido no meio do nada. Ele pousou no objeto e, caminhando por ele, encontrou uma estátua cinza de uma criança. Intrigado, Blaze chegou perto o bastante para identificar quem era: Izolda. Os olhos do rapaz ficaram úmidos de emoção, mas quando ele tocou a face da criança, ela se desfez em pó. Neste instante, a sombra de uma mulher enorme o cobriu, dizendo:

— Eu não tenho coração!

O jovem acordou suado e ofegante no dirigível. Ele olhou pela janela e viu que já estavam pousando. Os convidados, em fila, iniciaram uma procissão rumo ao vulcão. A Rainha Bhatra chorava levando a cápsula que continha as cinzas de Izolda. O Rei seguia ao seu lado, Vehda dois passos atrás deles e dois passos atrás da Sacerdotisa estavam as Potências do Tempo e da Transformação.

No meio da comitiva, o Alcaide Henrique lamentou:

— Quando a Rainha Bhatra estava grávida de Izolda, eu sempre tive comigo que aquilo era um milagre. Um dragão e uma fênix jamais poderiam ter filhos! Sempre tive a certeza de que Izolda era a Prometida que as escrituras diziam. Fênix são lendárias e nascem através das chamas... eu gostaria que ela renascesse. Eu gostaria de ter a certeza de que as forças deste mundo estão nos guiando contra os invasores!

Blaze se sentiu incomodado com aquelas palavras, mas nada disse. Mas, à medida que a procissão se aproximava do vulcão, maior se tornava o incômodo que Blaze estava sentindo. Ele estava tenso e suando. Em um determinado momento, quando piscou, não se viu mais naquele lugar. O que viu foi a sombra de uma mulher que ele não conseguia identificar. Sua própria voz

pulsava no interior de seu ego dizendo: “ela está morta porque não tem um coração”. Ele acordou com a cara no solo; havia tropeçado em uma das inúmeras depressões do terreno.

— Tudo bem, Mestre Busterblaze? — perguntou a Alcaidessa Rosário.

— Sim, não se preocupe — respondeu ele, ainda atordoado e tratando de se recompor rapidamente.

A Rainha chegou à base do vulcão e iniciou suas palavras de despedida:

— Amigos, obrigada por terem vindo! Sei que muitos outros gostariam de estar aqui neste momento. Eu queria falar algo bonito aqui, mas... droga, é a minha filha! Era uma menina quando os malditos Ocres a levaram! Durante muito tempo eles nos humilharam pelo fato de estarem com ela, nos fizeram recuar em muitas situações inaceitáveis, muita gente inocente morreu por causa da canalhice daqueles cretinos! Mas, apesar disso tudo, eu ainda tinha esperanças de que eles devolveriam minha menina. Eles nem para isso prestaram, precisou um jovem de outro mundo trazer minha criança para casa dentro deste pote aqui!

A Rainha então parou, não conseguiu falar mais. Ela abraçou o pote e começou a chorar de ódio. Todos ficaram em silêncio, observando a Rainha e sua dor. Blaze olhou para o rosto de todos os convidados, que estavam apreensivos. Era como se quisessem fazer algo e não podiam. O Rei estava de cabeça baixa, como se já estivesse convencido de que nada mais poderia ser feito. Ele então olhou para Vehda, a Sacerdotisa olhava para ele sem dizer nada, seu olhar era de expectativa, como se coubesse a ele fazer algo. Sua cabeça latejava. O que fazer? O que falar? Lembrou-se então das palavras da Potência do Tempo:

“Você não precisa entender nada, apenas siga o seu coração. Você é o dono do Blisar agora. Todas as respostas que precisa estão no seu peito. Você escolheu ser o Mestre Black Busterblaze. Assuma esta condição.”

Quando caiu em si, Black Busterblaze tocou o próprio peito assombrado: “Não pode ser!” pensava Blaze. Ele olhou para Milezra e Meidenu. Eles também olhavam para ele. “Será que...”

A Rainha levantou-se e, aos soluços, abriu a cápsula.

— Que este vulcão acolha você, minha filha, assim como acolheu os meus ancestrais. Que os Bennis e as Fênix abençoem sua alma para que, lá no fundo, você ainda possa brilhar, mesmo que seja em outra vida!

— Majestade, por favor, espere! — gritou Blaze.

A donzela de vidro sorriu. A Rainha olhou para o rapaz com ar de reprovação, mas ele continuou:

— Eu não queria entender ou não estava entendendo... mas está claro como água, sempre estive na minha frente e eu não vi. Izolda está morta, mas assim como uma fênix pode ressurgir de um braseiro de fogo e um dragão pode comandar os elementos da natureza, a improvável união de você e do Rei tinha um propósito! Sempre teve!

— Do que está falando, jovem mestre? — perguntou o Rei.

— Da profecia: “Quando dois poderosos seres incompatíveis se unirem nascerá uma prometida, e quando esta ressurgir das cinzas como uma rainha guerreira terá chegado a hora do coração das estrelas tomar a forma da morte e castigar um mal que veio de longe”. Eu sou o coração das estrelas, eu sou o portador do Blisar, eu sou o guardião do coração das estrelas.

Os convidados se olharam e alguns deles começaram a sorrir, estavam começando a acreditar que a profecia poderia ser verdadeira.

— A princípio eu não entendi porque não consegui fazer as asas de Vehda regenerarem totalmente, mas isso também tinha um motivo. Quando usei o poder do Blisar pela primeira vez, eu achei que podia fazer qualquer coisa que eu quisesse, fiquei frustrado quando as asas dela não foram curadas totalmente, mas aquilo era uma lição que eu deveria aprender, que existem coisas que eu devo fazer e outras não.

— Garoto, pare de falar por metáforas! — gritou a Rainha com a cápsula na mão. — O que você quer dizer afinal?

— A profecia está correta. É necessário o sangue de um dragão e de uma fênix para que a Prometida ressurgja das cinzas como uma rainha guerreira. Eu posso salvar Izolda! Por favor, me dê essa cápsula.

— De jeito nenhum! — Abraçou o artefato a fênix, contrariada. — Você não conhece nada sobre como uma fênix ressurg. As cinzas desta cápsula foram contaminadas pelo veneno dos Ogres e estão estéreis, não há sequer rastro do espírito de minha menina aqui!

Blaze puxou o anel de cabelos que estava em seu dedo anelar e mostrou à Rainha.

— Eu e Izolda temos uma aliança.

O Rei compreendeu tudo, tomou a cápsula das mãos da esposa e correu para entregar ao jovem.

— Mestre Black Busterblaze, eu confio em você para fazer cumprir a profecia!

Blaze sorriu. Pegou a cápsula e levou para próximo do vulcão.

— Ela vai precisar de um coração. Preciso de uma pedra, uma pedra muito forte que seja capaz de brilhar como o sol!

— Hunf! — Era a Rainha, ainda contrariada. — É bom que você esteja dizendo a verdade! Se me fizer fazer papel de idiota, vai se arrepender!

Bhatra Vam-Epieta tornou-se uma grande ave de fogo de mais de quatro metros de comprimento e, em um rasante, mergulhou no centro do vulcão e retornou entre as chamas com uma pedra vermelha incandescente. Fazendo uma volta pelos céus, ela depositou a pedra em cima de uma rocha próxima ao jovem.

— Blaze, o que vai fazer? — perguntou a Princesa Vehda.

— Eu ainda não sei, vou tentar fazer com a Izolda o mesmo caminho que fiz para voltar do

reino dos mortos.

— Isso é impossível, não se esqueça que você tinha o Blisar!

— Eu sei. Por isso vou tentar criar um para ela. — Então o jovem olhou para os participantes daquele velório e gritou: — Todos se afastem, vou conjurar o poder do Caminhante Proibido agora!

As testemunhas que ali estavam se afastaram, curiosas com que tipo de transformação o jovem faria.

— *Orzon!* — gritou Blaze a plenos pulmões. Imediatamente o seu corpo incendiou em labaredas azuis e negras. Uma onda de choque circulou o corpo do jovem e o traje negro usado por ele no dia de seu aparecimento ressurgiu.

— Impressionante! — disse o Rei. — Vi essa energia de longe no Forte-Prisão, mas de perto é ainda mais magnífica!

A Rainha voltou à forma humana e abraçou o Rei. Ela estava boquiaberta.

— Nunca vi algo assim antes! Nós, fênix, e vocês, dragões, somos capazes de fazer coisas extraordinárias, mas este tipo de poder que ele está mostrando não é coisa deste planeta!

Black Busterblaze colocou suas mãos sobre a pedra, as cinzas e os fios de cabelo de Izolda.

— Vamos lá, está na hora de criar um novo Universo! Volte pra gente, Izolda! Eu tenho certeza que é você a Prometida!

E a matéria que ali estava começou a reagir, formando vários círculos de energia que se elevaram e formaram uma bolha azulada acima do vulcão. Quanto mais energia Blaze enviava, mais rápido a reação acontecia. Primeiramente a pedra se fundiu com as cinzas e explodiu criando um pequeno globo azul. Blaze sorriu satisfeito; ele havia conseguido emular o Blisar como havia planejado, então as cinzas que restaram impregnaram nos fios de cabelo e uma sombra humana surgiu. A nova estrela mudou de cor, tornou-se vermelho-brasa e começou a expandir-se, engolindo a sombra.

— Acorda, Izolda! — berrou Blaze. — Você precisa me ajudar! Volte pra gente!

As ondas de energia do rapaz se multiplicaram, mas o traje negro que ele usava começou a se tornar pó e a sumir lentamente. Vehda foi a primeira que percebeu que algo não estava indo bem:

— Blaze está apostando seu coração na criação de um ser semelhante a ele, é a única forma que encontrou de trazer Izolda de volta, mas o preço está sendo alto demais... Ele está apagando seu próprio Blisar. Se o Blisar apagar, ele vai morrer!

As palavras da Princesa Vehda deixaram todos os convidados aflitos. Os únicos que estavam sorrindo eram as Potências do Tempo e da Transformação.

Blaze começou a sangrar pelo nariz e ouvidos. Ele também sentia o gosto de sangue na boca, mas ainda assim não recuava:

— Izolda! Será que dar a você o meu coração não é o suficiente para você viver?

Aquelas palavras voaram em direção ao jovem Blisar que nascia. O globo de luz vermelha que girava com a velocidade da luz pulsou. Milhares de pequenos vagalumes rodearam o objeto e um vento sussurrou no espaço a palavra “*Xaisur*”, que significava “coração” no idioma daquele mundo.

Naquele instante o sol vermelho explodiu em labaredas de fogo. De dentro dela emergiu uma gigantesca mulher de seis metros de altura com o corpo coberto por escamas vermelhas. Ela possuía garras de águia, cabelo arrepiado e olhos vermelhos. Suas asas eram como os de um dragão e cauda era de fênix. A criatura urrou tão alto que ciclones se formaram entre as nuvens. Foi a última visão que Black Busterblaze teve antes de cair no solo. Seus olhos se fecharam e, para ele, tudo se tornou trevas.

— Minha nossa! — gritou a Alcaidessa. — Ele criou algo impensável, uma criatura que não deveria existir! É o *Rashtrafleuer*!

O monstro que existia apenas em suposições de magos necromantes que advertiam sobre o perigo da fusão de seres diferentes pousou onde o rapaz estava e, brilhando, começou a mudar novamente de forma. Ela encolheu até a estatura de um metro e oitenta e se tornou uma donzela de cabelos encaracolados e cor de favo de mel. Sua pele era branca e os lábios, muito vermelhos. O rosto redondo e as sardas não deixavam dúvidas: aquela mulher era Izolda. Ela vestia um traje prateado e vermelho que se assemelhava ao que Blaze usava na forma de cavaleiro da galáxia, mas o lenço em torno do pescoço era negro.

A Rainha caiu de joelhos e começou a chorar. Vehda correu em direção à irmã e a abraçou. A recém-chegada não sorriu. Seus olhos faiscantes estavam vermelhos e por instantes um sorriso estranho era visível em seu rosto. Coube ao Rei Morvan Kimsley chegar até a moça e dizer:

— Filha, bem-vinda ao lar! Nós aguardávamos você!

Ela olhou para o pai e seus olhos se acalmaram, ficando verdes como jade, e um sorriso sincero surgiu em seu rosto:

— Papai...? Que bom rever o senhor! Eu pensei que jamais voltaria a ver você! Eu achei que tudo havia acabado!

— Você ressurgiu das chamas como uma verdadeira fênix, minha criança! — disse, orgulhosa, a mãe. — Você é a nossa Prometida!

Milezra e Meidenu se olharam satisfeitos:

— Se cumpriu aquilo que estávamos esperando por anos. Fomos testemunhas do surgimento de uma nova esperança para este mundo. Nosso trabalho aqui está completo. É hora de partirmos.

Assim que terminou de falar, uma carruagem alada desceu dos céus e parou ao lado do casal de Potências. O coelho cocheiro abriu a porta e a dupla de seres divinos foi conduzida para

o interior. Sorrindo, o coelho disse em idioma local:

— *Tekey ay-lore!* — Que significa “parabéns a todos.”

E, em meio a acenos de satisfação dos presentes, a carruagem alada desapareceu nos céus.



A chegada ao reino de Flanória foi de festa. A cidade de Dehva parou para ver o retorno da Princesa Izolda, a Prometida. Aquela que, segundo as lendas, iria mudar os rumos da guerra naquele mundo. Imediatamente os moradores organizaram uma festa. As barracas foram armadas rapidamente. Música, dança, comida e bebida foram servidas à vontade para todos. As testemunhas, após participarem das celebrações, voltaram aos seus reinos espalhando a novidade de que a Prometida havia surgido e que a guerra tomaria um novo rumo. O boato se espalhou como fogo pelo planeta e fora dele. Nos noticiários dos Superiores, a notícia serviu de chacota e piada, entretanto um Superior não riu: o Marechal San Hell Hogan.

— Conte-me novamente o que os cães de Orbus disseram a respeito do surgimento dessa tal de Prometida.

— Segundo as fontes, um certo Mestre Black Busterblaze pegou as cinzas de Izolda e a fez renascer — riu o informante.

A Major Vermitrax, que estava no local, também gargalhou.

— Alguém capaz de trazer um corpo de volta à vida a partir das cinzas? Isso é uma bobagem! — disse ela. — A ciência prova que nada nasce de um campo estéril.

— Não deveria rir daquilo que não compreende, Major. O importante não é a Prometida, é quem fez a magia — disse o Marechal de forma séria. — Black Busterblaze tem o Blisar dentro de si, ele tem o poder de criar e destruir estrelas. Ele aprendeu a criar vida. É como se ele usasse a matéria escura que existe em abundância em todo o Universo e criasse por si só uma colisão de partículas semelhante ao Big Bang. Ter controle deste poder quer dizer que ele é muito forte. Isso está se tornando perigoso.

— Do que está falando, Marechal? Acha mesmo que essa tal de Prometida pode nos trazer problemas?

— A Prometida veio para ser uma Rainha, mas uma Rainha não é problema se ela não tiver uma espada. O problema é a espada. — O Marechal passava a mão no queixo seguidamente, demonstrando apreensão. — No momento temos todas as vantagens porque a espada não foi desembainhada. O usuário do Blisar talvez não saiba como desembainhar o poder de destruir estrelas. Pelo menos não ainda. Se a espada for sacada, teremos problemas sérios aqui.

O informante compreendeu o raciocínio do Marechal e ficou mudo.

— Escute! — disse o Marechal. — Peça para Straxus marcar uma reunião com o Conselho

de Guerra, temos que pensar em uma estratégia para neutralizar o portador do Blisar agora enquanto a espada está embainhada.

— Hell Hogan! — saudou o informante antes de sair.

A Major passou o dedo na língua, como se escolhesse as palavras para conversar com seu Superior:

— Marechal, acha mesmo possível que alguém possa renascer das cinzas?

— Acho. Ainda mais com a ajuda certa. — O Marechal lentamente caminhou para a saída da sala. — Foi um erro o Governo ter demorado tanto para me mandar assumir o comando da guerra neste planeta, preciso conversar com o nosso Presidente.

A porta se fechou. Sozinha, a Major sentou-se diante do painel de luz e começou a rever os relatórios sobre o que aconteceu desde a destruição do Forte-Prisão. Repentinamente um painel se acendeu e uma imagem holográfica do Tenente-coronel Set Razor.

— Major Germinim Vermitrax.

— Hell Set Razor — disse a Major num salto, fazendo a saudação tradicional dos Superiores.

— Descansar — disse ele, sorrindo. — Parece que o Marechal já não está mais presente.

— Não, senhor. Ele esteve aqui, mas foi ter uma audiência com o Presidente.

— Entendo, os procedimentos estão prontos para que eu me torne um Comando de Elite. Mas gostaria de opiniões dele sobre o que devo escolher como habilidades com base no que eu observei de nosso novo inimigo, já que vencê-lo é nossa prioridade.

— Ele me parece preocupado. Não é comum um herói como nosso Marechal San Hell Hogan se incomodar desta forma.

— É natural. Eu admiro muito o nosso Marechal. Ele sabe que estamos perto de conseguir o Blizar, mas sabe que as coisas podem se complicar a partir de agora, já que ele está em posse dos cães de Orbus.

— Viu o novo relatório?

— Que relatório?

Imediatamente a Major enviou uma cópia para ele, que tomou conhecimento dos fatos. A Major olhou a imagem do Tenente-coronel passando a mão na testa e reconheceu o mesmo semblante preocupado do Marechal.

— Mas que raios está acontecendo afinal? — irritou-se ela. — O Marechal fez essa mesma cara quando ficou sabendo deste relatório!

— Você não conheceu o Black Busterblaze. Eu já. E o Marechal, pela experiência que tem, já compreendeu o problema que temos nas mãos a partir de agora.

— *“Lohu buoh-rá'doums vermires ozanu'rá | Rô'danre tilkrere-ey deminea | Luk-Lohu-nea tilku'rá il pur | Iahu-ey sirana guarine mouse'mo-eiô milez-il | Airuma xaisur meidenu'rá riô-*

maoh | Luk jermure-il bao jei go'mo eio nifebo". — Vermitrax rangeu os dentes. — Por onde pisamos neste maldito planeta, nos deparamos com esta citação. Será que o Comandante está começando a acreditar nesta lenda idiota dos seres primitivos deste planeta? Isso soa absurdo. Religião, mitologia, lendas... Tudo isso são histórias de raças ignorantes que buscam explicações tolas e sem fundamento científico.

— Quando entrei para o Universo Superior, eu me esqueci de tudo o que passei no meu antigo planeta. Não sei se sabe, mas o mundo de onde vim é uma maçã podre e que não é julgado interessante no momento para fazer parte do nosso Sistema. Era um mundo em que a ciência se desenvolvia muito e estavam chegando a uma fase em que a religião estava perdendo força. Entretanto, os cientistas do meu mundo queriam entender o motivo que, mesmo a ciência tendo provado que não existe vida após a morte, não existe magia, não existe espiritualidade, tantas pessoas ainda seguiam religiões...

— E o que descobriram?

— Que, por mais absurdo que possa parecer, quando muitas pessoas acreditam em uma coisa e a procuram, de alguma forma aquilo acaba sendo encontrado. A esperança é uma arma poderosa que nós, do Universo Superior, não precisamos ter porque temos uma ordem perfeita. Pesquise sobre os elementos "O" e "Y" que irá entender tudo.

Naquele instante a imagem holográfica desapareceu. Germinim começou a vasculhar os arquivos; ela já havia escutado sobre a teoria dos elementos "O" e "Y" antes, mas nunca deu importância a uma teoria tão antiga e desatualizada. Depois de tanto vasculhar, ela finalmente encontrou.

Desenvolvida há mais de trezentos mil anos terrestres, a teoria dizia que o elemento que deveria ser buscado é sempre o elemento "O"; o "O" significava o círculo perfeito, onde tudo funciona de forma correta, não necessitando de nada mais de fora dele. Uma sociedade que alcançou o elemento "O" tem controle de tudo para sustentar-se sozinha. Significa dizer que ela, por si só, fechou uma cadeia alimentar ou pirâmide hierárquica que permite que o sistema funcione eternamente. Tudo aquilo que é inútil ao sistema deve ser cortado fora. Significa dizer que, se existem duas florestas e uma atrapalha o desenvolvimento, ela deve ser cortada fora. Se existem duas espécies de animais, uma serve de alimento e a outra não, a que não serve deve ser eliminada. Se há duas espécies de grãos, um rende 100 e a outra rende 90, a que rende 90 deve ser eliminada do sistema. Se um grupo de trabalhadores braçais trabalha em turno que rende menos que outro, o que rende mais deve ser preservado. Se um ser vivo adoeceu e está ocupando espaço de outro que está são, o que adoeceu deve ser eliminado. Tudo o que não serve ao sistema deve ser eliminado para a continuidade do progresso.

A teoria "Y" ocorre quando a teoria "O" não foi implantada ou não está funcionando. A teoria "Y" é a raiz de todos os problemas e soluções. O "Y" significa que o caminho está

dividido e que a sociedade está em dúvidas sobre o rumo a seguir. Ela pode ser nociva ou pode ser positiva, dependendo da situação. É nociva quando nitidamente há uma resistência ao corte de um caminho que é ruim em termos de desenvolvimento para todos. Mas é positiva quando para a sociedade existe um problema aparentemente insolúvel e que cada um procura um caminho para resolver este problema. A teoria “Y” é complicada, pois consegue muitas vezes variáveis que não podem ser computadas. Algumas vezes conseguem soluções absurdas para a ciência em um determinado momento, mas que são explicadas apenas com o passar do tempo através de um estudo do resultado.

— Estudo do resultado? — A Major rangeu os dentes ao ler aquela informação. — Isso nunca foi me dito antes!

Ela, como um raio, saiu da sala. Chegando no corredor ela subiu em uma espécie de prancha em elíptica que deslizou pelo ar com ela pelo corredor até parar em frente a um grande salão. Ela tocou a porta e ela se abriu. Era uma espécie de centro médico onde corpos eram desenvolvidos.

— Doutor, Doutor Altamaran!

O doutor fez sinal para que ela se calar e continuou os seus afazeres com os braços mergulhados em uma bolha gelatinosa onde ele organizava pontos que, ao serem alinhados, formavam ramificações. Ela se aproximou e sussurrou:

— Doutor, preciso de explicações suas.

— Diga. Mas não me toque porque estou organizando o sistema nervoso deste novo corpo aqui.

— Você é um homem da ciência, Doutor. Como vocês podem basear-se ainda em uma coisa retrógrada como a teoria “Y”? Isso vocês não contam a ninguém, sempre dizem que a ciência é perfeita e que ela tudo explica. Eu não entendo vocês deixarem um resultado acontecer para tentar depois explicá-lo!

— Não existe nenhum absurdo nisso, a ciência precisa explicar um evento, para isso o evento precisa existir. Como se explica algo que não existe?

— Eu não concordo com isso! Eu nasci em um planeta onde o Sistema Superior já estava instalado! Sempre aprendi que vocês sabiam absolutamente tudo de tudo!

— Ai, ai... — suspirou o Doutor Altamaran. — Major, você quer a verdade? A verdade é que nós não temos a explicação para tudo.

— Então vocês me venderam uma mentira? Sabem o que isso significa para mim? Eu sou Superior! — exaltou-se a fêmea. — Eu sempre pensei que fosse perfeita, que eu fosse... fosse...

— Um Deus? — O Doutor olhou para ela de forma séria. — Deuses não existem, Major. Se tivéssemos a explicação de como o Blisar funciona, nós mesmos faríamos um. Se soubéssemos como aqueles bruxos de Orbus Cariballion fazem aquelas coisas estranhas, eles já

estariam perdidos, mas a guerra continua. Vamos descobrir tudo! A ciência sempre descobre tudo com o tempo. Sempre foi assim. Já tivemos planetas estranhos antes e muita coisa descoberta foi incorporada e nos é útil. É assim que o Sistema cresce.

— Então... nós não somos perfeitos.

— Ninguém é. Sempre há a possibilidade de fazer melhor, é por isso que novas gerações de Comandos de Elite são produzidas, Major.

— Quer dizer... que vou ficar obsoleta — riu, nervosa.

— Sim, e será substituída por outra melhor se você não evoluir. Deve sempre buscar mais se quiser manter o seu status. É por isso que precisamos de outros mundos, para ser Superior você precisa ter mais, quem faz parte deste Sistema é obrigado a correr atrás de mais. Mais alguma pergunta?

— Não, obrigada — respondeu entredentes, em voz baixa.

A Major virou-se e saiu lentamente do local. Desta vez ela não pegou um disco de transporte como fez da vez passada, preferiu ir a pé. Andava de cabeça baixa e nervosa. Em sua cabeça, começou a sentir a mesma angústia que sentia antes de se tornar um Comando de Elite. Ela, no seu antigo mundo, era filha de uma pessoa influente, então teve a sorte de já iniciar sua trajetória de uma posição avantajada na sociedade. Ainda assim, ela precisava se encaixar no Sistema e subir cada vez mais se não quisesse ser destruída pelo Sistema. Ela ainda tinha calafrios ao se lembrar das jornadas triplas de trabalho que tinha que cumprir para conseguir mais e mais créditos, as vezes que deixou de se alimentar para comprar roupas e equipamentos necessários para estar na moda e fazer parte dos círculos mais abastados da sociedade. Quando se tornou um Comando de Elite, ela acreditou que havia chegado ao Olimpo, que finalmente poderia viver uma realidade menos atropelada. Agora se sentia enganada, tinha a sensação de que passaria por todo aquele tormento outra vez. Ela escorou em uma parede, fechou os olhos e abraçou a si mesma.

— Hell Vermitrax — saudou uma criatura humanoide de orelhas longas e gordo como um ovo.

Imediatamente a Major se levantou, assustada e desconsertada por ter sido pega naquela situação de fragilidade. A criatura, respeitosamente, estendeu suas mãos, dizendo:

— Sou teu servo fiel, estou pronto para ajudá-la, minha senhora!

Irritada, ela segurou o humanoide pelas orelhas e um relâmpago percorreu o corpo do infeliz, destruindo todos os ossos de seu corpo e seus órgãos internos. Quando ela o soltou, o ser já caiu agonizando.

— Criatura asquerosa, como um verme como você ousa demonstrar piedade de mim?

Ela pisou em cima do moribundo e o corpo do humanoide explodiu como um tomate, espalhando gosma laranja e vísceras pelo piso. Sem olhar para trás, ela continuou a caminhar,

deixando atrás de si um rastro de pegadas alaranjadas.

CAPÍTULO 22

ESTRELA APAGADA

Uma dupla de seres de orelhas pontudas e asas de libélula que na Terra seriam facilmente identificadas como fadas voavam pelo refeitório grande como um salão de festas rindo e arrumando a mesa. Elas eram pequenas, não tinham mais que um metro e trinta de altura, mas eram rápidas quando se tratava de organizar as coisas. Gostavam de fazer isso e eram extremamente metódicas quando o assunto era arrumação, exatamente por isso eram os seres ideais para cuidarem do palácio de Dehva.

A cozinha do palácio não possuía fêmeas, toda a comida era preparada pelos duendes. Os duendes eram seres baixos, com estatura semelhante à das fadas, barbas longas e cabelos brancos ou cinzentos. Eles não possuíam asas e eram extremamente chatos quando o assunto era comida; na verdade os duendes eram, como se diria, os pares naturais das fadas. Conta a lenda que por eles serem muito mal-humorados é que os Deuses deram às suas parceiras asas e assim elas podiam ficar distantes e evitar brigas. A lenda era verdadeira de certa forma: um grupo não se metia no trabalho do outro porque era confusão certa, eles só ficavam juntos na hora do véu, quando se recolhiam às suas casas que lembravam ninhos de joão-de-barro e eram construídas nas maiores e mais velhas árvores da floresta.

Esta raça de seres que pareciam duendes e fadas era conhecida em Áurius como *gelfs*. Se você quer ver um deles feliz é só atribuir a eles algum tipo de tarefa sistemática. Eles não são nem um pouco improvisadores e reclamam demais se algo que deveria estar no sistema está em falta ou não foi encontrado. Inicialmente são vistos por outros como chatos de mão cheia, mas depois que se acostuma com eles os mesmos se tornam amigos leais e até divertidos. O fato de seguirem sempre tudo à risca os torna excelentes cozinheiros, contadores, juristas ou qualquer outra profissão que envolva rotina. Em Flanória, sempre que alguém organiza algo com perfeição logo se diz que ele é “organizado como um gelf.” Claro que um gelf sempre fica orgulhoso quando escuta alguém elogiá-lo; aliás, a maneira mais fácil de conseguir algo deles é através do ego.

E assim eles prepararam mais uma vez de forma perfeita a refeição matinal dos monarcas do reino de Flanória. Naquele dia eles capricharam na refeição a pedido da Princesa Izolda, que disse a eles:

— Mantenham um prato e uma caneca a mais na mesa. Hoje vai chegar alguém que estará morto de fome!

Assim que chegaram à mesa, a Princesa Vehda foi a primeira a reparar o prato e a caneca a

mais. Ela olhou para a irmã, que saboreava uma suculenta fruta cujo caldo chegava a escorrer pelas bochechas rosadas.

— Izolda? — perguntou Vehda de forma inquisitiva. Ela não disse mais nada, mas a Princesa de olhos de jade já sabia do que se tratava.

Izolda olhou para a irmã, sorriu enigmática e voltou a comer tranquilamente. Vehda balançou a cabeça de forma negativa e, irritada, foi logo mordendo um grande biscoito e enchendo sua caneca de suco. Não demorou muito até o Rei e a Rainha se juntarem às meninas na mesa.

— Minha moral anda baixa mesmo! — O Rei coçou a cabeça, suspirando. — Antigamente as pessoas da casa só comiam quando o chefe da família chegava à mesa e se sentava junto aos demais.

— Eu sou inocente! — sorriu Izolda de forma sarcástica. — Só comi uma fruta porque estava bonita. Eu estava mesmo esperando vocês, juro!

— Vehda? — perguntou o Rei, olhando-a com reprovação.

— Eu? Eu... — A Princesa engoliu em seco. Seus olhinhos estavam assustados e as bochechas ficaram vermelhas como tomates maduros. — Eu estava um pouco irritada e vi Izolda comendo então resolvi comer também e...

— Minha filha, que vergonha! — disse o Rei, cruzando os braços. — Você, uma Sacerdotisa... alguém que deveria ser a primeira a obedecer à moral e aos bons costumes... Que coisa feia, menina!

Izolda desatou a rir e sua irmã mais velha juntou as mãos, baixou a cabeça e batia os dedos indicadores, envergonhada.

— Bem, vamos comer! — disse o Rei, suspirando, e em seguida puxou a cadeira para a esposa sentar.

— Ora, temos vaga para mais um aqui! — sorriu a Rainha ao ver os talheres a mais. — Nosso convidado vai se levantar?

— A qualquer instante — sorriu Izolda.

— Vamos deixar as coisas como estão. O jovem mestre é uma pessoa muito sozinha e saber que estamos aguardando por ele tenho certeza que vai deixá-lo feliz, independente do momento do dia em que acordar — sorriu a Rainha.

— Pensei que não gostasse muito dele — disse Vehda, lembrando-se do jeito frio que o tratou no jardim.

— Aquele dia eu estava deprimida, me dá licença? — disse a Rainha, empinando o nariz e abrindo o leque para se abanar, o que ela sempre fazia quando algo esquentava seu sangue. — Mas um jovem tão talentoso que salvou não só uma filha minha, mas duas, como poderia não gostar dele?

— Humanos vivem pouco tempo e morrem rápido! — riu a elfa de asas de cisne, provocando.

— É mesmo, ele tem a marca da morte no coração, coitado! — A Rainha fez uma pausa e, instantes depois, olhou para Izolda de forma maliciosa. — Você já é uma adulta agora, está em suas mãos!

— Em minhas mãos o que, mamãe? — riu ela.

— Ora, ele veio de outro mundo atrás de você, morreu, voltou do inferno, te trouxe de volta... Olha, eu no seu lugar não desperdiçava a oportunidade!

— Lá vem disparate! Querida, olha a insanidade! — advertiu o Rei, que já conhecia as travessuras da mulher.

— Tá certo que ele não é lá muito corpulento e nem de longe é tão bonito quanto o seu pai, mas a sua genética é forte e, se puxar à mamãe, vão ter filhos bonitos!

— Querida! — exclamou o Rei em tom moderado.

— A primavera é uma estação linda e muito afrodisíaca. Os castelos dos penhascos de Valkimie são lindos nesta época do ano. É um bom lugar para um casal apaixonado se incendiar de amor!

— Acha mesmo, mamãe? — gargalhou Izolda, não perdendo a oportunidade de atizar o lado fênix da Rainha.

— Acho, sim. Quando ele acordar, vê se não vacila e faça-o queimar!

— Querida! — exclamou o Rei, elevando o tom de voz enquanto Izolda não parava de rir.

Vehda suspirou, terminou sua refeição, acenou discretamente como forma de licença e se retirou da mesa. Ao ver a cena a Rainha sussurrou, fazendo uma carinha de travessa.

— Tome cuidado com a sua meia-irmã, se você não ficar esperta ela te atropela! Ela pode ser uma Sacerdotisa, mas a convivência comigo a fez aprender como as coisas devem ser!

— Como é? — espantou-se Izolda que, desta vez, não riu.

— Já chega! — O Rei se levantou, pegou a mulher com apenas uma das mãos, colocou-a debaixo do braço e se retirou da sala. — Você hoje amanheceu mais louca que de costume, vamos dar uma volta no jardim que, talvez assim, você recobra o juízo!

A Rainha, grunhindo em forma de protesto, foi carregada dali levando consigo um grande biscoito na boca.

Izolda observou a cena e voltou a rir. Calmamente ela terminou de comer, se levantou, caminhou pelo palácio, subiu as escadarias até chegar ao quarto onde o hóspede estava e vagarosamente abriu a porta. Ela colocou a cabeça dentro do quarto e espiou. Deu um leve sorriso ao ver que Black Busterblaze ainda dormia. Ela caminhou até a cama onde ele estava e deitou ao seu lado.

Como que por encanto, ele abriu os olhos.

Ele virou-se e olhou para ela. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e um grande sorriso surgiu em sua face; era a primeira vez que se viam depois de tantos anos e tantos contratempos. Ela também nada disse, apenas sorria com seus olhos grandes e brilhantes como duas pedras de jade.

— Você... está linda demais!

Ela respondeu com um beijo rápido e carinhoso.

— Como você está? — perguntou ela.

— Mais vivo do que nunca!

Ele afagou os cabelos da jovem, a olhando com admiração. Ela o abraçou e, desta vez, se beijaram de forma longa e intensa.

— Será que desta vez eu terei sorte no amor? Meu namorado anterior morreu sem casar comigo... — riu ela.

— Você está aqui, talvez esteja mesmo na hora de partir para outra — respondeu o jovem no mesmo tom jocoso.

— Talvez a Izolda também tenha morrido, e quem está aqui é Silver Slashersoul... afinal, você agora é Black Busterblaze, não é mesmo?

O jovem ficou corado.

— Como era mesmo? Se me lembro bem, você tinha falado algo sobre outra língua, colonização, algo assim, não é? — tripudiou Izolda.

— Ah... Não consegui pensar em nada naquela hora, tive que inventar alguma coisa!

Izolda riu muito e depois disse:

— Eu gostei. Só gostaria de saber se o seu traje de batalha é igual ao que desenhei para você quando éramos jovens... Se realmente fez esta homenagem para mim, talvez eu use aqueles biquínis bonitinhos que as guerreiras dos jogos do seu mundo usam, mas só quando estiver com você!

— Jura? Neste caso posso mostrar imediatamente, mas vai ter que pagar sua parte na aposta.

A resposta inesperada fez a Princesa ruborizar. Blaze não perdeu tempo e lançou um olhar como quem diz “desta vez te peguei”.

— Só pode estar brincando, você não iria se lembrar!

Blaze riu e apontou para uma pequena mochila sobre um criado-mudo no quarto. Também não disse nada, apenas a convidou com seu olhar a ver o conteúdo. Ela se levantou da cama, foi até a mesinha, abriu a mochila e espalhou o conteúdo na cama: estavam lá o velho relógio do pai, o rosário da mãe, uma velha toalha de banho e, para a surpresa da jovem, o surrado caderno de desenhos.

— Demorou um pouco, mas finalmente consegui te devolver — disse ele, sorrindo.

Naquele momento um turbilhão de emoções passou pelo coração da menina, mas não as lembranças ruins, e sim todas as experiências que teve enquanto viveu no planeta Terra. O trabalho junto com Dona Tainá, as brincadeiras com Ísis, os conselhos do Senhor George e os momentos mágicos que viveu quando criança junto com Izac.

Ela se jogou em cima de Blaze e o abraçou com toda a força. Chorando baixinho, ela agradeceu:

— Obrigada! Eu te amo! Eu te amo demais!

— Bem-vinda de volta! — sussurrou ele, ignorando o fato que quem estava desacordado há dias era ele.

Enquanto Blaze e Izolda desciam para o refeitório, em um quiosque na beira da piscina natural nos fundos do castelo, um outro encontro acontecia. Eram Gwim e Edocross que estavam reunidos com o Rei e a Rainha.

— Meu Rei, os inimigos estão se movimentando — disse Edocross.

— O que descobriram? — perguntou o Rei.

— Observamos um exército bem grande. Os que estão misturados na cidade dos invasores falam sobre rumores nos últimos dias. Nós supomos que faltam duas peças para eles completarem a estratégia deles, isso significa que partirão para o ataque em breve.

— Conseguiram descobrir o alvo?

— A nossa capital. Os telões de notícias deles falam sobre isso a todo momento — afirmou o anão Gwim.

— Eles querem o nosso jovem mestre, como esperado — disse o Rei de forma seca, coçando o próprio queixo.

— Deixe que venham, vamos dar a eles uma surra tão grande que será cantada pelos nossos bardos durante os próximos dois séculos — bradou a Rainha.

— Amor, não seja inconsequente — riu o Rei. — Essa luta deve ser feita fora dos limites de nosso reino, vamos combatê-los no cânion do Rio Mozar.

— Isso é arriscado, se perdermos a batalha eles terão uma linha reta para nossa cidade — assombrou-se o anão.

— Então é melhor não perdermos, não é? — sorriu o Rei.

— Temos Black Busterblaze ao nosso lado, não temos com o que se preocupar. — disse, tranquilo, Edocross.

O Rei e a Rainha se olharam desconcertados.

— O que foi? Aconteceu algo com o Mestre Black Busterblaze? — Edocross engoliu em seco.

— Digamos que não é uma boa ideia contar com ele nesta batalha — riu a Rainha Bhatra, balançando o leque freneticamente. — Mas nunca precisamos dele antes, não é mesmo? Por que

precisaríamos agora?

— Normalmente os Superiores designam um ou dois Comandos de Elite por região de ataque, mas a informação que tenho é que desta vez deve ser diferente.

O Rei franziu a testa.

— Então eles vão atacar com tudo. Posso estimar, então, que Straxus e Vermitrax estarão na primeira linha... Se a informação for correta...

— Sim, eu também não creio que serão apenas estes dois seres poderosos que eles terão à disposição, meu Rei. Convém mandarmos recado para outros reinos e pedir que algum herói venha nos ajudar; quem sabe o irmão menor da Rainha, o bennu feroz Gripöchruto?

— Sem chances, o meu irmão está tendo problemas demais na Estíquia contra a cidade da Cova Vermelha, que os Ogres construíram.

— E quanto aos elfos-estrela? — perguntou Gwim. — O Phaytor, o Príncipe de lá, disse que lutaria ao lado da Prometida quando ela surgisse.

— Phaytor desde criança nutria um amor platônico pela Prometida, agora que ela surgiu de verdade isso pode dar problema. A minha filha já é comprometida com o *Daimo* Black Busterblaze. Ele aparecer só traria confusão — sentenciou o Rei.

— Tem um grupo de heróis bons que podemos contar e que não estão longe. Ravenos Black, o mago negro. A elfa ranger Sianna. A artilheira Robin. A alquimista Youko. O dragão negro Hokara. E o meio-lobo Garra do Trovão — sorriu Edocross.

— Eles são fortes, mas seria uma incógnita procurá-los aleatoriamente — cortou a Rainha.

— Ainda assim é uma tentativa. Preciso de vocês dois aqui, mas se puderem enviar mensageiros atrás deles, eu agradeceria muito.

— Será como o senhor deseja, Majestade — disse o anão, fazendo uma reverência.

A dupla partiu deixando o Rei e a Rainha se olhando preocupados com a nova batalha.

— O que faremos, querido? — perguntou a Rainha Bhatra.

— Os heróis que eles propuseram não serão encontrados facilmente... Eles são uma patrulha de ataque, precisam sempre estar em movimento para evitar serem cercados pelo exército dos Superiores. Vamos ter que lutar sozinhos com tudo o que pudermos.

— Não acho uma boa ideia a Izolda lutar, a pobrezinha está tão feliz.

— Eu sei, também não quero isso! Se você segurar um dos Comandos de Elite, eu posso cuidar dos outros.

— Rá, rá, rá! — riu, irônica, a Rainha. — Eu sou a Rainha das Fênix, acha que vou ficar deixando você vencer vários inimigos enquanto eu fico com um? Nada disso! Cada um que vença quantos inimigos conseguir!

O Rei riu, mas em seguida baixou a cabeça, incomodado com lembranças passadas.

— O que foi? Acha que não damos conta?

— Naquele dia... Dehva morreu diante dos meus olhos e não pude fazer nada porque não pude passar por aquele monstro.

— Nenhum de nós pôde passar por ele naquele dia, não tem que se culpar, você não estava sozinho.

— Perdemos muitos amigos e aquele monstro saiu praticamente ileso. Eu sei que ele está de volta a este mundo, sei que cedo ou tarde vamos lutar novamente contra ele.

— O Marechal San Hell Hogan... — A Rainha apoiou o queixo na mão, pensativa. — Você acha que alguém tão orgulhoso iria liderar pessoalmente este ataque?

— Os Superiores são estranhos, liderar pessoalmente o ataque seria algo que eu faria, mas ele... Realmente não sei. O que sei é que naquele dia fui derrotado e não faço ideia se o resultado seria diferente hoje.

A Rainha sorriu e abraçou o Rei.

— Somos um casal, lembra-se? Aconteça o que acontecer, nós estaremos juntos até o fim!

— É! — sorriu ele. — Mesmo se tudo der errado, ainda temos um ao outro.

— Sempre! — respondeu a fênix, dando um beijo no rosto do esposo.

Naquele instante o Rei e a Rainha se levantaram; era Black Busterblaze que chegava acompanhando Izolda. A Rainha deu um grito e saiu correndo, pulando em cima do rapaz, que não teve alternativa a não ser carregá-la para que os dois não caíssem no chão.

— Nháaaa! Que bom! Você finalmente acordou!

— Pois é... Me sinto estranho, com o corpo um pouco pesado, mas finalmente eu acordei!

A Rainha se afastou e o Rei chegou perto do rapaz, tocando seu rosto. Em seguida olhou dentro dos seus olhos e franziu a testa.

— Mestre Blaze, eu suspeitava disso quando trouxemos você para cá... O Blisar... eu não estou sentindo nenhuma energia vindo dele.

— Como é? — O jovem ficou apavorado. — Como assim?

— Quando você esteve conosco depois da batalha do Forte-Prisão era possível ver a chama azulada do Blisar em seus olhos, mesmo com seu poder real recolhido. Agora eu não consigo enxergar nada!

— Sem essa! — recusou prontamente. — Afastem-se um pouco!

Blaze respirou fundo e gritou:

— *Orzon!* — Nada aconteceu. — *Orzon!* — Nada aconteceu novamente.

— Mestre Blaze! — O Rei se aproximou e tocou o ombro do jovem, tentando demonstrar calma. — Não force. Parece que você feriu o Blisar ao ressuscitar a minha filha, neste caso o melhor é você tentar ter calma e esperar.

Blaze baixou a cabeça e passou nervosamente a mão nos cabelos. Ele sabia que o momento era importante e que esta era uma péssima hora para estar sem condições de combate.

CAPÍTULO 23

UM PULSAR PEQUENO E DISTANTE

Blaze passou mais de uma hora deitado na beira da piscina natural olhando para cima e de cara emburrada. Não contava com uma coisa dessas; ele havia acordado bem, então por que algo assim aconteceu? Izolda, o Rei e a Rainha haviam se retirado do quiosque há algum tempo; antes de partir o Rei havia lhe convidado a meditar com ele no Templo do Dragão assim que se sentisse melhor.

Com a ausência momentânea da irmã, coube a Vehda se aproximar de Blaze e sentar ao seu lado.

— Não se preocupe comigo, Princesa. Eu só estou um pouco decepcionado comigo mesmo!

— Você já fez muito, Blaze — disse ela com ternura. — Mesmo se não puder lutar mais, o que você já fez já foi mais do que suficiente.

— Princesa Vehda, eu não consegui nem curar as suas asas! Como pode dizer que já é o suficiente?

— Para mim foi o suficiente! Eu estou viva graças a você, Blaze. Eu não me importaria se você não se envolvesse mais com essa guerra. Pense nisso!

— Princesa... não — respondeu ele, firme. — Eu estive no Salão da Morte, conversei com o Ancião do Universo, que é um discípulo do Deus do Infinito. O Blisar está sob minha responsabilidade, eu sei que alguma asneira eu fiz para as coisas chegarem a este ponto e preciso saber o que foi. Não era para as coisas seguirem por este rumo.

Vehda ficou quieta; para ela, Blaze não deveria lutar mais, apenas viver uma vida tranquila com o Blisar, mas ele não era este tipo de pessoa. Ela apenas afagou o cabelo do jovem e sorriu:

— Não faça nenhuma besteira. Sua vida é muito importante para mim!

— Obrigado, Vehda. Você é mesmo um anjo!

Nem bem o rapaz havia terminado de agradecer e o infeliz foi esmagado por Izolda, que despencou do céu, sabe lá vindo de onde, em cima dele. A Prometida olhou para irmã com cara de poucos amigos e ela, com medo, fugiu e foi se esconder atrás da Rainha, que chegava caminhando e usando trajes de batalha.

— Ei, Izolda, é impressão minha ou você está mais gorda? — provocou Blaze sob as botas da Princesa.

— Burro! — xingou a Princesa, pisando em cima da cabeça do namorado. — Você apagou mesmo o Blisar para me trazer de volta à vida, não foi? Agora está aí, fraco como um filhote de

camundongo! Estou indo treinar com a mamãe nos salões subterrâneos que ficam nas cavernas do vulcão. Quer vir junto?

— Você está me provocando, né? Como vou treinar se o Blisar está apagado? Só posso escutar o conselho do seu pai e evitar qualquer coisa desnecessária até melhorar.

— É bom mesmo você descansar! Se lutar comigo neste seu estado lamentável, só vai servir para eu me divertir dançando em cima da sua cabeça.

Em seguida ela saltou no chão e correu se posicionando ao lado da mãe, que viu toda a cena sem se manifestar. Blaze, ainda atordoado, olhou para a Rainha, sorriu e exclamou:

— E-Pi-ê-Tá!

Ela, então, mandou um beijo para Blaze e fez pose.

— Ei, Rainha Bhatra, majestade majestosa! — gritou Blaze. A Rainha levantou o rosto e sorriu. — Me faça um favor, quando for lutar com a Izolda, dê a ela uma lembrança minha... uma bem na cabeça!

Bhatra e Vehda desataram a rir enquanto Izolda fechou a cara e fez uma careta. A Rainha logo se tornou um grande pássaro de fogo e foi montada por Izolda. A dupla voou e instantes depois desapareceu no firmamento. Vehda permanecia imóvel olhando Blaze, que se levantou vagarosamente e constatou:

— Acho que a Izolda está certa! Ficar parado me lamentando não vai adiantar de nada. Vou meditar com o Rei e tentar encontrar uma maneira de descobrir o que aconteceu com o Blisar.

— Siga-me, eu vou te levar até o meu pai.

E os dois seguiram pela borda do lago e tomaram a direção do jardim para cortar caminho. Eles entraram por uma porta larga, atravessaram duas grandes salas e um corredor até que Vehda parou diante de um salão.

— É aqui. Boa sorte!

— Obrigado por tudo, Princesa!

Vehda sorriu e se retirou. Blaze vagarosamente entrou no templo. Era um salão grande com tapeçarias nas paredes retratando dragões. Havia três tapeçarias à esquerda com a imagem de um dragão negro, um branco e um azul. E havia três tapeçarias à direita com a imagem de um dragão amarelo, um verde e um vermelho. Ao centro estava um homem de costas sentado em um tapete vermelho e na sua frente havia uma tapeçaria de um dragão maior que os outros. Suas escamas eram de ouro e havia na pele da criatura ranhuras negras semelhantes às de um tigre. Este dragão possuía sete caudas e seus olhos eram faiscantes. Blaze logo reconheceu o dragão:

— O Rei Morvan Kimsley.

— Olá, jovem mestre — respondeu o homem que estava sentado no tapete, que não era outro senão o próprio Rei. Entretanto, apesar da sua voz soar forte como um trovão, ele não se

mexia.

— Desculpe, eu não queria atrapalhar sua meditação.

— Eu ainda não havia começado; para falar a verdade eu estava escrevendo!

O jovem aproximou do local onde o Rei estava e viu no chão um rolo de papiro desenrolado, penas e tinta. No papel haviam algumas coisas escritas com a caligrafia típica daquele mundo.

— Sempre que posso exercito a arte da poesia, olha só:

“Uma ode para a guerra

O outono se vai

Não é a fruta que é vermelha

É o inimigo que cai.”

— É... Hum... Escrever como o senhor é algo que vou precisar aprender!

— Entendeu a referência? Fruta vermelha e o sangue do inimigo? Rá, eu sou demais! — gargalhou o Rei enquanto Blaze tapava a própria boca para não rir daquilo. — Bom, eu não sou um bom professor, mas posso te indicar quem seja neste tipo de coisa. Sou melhor professor na arte de combate dos dragões e da meditação.

Blaze sentou-se ao lado do Rei e procurou posicionar-se da mesma maneira que ele.

— Bom! Você é aplicado. Procure relaxar agora. Feche os olhos, mas imagine-os abertos. Você está olhando para o firmamento, as estrelas. Mantenha este olhar fixo nelas.

Ele obedeceu. Procurou manter-se calmo e a olhar o céu. Acabou se lembrando da própria visão daquele planeta quando ele o viu pela primeira vez. Não foi difícil se inebriar com a lembrança de Áurius. Meio que sem querer ele conseguiu entrar em uma espécie de transe; tinha a consciência de que não estava dormindo, mas que também não estava acordado. Ele abriu os olhos e viu o castelo como se estivesse todo em um tom esverdeado; aquilo foi estranho, pois não existem noites verdes em Áurius e, além disso, era dia. Ele olhou e viu todo o salão e o seu corpo, que estava sentado ao lado do Rei, inerte.

Apavorado, Blaze gritou:

— *Sire*, o que está havendo?

Para sua surpresa o Rei respondeu, não com a boca, mas com a mente; ele conseguia ouvi-lo como se a voz do monarca viesse de todas as direções.

— Sua alma deixou o seu corpo, você está em estado sonâmbulo. Eu e minha esposa costumamos fazer este tipo de exercício para procurar nossos ancestrais.

— Seus ancestrais?

— Isso mesmo, entes queridos que não possuem mais uma forma física. Que estão mortos nesta realidade, por assim dizer.

— Isso nunca aconteceu comigo antes...

— Você tem certeza? Pense bem, jovem mestre, você tem talentos especiais agora!

Blaze então começou a sentir flashes de situações que comprovavam que ele havia passado por aquilo antes. A viagem astral que fez quando encontrou o Blisar pela primeira vez, o corpo de Izolda em forma de estátua de cinzas...

— Isso é novo pra mim, é apavorante! Por que isso está acontecendo?

— Nesta forma você pode visitar outros planos e outros mundos, tudo está a distância de um pensamento. É o melhor modo de obter conhecimento fora dos limites do mundo físico.

— Entendi. Já sei onde devo ir para encontrar respostas. Em breve retornarei.

E o jovem subiu rumo aos céus como um relâmpago. Ele viu o planeta Áurius, o sol daquele mundo e as estrelas... Em seguida mergulhou novamente no planeta, adentrando o oceano até o fundo, passou por rochas, lava, mais rochas, até que chegou a um espaço negro formado por uma espécie de gelatina. Era a camada entre o núcleo e o planeta. Ele continuou mergulhando até que avistou uma rocha negra cheia de lava, a estrela morta que era o núcleo daquele mundo. Ele passou pela lava e encontrou em seu centro uma esfera brilhante e feita de diamante. Na forma espectral ele não teve dificuldades de passar também pelo muro de diamante e chegar a uma espécie de sala no centro do mundo.

O barulho de uma bengala batendo no solo ecoava pelo salão de cristal e logo o velho de cabelos brancos surgiu.

— Então você aprendeu como me encontrar. Acho que vou ter que arrumar um cadeado e uma porta, do contrário você vai começar a encher o saco. Como conseguiu?

— Não foi difícil, você é parte de mim e ao mesmo tempo é parte deste planeta, sabia que havia uma ligação.

— Você é suficientemente esperto para resolver os seus problemas sem minha ajuda, você tem poder para isso!

— Tenho poder, mas não tenho um mestre para me ensinar a usá-lo de forma correta. Todas as vezes que usei o poder do Blisar, o efeito não foi bem o que eu esperava. Agora eu estou sem um corpo, e o coração das estrelas parou de bater. Falta alguma coisa em mim e preciso de ajuda para descobrir o que é.

— Blisar é a chave do segredo da criação. É onde tudo começa e onde tudo termina. Com ele é possível criar universos inteiros e destruí-los também.

— Se é um poder que posso usar para criar qualquer coisa, por que eu estou todo arrebitado?

— Hahahahaha! — gargalhou o velho. — Quem você pensa que é? Deus? Você é alguém que tem o poder divino, mas é só um humano. O primeiro passo para você compreender o Blisar é aceitar que você não tem o controle de seu poder e nunca vai ter. Para alguém do entendimento

de nível humano, aquilo que é caótico é medonho, mas para Deus o que achamos que é caos é a matriz da verdadeira ordem. Não tente compreender tudo, aceite que você é um ser limitado e aprenda a aceitar que a parte mais divertida da humanidade é sempre haver uma nova pergunta após uma resposta descoberta.

— O que eu fiz errado no Blisar que criei?

— Nada.

— Como nada?

— O que você esperava? Para criar uma estrela, bastaria uma simples anã vermelha, que atinge uma temperatura de até 3.500 graus Kelvin. Mas você quis dar tudo àquela mulher, não é? O amor que sente por ela é tanto que quis dar a ela o Universo inteirinho! Confesso que foi a maior criação de um amador que já vi na minha longa vida, deu a ela o coração de uma estrela jovem, formosa e de um brilho tão intenso quanto uma Wolf-Rayet em expansão máxima, que supera a temperatura de 75.000 graus. Agora você está aí, todo quebrado enquanto sua mulher ganhou poder suficiente para sapatear em cima de você!

— Isso não tem graça! — disse Blaze de forma séria. — Quer dizer que meu Blisar está mesmo morto?

— Blisar morto? Claro que não! — riu o velho. — Sem o Blisar você não chegaria até mim. Precisa ter paciência. A natureza se recupera sozinha com o tempo, você só não deve forçar.

O velho começou a se retirar quando Blaze gritou:

— Me ensine a lutar usando o Blisar! Eu não sei usar de forma correta o poder de criação e destruição!

O velho caminhou um pouco com as mãos para trás, pensativo:

— Não sei... A parte mais divertida do Universo é a capacidade dele se aperfeiçoar após uma roda de caos. Se eu ensinar você, eu, daqui, vou perder grande parte da minha diversão, que é rir das suas desgraças!

— Só que, se eu for derrotado por não saber usar o Blisar e ele cair nas mãos dos Superiores, a desgraça vai ser toda sua! — devolveu Blaze, sorrindo de forma irônica.

— É... tá certo. Faz sentido! — concordou o velho à contragosto. — Me mostre o que sabe fazer!

Blaze assumiu a posição do caratê e fez um kata para impressionar o velho.

— Mas que droga é essa? — perguntou, irritado, o velho.

— É *karate shotokan, kata kanku dai!* — sorriu Busterblaze. — Fui faixa marrom quando era menino.

— E você sabe usar essas mãos?

— Sei — respondeu, apontando para o próprio punho direito. — Isso aqui vai no olho do

outro cara!

O velho coçou o cabelo, balançou a cabeça de forma negativa e constatou:

— É... isso vai me dar trabalho... A seleção natural nem sempre escolhe as espécies mais eficientes.

CAPÍTULO 24

ENTRE O EU E O EU MESMO

Seu rosto redondo parecia de menina, mas era uma mulher alta, clara, de corpo bem feito, cabelos encaracolados e cor de mel. Seus olhos eram tão verdes quanto duas pedras de jade. Estava nua em uma espécie de mar que não tinha nem começo e nem fim, mas era uma água calma e parecia um espelho que refletia a própria imagem. Não havia correnteza, vento, nada. Apenas o infinito daquele imenso espelho. A água estava pouco mais alta que seus tornozelos. Ela não via os próprios pés. Olhou à volta e não sabia para onde ir. Estava com medo. Não sabia se todo aquele espelho tinha a mesma profundidade, ou, se saísse dali, seria tragada pelas águas. Ela tinha muito medo de lugares escuros e de ficar sozinha.

Ela se abraçou e ficou onde estava, não tinha coragem de ir para frente ou para trás. Então ela sentou-se na água e começou a chorar. Naquele momento começou a sangrar de suas partes íntimas. Enojada, ela se levantou rapidamente e começou a se lavar. O sangue que saiu formou uma trilha que começou a se deslocar sozinha em uma direção. Ela ficou assustada, afinal, não havia corrente naquele mar, então por que o sangue estava se deslocando?

Sem opções do que fazer, ela seguiu o filete de sangue. Ao longe ela pôde ver uma pedra. O filete começou a se deslocar mais e mais rápido, ela começou então a correr e tentar acompanhar o sangue, que logo chegou até a pedra e o que ela viu foi um bloco de gelo. Dentro do cristal de gelo havia uma criança de olhos fechados. O sangue foi aspirado pelo cristal e chegou às narinas e à boca da criança. Então o cristal se partiu.

Era uma criança pequena, magra, de cabelos encaracolados, rosto redondo. A mulher olhou para a criança e levou a mão à boca, surpresa:

— Sou eu!

A criança abriu os olhos. Seus olhos eram vermelhos como rubis de sangue. Um sorriso estranho surgiu no rosto branco e redondo da menina.

— Eu quero matar! — ela disse.

A mulher deu dois passos para trás e caiu sentada na água. Como uma criança de corpo tão frágil podia se tornar alguém de olhar tão terrível? A mulher encarou a menina de olhar diabólico e balbuciou:

— Esta... sou mesmo eu?



Os sinos ribombaram na cidade de Melaktar, e a luz da lua alaranjada daquela noite pintava todo o firmamento com sua cor. O palácio central da cidade estava cheio de representantes de diversas nações daquele mundo. A Rainha era a embaixatriz do seu reino e vinha acompanhada de dois conselheiros e sua pequena filha, que olhava tudo com curiosidade.

Alekmar, o soberano do reino, abraçou a Rainha e a beijou no rosto. Em seguida olhou para a criança e disse:

— Ora, se não é a pequena Prometida!

— Não diga isso! — riu a Rainha. — Ela é ainda apenas uma criança, não deve entender de uma profecia que nós mesmos ainda não conseguimos decifrar com certeza!

— Mas ela é a Prometida. Está em suas palavras: “Quando dois poderosos seres incompatíveis se unirem nascerá uma prometida, e quando esta ressurgir das cinzas como uma Rainha guerreira terá chegado a hora do coração das estrelas tomar a forma da morte e castigar um mal que veio de longe”. Não existe nada mais incompatível do que a filha de uma fênix e um dragão. Ela está destinada a lutar na guerra e salvar o nosso mundo!

Izolda abraçou a perna da mãe e olhava o soberano de Melaktar com medo. Ela nunca havia visto a guerra de perto, mas já havia visto várias vezes as pessoas chorando pela perda de entes queridos e histórias de mutilações, tortura e morte nas batalhas.

— Eu não quero ser a Prometida! — gritou a menina, irritada.

— Calma! Você é muito pequena ainda, não tem que se preocupar com isso! — A mãe afagou o cabelo da criança e ela baixou a cabeça.

— Sim, mas este velho aqui tem muita fé em você, pequenina! — riu o Soberano Alekmar.

A Rainha Bhatra o olhou com reprovação; como mãe, ela não queria que coisas assim assustassem a sua filha e ela estava bem assustada. O trio então caminhou pelo corredor principal do castelo e a menina olhava tudo com atenção.

Ao passar pelo tapete felpudo do palácio, a criança não teve dúvidas e mergulhou nele dando risadas.

— Izolda! — Era a mãe que olhava para a criança com olhar fulminante.

De nariz torcido, a menina se levantou e ficou emburrada ao lado da mãe. Um velho conselheiro do castelo deu uma risadinha e a menina, irritada, devolveu com uma careta. O velho riu ainda mais. Ela, então, começou a rir também e, a partir daquele momento, todos os adultos que passava por ela eram recebidos com uma careta. A Rainha estava envergonhada, o trabalho ali era sério. Foi então que um homem bem vestido sussurrou para a Rainha:

— Rainha Bhatra, sou o Barão de Delmar e não sou apenas o acompanhante do representante de meu estado. Sua criança tem muita energia. Se quiser, posso levá-la para a praça, onde há outras crianças, lá ela poderá brincar até a reunião acabar. Quando isso acontecer, eu a trago de volta.

— Não é perigoso?

— A praça tem muitos guardas e todos sabem quem são você e sua filha. Vou ficar de olho nela. Não haverá problemas.

A Rainha olhou para a pequena e perguntou:

— Você iria com ele brincar com outras crianças até a mamãe acabar a reunião?

— É! Quero brincar! — riu a menina.

— Então está certo! Não esqueça, filha, você tem o meu sangue e se você chamar por mim a mamãe vai aparecer, está bem?

— Tudo bem, mamãe!

O Barão estendeu a mão e conduziu a criança para fora do palácio sob os olhares atentos da guarda do lugar. Não demoraram a chegar até a grande praça central da cidade. O Barão primeiramente levou a menina para a casa de um alfaiate. Ela estranhou:

— Quando eu vou brincar?

— Você não pode brincar com um vestido tão longo, não é mesmo? Precisa de roupas leves se quiser se divertir com as outras crianças — sorriu ele.

Instantes depois a dupla deixou a loja. Ela parecia um menininho com cara sapeca. Após caminharem pela rua principal chegaram à grande praça central de Melaktar. Muitas crianças corriam pela grama e jogavam bola.

— Estarei te observando. Vá brincar com as outras crianças! Vá!

E Izolda correu pela grama dando gargalhadas. Não demorou a começar a chutar bola junto com outras crianças, mas, irrequieta, logo ficou entediada. Cansada de correr e louca para fazer alguma traquinagem, ela subiu em uma árvore e começou a jogar frutas na cabeça de crianças que passavam embaixo, dando risadas ao ver os meninos correndo e gritando. Um deles começou a reclamar:

— O que você está fazendo? Está maluca, é?

Ela respondeu com uma careta.

— Você vai ver só, sua bruxa!

E ele começou a devolver as frutas que caíam, tentando derrubar a Princesinha da árvore. Ao ver que sozinho não estava conseguindo sucesso, chamou outras crianças.

— Olha só aquela arruaceira. Vamos acertar ela!

Agora eram três crianças atirando frutas em Izolda, uma menina, um jovem centauro e um pequeno duende gelf que devia medir cerca de sessenta centímetros. Com uma pontaria perfeita, Izolda acertou o olho da menina e a testa do centauro. Só não acertou o pequeno gelf porque ele era muito rápido. Já os três, mesmo juntos, não conseguiam acertar fruta alguma na Princesinha.

— Precisamos de um plano, temos que acertar ela! — disse o centaurinho.

— Você e ela me dão cobertura, que eu subo lá e derrubo a encenqueira!

— Deixa comigo! — disse a menina.

E a dupla começou a mandar mais e mais frutas em cima de Izolda que, gargalhando, se escondeu atrás de um tronco. O duendezinho rapidamente escalou a árvore e agarrou o pé da Princesa.

— Vou te derrubar!

— Não vai, não! — riu a menina, que reagiu dando pontapés na cabeça do duende.

— Para, sua arruaceira! Isso dói! — E ele agarrou a perna de Izolda e deu-lhe uma boa mordida na batata da perna.

A Princesinha gritou e, irritada, virou o pé na cara do gelf, que se desequilibrou e caiu de cima da árvore. Em meio a gargalhadas, Izolda não percebeu o estalo do galho que a estava segurando e um segundo depois ela despencou lá do alto, caindo sentada em cima do duende estatelado no chão. Quando ela viu o pequeno gelf com a língua para fora igual a um sapo, percebeu que a brincadeira havia perdido a graça.

Com medo, Izolda saiu correndo da praça e escondeu-se debaixo de uma carroça enquanto o trio de crianças gritava que quando a encontrassem ela levaria uma surra. Encolhida, a menina só pensava no castigo que sua mãe iria lhe dar quando soubesse que havia machucado um de seus novos amigos até que a sombra da cabeça de um homem surgiu embaixo da carroça.

— Você aprontou uma legal, hein? — riu ele. — Venha, vou esconder você!

Ela não pensou duas vezes e deu a mão para aquele desconhecido. Os dois correram pela primeira rua que encontraram e deram de cara com vários caixotes de madeira.

— Rápido, entre aí que assim que tudo se acalmar eu a chamarei.

A menina obedeceu, mas assim que entrou o caixote foi fechado. Ela bateu o lugar e percebeu que aquilo não era madeira, parecia que estava em uma caixa de vidro dentro do caixote. Ela estava presa. Pela fresta da madeira ela percebeu que o homem que a havia ajudado estava rindo e estava acompanhado do Barão que a havia levado para a praça e uma criança de cabelos encaracolados que estava usando a mesma roupa que ela quando saiu do castelo. Horrorizada, Izolda começou a gritar pela mãe. Foi então que percebeu que, de alguma forma, a caixa de vidro impedia que sua voz saísse dali. Então uma lona cobriu a caixa e ela não viu mais nada.

Sozinha no escuro, Izolda chorou até dormir.

A menina dormiu e quando acordou alguém estava abrindo a caixa. Era alto, forte, muito amarelo e falava em uma língua que ela não entendia. Ele a agarrou pelo braço e a puxou para fora. O indivíduo meteu a criança em um veículo e de lá ela viu construções de aço e muitas chaminés expelindo uma fumaça preta e malcheirosa. Nas ruas viu veículos com muitas rodas, largos e com apenas um ou dois ocupantes. Estes, enquanto dirigiam, estavam ocupados digitando ou falando em aparelhos eletrônicos.

Ela foi entregue a um homem com cara de rato que digitou algo em seu aparelho eletrônico e a levou para um veículo. Olhando pela janela do automóvel em movimento, ela viu que ainda estava no seu mundo, mas em um lugar que ela não conhecia. Havia um rio com águas escuras, cheias de espuma e com objetos semelhantes a plástico boiando. Tudo era cinza, sem árvores ou qualquer outro ser vivo que não fosse da classe dos habitantes daquele lugar. Quando ela via alguma raça conhecida para ela, como algum elfo, centauro ou tríclope, estes estavam mendigando ou dormindo embaixo de alguma marquise de ferro.

A menina ficou incomodada, mas estava com medo. Ficou quieta até chegarem a um prédio de terra vermelha, onde acompanhou o homem com cara de rato. Ele finalmente puxou conversa:

— Você está sob minha responsabilidade. Vou ensinar a você o idioma de Supéria. Aprenda rápido, pois ninguém neste lugar falará em sua língua, exceto eu, e é só por enquanto.

E a criança foi obrigada a aprender a falar aquele idioma desconhecido para ela e tudo sobre os Superiores. Aprendeu sua história, sua cultura e como funcionava o seu sistema de hierarquia. No entanto, os ensinamentos de sua família não saíam da mente da menina. Ela se lembrava das vezes divertidas que correu atrás de borboletas de oito asas, dos banhos gostosos nas cachoeiras de águas quentes de Flanória, dos doces e das feiras da cidade e de quanto todas as pessoas viviam rindo e brincando. Onde estava todos sorriam, mas ninguém ria. Era um sorriso falso e tenso. Nos aparelhos eletrônicos que projetavam imagens, tudo era colorido e bonito, mas fora dele era cascudo, cinza e feio.

Passou a estação do outono e do inverno em Áurius e no princípio do verão ela já dominava o idioma de Supéria. Ela aprendeu a vestir-se como eles, a compreender o que eles diziam e o que realmente queriam. Seu mentor estava satisfeito, já era hora de a menina partir para o outro estágio do seu aprendizado. Izolda foi levada para o castelo de Monte Negro, a sede administrativa dos Superiores naquele mundo. Era a primeira vez que ela adentrava naquele palácio de grandes tentáculos que cortavam o centro urbano.

Eles subiram em uma prancha que se deslocou suavemente pelos corredores do centro administrativo até chegarem a uma espécie de galpão que possuía vários quadros com fotos do planeta Áurius que eram usados como fundo nas transmissões que faziam. Izolda franziu a testa; descobriu que era assim que o Sistema funcionava, todos os lugares lindos mostrados nos painéis eletrônicos eram lugares onde nenhum daqueles que estavam ali havia pisado antes, mas eram vendidos como lindos para quem estava de fora. Ilusões criadas pela tecnologia para fazer sonhar os operários que pertenciam a categorias de hierarquia mais baixa e que desejavam ter créditos suficientes para conhecer lugares assim.

Uma fêmea de cabelos cortados a uma altura de um centímetro e meio, muito magra e pálida se colocou diante de um dos painéis e ordenou:

— Pode iniciar a transmissão.

Imediatamente luzes se acenderam e operários iniciaram o link para fora do planeta. Em uma grande tela com fundo em três dimensões, logo um Superior sorridente vestindo roupas azuis com detalhes dourados e brilhantes surgiu.

— Hell Senhor Presidente Raggen!

— Hell Intendente Sherah Lallupa.

— A pequena já aprendeu muito sobre nós e está pronta para o trabalho que iremos desenvolver.

— Deixe-me vê-la, Intendente.

A Intendente fez sinal com a mão e Izolda se aproximou. O Presidente a viu e perguntou:

— Criança, quem sou eu?

— Senhor Presidente de todas as galáxias que formam o Universo Superior. — Ela, então, assumiu a posição militar de sentido e ergueu o punho direito, deixando livres os dedos polegar, indicador e médio como era costume do lugar ao saudar alguém de alta hierarquia. — Hell Luks Raggen!

— Bom! — disse o Presidente. — Tragam a menina para o Cruzador Espacial Opala.

— Sim, Senhor Presidente!

Então a menina fez a sua primeira viagem para fora do planeta. Opala era uma gigantesca nave que estava na órbita do planeta Áurius; era uma fortaleza voadora, ou melhor, uma metrópole que ficava nos céus e servia diretamente ao Presidente dos Superiores. Tratava-se de uma das três maiores naves espaciais de todo o cosmo. Seu formato parecia com duas pirâmides de doze lados achatadas e coladas uma de costas para a outra. No centro havia anéis bastante longos unidos por hastes de metal. Ao se olhar do espaço, a nave parecia um planeta com anéis, porém no lugar do formato esférico havia o octaedro. Cada andar só podia ser adentrado quando se possuía a hierarquia certa. Assim sendo, apenas o Presidente e os seus subordinados de confiança podiam se deslocar de um extremo a outro da nave.

No setor central havia seres de vários mundos e de todas as formas. Trabalhadores braçais e descartáveis, mas orgulhosos por estarem na nave do ser mais importante da galáxia e que enxergavam ali a oportunidade de enriquecerem e obter créditos suficientes para subir nos degraus da hierarquia Superior. Quando chegaram ao hangar, Izolda foi à última a descer. O piloto, que usava um capacete fechado, a pegou pelo braço e disse em idioma de Áurius:

— Princesa Izolda! Finalmente encontrei você, não perca a fé, seus pais farão de tudo para salvá-la.

A menina sorriu, e o piloto disse:

— Tenha fé e aguarde!

Em seguida ele a empurrou para que a conversa dos dois não levantasse suspeitas. Ela

olhou para trás e em seguida correu para perto da Intendente, que continuava a seguir em frente sem olhar para trás ou para os lados. A Intendente foi encaminhada para um apartamento no oitavo andar inferior, o que demonstrava que ela era uma pessoa de alta hierarquia e de grande valor. Para os padrões Superiores, era um apartamento de luxo com móveis transparentes e o chão aveludado. Ela tocou o painel e ele apitou quatro vezes até surgir uma imagem de um Superior de alto nível.

— Hell Comandante Straxus Reder!

— Hell Intendente Sherah Lallupa.

— Tenho uma reunião marcada com o Presidente Luks Raggen, onde ele está?

— Artatran III, ele mudou os seus planos e ficará 1,15 bariciclons conosco.

— Entendi — disse entredentes a Intendente, visivelmente irritada por ter que esperar. — Mantenha-me informada, por favor.

— Claro, não se preocupe.

E o painel desligou. Ela começou a caminhar impacientemente pelo apartamento enquanto a menina observava a cena sentada em seu canto. Depois, a Intendente sentou-se à mesa, pegou um aparelho eletrônico semelhante a um tablet e começou a navegar pela Supranet. Assim as duas ficaram por um longo tempo até que em um momento a Intendente pareceu perceber que havia mais uma pessoa no lugar e perguntou:

— Está com fome?

A menina fez que sim com a cabeça.

— Há uma lancheria perto da porta de entrada, pode pegar o que quiser.

— Gostaria de algo, Hell Lallupa, senhora?

A Intendente sorriu. Todos os Superiores gostam de ser bajulados.

— Sim. Quero algo para beber e alguns petiscos.

A menina se levantou e, como uma boa serviçal, preparou o pedido da Intendente e a serviu seguindo todas as regras de etiqueta que aprendeu até ali. Lallupa ficou satisfeita.

— Você é interessante. Parece que pode mesmo ser útil.

A partir dali a menina se tornou a copeira da Intendente, fazendo tudo o que ela ordenava. Limpava suas roupas, polia as luvas, massageava seus pés, e Lallupa ficava cada vez mais à vontade perto da menina, contando a ela tudo sobre os detalhes sórdidos do Universo em que vivia e de como ela era esperta e estava conseguindo subir na vida ainda assim. A menina ouvia tudo, absorvia tudo o que achava interessante, sempre imaginando alguma maneira de mandar uma mensagem aos seus pais, pois acreditava mesmo que eles poderiam salvá-la dali.

No espaço, a menina tinha dificuldades em administrar o tempo, quando ela percebeu já estava nos corredores pegando o elevador para o décimo segundo andar, o andar do Presidente.

Era um salão muito grande forrado de veludo grená e azul-marinho. Havia ao lado do

Presidente outros oito indivíduos, todos Comandos de Elite. Quatro à sua esquerda e quatro à sua direita. Por ordem de importância, o primeiro indivíduo à direita era o Marechal do Exército San Hogan. O primeiro à esquerda era o Almirante de Batalha Doom Rhokron. O segundo à direita, o Ouvidor-mor Casht Dhollar. O segundo à esquerda, Marechal do Ar Shon Sharkie. O terceiro à direita, General Metran Marvell. A terceira à esquerda, Tenente-brigadeiro Griftie Tchariot. A quarta à direita, a Ouvidora-mor Sodeka Rocken. E o quarto à esquerda, Ouvidor-mor Med Bancken.

A menina ficou ali, cercada pelos gigantes amarelos que ladeavam seu líder. Ela caminhou em direção ao Presidente, ergueu o punho direito deixando livres os dedos polegar, indicador e médio e bradou:

— Hell Presidente Raggen!

O Presidente sorriu e respondeu:

— Hell Princesa Izolda de Kimsley. Você aprendeu bem nossa língua e nossos costumes. Estudou bem tudo o que lhe ensinaram?

— Sim.

— E está pronta para ser a minha embaixatriz e convencer os seus pais a pararem de lutar conosco e cooperar com o nosso Sistema de governo?

— Não.

O Presidente ficou desconcertado e olhou irritado para a Intendente, que imediatamente gritou com a menina:

— Do que está falando? Você esteve comigo no último bariciclón! Você conversou comigo e mostrou que sabe tudo de nós!

— Sim. Eu sei tudo sobre vocês, estudei sobre vocês, andei com vocês, mas não conheço vocês. Todos os Superiores falam somente em duas coisas, acumular créditos e vender a própria imagem. Mas eu não consigo ver aquilo que estão vendendo! O que vocês falam não é aquilo que realmente tem. Eu não sei como representar isto!

— Isto é inaceitável! — disse o Presidente entredentes. — Explique-se, Intendente! Você é a responsável pela educação da criança!

— Não, não sou! — Ela engoliu em seco. — Eu a recebi há apenas cinco dias para avaliá-la.

— E em sua avaliação afirmou que ela estava pronta! — gritou o Presidente.

— Existe 92,64% de chances de não ter havido erro no programa, Senhor Presidente — disse o Almirante de Batalha Rhokron com a voz gelada como a de um autômato. — O que acontece é que a criança se baseia no raciocínio simples de observação e dedução de causa e consequência. Para ela é fácil entender que se eu soltar o meu comunicador ele cairá e pode se quebrar, pois aqui há uma força de gravidade que atrairá o comunicador para o chão, mas ela não

entende se eu disser que este comunicador quebrou e que devo comprar outro sem que este ainda tenha caído. Ela não trabalha com estimativas como nós. Por isso, se eu disser que o comunicador quebrou ela dirá que é uma mentira, pois ele ainda está inteiro na minha mão. Ela não especula que o comunicador está quebrado ou que vai se quebrar. Como não especula, ela não compreende a essência do sistema capitalista que é capaz de comprar ideias e projeções antes que aquilo realmente ocorra. Com isso ela não tem vaidade de consumo, pois para ela é inútil substituir um aparelho que lhe serve, sendo que ele ainda funciona. Ela é como todos os outros nativos daquele planeta que são desprovidos de agressividade de consumo.

— O que o sugere, Almirante de Batalha?

— O consumo nasce da vaidade e da ganância, ela precisa aprender isto para se juntar a nós.

— Posso cuidar destes detalhes, Senhor Presidente! — implorou a Intendente, louca para mostrar serviço. — Faz parte da natureza feminina a vaidade e a luxúria. Posso ensinar isto a ela.

— Tudo bem, Intendente, prepare o novo programa de ensino. Por enquanto, vamos isolar a criança para observá-la melhor.

E a pequena Izolda foi retirada da sala e levada para o quarto andar da nave, onde foi colocada sozinha em um grande salão. Foi permitido a ela tocar e mexer com tudo o que a tecnologia da nave permitia, mas havia câmeras monitorando a todo o momento cada uma das suas atividades, suas reações e suas escolhas. Eles queriam entender como a criança pensava e desta forma elaborar uma forma de ensiná-la rapidamente a ser como eles.

A menina passou o tempo, então, mexendo na Supranet e aprendendo a acessar os dados dos vários planetas colonizados pelos Superiores. Ela gostava de ver os mais diversos tipos de animais que habitavam os diferentes mundos e ficava horrorizada ao ver os vídeos de caça e a queima das carcaças e ossos das criaturas. Ela também ficava muito tempo deitada, olhando o planeta Áurius da espaçonave. Ela achava o mundo em que vivia lindo.

Não demorou até que em um de seus devaneios, ela ouviu uma voz familiar em sua mente.

“Izolda! Izolda!” chamava a voz.

— Mamãe?

“Eu sabia que em algum momento eu poderia ouvir você, estamos indo te buscar!”

A menina levantou-se da cama e escutou um estrondo. Ela imediatamente entrou na rede da nave e pelo monitor viu seu pai, sua mãe, a Rainha Dehva, seu tio Riyuumaru e outros lutando em pontos diferentes do cruzador espacial. Os olhos dela brilharam de felicidade.

— Papai, mamãe! — sorria ela.

E a rede caiu.

Nada mais local era transmitido para as pessoas que estavam na cidade voadora. Os únicos arquivos disponíveis na rede eram dados antigos e transmissões de outros planetas. A criança não

sabia no que mexer para fazer as coisas voltarem a funcionar e acabou desistindo.

Ela sentou-se na cama e, cabisbaixa, deixou o tempo passar. O que terá acontecido com seus pais? A angústia era grande.

Então a porta se abriu e entrou por ela uma elfa de asas de cisne com olhos brilhantes e doces. Era a própria Potência de Dehva, a Rainha maior dos elfos e Deusa deles. Ela foi até Izolda e a abraçou.

— Como você está, criança?

— Com medo! Onde estão os meus pais?

— Ai, linda! Me perdoe, mas não vai poder ficar com eles!

— Como assim? — chorou a menina.

— Todos nós viemos aqui com o propósito de te salvar e não para fazer com que você volte conosco. Como matriarca dos elfos eu posso ver o futuro, diversas possibilidades deles. Em apenas um você consegue escapar a salvo, você entende? Em nome desta esperança estamos todos lutando agora.

— O que vai acontecer?

— Não tenho muito tempo, infelizmente não posso contar mais. Saiba que esta nave irá explodir em breve e, quando tudo começar a cair, você terá a chance de sair daqui. Tem uma nave vermelha na qual você deve embarcar, ela te tirará dos olhos de nossos inimigos.

— E para onde eu vou?

— Eu ainda não sei, este futuro não me foi revelado, mas sei que você vai sobreviver!

A Rainha se levantou, beijou a criança e saiu da sala.

— Viva! Faça o que fizer, você precisa sobreviver! Se conseguir sobreviver, em algum momento sei que voltará para casa!

Imediatamente a rede voltou a funcionar. A menina pôde acompanhar o desfecho dramático da luta de seus pais contra o Marechal San Hell Hogan e a detonação do reator principal da estação espacial Opala. Como Dehva havia previsto, a porta se abriu e ela fugiu pelos corredores sob a luz vermelha dos geradores de emergência. Era a debandada de todos daquela espaçonave. No momento do pânico não havia qualquer controle de quem entrava ou saía das naves de fuga e a pequena Izolda conseguiu embarcar na nave que a Rainha havia indicado.

A nave de fuga era pequena e cabia cerca de trezentas pessoas. Ela decolou e partiu para o setor Ono, onde alguns extraterrestres que ali estavam tinham negócios. Apenas quando já estavam próximos da ponte espacial que alguns dos passageiros começaram a se incomodar com a presença da pequena, que se sentia cada vez mais acuada com a maneira severa com que a olhavam, como se perguntassem: “Como alguém como ela pode estar aqui? Ela não é da minha classe. Alguém deveria enxotá-la da nave”. Um elfo de seu mundo, que trabalhava como

tripulante daquela nave, a pegou pelo braço e a tirou de junto de todas aquelas pessoas.

— Princesa Izolda? — perguntou ele. — É você mesma? Graças à mãe Dehva! Você ainda está viva!

— Você me conhece? — perguntou a criança.

— Sim, não tenho muito tempo. Muitos de nós trabalham para os Superiores como informantes da Resistência de nosso planeta. Eu sou uma destas pessoas, meu nome é Ladin, da cidade de Tellamur.

— Pode me ajudar? Eu quero voltar para casa!

— Vou ver o que posso fazer. Mas primeiro temos que esconder você!

Juntos correram por um pequeno corredor. Ele tocou a parede da nave e ela se abriu, revelando compartimentos onde se guardavam comida e materiais.

— A viagem até o próximo salto não será longa, mas será muito desconfortável. Quando sentir alguma movimentação estranha, encolha-se e fique encostada na parede. Volto assim que puder!

Ladin a fechou no compartimento e tudo ficou escuro. Realmente a viagem tornou-se tortuosa e, durante um tempo interminável para ela, algo a prensou na parede de tal forma, como se toda a pele de seu corpo fosse rasgar ao mesmo tempo que seus órgãos internos chacoalharam, dando a impressão de que iam se soltar. Quando tudo se aquietou a criança desabou em um canto e, de tanta dor que estava sentindo, acabou adormecendo. Ela despertou com Ladin abrindo rapidamente a porta da espaçonave.

— Não temos muito tempo, esta nave vai pousar no próximo planeta, mas o Comandante daqui já identificou você! Estão à sua procura. Se conseguirem te apanhar, vão levar você para um dos planetas-colônia dos Superiores e você perderá sua liberdade e sua alma.

— O que podemos fazer?

— Vou embarcar você no módulo de fuga e você vai pousar em algum lugar do planeta que os nativos do lugar chamam de Terra. Não sei o que acontecerá quando estiver lá, mas pelo que fui informado a raça dominante do lugar é humana, logo você não terá dificuldades em se misturar.

— Eu não quero ir para lá! — chorou a menina. — Eu nunca mais poderei voltar para casa!

— Confie no Deus do Infinito. Se você é nossa Prometida, como eu acredito que seja, esta será uma experiência válida para que você volte e nos lidere na guerra contra os invasores Ocres.

Ele ajudou a menina a descer e, no mesmo cômodo em que estavam, ele a embarcou no módulo de fuga.

— Não quero ficar sozinha!

— Não posso ir com você. Tenho que programar e lançar o módulo manualmente, do contrário eles vão conseguir impedir o lançamento travando o sistema e revertendo o curso para

recapturar você. Vá e viva!

— Mas eu vou ver você outra vez, Ladin? Por favor, diga que sim!

O elfo sorriu e seus olhos tristes indicaram a verdade que até mesmo uma criança entenderia: o significado da palavra fim.

— Enquanto você se lembrar de mim, eu sempre estarei vivo e junto com você! Nossas esperanças estão contigo, pequena Princesa Izolda! Quando erguer a sua espada para lutar pela liberdade de nosso povo, lembre-se de mim!

E o módulo fechou. A menina começou a chorar enquanto a cápsula se soltou da nave e deslocou-se pelo vazio do cosmos. Foi então que ela percebeu que estava próximo de um belo planeta azul que possuía uma lua branca. A nave entrou na atmosfera conforme o esperado, caindo em uma montanha cheia de árvores. Ela não sabia ao certo quanto tempo a viagem durou, mas quando abriu a porta da cápsula percebeu que chovia forte e ventava muito. Ela olhou para cima e pôde ver relâmpagos cortando os céus e ouvir os trovões que estrondaram de forma ameaçadora. Izolda estava acostumada com chuvas fortes, não tinha medo, mas percebeu que aquela tempestade não era normal.

— Isso parece coisa de um Comando de Elite. — Engoliu em seco. — Será que havia algum deles na nave? O que terá acontecido depois que eu escapei?

CAPÍTULO 25

OLHOS DE SANGUE, ARMAS DE PRATA

Era um lugar totalmente escuro, Izolda não conseguia ver nada. Repentinamente uma luz vinda do alto acendeu. Ela identificou de onde vinha a luz: era uma lâmpada fluorescente como as usadas no planeta Terra.

— Terra?

Ela estava em um cinema, sozinha. A luz do projetor se acendeu e a tela começou a mostrar fragmentos de desenhos animados e novelas que ela se lembrava do planeta Terra. Em uma das cenas, um casal era filmado de muito longe em uma estrada de terra e um havia um carro muito antigo, um Corcel. A cena se aproximou e a face da mocinha era revelada. A protagonista era ela.

— Izac, você me ama?

E Izac sorriu e acariciou o rosto de Izolda.

— Sim, eu te amo.

— Você me ama mesmo?

— Sim, eu te amo. O meu sangue ferve por você!

Ela riu. E já não era mais dia e nem mais uma estrada deserta. Era uma casa de madeira iluminada por lampiões. Havia um lago onde a lua cheia refletia. Izac chegou na casa trazendo peixes. Suas roupas suadas e a barba por fazer indicavam que estavam de férias ou coisa assim. Apesar de estar de noite, Izolda usava um biquíni preto e uma canga.

— Vamos ter peixe para o jantar.

— Temos ingredientes para preparar isto?

— Temos, sim. Deixe comigo. — E ele estalou um beijo na barriga da mulher. — Como você está não seria nada legal se a gordura da fritura espirrasse em você.

— Posso colocar uma blusa e cuidar disso sem problema algum.

— De jeito nenhum quero perder este visual tão agradável!

Ela empurrou Izac para parede e perguntou:

— Você me ama?

— Claro que amo.

— Nunca vai me abandonar?

— Nunca. Eu sou um prisioneiro do nosso amor!

Ela riu e eles se beijaram longamente. Ele começou então a dar várias mordidinhas no pescoço da Princesa, que fechou os olhos se deixando levar pelo momento, mas, quando ela os

abriu, havia horror estampado em sua face.

Parado de pé no meio da lagoa, um Comando de Elite a observava. Ele estava de braços cruzados encarando a menina. Mesmo tão distante, ela conseguiu ouvir o que ele dizia:

— Aí está a terrorista que embarcou em minha nave para o planeta Terra.



A mulher de cabelos encaracolados fitava a criança de olhos terríveis como a morte. A criança olhou para a mulher e riu.

— Finalmente acordou, não é? Não adianta em qual realidade você tentar fugir, você nunca vai deixar de ser quem você é!

— Por que me faz ver estas coisas? — gritou a mulher. — O que você quer comigo? Diga-me!

— Você tem o poder para machucar e isso pode ser muito divertido!

— Eu não quero machucar nada! — retalhou a mulher com voz firme.

— Você precisa aprender a matar! Eu quero matar! Quero matar a todos que me fizeram mal! Quero os fazer sofrer com a fúria de um dragão e carbonizar cada um deles com as chamas de uma fênix e, quando todos eles estiverem agonizando no chão, pisoteá-los, rir, dançar sobre os seus cadáveres e sentir os ossos quebrarem e virarem cinzas debaixo de meus pés. Diga, você não quer isto?

A mulher caiu de joelhos na água e começou a chorar.

— Não! Eu não quero ser a Prometida!

— Mas você é.

— Mas eu não quero ser! — gritou a mulher e sua voz ecoou no vazio. — Eu tenho o direito de escolher! Eu escolho não lutar! Escolho não fazer nada! Escolho não ir a lugar nenhum! Eu não sei lutar!

— Você tem certeza que não sabe lutar?

— Eu tenho, sim!

— Então, você não entende mesmo o que é lutar, mesmo já tendo lutado com todas as suas forças antes?

— Impossível! Quando eu fiz isso? — gritou a mulher. — Me diga, quando?

A criança de olhos vermelhos sorriu.



Artatran III é um planetóide na órbita do planeta Orbus Cariballion II. Para os nativos de

Áurius, é uma de suas luas. Para os Superiores, uma importante base que serve de apoio para as operações de colonização. A principal cidade é administrada pelo Comandante Straxus Reder e, no Prédio da Justiça, os mais terríveis criminosos terroristas são julgados e executados. Ele, em seu traje militar, sentou-se à mesa no centro do salão. À sua direita estavam os juízes, todos com roupas militares. Estavam de pé, aguardando o pronunciamento do Comandante:

— Que entre a ré.

Em uma cadeira de rodas entrou uma criança, os seus pequenos olhos estavam inchados, a orelha esquerda havia sido cortada e o cabelo raspado. Em seu crânio estavam cravados parafusos e sua boca estava costurada. As pernas da criança haviam sido serradas na altura do tornozelo. Segundo os militares, era para que ela não voltasse a tentar escapar.

— Esta é a Princesa Izolda. A Prometida que diziam que iria guiar os terroristas de Orbus Cariballion contra nós! — sorriu o Comandante Straxus Reder.

Os juízes começaram a rir. O Comandante então se sentou e todos os que estavam na Sala da Justiça sentaram-se também. Ele suspirou. Tocou o painel e um relatório feito através da simulação virtual começou a ser transmitido.

— A criança que vocês estão vendo é uma pessoa terrível, não se deixem enganar pela sua aparência frágil e doce; ela é má e foi educada para matar ainda muito pequena. Vejam todas as informações que temos sobre a vida dela através do vídeo de nosso serviço de inteligência.

Então, com as modernas técnicas de modelagem e animação, um vídeo em realidade virtual começou a ser transmitido encenando a saga da pequena terrorista.

“A criança que estão vendo era levada pelos pais para as batalhas e, em uma delas, nossos soldados, com muitas dificuldades, conseguiram capturá-la. Ela era violenta e má, mas ainda assim acreditávamos que com nossa tecnologia e nossas técnicas de ensino iríamos ser capazes de fazê-la entender o que é o bem e, desta forma, torná-la uma embaixatriz, fazendo com que a guerra contra os povos tribais e atrasados e Orbus Cariballion terminasse. Mas foi tudo um engano.

“Inteligente, dissimulada e manipuladora, a criança que estão vendo usou de nossa boa vontade para se tornar uma espiã de nossos inimigos, transmitiu informações importantes do nosso cruzador espacial Opala para os terroristas e, como resultado, milhares de bons cidadãos morreram naquele dia em que a nossa nave-mãe foi destruída inescrupulosa e covardemente.

“Não satisfeita com o mal que havia feito, esta criança, a qual havíamos ensinado tudo de bom, embarcou em uma das naves e, junto com um cúmplice terrorista, causou grande tumulto. Ela conseguiu escapar em um módulo de fuga. Nosso Coronel Molley Donar ainda tentou alcançar o módulo, mas sem sucesso. Liderando o serviço de inteligência, ele conseguiu monitorar a localização da terrorista e capturá-la, levando-a sob custódia e a deixando presa até a data deste julgamento. Como podem ver, pelo grau de periculosidade que este ser desprezível

representa, o mais indicado é a pena máxima de desintegração no Edifício Karus.

Os juízes olharam o vídeo, perplexos. Não havia a menor dúvida de que a criança era o demônio encarnado.

Straxus Reder levantou-se e olhou para a criança.

— Criança, quando esteve na Terra você fez contato com um grupo de terrestres e até afeiçoou-se a um deles. Diga-me, os terrestres sabem quem você é?

A criança tocou um botão vermelho e, na tela, apareceu a resposta: eles não sabiam.

Straxus Reder olhou para o Coronel Molley. Ele então sorriu e pegou uma cápsula e colocou sobre a mesa. Havia nela a metade esquerda de uma cabeça. Ele chacoalhou o recipiente e aquela metade virou-se para a criança; era Ladir, o elfo que a havia ajudado a fugir. Os olhos da menina encheram-se de lágrimas quando viu o que aconteceu com aquele que havia salvado a sua vida.

— Criança, sabe que não pode mentir para nós e estamos aqui para promover a justiça. Diga-me, os terrestres sabem quem você é?

Ela novamente tocou o botão vermelho e, na tela, apareceu a resposta: eles não sabiam.

Straxus Reder não se deu por vencido. Ele pegou o controle remoto e clicou em um botão; imediatamente surgiu na grande tela a imagem projetada de um prédio do planeta Terra. Na sala duas pessoas conversavam, um adulto e um jovem:

— Então, se percebeu isso, podemos ir direto ao ponto, não é? — disse o jovem. — Fiquei com Izolda durante meses, ela chegou sem falar absolutamente nada de português. Com o tempo a gente aprende sobre as pessoas. Ela não é daqui.

— Por favor, sente-se — convidou o homem.

O jovem ajeitou-se na cadeira:

— Senhor Izac, por que está atrás dessa garota?

— Eu me tornei responsável por ela.

— Em outras palavras, você gostou dela.

— É.

— Isso é bonito. A paixão. O amor entre duas pessoas tão diferentes! Diga-me, Senhor Izac, você não vai desistir dessa menina, não é?

— Com certeza não.

— Entendo... — Misumo balançou a cabeça, pensativo. — Quantos mais sabem que ela não é daqui?

— Ela disse isso apenas para mim — respondeu Izac, sem hesitar. — Todos os outros acham que ela é de outro país. Mas eu conversava muito com ela e ela se abria comigo.

— O que você diz é verdade? — Desta vez Misumo o olhou de forma tão penetrante que parecia ser capaz de arrancar a verdade de dentro da alma de qualquer pessoa.

— Se Izolda não foi aborrecida por tanto tempo é porque eu sei guardar segredos — rebateu o jovem, sem fugir do olhar do inquiridor. — Eu sou do tipo que acha que tem coisas que um homem deve fazer sozinho.

A menina na cadeira baixou a cabeça e fechou os olhos, as lágrimas não paravam de brotar. De sua boca costurada podia se ouvir o som abafado, ela estava gritando, mas ninguém ali podia ouvir. A pequena Izolda compreendeu que ali era o fim da linha para ela e a única coisa que poderia fazer era proteger a família que lhe acolheu da melhor maneira que pôde. O Comandante Straxus não era tolo, sabia que aquelas pessoas foram importantes para a menina, mas eles eram importantes para os projetos dos Superiores? Só havia uma maneira de ter certeza:

— Pela última vez, pequena, me responda, os terrestres sabem quem você é?

A menina, tremendo, tocou o botão vermelho e, na tela, apareceu a resposta: eles não sabiam.

— Parece que eles realmente não eram cúmplices da garota, ela talvez tenha notado que naquele lugar não poderia fazer muita coisa e tentou apenas levar a vida como uma pessoa do planeta Terra — encerrou o assunto o Coronel Donar.

— Se é assim... Senhores jurados, qual é o veredito?

Os juízes se levantaram:

— Este tribunal, após analisar todas as provas apresentadas pelo nosso serviço de inteligência, considera a ré culpada. Pelo alto grau de periculosidade que esta ré representa, este tribunal exige do Senhor Juiz a pena máxima estipulada pela nossa lei.

Straxus Reder sorriu:

— Senhores jurados, pelo bem de toda a comunidade livre do Universo e a fim de preservar a vida de todos os cidadãos justos e de boa índole do Sistema Superior, como juiz eu condeno a ré à morte por desintegração celular no Edifício Karus em 0,35 bariciclons. Caso encerrado.

A cadeira de rodas foi empurrada até uma pequena cela onde um soldado, aos pontapés, atirou a criança. Ali ela não se moveu até a hora em que foi novamente agarrada, arrastada pelos soldados até a cadeira de rodas e foi empurrada ao Edifício Karus. Um soldado olhou para a menina e disse:

— Esta vai ser usada para alguma coisa?

— Não. A sentença diz para transformar em pó — respondeu o outro.

— Tivemos outros com sentença parecida, mas o Comandante Straxus vendeu os criminosos para a companhia de rações, para alimentar os mascotes das madames.

— Você não sabe? Esta é a tal da Prometida que tanto falam em Orbus Cariballion II. Se ela não virar pó por nossa causa e algo der errado, podemos ter problemas.

— Ela vai estar morta, que problemas teríamos?

— Ela é filha de uma fênix. Se ela não for esterilizada até as cinzas, existe uma possibilidade desta criatura retornar à vida.

— Você acredita em uma ficção idiota destas?

— Não, mas não vou descumprir uma ordem direta para negociar alguns trocados e depois levar a culpa se algo der errado.

O soldado balançou a cabeça de forma negativa e ligou uma máquina transparente semelhante a um liquidificador com várias hélices. No copo começou a jorrar um líquido prateado que encheu a máquina até a metade. Naquele momento a criança foi atirada lá dentro e foi triturada até se misturar com o líquido. Quando a máquina desligou a mistura escorreu por uma tubulação até uma panela, onde foi resfriada a uma temperatura de zero Kelvin e, em seguida, reaquecida a uma temperatura de 1000 graus Celsius. Estava pronto. O corpo de Izolda agora era um pó prateado que foi colocado dentro de uma cápsula de pouco mais de trinta centímetros que, por fim, foi rotulada e colocada junto com as demais cápsulas.



— E então, mulher? Se você não sabe lutar, por que não disse toda a verdade aos malditos Ocres? — sibilou a criança de olhos vermelhos.

— Eu não podia fazer isto, eu estava condenada e não podia prejudicar pessoas que me ajudaram.

— Mas agora acha justo que seus pais, sua irmã e seu povo morram sofrendo como aconteceu com você?

— Doeu! Doeu muito tudo aquilo! — A mulher se abraçou. — Você nem imagina o quanto! Meu corpo... minha alma... eles me machucaram demais! Não sobrou nada de mim!

— Você tem a mim — disse a menina. — Me deixe mostrar a você o que realmente podemos fazer, eu só preciso que você abra esta brecha uma única vez!

— Eu tenho medo!

— Eu sei que você tem, mas eu não. Deixe-me pintar sua armadura prateada de vermelho, deixe-me ser sua Silver Slashersoul, deixe-me lutar no seu lugar! Troque comigo o seu coração e liberte o eu que existe em você! Diga a palavra, minha pequena medrosa!

— *Xaisur!*

A mulher de olhos verdes estendeu então a mão e abraçou a criança de olhos vermelhos. Naquele momento a criança desapareceu como uma tinta de sangue que cobriu o corpo da mulher e a vestiu com uma armadura prateada e vermelha.

Silver Slashersoul sorriu, ela havia acabado de nascer.

Silver olhou para o indicador da mão direita e sua unha começou a brilhar. Em um gesto

rápido ela fez um corte no espaço e onde havia o branco do firmamento agora havia um rasgo pelo qual se podia ver o espaço e as estrelas. Ela voou por ali e cruzou o espaço até avistar um planeta marrom e azul.

Era uma colônia dos Superiores que recebeu o nome de Alfa Capelan do Sistema T-23. Este mundo possuía um tamanho pouco menor que a Terra, cerca de 11.300 quilômetros de diâmetro, e quatro luas pequenas. Slashersoul lembrou-se do que estudou sobre aquele mundo quando era obrigada a conhecer tudo sobre a cultura Superior: Alfa Capelan, no passado, ofereceu forte resistência aos Superiores, mas acabaram sendo derrotados. O planeta definhou muito nos últimos trezentos anos devido à forte exploração. Hoje o status de Alfa Capelan é laranja, ou seja, considerado pelos Superiores como um planeta cujas reservas ambientais já estão prestes a acabar e já está dando prejuízos no mercado de ações.

Como um relâmpago escarlate, a guerreira desceu dos céus e os operários que trabalhavam nas construções pontiagudas feitas de ferro fundido dos Superiores imediatamente pararam de trabalhar e olharam o fenômeno. Ela parou e seus olhos verdes se tornaram duas pedras vermelhas como brasa, de suas costas surgiu um par de asas de dragão, suas pernas e braços se tornaram as garras de uma fênix. Agora a guerreira havia se tornado um monstro gigantesco com cabeça e corpo de mulher, couraça e asas de dragão e garras e cauda de fênix que urrou tão alto que fez tremer a principal cidade daquele planeta. Chegava ali o lendário monstro de Áurius conhecido como *Rashtrafleuer*.

Ao despencar dos céus ela destruiu os três maiores prédios da cidade e, com um simples bater de asas, todas as vidraças dos prédios em um raio de dois quilômetros foram estilhaçadas. Era um pandemônio. Os Superiores corriam como loucos pelas ruas. Os mais ricos, que estavam de carro, atropelavam sem piedade os menos afortunados, tudo era válido para preservar a própria vida. A fera rugiu:

— Coronel Molley Donar, vim visitar o seu mundo e conhecer a sua venerável administração. Não acha falta de educação deixar uma visitante esperando?

O prédio central do governo era uma torre grande cuja ponta lembrava uma maça de ferro com diversas pontas. Do último andar, Donar observava a criatura e tentava identificar de qual planeta era, mas ao ouvir tais palavras ele rangeu os dentes:

— Maldita! Seja quem for já me conhece! Eu vou tirar isto a limpo agora!

E o Comando de Elite saltou da cadeira, correu pelo parapeito e decolou rumo aos céus, ao encontro da criatura. Ele parou diante do monstro colossal e observou a fera de alto a baixo:

— Monstro maligno, de que lugar você veio? — bradou o orgulhoso guerreiro com sua capa vermelha esvoaçante.

— Das cinzas onde você me deixou, canalha.

— Eu não entendo, já matei muita gente nas guerras; se visse uma criatura tão grande

quanto você, certamente eu me lembraria. Quem é você?

— Eu sou aquela criança que vocês cortaram as pernas, costuraram a boca, torturaram e ainda fizeram ver o amigo morto, Ladin, em um pote em um tribunal que vocês chamavam de Sala da Justiça.

O Comando de Elite estremeceu.

— Impossível, você é Izolda?

O monstro gargalhou e começou a diminuir de tamanho, voltando à forma humana; era mesmo Izolda com a armadura de batalha de Silver Slashersoul.

— Os noticiários dizem que você está em Orbus Cariballion II, estamos em outra galáxia! É impossível você ter atravessado bilhões de anos-luz só para encontrar-se comigo, vocês são atrasados e não tem tecnologia para isso!

Silver Slashersoul respondeu ao Comando de Elite com um tremendo murro no queixo. Donar despencou no solo rasgando o piso da autoestrada. Atordoado, o Coronel tentou se levantar e acabou recebendo um automóvel na testa. Mal ele caiu e um outro veículo semelhante a um caminhão de transportes foi jogado em cima dele. Em seguida ele foi esmagado por outro automóvel, uma aeronave semelhante a um helicóptero e uma viga de aço.

O traje de Donar começou a brilhar e, usando uma força cósmica, vagorosamente ele começou a erguer as toneladas de objetos que estavam sobre ele. Ele estava muito irritado:

— Mulher, você não sabe o tamanho da encrenca em que você se meteu!

Ele mal terminou de falar quando viu uma imensa sombra sobre ele. Era Slashersoul que, desta vez, chegava voando e carregando consigo o prédio inteiro do governo. A torre explodiu sobre Donar como uma bomba, derrubando dezenas de prédios que estavam próximos. Quando a poeira baixou, o que sobrou foi uma pilha de entulho e destruição na grande metrópole daquele mundo. Ela sentou-se sobre o monte mais alto de escombros, cruzou as pernas e ficou aguardando, demonstrando enfado.

Ela pôde ver as pedras se moverem e depois algumas vigas, por fim algo saiu se arrastando debaixo de toda a terra; era o coronel Molley Donar. Ele se levantou e vários pontos de sua magnífica armadura já mostravam avarias e pequenos curtos-circuitos. O rosto do Coronel estampava o assombro e a irritação por aquela situação. Ele apontou o dedo para a inimiga e berrou:

— Escute aqui, você...

E um pedregulho ribombou na boca do Coronel, arrancando-lhe o dente da frente. Slashersoul limitou-se a continuar sentada onde estava e a brincar com outra pedra do mesmo tamanho, jogando-a para cima.

— Eu vou te matar mil vezes! Mulher desgraçada!

E ele partiu para cima de Silver como um relâmpago. Ele a agarrou e juntos atravessaram

três muros seguidos até caírem em um estacionamento e rolarem pelo chão trocando socos e destruindo tudo no caminho. A fúria do Superior de Elite era grande, mas a cólera escarlate e prateada da guerreira era ainda maior. Com um pontapé o Coronel decolou e só parou quando se esborrachou em uma loja de departamentos que parecia um shopping center. Ainda tonto, ele saiu novamente para a rua a fim de enfrentar a rival, mas o que viu foi a Princesa arrancando um poste de aço do solo e o atingindo bem na cabeça.

Molley caiu e foi duramente espancado com o poste até que a arma acabou não resistindo e se partiu. Slashersoul caminhou até o inimigo e o agarrou pelo pescoço, erguendo-o como um saco de lixo. Ao ver os olhos furiosos da guerreira, o Comando de Elite afinou. Ele já havia ouvido falar o quanto uma fêmea furiosa poderia ser terrível, mas nunca havia experimentado aquilo na prática.

— Olhe para mim, traste! — rosnou ela entredentes. — Quero que lembre bem do meu rosto para compreender agora, na hora da sua morte, os pecados que cometeu!

— Eu sou o regente deste planeta, quem sabe podemos negociar!

Ela respondeu cravando o punho no peito do coronel e arrancando com as mãos o seu coração.

— Quando vocês tiverem um coração, poderemos conversar — respondeu ela, entregando o órgão nas mãos do coronel.

A guerreira virou-se e sumiu no ar em direção ao céu enquanto Molley Donar, o orgulhoso Coronel de Elite, jazia no solo com o próprio coração que ainda pulsava na mão.



Izolda abriu os olhos e estava novamente no mar. Ela vestia-se com a roupa de Silver Slashersoul e suas mãos sujavam a água daquele mar de vermelho.

— Não pode ser! — chorou ela. — Aquilo aconteceu mesmo!

A armadura se desfez e Izolda ficou nua naquele mar infinito. O caldo vermelho e prateado tomou, então, a forma da criança de olhos vermelhos que sorriu para Izolda.

— Viu, não foi tão difícil, foi? Confesse, você amou, não amou? — E a criança começou a gargalhar.

— Pare de gritar na minha cabeça! Eu não sou um monstro como você pensa! — berrou a Princesa, desta vez tão alto que ondas de choque cortaram aquele infinito mar e despedaçou a criança como se ela fosse feita de vidro.

Izolda então caiu naquela água e começou a chorar.

— Eu machuco as pessoas e estou com medo de ser machucada outra vez! Por favor! Alguém me ajude! — berrou ela. — Blaze! Blaze! — Ela continuou gritando.

Então ela olhou para o horizonte e viu um vulto caminhando pela neblina naquele infinito mar de águas calmas. Os olhos da mulher brilharam e um sorriso surgiu em sua face. Ele realmente a havia escutado. Ela o viu usando o traje de batalha que haviam desenhado quando eram crianças e que ela havia colorido com todo o carinho.

— Você não esqueceu! — sorriu ela.

— Jamais me esqueci de você. Não me esqueci em um minuto sequer.

Ele estendeu a mão e ela segurou. Quando ele a levantou, toda a água daquele imenso oceano cobriu o corpo da mulher e lentamente foi moldando detalhe por detalhe da roupa de batalha desenhado pela dupla. Quando a roupa estava pronta, Izolda chorou:

— Não, eu não quero ser a Silver Slashersoul!

— Não precisa ser se você não quiser. Você para mim sempre será Izolda. Você pode usar este nome de Silver Slashersoul ou até de Jade para ocultar o seu medo, mas lembre-se que quem vai decidir as coisas sempre vai ser você. A roupa não significa nada, é só uma armadura que serve para te proteger ou ocultar algo que você não queira mostrar.

— Estou com medo. Eu tenho medo dos meus olhos vermelhos. É como se dentro do meu coração morasse algo muito ruim! Eu sou um *Rashtrafleuer*, um monstro que não deveria existir, metade fênix e metade dragão!

— Metade não, um quarto. Um quarto fênix e um quarto dragão. Existe também um quarto que é Silver Slashersoul e ainda um outro quarto que é você mesma. Se olhar por esta ótica, sua parte racional é mais do que dominante. Ainda tem medo se pensar assim?

— Quando estou com você eu não tenho medo! — disse ela, o abraçando.

— Boba, meu coração bate no seu peito. Como é possível você imaginar que em algum momento você vai estar sozinha? Quando me chamar, eu vou escutar você, sempre!

— Minha mãe me disse isto quando eu era pequena, mas ela não me encontrou.

— Mas eu tenho um GPS colocado bem aqui — riu Blaze, tocando o peito de Izolda. — Posso te encontrar sem você precisar abrir a boca.

— E se eu perder a luta?

— Vou estar do seu lado para vencer a guerra.

— E se eu tiver medo?

— Vou te conduzir pelo braço.

— E se meu desespero for tão grande que eu ficar paralisada?

— Vai ser nesta hora que você vai estar no meu colo e vou te carregar.

Ela colocou a cabeça no ombro de Blaze e suspirou.

— Eu tenho medo de não conseguir.

— Izolda, nós estivemos mortos e voltamos à vida! Acho que alguém que passa por isso tem que ter medo de pouca coisa, não acha, não?

Ela começou a rir.

— É verdade! Você tem razão. Você ficou muito forte, como conseguiu?

— Eu acertei as contas comigo mesmo! — sorriu ele. — Você precisa fazer o mesmo. Você está dividida. Um lado está cheio de ódio e o outro cheio de medo, no meio disso tudo está você de verdade.

— Entendi. Você tem razão, eu preciso parar de chorar e ter medo... um lado meu ainda insiste em ser criança, mas tenho medo de voltar a machucar as pessoas.

— Sua infância foi partida no meio por causa da guerra, é natural que psicologicamente você sinta falta disto. — Ele passou a mão nos cabelos de Izolda com carinho. — Não precisa deixar de ser você para fazer as coisas sérias. Seja séria na hora que tiver que ser séria e volte a ser criança na hora que puder ser criança. Acha que não quero passear com você pelas ruas bonitas que há neste seu planeta, conhecer as frutas daqui e os animais?

— Não temos zoológicos aqui, mas prometo que vou te mostrar tudo de legal que existe no meu mundo.

— Eu sei que vai. — Então Blaze a beijou com força e disse. — A gente se encontra depois, você ainda precisa terminar o seu treinamento. E eu estou com muito sono ainda!

— Você vai se lembrar do que passamos aqui?

— Claro. Assim como vou guardar comigo cada momento de dor que você sentiu quando estava nas mãos dos Ocres. Eles foram muito cruéis com você. Enquanto eu tiver um sopro de vida, eu vou cuidar de você!

— Tá — concordou ela, ainda enxugando as lágrimas. — Prometo que da próxima vez que a gente se encontrar vou estar mais forte do que você!

— Vou esperar por isso, Princesa!

E Black Busterblaze desapareceu.

Izolda ajoelhou-se no chão com infinitas poças de águas tranquilas e olhou para o próprio reflexo.

— Eu ainda vou me entender com você. Quando isto acontecer, eu não vou ter mais medo dos meus inimigos e você não precisará mais odiar e nem matar. Eu quero ser sua amiga, Silver Slashersoul, mas ainda não me sinto como Izolda, a Prometida. Continuo estando mais para Jade, aquela criança do passado que tinha medo do próprio nome.

E os olhos do reflexo na água se tornaram vermelhos e um sorriso sorriu na face de Silver Slashersoul.

— Tola, nós sempre seremos amigas. Eu amo você, apesar de ser uma fraca. Quanto ao seu sonho, você vai logo perceber que é uma utopia e uma estupidez. Em uma batalha o que vale é o ódio e a fúria. Quando você perceber que a guerra nada mais é que um mar de insanidade e violência sem sentido, entenderá que a única capaz de salvar a sua vida e as pessoas que você

ama serei eu.

CAPÍTULO 26

TABULEIRO DE BATALHA

O salão subterrâneo era um conjunto de grandes cavernas que só podiam ser alcançadas através da boca do Monte Pharion, o vulcão sagrado da raça das fênix. O vulcão em eterna atividade torna-se a morte certa para qualquer ser vivo comum, por este motivo apenas três raças de seres daquele mundo conseguiriam resistir à pressão de descer pela lava fulminante e alcançar o lugar. Seria alguma Potência, que são dos deuses das principais raças daquele mundo; as fênix e seus pares masculinos conhecidos como bennus, por serem seus habitats naturais; e os dragões de categoria Terra, Sombras, Luz e Fogo, além, é claro, do dragão sagrado Morvan Kimsley, que é o mais poderoso dragão em atividade naquele mundo.

O salão é feito de túneis e cristais de diamantes e outro mineral que supera o anterior em resistência. A luz da lava passa pelos cristais iluminando os confins daquele lugar inóspito, tornando o lugar belo e mortal para seres viventes comuns. As cavidades da caverna formavam grandes salas interligadas, várias delas chegavam a ter três vezes o tamanho de um grande estádio de futebol. Mas era em uma sala relativamente pequena que a Rainha se encontrava de joelhos, angustiada, abraçada às roupas que Izolda usava no momento em que treinavam.

Ela olhava há bastante tempo para a boca de uma sala, aguardando o retorno da filha até que, finalmente, a espera valeu a pena. A jovem Princesa, desnuda, surgiu da porta com olhar curioso, como se ainda também não estivesse acreditando que estava ali.

— O que aconteceu, mamãe?

— Você não se lembra? Nós iniciamos o treinamento de meditação e você foi para um plano onde eu não podia alcançá-la. Quando eu acordei, apenas as suas roupas estavam aqui. Isto nunca aconteceu antes, mas você fez uma viagem astral não apenas de alma, mas também com o corpo.

A jovem Princesa, ainda surpresa, pegou as roupas com a mãe e se vestiu.

— Filha, eu nunca vi alguém com tanto poder antes, o que você e o Blaze se tornaram, afinal?

— Não sei, mamãe. E sinceramente eu tenho medo das coisas que sou capaz de fazer agora.

— Fico feliz que tenha medo, enquanto tiver medo vai manter a sanidade nestes tempos de guerra. É muito importante que você não se perca com tanto poder; aliás, se perder por causa do excesso de poder é algo fácil demais. Mesmo eu e seu pai, com as centenas de anos que temos, andamos diariamente no fio da navalha. Se não é algo fácil para nós, imagine para você, que é só

um bebê.

Izolda sorriu e beijou a testa da mãe.

— Fico feliz em ter você aqui comigo! Você, minha irmã e o papai são tudo para mim!



As chaminés das fábricas de Monte Negro trabalhavam a todo vapor. O entra e sai de funcionários indicava que o ritmo frenético da produção seguia forte e gerando lucro. No centro da cidade o palácio do governo se erguia com ferro fundido e vidro. Lá, o futuro do planeta era discutido com vigor, pois o cronograma de conquista estava atrasado.

— Estamos todos daqui, Marechal — sorriu o poderoso Straxus Reder, o atual Comandante de tropas dos Superiores.

À mesa estavam sentados o Marechal San Hell Hogan, o Doutor Altamaran, a Major Germinim Vermitrax e o Comandante Straxus Reder. O novo membro sentado na mesa era o Comando de Elite Coronel Goden Rilzon.

— Seja bem-vindo, Coronel — saudou o Marechal.

— Obrigado, é uma honra servir junto de um herói como o senhor.

— Os problemas aqui são grandes, temos uma batalha muito importante a ser travada. Bom, sem mais delongas, vamos aos fatos...

O Marechal tocou a mesa e um globo de luz surgiu.

— A cidade a ser tomada é chamada pelos nativos de Dehva. É uma depressão vulcânica que formou um vale com dezenas de ilhas em meio a águas termais. O vale possui mais de uma dezena de rios que se encontram no ponto onde foi formada a cidade e as águas formam um grande rio que segue em direção ao mar.

— Não parece um lugar extremamente protegido — disse o Coronel.

— O problema são as defesas desta cidade. O reino de Flanória possui uma fantástica cavalaria-alada formada por corcéis voadores e grifos, sendo este segundo grupo o mais perigoso. Em solo, além de uma boa infantaria, eles possuem também a ajuda de um batalhão de centauros e gamoras, uma espécie de lagarto-tartaruga muito grande, veloz e resistente. Eles são os principais blindados deste planeta.

— Na teoria, um Comando de Elite conseguiria passar por algo assim. — O Coronel olhava para a Major com deboche, tentando marcar sua posição de alfa naquela mesa de reuniões.

— Um Comando de Elite inexperiente não entenderia o problema que estamos enfrentando aqui! — rebateu a Major irritada.

— Major, tenha calma, já vou chegar ao ponto — disse o Marechal, sem se exaltar.

— Desculpe, Marechal!

— O império de Flanória é governado por dois seres muito poderosos, uma fênix e um dragão. Sem passar por eles não será possível atacar a cavalaria-alada e nem a infantaria de solo. Recentemente surgiram dois novos adversários cujo poder de luta ainda é desconhecido. Mas é garantido que é elevado. — O Marechal ajeitou os óculos e voltou-se para o Superior vestido de branco ao lado. — Doutor, por favor.

— Eu sou o Doutor Altamaran e me foi pedido fazer a projeção dos poderes dos dois novos inimigos. A primeira é chamada de Princesa Izolda, não temos imagem alguma dela em nossos registros, o que se sabe é que ela é filha deste casal de monstros, logo ela deve possuir um poder equivalente aos deles. Entretanto, como ela nunca esteve em combate, minha simulação indica que ela provavelmente é inferior aos outros dois.

— Moleza — riu de forma irônica o Coronel.

— O problema todo é este sujeito aqui. — Black Busterblaze apareceu no monitor. — Este surgiu dos mortos por conta própria, arruinou o Forte-Prisão e ressuscitou das cinzas a Princesa Izolda.

— Isso é impossível, ninguém ressurge de material estéril. E, mesmo que o material não fosse estéril, levaria no mínimo três cíclons e meio até que um corpo complexo fosse formado completamente com nossa tecnologia.

— Pois é — riu a Major. — Esse aí conseguiu fazer isso.

— Qual é o poder de luta desse cara?

— Ninguém sabe. Ele é uma incógnita irritante. Por ser inexperiente ele pode ser mais fraco que os outros três anteriores, mas em um lampejo pode ser superior a qualquer Comando de Elite que temos na atualidade.

— Então é este aí é o cara que tem o Blisar no peito? — perguntou o Coronel.

— Exato — confirmou o Doutor.

— Eu cuido dele. Deixo a ralé com a Major e o Comandante aí.

— Espere um minuto, Coronel. Eu não concordei com isso — disse entredentes o Marechal. — O Tenente-coronel Set Razor liderará a batalha, pois ele já enfrentou este adversário.

— Espere um momento, eu não vou obedecer a alguém de patente inferior — irritou-se o Coronel, tendo o orgulho ferido.

— E nem eu! — Era Straxus quem socava a mesa, furioso.

— Não me interessa o que acham. Eu quero o Blisar e este é o segundo melhor cenário possível nesta batalha.

— E qual seria o melhor cenário? — perguntou o Coronel, em tom desafiador.

— Eu liderar o ataque pessoalmente e ficar com todos os bônus desta conquista para mim

— retrucou o Marechal. — Se quer ganhar seus bônus é melhor fazer o que eu digo, Coronel.

O Coronel torceu as mãos, irritado. Mas não mais irritado que o Comandante Straxus. Ele era o chefe do lugar até o Marechal chegar; à contragosto ele bateu continência e disse:

— Hell Hogan.

— O Tenente-coronel Set Razor é nosso melhor trunfo, estou preparando um corpo especial para ele se tornar um Comando de Elite. Ele estará à disposição em 0,75 bariciclons — afirmou o Doutor.

— Será quando o ataque ocorrerá. Alguma dúvida?

Nenhum dos membros da mesa se manifestou.

— Dispensados.

Straxus Reder saiu da sala como uma flecha, seus olhos chispavam de ódio. Estava claro ali que ele havia perdido muita influência e perder status em uma sociedade que é movida apenas pela condição social poderia significar a queda na intrincada pirâmide de hierarquia dos Superiores.

“Não, não vou cair da minha posição na hierarquia, eu sou Superior!” dizia para si mesmo como um mantra. Seus olhos não enxergavam nada além das suas naus de guerra destruindo o reino dos seus inimigos. Ele precisava agir!

De sua residência que ocupava a cobertura inteira de um dos prédios mais altos de Monte Negro, ele mandou chamar a Major Vermitrax e o Coronel Goden Rilzon. Não demorou para a dupla de Elite chegar ao local.

— Comandante Straxus Reder, por que mandou nos chamar de forma tão repentina?

— Vocês dois devem estar preparados, em 0.5 bariciclons iremos partir para um ataque frontal e definitivo contra nossos inimigos de Flanória.

O Coronel e a Major se olharam surpresos e ela tomou a palavra:

— Senhor, sabemos que é o responsável pelo setor de Monte Negro, mas temos ordens diretas do Marechal!

— Não me interessam as ordens do Marechal! — bradou Straxus. — Vocês dois não entendem o que está acontecendo aqui? Somos Superiores! Somos a Elite dos Superiores! O Marechal neste instante está apostando suas fichas em um Comando de Elite recém-formado e de patente inferior! O que acha que nós três somos neste plano de ataque do Marechal?

A Major Germinim Vermitrax baixou a cabeça, pensativa. O Coronel cerrou os punhos e se manifestou:

— Tenho o mesmo sentimento que você, Comandante Straxus. Eu quero subir de hierarquia e chegar ao topo. Se completarmos a missão da forma como o Marechal deseja, o único a chegar ao topo será o Tenente-coronel Set Rayzor!

— Mas... desobedecer às ordens diretas do Marechal não é um crime de guerra? —

questionou a Major.

— Um crime que será perdoado se nós estivermos trazendo a cabeça de nossos inimigos e o Blisar nas mãos — afirmou Straxus. — E então? Quem está disposto a fazer uma aposta de tudo ou nada contra aquele maldito orzon?

A dupla fez continência e gritou a uma só voz:

— Hell Straxus!

O Comandante sorriu, satisfeito.

— Queriam me ver lutar, não é? Todos aqueles malditos vão entender da pior maneira o que é atrair a minha atenção!

A contagem regressiva para o ataque começou. O exército de doze mil soldados Superiores iniciou seu preparo. Straxus escolheu para a investida pelo solo quatrocentos veículos tipo tanque-esmaga-crânios, duzentos canhões-rastejadores de longo alcance e oito tanques-ponte que são utilizados para o transporte de tropas, e cinquenta turbocópteros, veículos alados de quatro hélices que são capazes de carregar blindados e soldados. Para combater a cavalaria-alada dos inimigos, Straxus optou por levar cerca de quinhentos motojatos por serem leves, rápidos em ataques ar-ar e difíceis de serem atingidos por possuírem excelente aerodinâmica.

Uma movimentação daquele tamanho não tinha como passar despercebida para os nativos do planeta Áurius; os pássaros piam para o povo das árvores, que confirmaram a história e falaram com os aldeões dos lagos, os aldeões dos lagos contaram para os soldados da fronteira e os soldados mandaram mensagens através da rede de luz, semelhante à tecnologia li-fi, para a cidade capital de Dehva.

O Rei-dragão, assim que recebeu o comunicado ordenou que seu exército se preparasse para a batalha. Seis mil e seiscentos combatentes responderam prontamente ao chamado de Morvan Kimsley.

Dentre eles estavam mil e cem anões, especialistas na forja do aço, portadores das melhores maças e machados do continente. Cada um deles trazia nas costas uma espécie de carabina cuja boca assemelhava-se à cabeça de um crocodilo: tratava-se de um pequeno canhão cuja munição era uma esfera de aço explosiva com diâmetro duas vezes maior que uma bola de tênis. Mais perigoso que eles, apenas suas montarias, as temíveis gamoras, tartarugas gigantes que os anões armavam até os dentes, capazes de fazer frente a qualquer tanque de guerra inimigo.

Oitocentos centauros, membros de uma raça tribal amante das planícies ao lado das grandes pedreiras e das árvores frutíferas. Guerreiros valentes e destemidos que usam de seu tamanho descomunal e seu vigor físico para suplantar os inimigos com suas lanças e flechas forjadas através de uma técnica milenar de moldagem através da pedra.

Trezentos centímanos, uma raça amante da beleza, da arte e da perfeição. Gigantes que

possuem quatro, seis ou oito braços, são os melhores escultores e tecelões do mundo. Quando brandem espadas possuem uma bênção dada pelos deuses capaz de criar “braços fantasmas” que os permite usar até cem armas no mesmo instante por um certo tempo.

Quatro mil e quatrocentos humanos. Além de serem numerosos, os humanos têm a qualidade de aprender rápido qualquer coisa ensinada pelas outras raças e são hábeis com qualquer tipo de arma. Para a guerra foram divididos em dois grupos: o primeiro, de três mil homens, forma um batalhão de solo armado com espadas, lanças-relâmpago e uma veloz cavalaria de corcéis-tempestade, os cavalos mais rápidos em solo do planeta. Nos céus, um batalhão de mil homens divididos entre grifos e corcéis-alados prepara-se para dar cobertura contra as naves inimigas e, na retaguarda, quatrocentos magos formam um corpo médico capaz de salvar a vida dos feridos em batalha.

Finalizando o exército de defesa de Flanória, três fênix nos céus e dois dragões, um amarelo como o sol da tarde e outro verde como as matas que cobrem as terras daquele mundo, se prontificaram a ficar na capital para servirem como última linha de resistência, assim os outros poderiam lutar sem hesitação por saberem que Vehda e os habitantes da cidade não estariam desamparados caso algum inimigo conseguisse avançar.

Quando a Rainha e sua filha chegaram de seu treinamento no vulcão, o Rei estava encerrando a reunião com os capitães de cada unidade que formava a Resistência do reino. A Rainha-fênix abriu o seu grande leque e, incomodada por não saber o que estava acontecendo, foi logo interpelando:

— O que foi que eu perdi aqui, meu querido e amado lagarto-Rei de Flanória?

O Rei riu. Ela sempre o provocava assim quando ficava irritada.

— Não precisa se preocupar ainda. Um grande exército dos Superiores está sendo preparado e deve começar a marchar em nossa direção nas próximas horas. Como já conversamos, vamos interromper a rota deles no cânion do Rio Mozar.

— Tão rápido?

— De certa forma já sabíamos, não é? — sorriu o Rei, mostrando tranquilidade. — Vehda e Izolda assumirão o reino enquanto nós estivermos em batalha.

— Não mesmo! — protestou Izolda. — Eu sou a Prometida, eu vou lutar!

— Filha... — suspirou o Rei. — Black Busterblaze está no momento no quarto desacordado, não sei que horas ele irá despertar e nem se ele poderá usar o poder do Blisar quando isso acontecer. É prudente que você aguarde aqui porque, se eu e sua mãe falharmos, você e sua irmã serão as únicas que poderão fazer alguma coisa.

— Não mesmo! — continuou batendo o pé a Prometida. — Não quero nem saber, eu vou lutar! Se não me levarem, eu vou sozinha e vou atacar primeiro. A escolha é de vocês!

O Rei e a Rainha se olharam assustados. Bhatra foi logo cutucando o esposo.

— Acho melhor deixarmos ela ir. Quando estivemos treinando no vulcão ela fez uma viagem astral de corpo inteiro. Somente as Potências conseguiam fazer uma coisa dessas! É prudente que fiquemos de olho em nossa filha.

— Mãe! — irritou-se a Princesa. — Não confia em mim?

— Filha, seu poder está transbordando. Isso pode ser perigoso! Acredite em mim! Eu e o seu pai estamos entre os seres mais poderosos deste mundo, ter poder demais muitas vezes não é uma vantagem, e sim um sério problema!

— Se sua mãe coloca desta forma, então você deve mesmo vir conosco. Mas, por favor, lembre-se em seguir as minhas instruções, tudo bem?

Mesmo à contragosto, Izolda concordou. Os pais não disseram nada, mas o leve brilho vermelho refletido nos olhos da menina, para eles, era algo tão ameaçador quanto a guerra que estava prestes a iniciar.

CAPÍTULO 27

O SINO DE GUERRA DOBRA

Assim que o véu se foi, Vehda foi a primeira a aparecer no quarto de Blaze para ver como ele estava, ela trazia um livro grande com capa feita de resina de madeira e pintada a mão. Ela olhou para o jovem e reparou que sua pele estava sem brilho algum e seus lábios estavam quase brancos. Preocupada, ela tocou a pele do rapaz. Estava gelada.

Ela sentou-se ao lado da cama e começou a ler o livro. Instantes depois chegou Izolda, que, ao ver a irmã sentada ali, foi logo perguntando:

— O que houve?

— Ele... ele está muito mal, acho que está em coma profundo! Não sei o que fazer!

— Eu não acredito! Você tem certeza?

— Ele está frio, a alma dele se foi.

— Só acredito vendo! — sentenciou a Princesa, afastando a irmã.

Ela foi direto na artéria do pescoço de Blaze. Franziu a testa. Colocou o rosto colado no nariz do rapaz. Deu um leve sorriso e deu um beijo na boca do jovem.

— O que está fazendo? — assustou-se Vehda.

— Estou ressuscitando ele — riu Izolda.

— E vai funcionar?

— Ah! Não seja burra! — riu Izolda. — Ele está vivo!

— Mas e quanto ao espírito dele? Sou uma Sacerdotisa e não sinto sua presença.

— Não se preocupe, ele ainda está em outro plano. Deve estar aprendendo muitas coisas, quando ele estiver pronto vai acordar! — riu Izolda, orgulhosa de si mesma. — Blaze e eu estamos ligados, se ele estivesse mesmo morto eu seria a primeira a tomar conhecimento disso!

Vehda sorriu, mas seu semblante não deixava negar que sentia uma ponta de inveja da irmã. Compreensiva, Izolda a abraçou com força e a beijou no rosto. A dupla deixou o quarto, fechando cuidadosamente a porta.

Uma das fadas foi logo ter com Izolda assim que a viu passar pelo corredor:

— Já é o momento, Princesa! O exército está se reunindo e deve partir em cerca de uma hora.

— Entendo — sorriu ela.

— Vocês vão esperar o exército inimigo próximo ao cânion do Rio Mozar?

— Não os deixaremos passar dali. Montaremos acampamento na margem oposta e vamos pará-los antes que cruzem a grande ravina. Apenas com veículos aéreos eles não conseguirão nos

vencer.

— Vai mesmo lutar contra os Ocres? Digo... você assumiu mesmo o seu destino como a guerreira Prometida que vai acabar com a guerra?

Izolda parou um pouco, suspirou e então sorriu:

— Algum tempo atrás tinha medo de assumir essa responsabilidade, mas agora, depois que entendi um pouco mais sobre o meu coração, tenho certeza que posso fazer isso! Os Ocres precisam pagar pela guerra que trouxeram a esse mundo e eu vou lutar para isso!

— Boa sorte então, irmãzinha! Vou rezar por vocês! — disse a elfa de asas de cisne.

— Obrigada! Conto com você para lutar para proteger a cidade!

— Proteger, nada! Eu vou é fugir!

— Como é? — ralhou Izolda.

— Meu trabalho já acabou, você é a protagonista! Você é a minha heroína e conto com você para nos defender!

— Não venha com essa, Vehda! Você é uma feiticeira muito poderosa, talvez uma das mais poderosas deste planeta por ser filha de um dragão e uma deusa!

— Eu sou da paz!

Izolda espumou de raiva.

— Não me diga que já esqueceu o que os Ocres fizeram com você?! Você tem a obrigação de ficar e lutar!

— Lutar dói!

Izolda suspirou. Ela entendeu que a irmã ainda estava traumatizada com as torturas que sofreu no Forte-Prisão, então tocou seu ombro e sorriu:

— Olha, você está certa, lutar machuca. Entretanto, somos mulheres guerreiras criadas por uma orgulhosa fênix. Então temos que seguir essas regras: número um, uma mulher que bate mais apanha menos. Número dois, a mulher que atira primeiro morre depois. Se entrar na luta contra os Ocres pensando assim vai se dar bem!

— Prefiro a regra número três, a mulher que grita e corre acorda sem hematomas no outro dia!

— É, passaram-se muitos anos e acabei esquecendo que você é um caso perdido mesmo!

— suspirou Izolda. — Vai pelo menos cuidar do Blaze para mim enquanto ele não acordar, não é?

— Não se preocupe, eu conto com ele se algo der errado. Vou pular em cima dele até acordar se os Ocres aparecerem por aqui! — sorriu Vehda, cerrando levemente os olhos, revelando a provocação.

— É melhor que não se esqueça que ele já tem dona! — riu Izolda, sibilando de forma bem venenosa.

Vehda empinou o corpo e logo devolveu:

— Vou tentar me lembrar disso, mas não se preocupe, se usá-lo vou te devolver em perfeitas condições!

As duas Princesas começaram a gargalhar, a se abraçarem, a se beijarem, mas ao se separarem encararam uma a outra como duas serpentes prontas para dar o bote.

— Boa sorte, irmãzinha do coração!

— Conto com você, querida!

Izolda caminhou pelo corredor, atravessou um grande salão e passou pela porta de entrada do castelo. Ao olhar para trás, viu sua irmã olhando para ela com ternura e preocupação.

A Prometida olhou para ela e sorriu, afinal, era muito bom ter de novo uma irmã, mesmo que seja para brigar de vez em quando.

O exército imperial de Dehva iniciou, então, sua marcha para o combate. Seria uma jornada longa, mas que o Rei desejava que fosse tranquila. Queria que todos chegassem em boas condições físicas para o combate, afinal iria anoitecer em breve e a lua laranja iria cobrir de um tom avermelhado o campo de batalha. Todos sabiam que o futuro reservava uma batalha sangrenta.



O véu atingiu Monte Negro e a cidade metálica formada por arranha-céus cinzentos se iluminou de lâmpadas fluorescentes. No edifício central, o Marechal San Hell Hogan caminhava apressadamente até o gabinete do Governo do Estado, seguido de perto pelo Doutor Altamaram, cientista máximo naquela cidade. Todos, ao verem a pressa do herói, saíram da frente. Um soldado que o viu pelo corredor foi logo correndo para abrir a porta do gabinete do Comandante, afinal “o mestre” não precisava ser anunciado.

Ao entrar pela porta, o Marechal encarou o Comandante Straxus Reder, que desta vez não se curvou.

— O que pensa que está fazendo desobedecendo as minhas ordens, Comandante Straxus Reder?

A voz do poderoso Marechal era firme, forte, mas o tom não era alto. Ele nunca precisava falar alto para impor respeito e pavor. Só que, desta vez, ele encontrou pela frente um ser encurralado e pronto para fazer qualquer coisa para resgatar seu orgulho e dignidade de Comandante.

— Com todo o respeito, Marechal, mas ainda sou o líder deste setor. Como Comando de Elite no cargo de Comandante, meu trabalho é comandar e é isso o que farei. Tenho um plano traçado para colocar a capital Dehva abaixo e vou liderar o ataque pessoalmente.

— Sua cabeça está nublada, Comandante Straxus. Não creio que sua análise sobre a situação de nossos inimigos esteja correta. — O Marechal neste instante parecia sorrir ao ajeitar os seus óculos. — Se partir sem meu consentimento, você estará apostando tudo! Sua carreira, sua posição, sua vida... enfim, tudo o que construiu para chegar até onde chegou.

— Você está brincando comigo, não está? — Straxus estava transtornado, mas não podia explodir contra o seu Superior. Isso o deixava ainda mais irritado, pois antes de San Hell chegar ele era a maior autoridade daquela região do planeta. — Você está me tirando tudo, Marechal! Você quer que um novato assuma o comando da operação enquanto eu seja seu suporte! Isso é intolerável! É o mesmo que entregar a minha posição e o meu cargo! Eu vou colocar abaixo aquela cidade e provar para todos que eu sou Superior! Eu sou o chefe daqui! Eu mando!

— Nossa! — O Marechal não conseguiu esconder o riso. — Estou tocado e impressionado com seu orgulho, Comandante Straxus Reder. Minhas ordens foram claras, explícitas e minha decisão é lei! — Neste instante, os olhos de Straxus chispavam de ódio. — Porém... se você e o seu exército não estiverem aqui em dez kaheciclons, não haverá tempo suficiente para que eu solicite sua prisão por insubordinação. — Dito isso, o Marechal virou-se de costas e se retirou, completando: — Eu não estive ainda com você, nossa reunião está marcada para o nascer do sol.

Straxus olhou admirado o Marechal partindo; neste instante o orgulho Superior inflamou em seu peito a tal ponto que, de longe, o herói dos Superiores conseguiu ouvir o grito de saudação de seu subordinado:

— Hell Hogan!

Altamaram, que acompanhou toda a cena, comentou:

— Não entendi, por que permitiu que Straxus fizesse o que quer, Marechal?

— Straxus já demonstrou sua incompetência mais de uma vez para mim, ele sabe que se for derrotado é o fim da linha para ele. Vamos ver o que vale mais, o coração de um Blisar ou um coração de um Comando de Elite em desespero para se livrar do destino do orzon. Seja qual for o resultado, não sairemos de mãos vazias, pois temos pouquíssima informação a respeito de Black Busterblaze e da Prometida renascida.

Altamaram ficou assombrado:

— Você é um ser temível, Marechal. Temos sorte de tê-lo do nosso lado!

San Hell sorriu envaidecido.

Straxus não perdeu tempo, ele foi logo enviando mensagens pelos comunicadores de que iriam partir antes do nascer do sol. O Coronel e a Major passaram as ordens para os Capitães, e os Capitães ordenaram aos seus soldados que se preparassem para a batalha. Exatos nove kaheciclons depois, a armada de Monte Negro partiu para a guerra.

Os pássaros solares que sempre cantavam ao amanhecer sobrevoaram em grandes bandos o acampamento da Resistência próximo à ravina do Rio Mozar. Fazollo, o mago necromante, ao

ouvir o alarido dos pássaros sentenciou:

— Este não é o som normal dos pássaros da alvorada. Eles estão passando por aqui nos trazendo um alerta: está na hora de nos prepararmos, nossos inimigos estão a caminho!

Imediatamente os anões começaram a se levantar e a tocar suas cornetas. As fogueiras foram apagadas e os atrasados comiam rapidamente os pedaços de frutas-pão e atiravam o que sobrava nas cinzas. Rapidamente os sete mil soldados já estavam prontos para a batalha.

Bem do alto, uma ave de fogo descia dos céus. Assim que tocou no solo a majestosa fênix tomou a forma de uma mulher, a Rainha Bhatra Vam-Epieta. O Rei a abraçou e ela foi logo relatando o que viu:

— Vão chegar aqui em no máximo meia hora. São muitos, superam em número o nosso exército.

— Quantidade não é qualidade — respondeu o Rei. — O que me preocupa não são quantos, mas quem está com eles.

— Não parece que os inimigos mais fortes vão sair de suas caixas se não batermos forte nelas antes, meu Rei — disse Kallima, a donzela de fogo pertencente à raça das fênix.

Gwim, o anão, se aproximou:

— Seria uma boa hora para a patrulha dos heróis aparecer por aqui!

— Não se incomode com isso — sorriu o Rei. — Eu já esperava que fosse difícil encontrá-los. Lutar sem a ajuda da patrulha já era esperado. Vamos nos preparar para lutar com o que temos a disposição.

Naquele momento, Edocross apareceu gritando:

— Meu Rei, olhe! Do outro lado da campina!

O Rei e a Rainha saíram da tenda e viram um outro exército se aproximar. Eram os elfos. Quatrocentos deles, arqueiros magníficos com suas montarias semelhantes a grandes leões com listras de tigre que possuíam garras tão poderosas que eram capazes de rasgar o aço; vinham à guerra em honra ao pacto de Dehva, sua Deusa-Potência que foi morta pelos invasores. Na frente deles vinha um elfo-estrela, um elfo da dinastia de linhagem rara e de poderosa magia. Os elfos-estrela tinham a capacidade criar asas de luz semelhantes às de libélulas para si mesmos, além de ter uma anomalia genética que o diferenciava dos demais: a cartilagem de suas orelhas possuía uma fenda, o que dava a impressão de possuírem dois pares de orelhas e na testa eles possuíam um terceiro olho. Segundo as lendas, era ali a sua fonte de poder extraordinário.

O Rei Morvan foi logo ter com os recém-chegados. Sua preocupação era grande, afinal os elfos eram liderados pelo Príncipe Phaytor e este jovem nutria a fantasia de ser o par perfeito da Prometida quando a profecia se realizasse desde que ouviu contos sobre o fim da guerra em sua infância. Se ele estivesse ali, certamente poderia haver problemas. Para sua sorte, o elfo-estrela que liderava o exército era Phizaor, Ministro de Guerra dos Elfos.

— Seja bem-vindo, Phizaor! Que grande bênção o Deus do Infinito trazer vocês até aqui!

— As notícias voam, grande Morvan Kimsley. Nossos olhos não nos enganaram, previmos que vocês teriam problemas e tratamos de vir ajudar! Só não compreendo porque não recebemos notícias de vocês pedindo ajuda, afinal uma fênix poderosa como sua esposa tem o poder de ver algo assim no futuro também, não é?

— É! — riu o Rei, sem jeito, olhando para a esposa e acariciando seus cabelos. — Creio que foi o instinto materno, afinal nossa filha Izolda está de volta e isso pode ter nublado a visão dela do futuro, não é?

— Não havia pensado nisso. Izolda é a Prometida, não é? Neste caso é mesmo possível que o sopro das Potências que regem o tempo não tenha chegado aos ouvidos de uma mãe amorosa! Bem, seja como for, aqui estamos! Prontos para ajudar!

Então o anão Gwim imediatamente pegou o seu berrante feito com o chifre de um carcarassau e o soprou fazendo grande barulho. Outros chifres começaram a ser tocados e todos os soldados do exército de Dehva se alinharam.

— Vamos marchar! — ordenou o Rei.

E o grande exército caminhou pela campina até chegar ao vale do cânion do Rio Mozar. Nos arredores de Dehva, o rio facilmente atingia a largura de dois ou três quilômetros, mas ali uma barreira de pedras e uma grande depressão derrubou o rio para dentro de um perigoso cânion que media, de lado a lado, uma distância de trezentos a quatrocentos metros. Um rio tão volumoso em um espaço tão curto tornava a visão do cânion simplesmente ameaçadora. Nenhum ser humano sobreviveria se caísse ali; mesmo uma fênix ou dragão, que são as raças mais poderosas daquele mundo, estariam flertando com a morte se ousassem desafiar o rio naquele lugar. A grota formava uma depressão que levava as águas em direção ao mar por cerca de trinta quilômetros onde, depois, o relevo se torna favorável e o rio retornava ao seu tamanho natural.

O exército de Flanória aguardou os Superiores ali até que, do outro lado da grande grota, surgiram os militares Superiores com suas máquinas de guerra.

— Comandante Straxus. — Era a voz do Capitão que se ouvia no transmissor do tanque-ponte que liderava a operação. — Estamos com problemas!

Os exércitos estavam perfilados lado a lado e a linha que separava um grupo do outro era o perigoso cânion. Era evidente que o exército de Kimsley iria assumir uma postura defensiva, com isso a tentativa de transpor o rio tornaria os Superiores alvos fáceis do inimigo.

— Eles realmente calcularam bem! — Straxus rangeu os dentes. — Este é o único ponto onde nosso conjunto de tanques-ponte teria condições de nos ligar ao outro lado do rio! Mas nossos planos não serão mudados, pois somos Superiores! Vamos nos preparar para atacar! Abriremos espaço para a formação de nossa ponte à força!

— Hell Straxus! — saudou o Capitão.

Os tanques-ponte começaram a operação de conversão. Cada tanque-ponte possuía um comprimento de sessenta metros, podendo expandir para oitenta. Os cinco veículos convertidos, quando juntos, facilmente eram capazes de criar uma ponte de quatrocentos metros, distância mais do que suficiente para cruzar o cânion em segurança.

Izolda olhou para a cena da operação de conversão e ficou furiosa:

— Estão ignorando a gente! Que desgraçados! Estão achando que vão formar a ponte e vamos ficar apenas olhando!

— Filha! Você é a Prometida, a tropa precisa de suas palavras neste momento. Cabe a você abrir o seu coração e inspirar cada um dos filhos desta terra a lutar! É a sua vez, mostre porque veio — sorriu a Rainha Bhatra.

Izolda então pegou sua espada e, montada em um cavalo branco cujas crinas brilhavam como ouro, correu gritando e tocando as lanças e as espadas de cada um que estava formando o primeiro pelotão. Em seguida, ela colocou-se na frente de todos e gritou:

— Meus irmãos desta terra, o momento de nossa batalha chegou. Nossa missão é impedir o avanço das tropas dos Superiores de qualquer maneira! Sei que muitos de vocês não voltarão a ver suas famílias depois deste dia, mas ainda assim peço que lutem por todos os entes queridos que não podem se defender! Hoje quero que lutem até o limite de suas forças! Não temam a morte, pois eu conheci a morte e o inferno quando estive com nossos inimigos! Se for para vocês temerem alguém, que temam a mim! Digo isso porque hoje, graças à experiência que ganhei com estes malditos carniceiros filhos de uma incubadora de lixo, eu sou a única presente neste exército que conhece exatamente o caminho do inferno, que é para onde vou enviar cada um deles! Avancem, filhos de Kimsley, avancem filhos de Dehva! Que os invasores sofram uma derrota tão humilhante que jamais ousem retornar a este mundo! Pela liberdade! Por nossa terra!

— Pela liberdade! Por nossa terra! — bradaram os soldados.

O Rei souou frio.

— Esta será uma batalha de vingança. Espero que nossa filha fique bem, o ódio dela pelos Superiores está transbordando!

— Eu espero é que ela mantenha a sanidade e pobre da alma que cruzar o caminho desta menina no dia de hoje! — riu a Rainha.

Do outro lado da ravina, o transmissor soou novamente com a voz do Capitão.

— Parece que estão fazendo muito barulho na outra margem do rio, Comandante!

— Se eles querem barulho, vamos mostrar a eles — sorriu Straxus Reder. — Lance os mísseis!

E a guerra começou.

CAPÍTULO 28

UMA PONTE LONGA DEMAIS

Foguetes riscaram os céus em direção ao exército de Dehva localizado na outra margem da ravina do Rio Mozar. Sem perder tempo, o Rei e a Rainha assumiram suas formas de dragão e de fênix e voaram rumo às ogivas seguidos por alguns cavaleiros e as jovens fênix que acompanhavam a soberana. Explosões ribombaram quando dezenas de mísseis foram interceptados no ar antes de chegarem às linhas de defesa dos combatentes de Dehva.

Enquanto o tempo passava, os tanques-ponte continuavam sua sequência de montagem, onde um passava sobre o outro e o tanque da ponta cravava-se nas rochas através de poderosas perfuratrizes de pressão que serviam para equilibrar o peso descomunal dos equipamentos.

— Parece que vão assumir uma estratégia extremamente defensiva — suspirou a Major Germinin Vermitrax. — Eles vão nos atacar no momento em que cruzarmos a ponte. Mesmo em maior número, a estratégia deles é perigosa para nós. Em um corredor estreito nossos números são inúteis.

— Enviem nosso esquadrão aéreo, precisamos de espaço para completar a ponte — ordenou o Comandante.

Os motojatos alçaram voo no exato momento em que o Comandante saiu do tanque-ponte.

— Major, Coronel. Sem dúvida alguma aquele dragão e aquelas fênix vão nos atrapalhar novamente, precisamos tirá-los daqui!

— Hell Straxus! — saudou o Coronel, que alçou voo seguido de perto pela Major.

— Capitão, vamos entreter os nossos inimigos. Use os turbocópteros e mande os esmaga-crânios para o outro lado da ravina. Os motojatos darão cobertura.

— Hell Straxus! — obedeceu o Capitão.

Ao lado de Cian, o grifo, Edocross observa o enxame de motojatos se aproximando perigosamente do Rei e seus companheiros. Ele montou o animal, sacou a espada e bradou:

— Cavalaria-alada, amigo! Nosso Rei precisa de apoio!

Aos gritos, a poderosa cavalaria-alada de Flanória alçou voo, partindo sem temor para uma sangrenta batalha nos céus. Entre as explosões e as perseguições, os turbocópteros atravessaram a ravina carregando os blindados esmaga-crânios. Mesmo as flechas certeiras dos arqueiros elfos foram incapazes de evitar que os perigosos veículos Superiores fossem lançados no solo e iniciassem sua investida contra os defensores.

Uma grande gamora partiu para cima de um blindado esmaga-crânios e com um violento encontrão o fez capotar. Sobre a fera-tartaruga estava o anão Gwim.

— Irmãos! Avancem sobre os blindados, não os deixem se organizar para atacar. Os veículos aéreos deles só podem transportar um número limitado de tanques. Vamos destruí-los antes que consigam aumentar seus números!

Obedientes, os centauros e os centímanos partiram para o ataque com suas lanças, espadas múltiplas e tacapes, vergando o aço dos tanques com seus golpes poderosos.

De dentro do tanque-ponte, Straxus estava irritado. O número dos seus soldados estava caindo rapidamente. Mesmo com toda a tecnologia dos Superiores, o conhecimento do terreno e a melhor organização dos nativos estavam destruindo sua operação de ataque. Ele suspirou, ligou o comunicador e gritou entredentes:

— Major, Coronel... Por favor, matem logo este dragão e esta fênix! Preciso de vocês no solo o quanto antes!

— É mais fácil falar do que fazer! Precisamos de ajuda, Comandante! — reclamou o Coronel.

Irritado, Straxus socou o controle do tanque, a escotilha se abriu e ele partiu voando dali em direção à batalha entre os seres mais fortes. Um pequeno globo semelhante a um olho acompanhou o líder dos Superiores; tratava-se de um módulo não tripulado que tinha como única missão filmar e mostrar o desenvolvimento da guerra.

Em Monte Negro, Altamaran, o Marechal Hogan e o agora recém-formado Comando de Elite Set Rayzor os observavam.

— Straxus é um idiota! — protestou Altamaran. — Como as coisas estão, ele irá colocar tudo a perder!

— Devemos colocar a transmissão ao vivo para o planeta, Marechal? — perguntou Set Rayzor. — Todos já estão sabendo da incursão e querem saber o que está acontecendo!

— Não — sentenciou o Marechal. — A batalha no momento não nos favorece e mostrar ao Universo uma luta assim pode trazer prejuízo junto aos investidores. Vamos aguardar para descobrir se Straxus ainda consegue virar este jogo, ele é um Comando de Elite muito poderoso e tem capacidade para tal se não fizer mais besteiras.

— Isso é preocupante. Primeiro aquele incidente no planeta Alfa Capelan, onde o Coronel Molley Donar foi assassinado, e agora esta batalha ruim em tão pouco espaço de tempo... O governo ficará preocupado! — advertiu Set Rayzor.

— Alguma notícia do assassino do Coronel Molley?

— Não. Não há nenhum registro da criatura que o matou no banco de dados e muito menos da mulher que a criatura se tornou durante a luta. Tudo ainda é um mistério. O Sistema tem muitos inimigos pelo cosmos, mas nada que se pareça com aquilo!

— Não temos que nos preocupar com isso — finalizou o Marechal. — O ataque terrorista aconteceu em outra galáxia, não tem nada a ver conosco. Aquela região pertence ao Almirante

Rhokron, ele é competente o suficiente para cuidar disso.

— Vamos ajudar o Comandante Straxus? — perguntou Set Rayzor.

— Você ajudaria aquele que quer derrubar o seu lugar? — devolveu o Marechal.

— Não, senhor.

— Sábia decisão — riu o Marechal.

— Sei que é idiotice minha, mas fico incomodado com a mancha que uma guerra assim traz à glória dos Superiores.

— Não se preocupe com isso, Straxus se enrolou sozinho. Ou ele se vira, ou morre!

E Straxus se virou. Como um raio ele cortou os céus e atingiu de forma direta as três jovens fênix que guardavam a Rainha, as irmãs Kallima, Rokka e Gruper.

Com mais espaço, Vermitrax e Goden Rilzon conseguiram sair da posição defensiva e começar a atacar o Rei-dragão e a Rainha Bhatra. Kallima, Rokka e Gruper cercaram o Comandante Straxus e abriram fogo com suas asas flamejantes. O braseiro formado foi extremo; mais quente que as chamas das fênix, só o olhar cheio de ódio do Comandante dos Superiores.

— Pragas! — gritou ele. — Tenho nojo de entrar em combate contra vermes! Por culpa de vocês agora tenho que estar aqui! Vão pagar caro por me obrigarem a sair do meu conforto e ter que compartilhar deste lixo de batalha!

De sua pele uma substância viscosa começou a se formar, criando uma esfera pastosa cinzenta. Ele a apontou em direção aos três pássaros de fogo e atirou. A esfera se desfez em uma espécie de seda fina que, ao tocar nos seus alvos, grudou de forma demoníaca. Quanto mais as criaturas se debatiam, mais a seda enrolava em suas penas, suas asas e seu bico. Não demorou até que as três aves ficassem tão emboladas que despencaram dos céus em meio a grandes explosões. Kallima caiu no cânion do rio e Rokka e Grupper no solo próximo à Izolda.

A sombra de um grande dragão dourado passou riscando o céu e mergulhando no perigoso cânion. Era o Rei que, na passagem, gritava:

— Socorra Rokka e Grupper. Eu vou salvar Kallima!

Izolda correu em direção às suas tias aos seus tios, mas pouco antes de chegar duas grandes bolas viscosas caíram do céu sobre cada uma das aves. Os olhos da Prometida se arregalaram ao ver as bolas se tornarem vermelhas como o sol e explodirem, transformando as duas poderosas fênix em cinzas. Ela levantou a cabeça horrorizada e encarou Straxus, que já havia formado não uma, mas dezenas de pequenas bolas cinzentas viscosas que flutuavam ao lado de seu corpo.

Em um único gesto, as bolas caíram bombardeando o caudaloso rio, fazendo subir uma grossa neblina criada a partir do calor das explosões. Ao assistir seu pai e sua tia serem alvo do violento ataque, Izolda soltou um grito tão feroz que aquele que dormia vigiado por sua irmã Vehda na cidade de Dehva acordou assustado.

Izolda pôs as mãos na cabeça, transtornada. Quando levantou os olhos para Straxus uma

voz sussurrou:

“Eu lhe disse, menina. A guerra é um mar de morte e insanidade! É simplesmente violência! É esquecer a humanidade! É abandonar a linguagem e simplesmente bater até matar.”

“Mais uma vez Straxus estraga a minha vida! Mais uma vez faz a minha família sofrer!” disse sua própria voz.

“Eu sei, menina. Não chore. Ele está bem ali! Vingue-se! Mate-o! Para fazer isso, você só precisa me soltar! Troque o seu coração com o meu! Basta você dizer!”

E Izolda disse...

— *Xaisur!*

E seus olhos se tornaram vermelhos como brasa e sua capa, negra como as trevas, e sua armadura pintou-se nas cores prata e vermelho sangue. Era a hora de matar, era a hora de Silver Slashersoul.

Em Monte Negro a luz de alerta do quartel General começou a piscar sem parar. Era o sinal de que um inimigo de categoria G havia surgido. Altamaran, Hogan e Rayzor ficaram boquiabertos.

— Isso é impossível! Não pode ser o inimigo desconhecido! O inimigo era a Prometida? — gritou Set Rayzor.

— Como ela conseguiu ir para outra galáxia? Como isso é possível sem uma ponte espacial? Como ela foi capaz de romper todas as leis do cosmos? — perguntava Altamaran em desespero. — Não tem como ser ela, ir para outra galáxia sem uma ponte espacial e retornar teria lhe custado no mínimo meio milhão de anos! Isso é contra as leis da gravidade, é contra as leis da física conhecida!

O Marechal não disse uma palavra. Apenas cruzou os braços e, de cara fechada, observou o desenrolar da guerra.

Ele viu pelo monitor um relâmpago escarlate subir vertiginosamente rumo aos céus em direção a Straxus. Izolda só pensava em matá-lo. Nos olhos da guerreira parecia que o mundo estava parado entre as chamas, era como se tudo se movesse em câmera lenta. O seu punho avançou rumo a cara do inimigo que estava no alvo, mas o que ela viu foram os olhos do Comandante Straxus a fitarem e ele sorrir.

Ela nem viu o que a atingiu. Um outro relâmpago amarelo a arremessou no solo do outro lado da ravina, fazendo-a rolar pelo chão e derrubar dezenas de cavalos e humanos que formavam um segundo pelotão e estavam ali postados. Quando a poeira baixou, Izolda tentou se levantar e localizar Straxus, mas foi esmagada pelo raio amarelo que caiu sobre ela.

— De acordo com a análise, você é a tal Prometida, não é? — A gargalhada da Major Germinin Vermitrax ecoou pelo vale enquanto pisava na cabeça da Princesa. — Que sorte a minha, assim que te matar a profecia idiota deixará de existir e a guerra chegará ao fim! Acho

que vou ficar famosa, quem sabe não chego ao posto de General com isso?

Quando viram Izolda no solo, os elfos ficaram furiosos; saltaram de suas montarias e, com espadas na mão, avançaram sobre a inimiga sabidamente muito mais forte que eles, simples mortais. O resultado foi uma chacina. Todos aqueles que eram tocados pela Major recebiam um choque que dilacerava seus ossos e órgãos internos. A morte era instantânea. Em pouco tempo Vermitrax gargalhava pisoteando os mortos enquanto seus corpos estouravam como tomates maduros. Em instantes o lugar ficou tomado por um tapete vermelho formado por vísceras e corpos dos elfos mortos.

Alheia a tudo isso, Izolda só repetia baixinho uma única frase:

— Matar Straxus! Matar Straxus! Matar Straxus!

Irritada com a falta de foco da filha na batalha, sua mãe, que no momento enfrentava uma batalha difícil contra o Coronel Goden Rilzon, gritava:

— Izolda, acorde! Nossos amigos estão morrendo!

Ela mal teve tempo de desviar e um fecho de luz cortou o céu deixando um rastro de partículas queimadas. Quem via do solo tinha a impressão de que havia uma cicatriz no firmamento. Golden Rilzon sorriu; ele acabara de usar sua arma mais poderosa, o canhão de aceleração de partículas do seu braço direito.

A poderosa fênix reagiu lançando três grandes bolas de fogo do bico. Com três tiros rápidos, Golden Rilzon anulou o ataque inimigo. A orgulhosa Rainha não se abateu, suas asas brilharam como o sol e delas incontáveis penas flamejantes foram lançadas como dardos. Desta vez o Coronel não conseguiu desviar. Ele se protegeu como pôde, mas dezenas de setas atingiram seu corpo de forma certeira. Sua armadura vermelha ficou cheia de pequenas marcas e trincos. Ele a olhou assustado, pois nunca, em todas as batalhas que se envolveu, sua poderosa proteção havia sofrido avarias.

A fênix agarrou a cabeça do Coronel com uma das garras e as pernas do inimigo com a outra. Suas penas se tornaram cor de brasa e ela gritou:

— É hora de churrasco de Ocre! *Arieda | Torom Badoom!*

E uma bola de fogo foi lançada contra o Coronel no exato momento em que ele se defendeu lançando um tiro de seu poderoso canhão de partículas. A bola de fogo explodiu e um fecho de luz perfurou a fênix na altura do ombro. Ela soltou o Coronel e despencou dos céus.

Straxus olhou a cena e sorriu. A guerra começava a entrar nos eixos para o exército dos Superiores. A Major Vermitrax dominava Izolda, o Rei perdeu-se nas águas do cânion, agora a Rainha caiu. Os tanques-ponte encerravam as operações de junção e finalmente os blindados poderiam avançar contra a Resistência. Os esmaga-crânios acachapavam os centauros sob suas rodas e os centímanos que ousavam desafiá-los e os elfos não conseguiam parar o avanço das tropas com suas armas.

Na queda a Rainha via tudo, ouvia tudo, até que, por alguns instantes, Bhatra perdeu os sentidos. Ela só acordou quando sentiu que foi recolhida por algo ainda no ar. Era um blindado dos Superiores. Mas o que um blindado fazia ali, naquela altura? A queda continuou, mas, ao contrário do que ela esperava, não sentiu o impacto do seu corpo no solo. Ela caiu em cima de algo macio que havia amortecido sua queda. A gigantesca ave não entendeu nada. Ela se levantou e pisoteou a sucata do tanque, que amassou facilmente. Parecia que todas as peças estavam soltas e haviam perdido a resistência, foi assim que ela mal sentiu o impacto ainda no ar. Mas ainda não resolvia o mistério de como ela não sofreu o impacto no solo. A gigantesca ave de fogo sentou-se sobre a sucata e começou a examinar o terreno; talvez fosse o solo dali, pensava ela.

— Ei de cima, está dormindo? — perguntou uma voz embaixo dos escombros.

De susto, a ave saltou no chão assumindo uma posição de ataque, abrindo as asas em chamas.

— Quem ousa? Quem está aí? — gritou ela.

O jovem Black Busterblaze levantou a sucata do tanque e fez uma careta.

— Mal-agradecida!

— Uh! Era você? — disse a Rainha, surpresa, assumindo novamente a forma humana.

— Pois é! Ainda dá tempo de fazer alguma coisa?

— Claro que sim, venha comigo! — disse ela, de forma animada.

O jovem olhou para o ombro da Rainha e viu o ferimento horrível que havia se formado com o tiro do Coronel. Ele não teve dúvidas e a deteve pelo braço.

— Olha, sei que você é orgulhosa, mas espere aqui!

Assustada, ela o olhou. Quando viu seu próprio ombro, acabou entendendo a preocupação do rapaz.

— Sou uma fênix velha e experiente, não se preocupe! Posso lutar ainda! — riu ela.

— Você quer lutar e arriscar perder a vida só porque gosta de lutar ou porque há necessidade? Digo isso porque necessidade de você lutar, no momento não tem! Não comigo aqui!

A soberana arregalou os olhos assustada e depois deu um lindo sorriso:

— Obrigada, não vou me esquecer disso! Vou ajudar os feridos, então mostre pra mim o que é capaz de fazer!

Ele tocou o ferimento do ombro da Rainha e um leve brilho azulado tomou conta do machucado.

— Isso vai resolver com a dor e a hemorragia, mas vai ter que se comportar ou o ferimento vai abrir outra vez!

— Ora... isso é magia de cura? Se bem que é algo diferente!

— Onde está a Izolda? Eu sei que ela está sofrendo na batalha, mas ainda não consegui vê-la!

A Rainha suspirou e disse:

— Minha filha é muito forte, mais forte do que eu e o pai dela... mas está cega de ódio e sem foco na batalha. Estou preocupada, pois, se ela continuar assim, ela vai acabar morrendo!

— E quem aqui não corre o risco de morrer? — riu Blaze, para o espanto da Rainha. — Também não faço a menor ideia de como se luta em uma guerra, é uma coisa que vamos ter que aprender na prática; se conseguirmos sobreviver é porque aprendemos alguma coisa, não é? Afinal, somos todos apenas humanos!

A Rainha riu.

— Você tem razão, não existe manual de instruções em uma batalha de vida ou morte! Mas, como mãe, eu quero que minha filha retorne bem.

— Eu acredito que sua filha é a Prometida que está destinada a pôr um fim nesta guerra. Ela vai aprender a controlar seu poder, Rainha fênix, senhora!

— “Senhora”? — irritou-se ela. — Já disse para me chamar pelo nome, Bhatra Vam-Epieta! Você disse isso para me provocar, não é?

Blaze começou a rir e ela, ao olhar para a cara dele, não conseguiu conter-se e começou a rir também.

— Se manda daqui, seu moleque atrevido, antes que eu me arrependa de deixar a batalha em suas mãos! — sentenciou a Rainha.

Blaze fez uma saudação e correu como um raio pela campina em direção ao campo de batalha, enquanto ela não perdeu tempo e assumiu a forma de um grande pássaro de fogo e voou em busca do esposo e da irmã.

Não longe dali, Germinim Vermitrax agarrou Izolda pelo cabelo e a levantou do solo. A menina continuava a sussurrar:

— Straxus! Tenho que matar o Straxus! Tenho que matar!

A oficial dos Superiores gargalhou:

— Patético! Então a famosa Prometida é só uma menina perturbada que vive atrás de uma vingança pessoal! Que triste! Eu poderia facilmente te matar, mas será muito mais divertido que você seja morta por aquele que você mais odeia! — Ela olhou para o Comandante Straxus Reder e a ergueu. — Hell Straxus!

Straxus sorriu e uma bolha cinzenta surgiu em suas mãos. A menina olhava para o inimigo, queria reagir, mas era como se o seu corpo não a obedecesse. Ela viu quando Straxus atirou a bola pastosa cinzenta, viu a bola se aproximar de sua cabeça e viu a mão de alguém segurar o artefato bélico a poucos centímetros do seu rosto. Era a mão destra de Black Busterblaze.

— Você? — perguntou Straxus entredentes, dando um leve sorriso. — Não sei o que você

pensa ser capaz de fazer, mas acho que não sabe o que tem aí nas mãos.

Blaze olhou para o artefato e sorriu:

— É, parece perigoso! Acho que não é algo que dá para resolver usando apenas uma fração da capacidade do Blisar! Sorte minha que tenho a ferramenta certa para lidar com uma coisa assim!

— Isso é uma bomba plástica, idiota! — riu a Major, que ainda segurava Izolda pelos cabelos. — Que ferramenta seria esta?

— *Orzon!*

E a bomba explodiu. Labaredas de fogo subiram à altura de setenta metros, mas, para a surpresa de Vermitrax e Straxus, as chamas foram debeladas tão rapidamente quanto apareceram. No lugar delas estava Black Busterblaze com seu traje negro e olhos azuis como o mais quente dos sóis. Ele olhou para a mão direita e lambeu a ponta dos dedos, que estavam ligeiramente queimados.

Vermitrax agarrou Izolda pelo pescoço, colocando-a em posição de refém; afinal, não era prudente subestimar alguém que anulou o ataque mais poderoso de um Comando de Elite do nível de Straxus Reder.

— Vai tentar salvar sua amiguinha? — provocou a Major.

Blaze olhou para Izolda, coçou a cabeça e respondeu:

— Hum... não! Silver Slashersoul é criação minha e tenho muito orgulho dela. Apesar de ainda lutar igual a um troglodita com um porrete, sei que ela vai saber se virar.

— Como é? — assombrou-se Vermitrax.

— É sério! Izolda é forte pra caramba! Ela não precisa da minha ajuda, não é, Izolda? A única coisa que ela precisa fazer é olhar à sua volta e se lembrar do que tem que fazer. Ela é uma menina genial e é muito corajosa... passou por muita coisa... conhece bem o que é o inferno e é por isso que não preciso me meter; eu sei o que ela é capaz de fazer!

Os olhos de Izolda deixaram a cor vermelha de fúria de lado e assumiram a coloração verde. Ela olhou para Blaze e uma lágrima desceu pelo seu rosto.

— Blaze... — balbuciou a Princesa. — Desculpe!

— Desculpe o cacete! — devolveu ele. — Pare de escolher adversário e lute! Qual é a sua prioridade?

Os olhos verdes da menina começaram a brilhar e ela agarrou o pulso da Major com tanta força que a armadura da Comando de Elite trincou como plástico, deixando a fêmea assombrada.

— Minha prioridade... é acabar com essa batalha o mais rápido possível!

Blaze sorriu. Do alto, Straxus Reder observou toda a cena e resolveu intervir:

— Black Busterblaze! Está na hora de você me enfrentar!

— Se quer lutar comigo pegue uma senha! — riu Blaze. — Você não é minha prioridade

agora! Espere-me por três minutos que a gente volta a conversar! — E saiu caminhando em direção à ponte recém-completa dos Superiores sem olhar para cima.

— Como é? Está me ignorando, seu desgraçado?

Naquele instante, Edocross e três cavaleiros-do-ar de Dehva chegaram com seus corcéis-alados e grifos. Para completar o time, o mago elfo-estrela Phizaor estava com eles.

— Straxus, nós viemos te fazer companhia!

— Acha que vermes como vocês são capazes de me derrotar?

— Não disse que iríamos te derrotar, eu só disse que vamos te fazer companhia pelos próximos três minutos! — E com seu cajado-relâmpago disparou uma descarga elétrica contra o inimigo, que precisou desviar para não levar o tiro direto na cara.

Straxus partiu para cima do quarteto, que se espalhou para não facilitar a vida do inimigo de Elite. No solo, Blaze caminhou em direção à ponte e lançou aos céus três estrelas ascendentes que explodiram no ar formando ondas semelhantes a auroras astrais.

Como por encanto, os veículos dos Superiores pararam de funcionar e se desligaram. O Coronel Goden ficou paralisado:

— Isso foi... uma explosão estelar!

Ele sabia bem o quanto algo assim era problemático; o impulso eletromagnético tinha a capacidade de danificar o sistema de navegação dos tanques e, para que isso não acontecesse, as naves dos Superiores reiniciavam o sistema operacional como forma de prevenção. Porém, durante os próximos dois minutos até o sistema recarregar, todos os veículos deveriam ser operados no modo manual. Por alguns instantes os soldados Superiores ficaram perdidos por não entenderem direito o que houve, e isso foi tempo suficiente para que o exército de Dehva percebesse uma brecha para contra-atacar.

— Eles estão desnorteados! — gritou o anão Gwim de cima de uma gamora. — Vamos destruir os tanques deles!

E assim foi. As gamoras, centímanos e centauros se uniram em contra-ataque e rapidamente iniciaram a destruição dos esmaga-crânios. Nos céus a cavalaria-alada de Dehva passou a levar vantagem sobre os motojatos dos Superiores e os que tentavam escapar baixando de altitude eram facilmente alvejados pelas setas certeiras dos elfos e da cavalaria de solo dos humanos.

Não longe dali, um corpo terminava de rolar pelo chão e tentava se levantar com dificuldade. O seu rosto estava cheio de pó e o sangue negro escorria pelo canto da boca. Era a Major Germinim Vermitrax, que via a sombra de Izolda cada vez maior para ela:

— Eu devia ter te matado quando tive a chance!

— É! Devia mesmo! — disse a Princesa com os olhos brilhantes como duas pedras de brasa.

CAPÍTULO 29

O FURIOSO CAMINHANTE PROIBIDO

Cristais de todas as cores, formatos e tamanhos formavam uma espécie de tapeçaria naquele lugar. Era algo indescritível e maravilhoso. Alguns eram densos, outros pareciam gelatinosos e alguns pareciam possuir líquido por dentro.

— Consegue ver? — perguntou o ancião.

— Consigo, sim — respondeu Black Busterblaze.

— Repare bem, pois é assim que as coisas no cosmos funcionam. Quanto mais distante as moléculas estão, mais difícil é a reação. O seu poder é o poder da reação, então deve se lembrar que quanto mais duro parecer um objeto, mais fácil é para você dobrá-lo, pois você tem o poder de transformação e quanto mais distante, mais difícil, pois você precisará trabalhar com eles de forma separada ou até individualmente.

— Entendi. Os gases são mais complicados que o aço. Assim como no cosmos os gases para se incendiarem precisam primeiro ser reunidos.

— Exato. — O velho se aproximou de um cristal e convidou o jovem a tocá-lo. — Olhe bem. Quando você toca o cristal, o que você percebe?

— Sua resistência.

— Isso é pouco! — reclamou o ancião. — Esqueça a droga dos seus olhos, você está acima dos seus cinco sentidos agora. Tente outra vez!

Blaze fechou os olhos e quando tocou o objeto o sentiu por completo. Seu tamanho, sua cadeia molecular, poros invisíveis a olho nu e, esforçando-se mais, o movimento produzido por cada átomo daquele cristal.

— Indescritível! — disse o jovem, engolindo em seco.

— Abra os olhos e tente ver agora!

Quando abriu os olhos ele não viu mais o cristal como um ser humano consegue ver e ele não sabia mais como descrever o que antes ele chamava de cristal.

— Repare que a cadeia de moléculas deste cristal é perfeita. Não possui falhas, não possui brechas. Para alguém que não consegue ver como nós, esta cadeia de cristal seria indestrutível. Mas, para nós, esta resistência é uma facilidade.

O velho, com um simples toque do dedo indicador, fez o cristal partir de tal forma que caiu em forma de pó no solo. Blaze ficou assombrado.

— Isso é o que acontece se você usar mais força do que precisa, meu caro. Com o poder que você tem, o problema não é ter força, mas ter controle. A pergunta é: como quebrar apenas

aquilo que você precisa sem danificar o restante do cristal?

— É, isso vai ser difícil!

E foi. Black Busterblaze não sabe quanto tempo ficou ali cortando cristais de diferentes espessuras, tamanhos e estados físicos. Ele teve que aprender a cortar a água, o fogo e o ar. Evitar o excesso de força e destruir apenas o que precisava, conservando o restante. Quando conseguiu estava exausto.

— Está vendo? É isso o que precisa para lutar! — sorriu o velho. — Este é o poder para criar e destruir estrelas. Com a matéria que aprendeu a manipular, você será capaz também de reverter o processo, separar a matéria e criar coisas novas e maravilhosas. Mas isso você vai ter que aprender sozinho.

— Obrigado, mestre! — sorriu Blaze.

— Agora se arranca daqui e me deixa passar minha eternidade em paz conversando com as estrelas jovens! — resmungou o velho. — Trate de usar o poder com respeito e responsabilidade, ou o poder das estrelas não será mais do que um pedaço de pau na mão de um macaco, como é o caso da sua mulher!

— Minha mulher?

— Sim, não está ouvindo o grito dela?

Blaze acordou assustado com o grito de Izolda. Ele suspirou e olhou à sua volta. O que viu foi o olhar calmo de Vehda, sentada ao lado de sua cama.

— Vehda... Eu pensei ter ouvido Izolda gritar!

A elfa de asas de cisne sorriu e beijou a fronte do rapaz, dizendo:

— Vá! Você precisa ajudar ela e meus pais. A guerra já começou!

Ele saltou da cama, seus olhos se tornaram azuis como pequenas tochas brilhantes e ele saltou pela janela, desaparecendo.



Isso foi vinte minutos atrás. No momento, Black Busterblaze caminhava entre os tanques esmaga-crânios dos Superiores. Bastava apenas um toque e o chassi das máquinas se partia, quebrando em todos os pontos onde o veículo de guerra possuía algum tipo de solda ou parafuso. Os centauros, centímanos e humanos ficavam admirados ao assistir os poderosos blindados dos Superiores desmontarem como brinquedos.

Sem seus veículos, os soldados de Monte Negro não tinham chance alguma contra a cólera dos nativos daquele mundo, que imediatamente avançaram contra os soldados inimigos, partindo-os com seus machados, lanças e espadas. A única alternativa para os invasores era correr gritando: “recuar, vamos nos reagrupar”. Na verdade, era puro orgulho; a tropa estava era

correndo da morte certa mesmo!

Blaze chegou à base do tanque-ponte e imediatamente os blindados que nela estavam pararam de avançar. Temendo serem desmontados, eles aguardavam a ordem do Coronel, que estava de pé sobre o maior tanque do local. Blaze colocou as mãos na cintura, olhou para os inimigos e disse:

— Toc, toc!

— Que merda é essa? — esbravejou o Comando de Elite. — Não sabe falar nenhuma língua?

Blaze então sussurrou algo que o inimigo não pôde escutar de onde ele estava.

— Fale mais alto! — gritou o Comando de Elite. — Por acaso é mudo?

Blaze então colocou a mão atrás da orelha, como se mostrasse que queria que o adversário escutasse melhor. O inimigo não se fez de rogado e colocou a mão na orelha, baixando também a cabeça em direção a Blaze do alto do tanque para escutar melhor. Naquele exato momento, Black Busterblaze aplicou um murro tão violento na base da ponte que as ondas de choque percorreram toda a extensão dos veículos combinados, culminando no colapso total da edificação. O estrondo foi tão alto que poderia ser ouvido a quilômetros de distância.

O Coronel e os seus veículos, bem como centenas de Superiores, despencaram nas águas turbulentas do rio. E assim caiu a grandiosa ponte dos Superiores, destruída em bilhões de pedaços com apenas um soco.

— Huahahaha! — gargalhou o Caminhante Proibido. — Que otário! Ouçam bem, Ocres: eu sou Black Busterblaze e este é o meu cartão!

Os tanques que restaram do outro lado da ravina pararam, pois não sabiam mais o que fazer. Do outro lado a guerra continuava, mas os anões montados nas gamoras e o batalhão de humanos já faziam uma grande algazarra, como se estivessem prevendo o resultado daquela batalha.



Nas águas turbulentas do Rio Mozar, o Rei Morvan tentava se agarrar nos rochedos em sua forma humana. A situação era difícil, pois além da corrente ser muito poderosa, ele podia usar apenas uma das mãos, já que na outra estava segurando a desacordada fênix Kallima. Ambos estavam feridos devido ao ataque de Straxus. O Rei lamentava os seus ferimentos nas costas, pois as queimaduras eram tão graves que mesmo se revertisse à sua forma de dragão ele não conseguiria ter sucesso para vencer aquelas águas. Naquele momento uma grandiosa ave de fogo surgiu no ar e o avistou. O Rei sorriu. Com suas garras, a gigantesca fênix capturou o Rei e a irmã, voando entre as pedras do cânion.

Ele sorriu para a esposa e fechou os olhos, pois sabia que enquanto estivesse protegido por suas asas estaria seguro. Mas o descanso foi breve; um grande estrondo assombrou a ambos. Por um momento o Rei e a Rainha trocaram olhares. A fênix continuou subindo o rio e, para sua surpresa, viu tanques e soldados Ocres sendo arrastados pela poderosa corredeira do Rio Mozar.

— O tanque-ponte foi destruído! — constatou a Rainha. — Como é possível?



Em perseguição ao elfo-estrela e o quarteto de cavaleiros-dos-céus, Straxus ficava cada vez mais distante do campo de batalha. O conhecimento do terreno favorecia os destemidos guerreiros, que conseguiam se manter a uma distância segura do poderoso inimigo. Straxus estava se irritando cada vez mais com a situação:

— Parem de brincar comigo! Não tenho tempo para a palhaçada de vocês!

Edocross e Phizaor voavam lado a lado, o mago dos três olhos sorriu e disse:

— Tenho uma ideia, mas preciso de distração.

— O que pretende fazer?

— Explodi-lo com seu próprio golpe.

Edocross sorriu, a ideia parecia promissora. Com um sinal com o braço, os quatro cavaleiros-alados fizeram meia volta e partiram em direção a Straxus, que parou surpreso:

— Não esperava que vocês fossem jogar fora a vida de vocês com tanta facilidade!

No mesmo instante em que das mãos de Straxus saía uma gosma e se juntava até tomar a forma de uma esfera, o feiticeiro elfo aproveitava a distração e conjurava em língua local o seu feitiço:

— *Ay Dehva | ozana-nom | Roe Boeyore-iô dumre eiô otabicy.* Prisão dos céus, eu te conjuro!

Para a surpresa de Straxus, uma parede de luz o cercou de quatro direções diferentes, formando uma prisão em forma de pirâmide de cristal.

— O que é isso? Mais uma bruxaria dos nativos deste mundo?

— Isso mesmo! — sorriu Phizaor. — Eu reparei que o que você é capaz de fazer são bombas, agora você está preso com sua própria criação.

Straxus começou a gargalhar.

— Seu cálculo foi quase certo, bruxo dos três olhos. Eu crio bombas e, uma vez que são ativadas, nem mesmo eu sou capaz de voltar atrás, mas você se enganou apenas em um detalhe: esta bomba que tenho nas mãos não foi ativada ainda! E, como ela é um explosivo plástico, eu posso moldá-la da forma que eu quiser!

Com a ponta do dedo Straxus tocou a bolha que tinha nas mãos e, como se estivesse

brincando com tinta, ele fez um círculo prateado na prisão de cristal. Uma vez concluído, bastou um simples estalar de dedos e o cristal explodiu, libertando o líder do exército inimigo.

— Fugam todos! — gritou o elfo-estrela.

Mas era tarde demais para ele. Straxus já o havia agarrado pelo pescoço e anexado em seu peito o artefato mortal. Edocross e os outros só puderam observar o olhar desesperado do mago enquanto o seu corpo explodia em pedaços e caía como uma chuva de pequenas tochas de fogo sob as gargalhadas do Comandante Straxus.

— Agora é a vez de vocês! — sorriu Straxus.

O quarteto percebeu que não havia mais como enrolar o combate, eles sacaram as espadas e esperaram pelo pior. Mas a sorte favorece o bravo, e naquele momento ouviram uma poderosa explosão ribombar na direção onde a batalha estava acontecendo. Pelo barulho Straxus percebeu o que era:

— Minha ponte? Não! Minha ponte, não!

E ele voou desesperado para o local da batalha, deixando o quarteto de guerreiros sozinhos.



Entretanto, mesmo com toda a força da natureza, o Rio Mozar não conseguiu impedir que um ser se erguesse incólume das águas. Era o Coronel Goden Rilzon, Comando de Elite dos Superiores.

— Então você é o maldito orzon! — disse entredentes, apontando seu canhão para Black Busterblaze. — Pelo que vejo, você parece ter nível de um Comando de Elite, mas isso não me assusta, um novato recém-formado como você não é adversário para mim! Acha que é capaz de bater de frente comigo?

— Vamos testar? — convidou Blaze, sorrindo.

O Coronel partiu para cima do jovem e ambos desembalaram em uma feroz corrida onde cada golpe trocado rompia a barreira do som, resultando em estrondos e ondas de ar que levantavam poeira e sedimentos quando estavam no solo por toda a extensão da campina. Um jato de ar cortou o chão, derrubando gamoras e anões; instantes depois eram tanques esmagados, crânios que capotavam com o impacto que algo que mal podia ser visto. Ondas de ar cortaram o solo em direção aos céus. A dupla trocava golpes no ar cada vez mais rápido. O que era estrondo de som agora se tornou relâmpagos e explosões.

A Resistência parou de lutar. Os Superiores também. Mesmo Izolda, que neste instante tinha Vermitrax aos seus pés, ficou chocada com o que assistia. A Major, com uma rasteira rápida, derrubou a oponente e provocou:

— O Coronel Goden vai arrasar com o maldito orzon e sairemos daqui com o coração dele

nas mãos!

Naquele exato momento, um relâmpago cortou o ar e explodiu no chão, formando uma cratera. Era o Coronel, que havia sido superado por Blaze na troca de golpes. Irritado, ele olhou para o céu e viu o adversário sorrindo de braços cruzados, demonstrando que estava em muito melhor forma que ele.

— Inaceitável! Inaceitável! — bradou o Coronel Goden Rilzor. — Eu sou invencível! Eu sou Superior! Fui criado para ser Superior! Tudo o que fiz foi para que eu me tornasse Superior!

E o Coronel apontou o punho direito em direção a Blaze; a grande luva que ele usava começou a girar e um ponto de luz se formou na altura do punho.

— Isso é mau! — sussurrou a Rainha fênix que, sobrevoando de longe, viu o brilho da arma do inimigo sendo preparada. — Ele está carregando o canhão acelerador de partículas em sua velocidade máxima. Quando aquilo atinge algo, o resultado é desintegração por completo!

No ar, Blaze olhava para o adversário e para os seus dedos indicador e médio. Izolda olhou para a cena e percebeu que a ponta dos dedos de Blaze brilhava.

— Vou fazer você virar pó, seu canalha maldito!

E uma rajada em forma de cometa subiu aos céus no exato momento em que Blaze disparou um pequeno fecho de luz. O fecho atingiu em cheio o cometa, que se desfez no ar, e seguiu cortando o espaço em direção ao Coronel.

— Acabou, Coronel! — sentenciou Blaze.

Os soldados Superiores estavam atônitos com o que viram. O Coronel estava de pé com o punho apontado para Blaze, mas em sua cabeça havia um buraco do diâmetro de uma caneta de bolso que atravessou o crânio de um lado a outro. O buraco estava cauterizado como se um laser com o calor de um sol tivesse passado por ali. Nenhuma proteção criada pela tecnologia dos Superiores suportaria algo tão quente e que atingisse um ponto tão preciso.

O Coronel Goden Rilzor desabou.

Ao ver o Comandante abatido, Vermitrax soltou um urro de ódio. O seu urro só não foi maior que o do Comandante Straxus, que retornou ao local onde a ponte estava destruída e testemunhou os momentos finais da batalha entre Blaze e Rilzor.

— Não, não, não! Minha operação! Minha batalha! Minha vitória! Maldito seja você, seu orzon!

Blaze olhou para o Comandante Straxus e sorriu.

— Black Busterblaze, seu maldito! — praguejou Vermitrax.

Ela correu como uma flecha e, em um salto, estava montada sobre os ombros do Caminhante Proibido, que permanecia olhando apenas para Straxus e mantinha os braços cruzados. Porém, antes da Major o golpear na cabeça, ela foi surpreendida por Izolda, que escalou a inimiga e agarrou o seu braço direito. Com o joelho, a Princesa guerreira pressionou a

nuca da adversária com tamanha força que ela não teve alternativa a não ser usar o outro braço para defender o ataque e evitar que o pescoço fosse quebrado.

— Izolda! Maldita! — gritava Vermitrax.

— Blaze! Faça alguma coisa! — bradou a Princesa.

— Eu te disse que confiava em você para resolver com essa mulher! Se vira!

— Droga! Se você morrer, eu juro que te mato! — praguejou a guerreira prateada.

A Prometida viu que realmente tinha que se virar. Ela balançou o corpo e atingiu Vermitrax com uma violenta joelhada na coluna. A Major sentiu o golpe e caiu dos ombros de Blaze. Porém, antes dela atingir o solo, Izolda, que havia pousado primeiro, usou os braços como base e, com uma rápida giratória, atingiu a Major com um violento pontapé, fazendo-a voar a uma distância de uma quadra de tênis. Pela primeira vez em um combate, Vermitrax vomitou sangue.

Com dificuldade, a Major se levantou e encarou a oponente. A poucos metros dali, Blaze e Straxus também se encaravam. A situação da guerra havia mudado, não havia mais combates. O exército dos Superiores se reagrupou na outra margem do rio e a Resistência terminava de derrotar os últimos soldados Ocres ainda de pé. Apenas Blaze e Izolda ainda lutavam contra inimigos.

Bhatra, em forma de fênix, pousou no solo trazendo nas garras a irmã e o esposo. Imediatamente um grupo de magos que correspondia ao grupo médico dos guerreiros recolheu o corpo dos dois para iniciar os tratamentos. Antes de partir, o Rei agarrou o braço da esposa:

— Nossa filha... onde ela está?

— Encerrando esta batalha — sorriu Bhatra. — Ela está assumindo a responsabilidade como a Prometida e está lutando por nós.

— Temos que ajudá-la!

— Não é uma boa ideia, querido! Agora é uma batalha do nível de Comandos de Elite, você melhor do que ninguém sabe que se alguém se meter pode acabar sendo morto e atrapalhar mais do que ajudar.

O Rei se colocou sentado.

— Eu quero ver a luta! Depois continuo o tratamento!

— Mas, meu Rei... — retrucou o mago.

— Por favor! É importante para ela nos ver apoiando neste momento!

A Rainha apoiou o Rei e o ajudou a se levantar. Naquele momento Gwim chegou com uma gamora e estendeu o braço para o Rei. Ele e a Rainha subiram no grande animal e dali passaram a observar o que estava acontecendo.

— Black Busterblaze! — gritou a plenos pulmões Straxus. — Me dê o seu coração!

— Vá se ferrar, seu animal, eu sou espada! Acha que vou entregar meu coração pra

homem? O que vou te entregar é um bilhete para o inferno se não der meia volta e se arrancar junto com o que restou do seu exército! Aproveite a promoção que estou oferecendo, porque é a última que estou disposto a oferecer!

— Não brinque comigo, desgraçado! O principal objetivo desta batalha é obter seus ossos dilacerados. Quero o Blisar e vou conseguir!

E imediatamente partiu para cima de Blaze, que apenas dobrou o punho direito. Num flash, centenas de milhares de pontos de luz atingiram Straxus no ar, que imediatamente recuou a uma distância duas vezes maior que a anterior. Blaze flutuou calmamente pelo ar e foi ter com ele nos céus. Agora os dois estavam frente a frente a uma distância pouco maior que uma quadra de vôlei.

CAPÍTULO 30

A SUPERAÇÃO DA DONZELA PRATEADA

Germinim Vermitrax partiu para o ataque, primeiramente com chutes rápidos e depois com socos. Izolda bloqueava os ataques da inimiga e contra-atacava sempre que achava brechas, mas a luta era difícil; a Major se mostrava bem preparada e até à vontade em uma luta como aquela. Por que será? Sempre que paravam um pouco, elas ficavam se estudando por vários minutos seguidos. Izolda começou a achar aquilo estranho, era como se ela não estivesse com pressa em derrotá-la.

— Vermitrax, posso te fazer uma pergunta?

— Não preciso responder nada para um inimigo.

— Será mesmo? Você matou muitos de meus amigos rapidamente, mas comigo até agora você tem agido diferente. Por algum motivo você não pode ou não quer revelar aquele seu truque que mata as pessoas instantaneamente para mim. O que você pretende?

— Até que você não é tão burra. Quando comecei a lutar com você, eu pensei que era só uma desequilibrada psicótica sem a menor experiência, mas, depois que você conversou com aquele maldito orzon, se tornou perigosa até para mim. Você continua evoluindo e agora já começou até a raciocinar sobre o xadrez de uma batalha. Isso está ficando interessante! — riu a Major.

— Que bom que me tornei uma adversária de valor para você, mas isso não responde a minha pergunta.

— A resposta é simples, quero você viva!

— Como é?

— Black Busterblaze trouxe você dos mortos, não é difícil adivinhar que ele tem uma atração por você. Pode não perceber, mas você é minha refém desde o começo de nossa luta! — Izolda arregalou os olhos enquanto Vermitrax continuou sibilando. — Esta operação está a cada instante se tornando um pesadelo maior. Então estou simplesmente te mantendo como minha refém para quando a luta acabar decidir como te matar. Straxus e Blaze estão lutando, se o Comandante vencer vou simplesmente te matar; se perder troco sua vida pelo coração dele. É simples! Para um homem que te resgatou do inferno, perder a vida pela mulher que ama não deve ser tão complicado, não é?

— Você está me dizendo que eu só estou viva porque te interessa que eu seja sua moeda de

troca em caso de necessidade?

— Isso mesmo! — sorriu Vermitrax. — Não vou negar que você me acertou um ou dois golpes de sorte, mas eu já fiz os meus cálculos sobre você, Izolda! Posso te matar em poucos segundos! Não me leve a mal por esta estratégia de luta, mas eu sou uma guerreira e tenho que garantir algum tipo de vitória nessa guerra, senão posso perder o meu status.

— Isso... isso é humilhante! — Os olhos da Prometida ficaram vermelhos como brasa. — Eu vou te matar!

Izolda tentou aplicar uma giratória, mas acabou vendo algo inimaginável para ela até o momento: Vermitrax saltou sobre sua perna no momento do golpe e a atingiu na cara com uma poderosa joelhada. A Major estava mostrando uma habilidade de luta corpo a corpo que não havia mostrado até então. Antes que a Prometida pudesse se levantar, ela montou sobre ela e com as pernas aplicou-lhe uma chave, a imobilizando no solo.

— Não seja estressada, menina! Vamos ver o meu Comandante lutar! — Ela agarrou Izolda pelos cabelos e a fez olhar para o alto, onde a luta estava acontecendo. — Veja! Vamos ver se o seu namorado vai morrer!

Straxus partiu para o ataque com socos e pontapés enquanto Blaze tranquilamente se defendia usando apenas uma das mãos.

— Straxus, você já está derrotado, eu não consigo entender por que insiste em lutar se sua estratégia já está totalmente arruinada!

— Black Busterblaze, eu sou um Supercomando! Sou o mais avançado soldado dos Superiores. Vou vencer porque sou o que há de mais moderno na tecnologia do Universo! Minha persistência me levará à vitória!

— Isso não é persistência, é burrice, rapaz! Você é um masoquista! Vai gostar de sofrer assim lá no inferno! — E numa giratória rápida, Blaze atingiu a cara do oponente, que despencou do céu como um meteoro se espatifando no solo.

O urro de ódio do Superior foi ouvido no vale do Rio Mozar. Straxus estava decidido, jamais perdoaria Black Busterblaze por aquelas palavras humilhantes. O inimigo ergueu os dois braços e, com as mãos espalmadas, permitiu que a espuma pegajosa formasse milhares de bombas:

— Prepare-se para conhecer o que é o terror das minhas dez mil bombas teleguiadas!

E as bombas voaram em direção a Black Busterblaze, que armou o punho direito e disparou num flash dezenas de milhares de estrelas que voaram em direção ao inimigo.

— *Orzon | Rokama Cidramon!*

E as bombas foram detonadas pelo canhão da galáxia de Blaze, e os milhões de pontos que luz que sobraram atingiram o solo no local onde estava Straxus como um bombardeio. Fumaça e escombros subiram. Os soldados dos dois exércitos assistiam à batalha assombrados. Quando a

poeira baixou Straxus havia desaparecido. Blaze suspirou e cruzou os braços.

— Te peguei! — sorriu Straxus, surgindo repentinamente atrás de Blaze e tocando suas costas. — Esta é minha bomba atômica de nêutrons! — E saiu rapidamente de perto, rindo.

Blaze tentou tocar o objeto esférico, mas percebeu que, se fizesse isso, sua mão ficaria grudada também e a situação ficaria pior.

— Minhas bombas são altamente aderentes e não podem ser desarmadas! Você tem apenas dez segundos de vida! Aproveite o tempo para se arrepender por ter cruzado o caminho da raça dos Superiores! — gargalhou o Comandante.

Blaze olhou para Straxus e de repente, num sorriso cínico, desapareceu.

— O quê? Onde você está?

— Aqui! — respondeu Blaze, surgindo um pouco acima do inimigo e atingindo a testa de Straxus com uma violenta cotovelada.

Novamente o adversário despencou dos céus e se arrebentou no solo levantando pedras, poeira e abrindo no impacto uma cratera de quinze metros de diâmetro do lado da margem do exército dos Superiores.

— Está assim tão desesperado, Busterblaze? Eu esperava um ataque final melhor do que isso de sua parte! — Foi então que Straxus olhou bem para Blaze e viu que algo estava errado. — Ei, onde está aquele colete negro que faz parte do seu traje?

— Meu? Ele é seu! — riu Blaze.

Straxus se olhou e viu que o colete agora estava com ele. Uma explosão, então, ribombou. A poeira e a fumaça se espalharam pelo cânion do Rio Mozar. Os soldados dos Superiores corriam desesperados, pois a explosão foi do lado deles. Lentamente a fumaça baixou e Straxus surgiu com a armadura totalmente destruída nas costas. De certa forma, o colete de Blaze salvou a vida do vilão; apesar de perfurado na explosão, era também muito resistente.

— Como? — Straxus não se conformava. — Quando você colocou isso em mim?

— Simples... Sabe que, numa luta do nosso nível, se piscar tá nas trevas! Você piscou, eu lhe dei uma cotovelada na cabeça e, instintivamente, no momento em que ia cair você deixou seus dois braços soltos. Foi aí que passei meu colete para você. Até que ficou bonito! Se quiser posso te arranjar outro como presente de despedida!

Straxus urrou de ódio e, esquecendo da própria dor, ele voou como um míssil novamente para os céus e ficaram mais uma vez frente a frente. Straxus, com olhar insano, começou a formar uma bomba com tanto material radioativo que ela mudou de cinza para um vermelho denso e luminoso.

— Seu desgraçado! Diga adeus a este vale, esta região e seus amigos! Vou explodir esse lugar inteiro com a maior bomba atômica da história do Universo!

A mudança de pressão do ar fez Kallima acordar gritando; ela, como fênix, conseguia ver o

futuro e ali ela viu grande perigo. Ela não foi a única a pressentir o pior, a rainha Bhatra também:

— Essa não! Isso é uma tragédia! Straxus surtou de vez e vai acabar com tudo! Temos que sair daqui!

— Não vai dar tempo! — sentenciou o Rei. — Não poderemos salvar os nossos soldados e nem a nós mesmos. Nossa única esperança é que o *Daimo* Busterblaze ainda tenha alguma carta na manga!

Não era só ali que a atitude tornava a situação perigosa; Vermitrax, que tinha Izolda sob controle, hesitou:

— O que este idiota pensa que vai fazer com todo este lugar?

A hesitação abriu uma brecha suficientemente boa para Izolda reverter o golpe e derrubar a inimiga. Sem perder tempo, ela montou sobre a Major e a esmurrou sem piedade:

— Não vou deixar você fazer as coisas do jeito que você quer!

Vermitrax reagiu com um leve toque no calcanhar de Izolda, que sentiu como se algo tivesse entrado por dentro de sua pele e mordesse seu calcanhar. Ela escutou um estalo e soltou o berro de dor; o osso se partiu. A reação da Major foi instantânea; com um safanão expulsou Izolda de cima e rapidamente se levantou e a atingiu com vários pontapés.

— Você é muito inconveniente, menina! Você precisa de uma lição!

A Major golpeou Izolda pela esquerda e pela direita na altura dos pulmões:

— Vamos ver se você vai ter toda essa energia agora! Queria ver minha técnica especial, não é? Essa é minha onda rompedora de ossos! Agora você tem três costelas esquerdas quebradas e quatro costelas quebradas na direita!

Izolda gritou de dor ao sentir o choque invadindo sua carne e transformando em pó dois centímetros dos ossos de cada costela atingida. Ela caiu de joelhos no solo, sua visão ficou turva e, por fim, ela tombou estirada no solo. Vermitrax sorria enquanto o globo azul de vigilância filmava tudo o que acontecia a uma distância segura.

O olho azul voltou-se então para os céus, onde Blaze erguia os dois punhos sobre a cabeça e juntava os dedos das mãos, deixando de fora apenas os dedos polegares e indicadores. A energia brilhante como um sol azul começou a ser concentrada na ponta dos dedos do Caminhante Proibido e ficava cada vez maior:

— Então é o fim de tudo, não é? Que seja nossa última rodada, Straxus!

— Você não terá coragem de atirar! Se você acertar minha bomba, ela irá detonar de qualquer maneira e todos nós, inclusive os seus amigos, seremos mortos!

— Esta é a sua maneira de enxergar o problema, eu já vejo com outra ótica... Se meu tiro for mais rápido e preciso que sua defesa, você terá a mesma morte do tal do Goden!

— Você não tem este ângulo de ataque! Não acredito neste blefe seu, mas o fato é que não há como me impedir! O que seguro é um artefato com poder equivalente à explosão de quatro

mil bombas nucleares! Todos nós morreremos!

— Huhuhu! — riu Blaze, com a ponta dos dedos brilhando como o sol. — Eu tenho sérias dúvidas que você queira mesmo jogar sua vida fora e deixar tudo o que ganhou para trás! Eu aposto que vai atirar a bomba de qualquer maneira e se mandar! Blefe meu ou não, esta é a única alternativa que você me deixou. Se prepare porque eu vou avançar!

Os dois rivais se encararam de tal forma que parecia que o tempo havia parado. Straxus hesitou, pois a situação era desconfortável para ele, que não podia atacar de qualquer maneira. Black Busterblaze olhou para o inimigo e reparou o suor descendo por sua face, ele então sorriu e disparou. Toda a ação aconteceu em uma fração de segundo. Straxus viu o facho de luz vindo em sua direção e, por reflexo, usou a bomba que tinha nas mãos como escudo. Inexplicavelmente, o facho se desfez no ar antes de atingi-lo. Straxus ficou confuso por alguns instantes, os milésimos de segundos necessários para Black Busterblaze retirar seu cachecol em forma de capa, passar pelo inimigo em grande velocidade e, na travessia, enrolar a bomba nos dois pulsos do Comando de Elite com um único lance. Agora, por culpa do cachecol de Blaze, Straxus estava com as mãos amarradas na própria bomba.

— Para sua sorte, espero que você não tenha ativado sua bomba... Ou ativou?

Straxus, desesperado, berrava com os olhos esbugalhados.

— Maldito! Maldito! Você me enganou! Desgraçado! Desgraçado! — gritava ele enquanto chacoalhava os braços como um louco, tentando se livrar do artefato mortal.

Blaze não teve dúvidas, meteu um pontapé tão forte nas costelas do infeliz que o colocou em órbita.

— Vai dizer “boa noite, Cinderela” para a lua, seu canalha!

E a bomba explodiu na estratosfera. Labaredas de fogo cobriam os céus. Um grande cogumelo surgiu no lugar, formado por partículas e línguas de raios amarelos, vermelhos e azuis.

— Que pena que estamos de dia, se o véu já estivesse chegado seria um lindo espetáculo! — lamentou Blaze, gargalhando.

E o Caminhante Proibido desceu até Izolda, que se encontrava caída sob os pés da inimiga Superior. Em um suspiro, o seu traje negro de guerreiro se desfez como a noite nos primeiros raios de sol e agora Blaze não era mais que uma pessoa comum.

— Acabou, Germinim! — disse Blaze. — Se entregue e poderá continuar viva. Não há mais motivo para você lutar agora que seu Comandante se foi. Faça a coisa certa e aceite a derrota antes que acabe morta!

— E quem vai me matar, você? — riu ela.

— Eu já disse que não iria me meter na luta entre vocês duas, eu só estou te advertindo antes que aconteça o pior para você!

Vermitrax pisou na cabeça da Prometida e a espremeu no chão. Lágrimas escorreram do

rosto da Princesa, que não se movia.

— Black Busterblaze, eu faço contigo uma troca: o seu coração pela vida da Prometida!

— Isso não vai funcionar, Vermitrax. Se você não se entregar, a única coisa que vai acontecer é que meu coração vai ficar no mesmo lugar onde está e a Izolda vai tirar a sua vida!

— Você tem tanta fé assim nesta inútil que está aos meus pés? O que ela pode fazer com as costelas e a perna quebrada?

— O que acha, Izolda? Acha que a Major tem razão? — perguntou Black Busterblaze.

— Me desculpe! — choramingou a Princesa. — Eu não consigo ver os movimentos dela!

— Então pare de olhar os movimentos dela e olhe para ela, Izolda! Somente olhe para nós! Já está na hora de você entender o poder do seu coração! — E Blaze abriu os braços para Vermitrax. — Vermitrax, se quer o Blisar vai ter que tirá-lo.

— É o que vou fazer!

A Major caminhou em direção ao garoto franzino de cabelos e olhos negros e ficou frente a frente com ele. Blaze ajustou o pé de apoio, o enterrando na areia. Apreensiva, Izolda continuava no chão; ela queria se levantar, socar a cara da puta alienígena, mas não conseguia. O que fazer? Ela fechou os olhos e, para sua surpresa, quando os abriu novamente viu Blaze e Vermitrax de uma maneira diferente. Os olhos do rapaz agora brilhavam como estrelas azuis e em torno do seu corpo havia um brilho esbranquiçado de uma tranquilidade quase cósmica. Vermitrax não possuía brilho algum em torno do corpo, apenas uma espécie de corrente magnética em tom amarelado que começava na altura do peito e ficava cada vez mais forte até a palma das mãos. Sem dúvidas era o caminho percorrido pela técnica mortal da inimiga.

— Blaze! — gritou Izolda, preocupada ao olhar para ele, que apenas devolveu um sorriso sereno.

Vermitrax tocou o peito do rapaz e, como se o tempo parasse, Izolda viu a carga de energia passar pela palma da mão da inimiga e atingir o peito do rapaz. Vermitrax sorriu ao ver o truque funcionar e Izolda se surpreendeu, pois o que viu foi a corrente passar pelo peito de Blaze, descer pela perna e desaparecer no solo.

Ao ver que o seu poderoso rompedor de ossos não havia funcionado, Vermitrax ficou possessa. Com um poderoso pontapé Blaze foi atirado no solo. Ela saltou com os dois pés sobre o peito do rapaz, que cuspiu sangue, e sem a menor piedade ela o pisoteou repetidamente:

— Maldito! Maldito orzon! Não sei que bruxaria você fez, mas vou rasgar o seu peito e arrancar o Blisar nem que seja com os dentes!

— Vermitrax! — Era Izolda quem gritava e se erguia em meio a labaredas amarelas e azuis.

A Major olhou para a Prometida e riu.

— Você outra vez? O que pretende fazer contra mim com as costelas e a perna quebrada?

Izolda assumiu uma ameaçadora posição de ataque. As chamas se ergueram e tomaram a forma de asas de fogo.

— Vai lutar comigo usando a técnica de ataque das fênix? Sua mãe, que é a Rainha desta raça infeliz, não conseguiu superar os Superiores quando lutamos, acha que logo você vai conseguir?

Vermitrax correu em direção à Izolda. A Princesa claramente conseguia ver os artefatos brilhantes da inimiga; mais do que isso, ela finalmente conseguiu compreender como a arma funcionava. Sem qualquer temor, no momento em que Vermitrax a atacou ela agarrou a inimiga em um abraço e decolou com ela, subindo em grande velocidade. Desesperada, a Major a tocava sem parar, mas a arma não fazia efeito.

— Por que não funciona? Por quê? — gritava a Major.

A cada toque que Izolda recebia, as ondas passavam por seu corpo, mas, em lugar de romperem os órgãos que a Major desejava, a corrente percorria o sistema nervoso da guerreira de armadura de prata e escapava pelas asas de fogo até suas pontas, onde finalmente explodiam, liberando energia. Energia de fogo que, naquele caso, só servia para tornar as asas da fênix cada vez maiores, maiores e mais quentes.

— Eu sou Superior! — bradava Vermitrax. — Não pode me vencer! Eu sou Superior!

E, quando a fênix chegou tão alto que era possível ver as três luas no grande globo do firmamento, Izolda olhou para a inimiga com desprezo e rosnou.

— Vou te fazer conhecer as chamas do inferno, vadia! — Então a jovem guerreira soltou a inimiga e completou no idioma dos moradores de Dehva. — *Arieda | Fleuer Otogan!*

O que Vermitrax viu foi o seu corpo caindo dos céus e as asas de Izolda se tornarem uma bola de fogo que voou em sua direção e resultou em uma grande explosão. O exército assistiu às pequenas estrelas cadentes riscarem os céus com as partes dilaceradas da Major.

O poder de Silver Slashersoul desapareceu. Izolda apagou por vários minutos. Sentiu o vento tocar os seus cabelos na queda. Em seu íntimo estava sorrindo. Enquanto os seus olhos se fechavam, Izolda teve uma visão de seu mundo com seus grandes anéis, satélites naturais, o sol e as estrelas. O sentimento de vitória a deixou em paz e, ao fechar os olhos, um pequeno filme passou em sua mente. Ela viu o rosto do Senhor George, Dona Tainá, Ísis, seus pais, sua irmã e por fim da Deusa Dehva, que sussurrou: “Sempre soube que você conseguiria”. E ela adormeceu.

Ela não soube bem o que aconteceu, mas quando acordou estava nos braços de Blaze e ele a carregava em direção ao exército de Flanória, que comemorava fazendo grande bagunça.

— Você me salvou? — perguntou Izolda, se aninhando nos braços de Blaze.

— E você achava mesmo que eu, estando aqui, ia deixar você se esborrachar? — riu ele. — Agora tente descansar, o importante é vermos logo o seu ferimento. — Para completar, ele deu um leve beijo na testa da moça. — Saiba que você lutou muito bem, Izolda!

Ela sorriu e fechou os olhos. Afinal, a batalha havia acabado e agora ela estava segura.

O globo azul que tudo filmava se retirou do campo de batalha e junto com ele o resto do exército de Superiores que ocupava o outro lado do Rio Mozar.



Finalmente a Resistência de Dehva retornou à sua vida. Cerca de uma semana depois, parte da rotina voltou ao normal. Nas manhãs, os grupos de trabalho eram divididos para manter em ordem tudo o que correspondia aos bens comuns e os comércios abriam no período da tarde. As universidades faziam suas pesquisas e as noites eram animadas com os festivais e os teatros. O véu, as chuvas e o sol seguiam o ciclo natural naquele mundo de grandes anéis dourados.

O Rei e a Rainha conversavam com o conselho do reino e o velho dragão contava com orgulho sobre como a filha havia ficado forte. Vehda se dedicava cada vez mais aos serviços sociais, chefiando o corpo médico do reino, que tinha muito trabalho com os feridos das batalhas. Gwim, Fazollo e Edocross também trabalhavam, isso quando não estavam em alguma taverna enchendo a cara com alguma bebida alcoólica espumante.

Saindo da praça central onde fica o castelo de Dehva, à direita, existe uma via estreita feita da tradicional cerâmica daqueles povos. A via era rodeada com cercas-vivas e casas grandes de um lado e de outro, descendo até o rio, onde duas pequenas pontes em forma de arco levavam à rua para fora da área urbana e chegava à uma ilha onde havia um castelo bem pequeno com apenas uma torre. Da janela da torre um jovem olhava uma pequena cascata que havia no paredão de pedras e caía dentro do grande lago de águas cristalinas, onde grandes carpas coloridas nadavam nas águas quentes do vulcão extinto.

— Caramba! Este lugar é mesmo lindo! — ria Black Busterblaze. — Amanhã, depois do trabalho, devo ir com o Edocross e o Gwim pescar! Ele disse que descendo o rio existe um tal de *panjiki* que é usado para fazer aquele ensopado que custa doze contos na barraca do Cinta-larga!

— Só o Cinta-larga sabe fazer o ensopado ficar daquele jeito. Só ter o peixe não adianta! — riu Izolda, que estava estirada na cama e coberta apenas por um fino lençol.

— Tentar adivinhar como ele faz aquilo através de experiências com temperos parece divertido!

— Você se adaptou bem ao meu planeta, não é? — riu ela. — Uma pena que dias como o de hoje não vão durar para sempre... logo vamos ter que voltar a lutar, pois a guerra continua.

— Eu sei — lamentou ele. — Fazer o quê, não é? Quando for a hora vamos lutar novamente! — Ele sentou-se na cama e suspirou.

Izolda se arrastou pelo colchão e montou nos ombros de Blaze, laçando o pescoço do amado com as pernas.

— Sabe do que me deu saudade?

— Deixa eu adivinhar... Para me fazer de cavalinho outra vez, deve estar imaginando o pessegueiro lá do planeta Terra.

— Ah! — ela riu. — Mas eram tão gostosos!

— Eram mesmo! — respondeu ele, dando-lhe beijinhos e mordidinhas nas coxas grandes e macias. — Sabe... Até que você tem razão! Está faltando pêssego neste mundo!

Ela puxou os cabelos de Blaze e o fez encarar seus grandes olhos cor de jade.

— Você vai arrumar pêssegos para o nosso mundo?

— Por que não? — riu ele. — A gente voltou dos mortos, não foi? Para quem faz algo assim, tem pouca coisa que não podemos fazer!



Em uma sala cheia de monitores, o globo azul foi colocado em um compartimento eletrônico e imediatamente as telas passaram a mostrar parte da batalha do Rio Mozar. Estavam na sala o Doutor Altamaran, o Tenente-coronel Set Rayzor e o Marechal San Hell. O cientista foi logo comentando:

— Como o Senhor ordenou, Marechal, as manchetes estão destacando a traição do Comandante Straxus e os oficiais Germinim Vermitrax e Goden Rilzon. Muito pouco da batalha foi revelado. A vida segue normalmente e as pessoas continuam focadas em manter o Sistema Superior de pé.

— Vamos continuar lutando para a felicidade delas, Doutor! — disse o Marechal, ajeitando os óculos. — Afinal, somente com a pirâmide de hierarquia perfeita em que vivemos é possível dar à existência vazia das camadas populares que nos sustentam um propósito: o propósito de um dia se tornar Superior!

EPÍLOGO

Senhor George lia os e-mails da escola. Eram trabalhos de alunos que eram entregues completos ou pela metade. Os pela metade sempre vinham acompanhados de alguma desculpa triste. O velho professor, como conhecia cada um dos seus alunos, adorava ler estes e-mails de desculpas. Tirando um ou outro que realmente tinha tido problemas, a grande maioria sempre deixava o trabalho para a última hora e depois tinha que criar alguma tragédia para justificar a falha e implorar pelos pontos.

Só que naquele dia ele recebeu um e-mail inesperado. Era de seu filho. Senhor George não queria acreditar, afinal, ele estava morto há seis anos. Mas será que estava mesmo? O velho coçou um pouco o queixo e clicou no ícone, já que só ele e a esposa sabiam que o filho estava em uma jornada nada convencional e, dada as circunstâncias, nada era impossível. A mensagem se abriu:

“Pai, como está o senhor? Espero que esteja com saúde e bem! Estou com muitas saudades de todos! Sei que sexta é o aniversário da mamãe e eu e Izolda queremos nos encontrar com vocês e fazer uma surpresa para ela. Queria ir para casa, mas sabe como é, estou literalmente em uma guerra por aqui e quanto menos gente souber dos detalhes, melhor. Aguardo seu retorno com o lugar que achar melhor, só peço que marque no lugar mais legal que conseguir e não se preocupe com dinheiro, eu tenho bastante! Forte abraço e até breve.”

O velho não conseguiu conter suas lágrimas e chorou.

Na noite de sexta, Dona Tainá, Senhor George e Ísis estavam chegando em um restaurante de frutos do mar fora da capital. Era um restaurante grande e muito chique que ficava em um balneário e era frequentado apenas por turistas. Ela reclamou:

— Você é maluco, velho! Inventar um jantar para mim em um lugar destes tão longe de casa! Para que isso?

— Achei que você ia gostar — riu ele. — Você está envelhecendo e ficando uma velha muito ranzinza! Uma coisa assim não amansa o coração?

A Dona Tainá praguejou ainda mais e Ísis caiu na gargalhada. Eles entraram no restaurante e o garçom os levou para uma área vip que ficava no segundo andar. Lá em cima, em uma grande mesa com vista para o mar, os olhos da velha mãe marejaram ao ver não mais uma adolescente, mas um jovem adulto vestindo um terno azul-marinho tomando cerveja e ao seu lado uma mulher alta e muito bonita de cabelos ondulados que usava um vestido cor de fogo.

— I-izac... Meu filho! — balbuciou a mãe.

O casal se levantou e abraçou Dona Tainá, que não parava de chorar. A princípio ela não

reconheceu a senhorita que acompanhava seu filho, mas quando ela virou o rosto em sua direção e sorriu, seu rosto redondo e seus grandes olhos verdes não deixaram dúvidas, era Izolda.

Ísis sorria e pulava de alegria e o velho Senhor George foi logo pedindo um copo para o garçom e enchendo de cerveja.

— Este é o melhor aniversário que já tive na vida! — chorava Dona Tainá. — Minha filha e o meu filho! Vocês voltaram!

A família unida comeu, bebeu, riu e se divertiu. Quando começou a ficar tarde, Izolda tomou Ísis pela mão e a tirou de junto dos pais com a desculpa de que queria saber todas as fofocas sobre a irmãzinha e por isso deveriam ter uma conversa de mulher. O velho George percebeu e disse:

— Você está muito diferente, meu filho. Essa jornada fez você realmente se tornar um homem. Você parece ter uma saúde de ferro, estou impressionado com o quanto você parece forte!

— Nem sempre foi assim, meu pai. A jornada foi difícil e minha preocupação em trazer você e a mamãe para cá neste encontro é porque aqueles falsários que levaram Izolda são perigosos.

Ele levou a mão até um o chão e pegou um quadro.

— Isso é uma lembrança dos pais de Izolda, eles queriam que vocês os conhecessem e por isso mandaram isso aqui.

O quadro era uma fotopintura, uma técnica que não é comum na Terra. Eles usam a câmara escura e tiram o negativo de uma foto sem a revelar e um artista “revela” a foto com uma técnica artesanal, criando um quadro realista. Na foto estavam Blaze, Izolda, Vehda, Bhatra e o Rei Kimsley. O cenário era o portão de entrada do castelo e a luz ambiente era a lua azul. Os pais de Blaze tocaram o presente mal podendo acreditar que era possível fazer algo como aquilo.

— Infelizmente eu não posso voltar para cá a não ser em visitas curtas como esta de hoje.

— Eu entendo, filho — sorriu a mãe. — Se puder vir no Natal ou no aniversário de seu pai, eu ficaria muito feliz!

— Vou fazer o possível! — riu Blaze. — Ah! Quero que vocês se cuidem enquanto eu estiver fora!

Ele tomou um estojo de um material semelhante a couro nas mãos e entregou ao pai. Quando o velho abriu a bolsa, viu que estava cheia de notas de cem.

— Filho, isso é muito dinheiro! — assustou-se o velho. — Como conseguiu?

— Quando eu estava trabalhando para aquela organização internacional que mandava cartas para vocês, eu fiz uma conta em um banco de outro planeta. Como o dólar vale pouco no Universo, a casa de câmbio acabou me rendendo bastante. Quando cheguei ao banco daqui para trocar para o real então... aí que deu tudo isso mesmo! — gargalhou Blaze.

— Mas você não disse que esses caras são perigosos? — preocupou-se a mãe.

— São, mas os bancos de lá são como os daqui da Terra. O banqueiro não tem muita preocupação em quem é o cliente, contanto que esteja dando algum lucro para eles. Provavelmente se me descobrirem vai haver uma série de trâmites burocráticos antes, até lá eu penso em alguma coisa!

O velho George começou a rir.

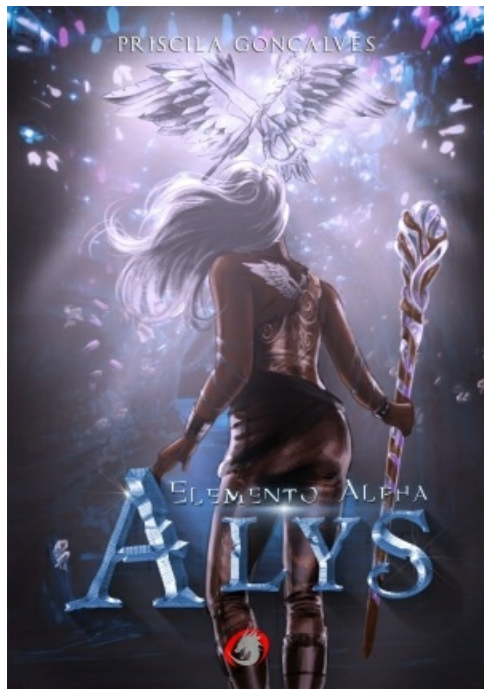
E por volta da meia-noite o encontro acabou. Izolda e Blaze se despediram da família. Ele levava uma pequena mochila com coisas do planeta Terra, como um tablet com várias fotos de todos que Ísis tirou do encontro. Izolda estava feliz levando o par de mudas de pessegueiro que haviam comprado. Dona Tainá, Senhor George e Ísis acenaram para os dois, que caminharam em direção ao mar até que as luzes dos postes não os alcançavam mais.

Então, como qualquer mistério de outro mundo, eles foram sorvidos pela escuridão e desapareceram.



**Editora
PenDragon**

Conheça nosso catálogo
Vendas: www.editorapendragon.com.br



ALYS

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as responsabilidades de ser a única pessoa capaz de mantê-los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a dominar seus poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. Uma aventura fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarão uma garota a se transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

[Compre agora e leia](#)



Erros... Nas Entrelinhas

Ripardo, Brenda

9788569782537

340 páginas

[Compre agora e leia](#)

Samantha é capitã do time das líderes de torcida e namora Devin, o quarterback do time de futebol. Mas para ela, as coisas não haviam sido fáceis, já que era o tipo de garota invisível. Logo no primeiro dia de aula ela conhece Benjamin, um garoto recém-chegado na cidade, cujo contato inspirador, desperta novamente nela o amor pela música, que há anos permanecia adormecido. Benjamin é diferente, envolvente, e faz com que os sentimentos de Samantha em relação a ele cresçam, e embora ela tente lutar contra isso, o destino parece sempre querer uni-los. O intenso envolvimento de ambos a deixa certa de que ele é o seu verdadeiro amor. Entretanto, nada parece estar a salvo, pois Samantha acaba cometendo erros e ferindo os sentimentos das pessoas que a cercam. Ela terá como lição que os segredos nem sempre estão seguros e que tomar certas decisões, podem trazer sérias consequências.

[Compre agora e leia](#)



Lendárias

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlán, a líder das lendárias, é capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei das terras do norte. Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de seu clã guerreiro terá de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo mistério no forte das bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada como prisioneira pelo comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o que ambos não sabem, é que seus destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

[Compre agora e leia](#)



A Casa das Hostesses

Felipe, Déborah

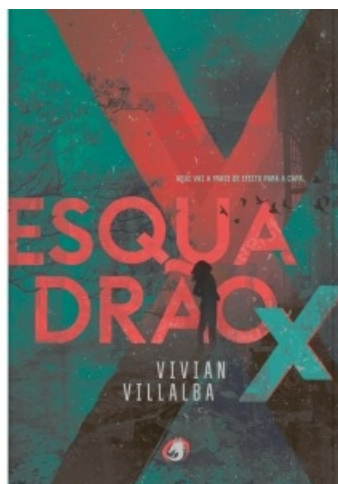
9788569782407

158 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que você faria se tudo o que planejou para a sua vida desmoronasse em um segundo? Para onde iria quando seu coração é partido e nada mais parece verdadeiro? Quem buscar quando você busca aconchego e conforto numa noite de tempestade? As hostesses podem cuidar de você... A Casa das Hostesses não se parece com um lugar que Souji frequentaria normalmente. A música é muito alta, as pessoas parecem menos inibidas, as luzes dançam muito rápido, as bebidas se parecem mais com poções mágicas... e as garotas... bom, ele não sabe ao certo como é que um trabalho como aquele funciona. Mas aquele lugar misterioso surgiu em seu caminho como se fosse um encontro marcado pelo Destino... Takeshi Souji sempre conduziu sua vida sobre três pilares: seu trabalho na empresa Takeshi, que um dia será sua; seu noivado com Juury, sua namorada do colégio e seus amigos de infância. Porém, dois desses pilares desmoronam quando ele descobre que sua noiva tem um caso com seu pai, deixando-o completamente sem chão. A Casa das Hostesses é um prédio de aparência antiga que germina como se fizesse parte do solo. Ninguém perceberia aquele lugar se não o estivesse procurando, e talvez isso faça parte de seu charme, como um lugar que sabe exatamente quem deseja conhecer a cada noite, como se fosse uma das hostesses que trabalha ali... A todos que estão para conhecer esse novo mundo... Sejam bem-vindos à Casa das Hostesses.

[Compre agora e leia](#)



Esquadrão X

Villalba, Vivian
9788595940550
254 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quase 100 anos se passaram desde que a Terra foi invadida e os humanos quase exterminados, mas eles ainda tentam prosperar em meio a um cenário de guerra eterna. Um novo governo surgiu e novas leis foram criadas. Com o alistamento no exército obrigatório, Roxanne Bournier é mais uma jovem a entrar na guerra e descobre ter sido designada a um esquadrão de elite especial: o Esquadrão X. Liderados pela própria Major, Cat, Max, Maya, e Roxanne compõem um esquadrão singular, mas extremamente capaz. Roxanne inicia sua jornada de treinamento e missões, lutando pela sobrevivência ao mesmo tempo em que a guerra piora e a desvantagem dos humanos só aumenta. À medida que o contato com a guerra cria cicatrizes profundas em Roxanne, também molda seu destino e faz com que se questione: Teriam o necessário para ganhar a guerra?

[Compre agora e leia](#)